



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**JENIFFER FERREIRA DOS SANTOS**

**A LITERATURA PARAIBANA NA SALA DE AULA: CAMINHOS E  
DESCOBERTAS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS EM UMA  
TURMA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2023**

**JENIFFER FERREIRA DOS SANTOS**

**A LITERATURA PARAIBANA NA SALA DE AULA: CAMINHOS E  
DESCOBERTAS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS EM UMA  
TURMA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

**Linha de pesquisa:** Linguagens, culturas e formação docente.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva.

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S2371 Santos, Jeniffer Ferreira dos.  
A literatura paraibana na sala de aula [manuscrito] : caminhos e descobertas para a formação de leitores literários em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental / Jeniffer Ferreira dos Santos. - 2023.  
253 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Literatura paraibana. 2. Formação de leitores. 3. Ensino de Literatura. I. Título

21. ed. CDD 372.4

**JENIFFER FERREIRA DOS SANTOS**

**A LITERATURA PARAIBANA NA SALA DE AULA: CAMINHOS E  
DESCOBERTAS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS EM UMA  
TURMA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Formação de Professores, da Universidade Estadual da  
Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do  
grau de Mestre em Formação de Professores.

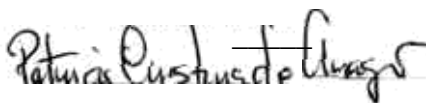
Aprovada em 17/03/2023.



---

Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva

Orientador



---

Profa. Dra. Patrícia Cristina Aragão – PPGFP – UEPB

Examinadora



---

Profa. Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega

Examinadora



*Em memória de Antônio Vieira da Silva.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todas as renúncias e dedicação que me permitiram chegar até aqui.

A Antônio Vieira e Jameson Campos, por me apresentarem o universo da literatura e por serem meus mentores literários durante a infância e adolescência.

A minha primeira orientadora Kalina Naro, por ter me acompanhado inicialmente nessa jornada e, posteriormente, me colocado em boas mãos.

Ao meu querido orientador Marcelo Medeiros da Silva, por toda a compreensão e acolhimento durante essa árdua jornada. Seus conselhos e ensinamentos foram imprescindíveis para a concretização deste projeto.

Ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e aos professores do programa por toda contribuição e conhecimento transmitido durante este mestrado.

Ao meu parceiro de vida e marido, Jardel Antônio da Silva, por todo apoio e incentivo. Por escutar meus desabafos e proporcionar soluções quando minha mente já estava esgotada.

Ao meu companheiro de turma, amigo e conselheiro Raimundo Mélo Neto Segundo. Obrigada por tudo! Suas palavras e atitudes ajudaram a me reerguer quando pensei que não conseguiria seguir em frente.

À banca e todas as suas contribuições que foram de grande valia para a conclusão deste trabalho.

Aos estudantes do 9º ano da Escola Municipal Rômulo José de Gouveia.

Sem vocês, esta pesquisa não seria possível.

*E há ainda aqueles que se tornam leitores apesar de todas as circunstâncias para não sê-lo. (CARDEMATORI, 2012. p. 25)*

## RESUMO

Considerando o ensino de literatura da rede pública na Paraíba, propomos com esta pesquisa uma abordagem do texto literário baseada em um ensino que priorize a obra em sua plenitude, apoiando-nos nos estudos de Solé (1998) e Colomer (2007) sobre leitura e formação de leitores. Escolhemos trabalhar textos de autores paraibanos, visto que há um déficit de oferta e circulação de tais produções entre os educandos e grande parte das escolas e dos professores não se vale de textos de autores paraibanos nas aulas de Língua Portuguesa tampouco conhecem ou têm acesso à produção literária paraibana de fato seja a do passado, seja a do presente. Escolhemos o gênero conto por se tratar de uma narrativa curta que pode ser lida integralmente no espaço-tempo da sala de aula e frente às demandas das escolas pelo cumprimento do currículo e dos conteúdos e que pode favorecer o trabalho com uma variedade maior de autores/as e temas. Dessa forma trabalhamos com os contos “Porque somos muito pobres” e “Três cachaças”, do escritor Geraldo Maciel; “O dia em que comemos Maria Dulce” e “Olhos no chão”, do escritor Antônio Mariano; “A mulher, os meninos e a ditadura militar: carta à Gregório” e “Eu, brasileiro, viúvo, 75 anos”, da escritora Dôra Limeira; “Revência” e “O filho espúrio”, da escritora Marília Arnaud. Embasamos nossa pesquisa nos estudos de Aguiar e Bordini (1988), Ferrarezi e Carvalho (2017), Cardematori (2012), Petit (2008; 2009), Cosson (2006) e Zilberman (1988) e suas considerações sobre o ensino de literatura e a formação de leitores. Também utilizamos os documentos oficiais Base Nacional Comum Curricular (2018) e Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2018) e suas propostas para o ensino de literatura. A pesquisa foi aplicada na Escola Municipal Rômulo José de Gouveia, localizada na cidade de Campina Grande – PB, em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental. Esta pesquisa tem como objetivo principal formular estratégias de ensino e analisar a recepção de textos da literatura paraibana numa turma do 9º ano do Ensino Fundamental, contribuindo para a formação de leitores literários. Especificamente pretende-se: abordar contos de autores paraibanos nas aulas de literatura, com foco na leitura efetiva destes textos, mediante uma sequência de leitura planejada levando-se em conta os textos selecionados e o contexto da sala de aula na modalidade on-line; analisar como se constitui a identificação texto-leitor, através da seleção de contos de autores paraibanos; analisar como ocorre a recepção dos textos na modalidade de ensino remoto, considerando os dois últimos objetivos; refletir sobre a mediação realizada pela professora-pesquisadora, mediante os resultados e, sobretudo, o processo de leitura desenvolvido no experimento em sala de aula virtual. Com este trabalho,

promovemos um ensino de literatura que possa contribuir para a formação de leitores, pautada na possibilidade de ampliar o pensamento crítico dos alunos, contribuindo para o olhar sensível à nossa sociedade, além de incentivar o conhecimento e a leitura de produções paraibanas no processo de formação de leitores.

**Palavras-chave:** Literatura paraibana. Formação de leitores. Ensino de Literatura.

## ABSTRACT

Considering the teaching of literature in the public network in Paraíba, we propose with this research an approach to the literary text based on a teaching that prioritizes the work in its fullness, supporting us in the studies of Solé (1998) and Colomer (2007) on reading and reader training. We chose to work with texts by authors from Paraíba, since there is a shortage of supply and circulation of such productions among students and most schools and teachers do not use texts by authors from Paraíba in Portuguese classes, nor do they know or have access to the production. literary paraibana in fact be that of the past, be that of the present. We chose the short story genre because it is a short narrative that can be read integrally in the space-time of the classroom and in view of the demands of schools for compliance with the curriculum and contents and that can favor the work with a greater variety of authors/ as and themes. In this way, we worked with the short stories “Because we are very poor” and “Três cachaças”, by the writer Geraldo Maciel; “The day we eat Maria Dulce” and “Eyes on the Floor”, by the writer Antônio Mariano; “The woman, the boys, and the military dictatorship: letter to Gregório” and “I, Brazilian, widowed, 75 years old”, by the writer Dôra Limeira; “Revência” and “The spurious son”, by the writer Marília Arnaud. We based our research on studies by Aguiar and Bordini (1988), Ferrarezi and Carvalho (2017), Cardematori (2012), Petit (2008; 2009), Cosson (2006) and Zilberman (1988) and their considerations on teaching literature and the training of readers. We also used the official documents Base Nacional Comum Curricular (2018) and Curricular Proposal of the State of Paraíba (2018) and their proposals for teaching literature. The research was applied at the Municipal School Rômulo José de Gouveia, located in the city of Campina Grande - PB, in a group of the 9th grade of Elementary School. The main objective of this research is to formulate teaching strategies and analyze the reception of texts from Paraíba literature in a 9th grade elementary school class, contributing to the formation of literary readers. Specifically, it is intended to: address short stories by authors from Paraíba in literature classes, focusing on the effective reading of these texts, through a planned reading sequence taking into account the selected texts and the context of the classroom in the online modality; to analyze how the text-reader identification is constituted, through the selection of short stories by authors from Paraíba; analyze how texts are received in the remote teaching modality, considering the last two objectives; reflect on the mediation carried out by the teacher-researcher, through the results and, above all, the reading process developed in the experiment in a virtual classroom. With this work, we promote a teaching of literature that can contribute

to the formation of readers, based on the possibility of expanding the students' critical thinking, contributing to a sensitive look at our society, in addition to encouraging knowledge and reading of productions from Paraíba in the reader training process.

**Keywords:** Literature from Paraíba. Reader training. Literature Teaching.

## **LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS**

<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>LP</b>	Língua Portuguesa
<b>SEDUC</b>	Secretaria de Educao
<b>UEPB</b>	Universidade Estadual da Paraíba
<b>UFCG</b>	Universidade Federal de Campina Grande
<b>UFPB</b>	Universidade Federal da Paraíba



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Gêneros textuais por faixa etária.....	<b>46</b>
<b>Figura 2</b> – Gêneros textuais entre estudantes e não estudantes .....	<b>48</b>
<b>Figura 3</b> – Respostas dos estudantes sobre escritores paraibanos já estudados em sala de aula .....	<b>51</b>
<b>Figura 4</b> – Respostas dos estudantes sobre os momentos de leitura na escola.....	<b>57</b>
<b>Figura 6</b> – Nuvem de palavras.....	<b>69</b>
<b>Figura 7</b> – Apresentação do autor Geraldo Maciel.....	<b>73</b>
<b>Figura 8</b> - O escritor e sua obra .....	<b>73</b>
<b>Figura 9</b> – Leitura do conto “Porque somos muito pobres” .....	<b>74</b>
<b>Figura 10</b> – Analisando o conto.....	<b>75</b>
<b>Figura 11</b> - Charges .....	<b>79</b>
<b>Figura 12</b> – Leitura do conto “Três cachaças” .....	<b>81</b>
<b>Figura 13</b> – Chat de conversa do encontro 2 .....	<b>83</b>
<b>Figura 14</b> - Chat de conversa do encontro 2.....	<b>84</b>
<b>Figura 15</b> – Apresentação do videoclipe .....	<b>87</b>
<b>Figura 17</b> – Apresentação da professora de história.....	<b>88</b>
<b>Figura 18</b> – Antônio Mariano e sua obra.....	<b>90</b>
<b>Figura 19</b> – Momento de motivação à temática .....	<b>91</b>
<b>Figura 20</b> – Leitura do conto “O dia em que comemos Maria Dulce” .....	<b>92</b>
<b>Figura 21</b> – Chat de conversa do encontro 3 .....	<b>93</b>
<b>Figura 22</b> - Chat de conversa do encontro 3.....	<b>94</b>
<b>Figura 23</b> - Chat de conversa do encontro 3 .....	<b>96</b>
<b>Figura 24</b> - Chat de conversa do encontro 3.....	<b>98</b>
<b>Figura 25</b> - Chat de conversa do encontro 3.....	<b>100</b>
<b>Figura 26</b> - Chat de conversa do encontro 3.....	<b>101</b>
<b>Figura 27</b> – Chat de conversa do encontro 3 .....	<b>102</b>
<b>Figura 28</b> - Chat de conversa do encontro 3.....	<b>103</b>
<b>Figura 29</b> - Fotografias dos estudantes sobre o lugar em que vivem .....	<b>105</b>
<b>Figura 30</b> – Chat de conversa do encontro 4 .....	<b>106</b>
<b>Figura 31</b> - Chat de conversa do encontro 4.....	<b>106</b>
<b>Figura 32</b> - Imagens retiradas do Google .....	<b>107</b>
<b>Figura 33</b> – Apresentação da música “Construção” .....	<b>109</b>
<b>Figura 34</b> – Leitura do conto “Olhos no chão”.....	<b>111</b>

<b>Figura 35</b> - Chat de conversa do encontro 4.....	<b>111</b>
<b>Figura 36</b> - Chat de conversa do encontro 4.....	<b>112</b>
<b>Figura 37</b> - Chat de conversa do encontro 5.....	<b>114</b>
<b>Figura 38</b> - Chat de conversa do encontro 5.....	<b>117</b>
<b>Figura 39</b> - Chat de conversa do encontro 5.....	<b>117</b>
<b>Figura 40</b> - Chat de conversa do encontro 5.....	<b>118</b>
<b>Figura 41</b> – Leitura do conto “A mulher, os meninos e a ditadura militar: carta à Gregório” .....	<b>119</b>
<b>Figura 42</b> – Carta escrita por um dos estudantes.....	<b>121</b>
<b>Figura 43</b> – Leitura do poema “Retrato”.....	<b>122</b>
<b>Figura 44</b> - Chat de conversa do encontro 6.....	<b>123</b>
<b>Figura 45</b> - Chat de conversa do encontro 6.....	<b>124</b>
<b>Figura 46</b> - Chat de conversa do encontro 6.....	<b>125</b>
<b>Figura 47</b> - Chat de conversa do encontro 6.....	<b>126</b>
<b>Figura 48</b> - Chat de conversa do encontro 6.....	<b>127</b>
<b>Figura 49</b> - Chat de conversa do encontro 6.....	<b>127</b>
<b>Figura 50</b> - Chat de conversa do encontro 6.....	<b>128</b>
<b>Figura 51</b> – Foto do professor envelhecida digitalmente.....	<b>130</b>
<b>Figura 52</b> - Chat de conversa do encontro 7.....	<b>131</b>
<b>Figura 53</b> - Capa do documentário.....	<b>131</b>
<b>Figura 54</b> - Chat de conversa do encontro 7.....	<b>132</b>
<b>Figura 55</b> - Leitura do conto “Revênciã”.....	<b>133</b>
<b>Figura 56</b> - Chat de conversa do encontro 7.....	<b>134</b>
<b>Figura 57</b> - Chat de conversa do encontro 7.....	<b>135</b>
<b>Figura 58</b> - Chat de conversa do encontro 7.....	<b>136</b>
<b>Figura 59</b> - Chat de conversa do encontro 7.....	<b>136</b>
<b>Figura 60</b> - Chat de conversa do encontro 8.....	<b>137</b>
<b>Figura 61</b> - Chat de conversa do encontro 8.....	<b>138</b>
<b>Figura 62</b> - Chat de conversa do encontro 8.....	<b>139</b>
<b>Figura 63</b> – Chat de conversa do encontro 8.....	<b>140</b>
<b>Figura 64</b> - Leitura do conto “O filho espúrio”.....	<b>140</b>
<b>Figura 65</b> - Chat de conversa do encontro 8.....	<b>141</b>
<b>Figura 66</b> - Chat de conversa do encontro 8.....	<b>141</b>
<b>Figura 67</b> - Chat de conversa do encontro 8.....	<b>142</b>
<b>Figura 68</b> - Carta escrita por um dos estudantes.....	<b>143</b>

**Figura 69** - Professora convidada para a roda de conversa ..... **144**

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Instituição à qual pertencem .....	Erro! Indicador não definido.
<b>Gráfico 2</b> – Estudo de autores paraibanos durante a graduação .....	37
<b>Gráfico 3</b> – Estudantes que tiveram contato com a literatura paraibana por instituição	37
<b>Gráfico 4</b> – Disciplinas sobre autores paraibanos na graduação .....	38
<b>Gráfico 5</b> – Estudantes que acompanham o cenário literário paraibano .....	39
<b>Gráfico 6</b> – Autores paraibanos e repertório de leitura.....	40
<b>Gráfico 7</b> – Autores paraibanos utilizados em trabalhos acadêmicos .....	41
<b>Gráfico 8</b> – Tipos de leitura.....	45
<b>Gráfico 9</b> – Tipos de leitura.....	45
<b>Gráfico 10</b> – Materiais de leitura em casa .....	47
<b>Gráfico 11</b> – Leitura de autores paraibanos na escola .....	50
<b>Gráfico 12</b> – Oferta de autores paraibanos nas bibliotecas.....	55

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2. LITERATURA PARAIBANA: UM OLHAR À MARGEM</b> .....	<b>23</b>
2.1 Uma questão de informação: o cenário literário da Paraíba ao longo dos anos .....	24
2.2 A literatura paraibana e a academia .....	33
<b>3. ASPECTOS METODOLÓGICOS: ENCONTROS E DESENCONTROS</b> .....	<b>44</b>
3.1 A literatura paraibana e a escola.....	44
3.2 Conhecendo o local de pesquisa.....	58
3.3 Adaptar-se é preciso .....	63
<b>4. A LITERATURA PARAIBANA NA SALA DE AULA</b> .....	<b>67</b>
4.1 Módulo 1: Invisibilidade social e relações socioeconômicas .....	68
4.2.1 Geraldo Maciel: seca, política e o processo de desumanização .....	72
4.2.2 Antônio Mariano: A fome e as relações humanas.....	90
4.2 Módulo 2: Exclusão e abandono: relações familiares e envelhecimento .....	113
4.3.1 Dôra Limeira: relações familiares e abandono parental .....	115
4.3.2 Marília Arnaud: solidão e abandono parental .....	129
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>146</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>150</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>152</b>
APÊNDICE A – questionário aplicado na turma do 9º ano.....	153
APÊNDICE B – questionário aplicado aos professores de língua portuguesa .....	157
APÊNDICE C – Sequência didática – Produto didático para o programa de pós-graduação em formação de professores.....	160
<b>ANEXOS</b> .....	<b>194</b>
Fluxograma do curso de Letras – Língua Portuguesa da UFPB .....	195
Disciplinas optativas ofertadas no curso de Letras – Língua portuguesa da UFPB .....	196
Fluxograma do curso de Letras – língua portuguesa da UFCG .....	197
Fluxograma do curso de Letras – língua portuguesa da UEPB.....	198
Contos utilizados.....	202
Termos de consentimento e assentimento .....	249
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	250
<b>Parecer substanciado do CEP</b> .....	<b>254</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A leitura sempre esteve presente em minha vida. A primeira lembrança da minha trajetória com os livros é de estar na biblioteca da pequena escola em que estudava procurando meu livro favorito: *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*, da escritora Ruth Rocha. O ritual era sempre o mesmo: a sirene do intervalo tocava e, enquanto as crianças corriam para o pátio da escola ansiosas pelas brincadeiras, eu me dirigia à biblioteca ansiosa para encontrar novas histórias.

Por passar muito tempo sem ir ao intervalo, solicitaram que minha mãe fosse à escola. E lá foi ela nervosa, achando que algo grave havia acontecido. A professora então informou que eu não queria brincar com as outras crianças e sempre “me escondia” na biblioteca durante o intervalo e achou importante informar a minha mãe sobre essa paixão pela leitura. Minha mãe respirou aliviada e respondeu: “ela é assim mesmo, gosta muito de livros”. A partir daí, todo intervalo a professora me acompanhava até a biblioteca e me indicava um novo livro de histórias, aumentando gradualmente a quantidade de páginas conforme a minha leitura ia avançando.

Na adolescência, a paixão pelos livros continuou. Porém, meus pais não tinham condições financeiras para alimentar o meu apetite voraz por novas histórias e a biblioteca da escola pública onde estudava não ofertava a variedade de livros que eu gostaria. Nessa fase, tive dois incentivadores que me acolheram e abriram as portas de suas casas e bibliotecas para que eu pudesse me deleitar nas prateleiras repletas de livros: Antônio Vieira e Jameson Campos.

Antônio me apresentou à Shakespeare e ao romance policial. Jameson me abriu as portas para Stephen King, Edgar Allan Poe e Agatha Christie. Além da minha paixão pela leitura, essas figuras me ajudaram durante a minha formação literária, mediando minhas escolhas e debatendo comigo sobre as histórias de que mais gostei ou sobre o porquê de ter abandonado a leitura de alguma obra por não ter me identificado. Talvez, sem a intervenção desses mediadores, a minha história com a leitura tivesse sido diferente. Talvez em algum momento eu abandonasse os livros pelos videogames e pela internet (uma novidade para mim, no início do ano 2000), que também estavam a minha disposição em suas casas.

Esse relato é uma reflexão pessoal sobre até onde uma criança pode alcançar, sozinha, a proficiência literária. Se não tivermos, ao longo da nossa infância e adolescência, pais, professores ou adultos próximos que nos incentivem e sejam nossos mentores literários, qual a probabilidade de nos tornarmos adultos que cultivam o gosto pela leitura literária?

Em 2020, a pesquisa *Retratos de leitura no Brasil* divulgou os resultados da sua 5ª edição e revelou que, enquanto os números de leitores entre 5 a 10 anos de idade cresceu, o percentual de leitores a partir dos 11 anos de idade e entre leitores do Ensino Superior e da Classe A diminuiu, ocasionando uma queda de cerca de 4,6 milhões de leitores no país<sup>1</sup>. O resultado da pesquisa nos traz dados importantes acerca do desinteresse na leitura literária a partir dos 11 anos de idade, fase na qual os adolescentes adentram o Ensino Fundamental 2 e acabam tendo mais contato com livros didáticos ou leituras fragmentadas para fins escolares.

Os indicadores mostraram que o percentual de leituras literárias indicadas pela escola também diminuiu dentro dessa faixa etária, o que corrobora o que Soares (2011) nos mostra sobre a escolarização da literatura e, por conseguinte, sobre o possível desinteresse e afastamento deste tipo de leitura durante a fase escolar. A utilização da leitura literária tendo como principal objetivo as demandas escolares (seja para introduzir conteúdos gramaticais, seja como artifício para a elaboração de produções escritas), há muito é fator de estudo sobre como escola e professores podem contribuir para a formação de leitores literários proficientes.

Dessa forma, são utilizados fragmentos do texto, fazendo com que os estudantes, na maioria das vezes, não tenham acesso à obra na íntegra, prejudicando a exploração do texto e de seus elementos (PINHEIRO, 2014). Assim, as aulas de literatura ficam restritas a exercícios com perguntas mecânicas, fazendo com que o aluno enxergue apenas a superfície do texto, impedindo-o de refletir um pouco mais sobre a obra. Porém, no Ensino fundamental, como não há a obrigatoriedade institucional da disciplina de literatura no currículo, a situação pode se agravar, pois os educandos têm o contato com o texto literário reduzido às práticas da disciplina de Língua Portuguesa, ocasião em que a literatura serve como pretexto para estudos gramaticais ou elemento motivador para a produção textual.

Além de todos os impasses e problemas que derivam das metodologias arraigadas ao sistema de ensino e que vão sendo reproduzidas mecanicamente, notam-se o desconhecimento e a não utilização da produção literária paraibana nas escolas públicas do estado. Há um déficit

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_IPL-compactado.pdf](https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf)

de oferta e circulação de tais produções entre os educandos, grande parte das escolas e dos professores não se valem de textos de autores paraibanos nas aulas de literatura tampouco conhecem ou têm acesso à produção literária paraibana de fato.

Foi durante o ensino médio que constatei a falta do contato com as produções literárias do meu próprio Estado. Lembro de estar na aula de literatura, conhecendo pela primeira vez o poeta Augusto dos Anjos e ter ficando encantada ao saber que ele havia nascido tão próximo a mim. Até então, só havia lido poetas do Sul e Sudeste e saber que alguém da Paraíba havia ganhado tamanha notoriedade e era conhecido nacional e até mundialmente me trouxe um sentimento de orgulho. Ao mesmo tempo, tive sentimentos conflitantes ao perceber que a quantidade de escritores que eu conhecia não eram sequer do Nordeste e, da Paraíba, eu havia conhecido apenas um, até aquele momento.

Quando terminei o ensino médio saí com um total de dois escritores paraibanos lidos: Augusto dos Anjos e José Lins do Rego. Neste ponto, já havia decidido que prestaria vestibular para Letras – Língua Portuguesa na esperança de me aprofundar ainda mais no universo da literatura. Confesso que nem pensava no magistério, a docência, para mim, era algo bem distante e só foi aflorando bem lentamente ao longo do curso.

Ao me deparar com um currículo bem diferente do que havia imaginado, acabei me envolvendo com as demandas acadêmicas e esqueci, por um momento, a problemática do pouco acesso à leitura de autores/as paraibanos/as. Até que no 5º período do curso (na Universidade Federal de Campina Grande), me deparei com a oferta da disciplina optativa Literatura Paraibana, ministrada pelo professor José Mario da Silva Branco. Meus olhos brilharam. Essa era a oportunidade de conhecer mais sobre a literatura produzida em nosso Estado. E foi uma grata surpresa! Durante as aulas pude perceber o quanto eu desconhecia sobre as produções paraibanas, me fazendo questionar o porquê de os professores paraibanos não ofertarem aos alunos do ensino fundamental e médio o acesso a alguns desses autores.

Ao iniciar a docência, pude observar, então, que os alunos das escolas paraibanas acabam tendo acesso, geralmente, a textos referentes a quatro escritores paraibanos: Augusto dos Anjos, Ariano Suassuna, José Lins do Rego e, em raríssimas vezes, a José Américo de Almeida. Há também a aparição de um gênero textual mais recorrente: o cordel, que é utilizado com frequência, mas nem sempre os folhetos utilizados são de autores paraibanos. Outros gêneros como contos, romances ou crônicas acabam não sendo tão ofertados. A aparição desses autores nos livros didáticos contribui para que sejam abordados nas aulas de literatura, porém,



são utilizados para introduzir ou exemplificar algum estilo literário, durante o ensino médio, quando a disciplina de Literatura existe como componente curricular, ou conteúdo específico, geralmente, de gramática, o que acontece seja no ensino médio ou no fundamental, tendo em vista que há muito sabemos que o texto literário tem servido de pretexto para a abordagem de taxinomias gramaticais, reduzindo assim o poder formador da literatura. Dessa forma, os alunos acabam não associando esses autores e obras a uma produção local e isso pode gerar a impressão de que não há obras e autores/as locais, uma vez que o que se lê é prioritariamente produzido por autores/as do eixo sul-sudeste.

Dado o conflito vivenciado pelos docentes em aproximar os jovens do universo da leitura, e o notável desconhecimento de professores e alunos sobre o cenário literário paraibano, propomos responder aos seguintes questionamentos: como os autores paraibanos estão sendo lidos nas escolas (ou se eles estão sendo lidos) e como, enquanto professores, podemos utilizar mais da literatura produzida em nosso estado, contribuindo para a ampliação do repertório de leitura dos alunos?

Entendendo que a leitura é um processo social, concordamos com Cosson (2006) quando afirma que o sentido do texto se estabelece a partir da nossa interação com o outro e com o mundo à nossa volta. O contexto social em que os jovens estão inseridos contribui de forma ativa para a percepção do mundo à sua volta. Não podemos ignorar que a grande maioria dos alunos das escolas públicas vive uma realidade de marginalização social. Advindos de regiões periféricas, esses jovens acabam por conviver com situações e enfrentamentos que os fazem crer que a busca pelo conhecimento é perda de tempo. Logo, o hábito da leitura pode ser visto por muitos como uma atividade ociosa, pois esses jovens são incentivados a ingressar no mundo do trabalho o quanto antes e passar horas debruçados sobre o livro pode parecer desperdício de um tempo que poderia ser investido ao trabalho.

Reforçamos aqui as indagações feitas por Silva (2016) ao questionar a função humanizadora da literatura proposta por Antônio Cândido no que diz respeito a um contexto social onde tudo se faz contrário à cultura e até mesmo a questões básicas de dignidade humana. Como jovens que estão cada vez mais inseridos em um universo de violência e negligência social poderão exercer a proficiência literária se os grandes centros acadêmicos lhes parecem tão distantes e obsoletos?

Como poderia um texto humanizar alguém, quando as condições sociais de aquisição desse objeto (mercadoria) transformador são contrárias à experiência do leitor potencial? Como processar toda uma

humanização em um sujeito cujas condicionantes linguísticas, sociais, culturais, religiosas, de gênero, por exemplo, entram em choque com essa estranha instituição chamada Literatura? (SILVA, 2016. P. 60)

Refletir sobre as práticas de ensino de literatura, bem como as aulas que envolvem a leitura de textos literários dentro do contexto do ensino público pode revelar-se um constante paradoxo onde teoria e prática acabam sendo divergentes, pois a teoria não se adequa à dura realidade de escolas sucateadas e a falta de poder aquisitivo para a aquisição de livros e materiais de leitura, entre outros entraves. Dessa forma, para que a humanização ocorra, é necessário criar meios e condições que possibilitem o educando alcançar tal objetivo. Não esquecendo as desigualdades e injustiças sociais que muitas vezes impendem nossos estudantes de enxergar a capacidade que a literatura tem de nos humanizar.

Para facilitar esta aproximação, o papel do professor mediador se faz extremamente importante. É através dele que o aluno irá compreender que a leitura literária abre espaço não apenas para ampliar o nosso vocabulário, mas também “porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem” (COSSON, 2006, p.30). Sabemos que outros tipos de leitura também são válidos para a formação de um leitor, mas para que o leitor desenvolva com êxito o pensamento crítico e consiga fazer reflexões mais profundas mediante a sociedade é necessário admitir que a leitura conformadora, apontada por Aguiar e Bordini (1988), possui determinados limites. Com esse tipo de leitura não há espaço para que o educando ultrapasse a sua zona de conforto, se afastando do seu horizonte de expectativas, e, ampliando a sua visão de mundo para além do que ele já está familiarizado.

Nesse aspecto, torna-se imprescindível incluir no repertório de leitura de nossos educandos a leitura literária. Baseando-nos ainda nos resultados da pesquisa *Retratos de Leitura no Brasil*, podemos ver que o número de leituras literárias indicadas pela escola ou iniciadas por vontade própria também obteve uma queda. É um ponto importante a ser observado, já que a faixa etária onde ocorreu a maior queda envolve alunos que estão no ensino fundamental 2 e ensino médio. Parte destes jovens está atravessando a era tecnológica em que as informações estão cada vez mais rápidas e curtas, contribuindo para que o processo de leitura de um texto longo se transforme em algo tedioso e desinteressante.

Embora, saibamos que outros tipos de leitura – além da literária – podem contribuir de certa forma para a construção do sujeito leitor, Ferrarezi e Carvalho (2017) alertam sobre a importância de não confundir a leitura de gêneros não literários como suficientes para contribuir com essa formação. Não há como exigir uma leitura proficiente sem a presença da leitura literária, pois ela demanda esferas que textos mais curtos e informativos não alcançam:

Quando se fala de leitura, hoje, muitos teóricos entendem que vale a postagem malfeita no Facebook, a twitada, a placa de trânsito, o rótulo do achocolatado. A ideia de que a informação que vem pela leitura fragmentada e efêmera de coisas desse tipo é informativa e constitui parte do processo de letramento é ótima também. Nada contra ela, na verdade. Que é uma forma de leitura e que exige habilidades específicas do sujeito leitor também é evidente. Agora, acreditar que ela equivale, mesmo que de longe, à leitura de um livro, é ingênuo, tolo, danoso. (...) O fato relevante aqui é que um livro, além dos aspectos culturais quase “místicos” que o envolvem – e que são extremamente relevantes do ponto de vista da formação de um leitor – exige um nível de detrimento e de concentração, de disciplina pessoal e de raciocínio que a postagem de uma linha e meia na rede social não exige. (FERRAREZI; CARVALHO, 2017. P. 16)

O contato com a leitura literária, muitas vezes, é restrito ao ambiente escolar, incumbindo ao professor e à escola a responsabilidade de aproximar as crianças e jovens do universo da literatura. É necessário que o professor compreenda a importância do incentivo à leitura, e que na maioria das vezes os alunos recebem esse incentivo apenas na escola. Dessa forma, as experiências de leitura na sala de aula devem contribuir para que o aluno enxergue essa atividade, não como uma obrigação imposta pela escola para se alcançar uma nota, mas como uma prática prazerosa que pode ampliar os horizontes e transformar-se em um momento repleto de (re)significações.

Compreendemos, então, que o ensino de literatura deve ser voltado não apenas à estrutura do texto e ao seu percurso histórico, mas sim ter como principal enfoque o texto literário em sua totalidade pois, propicia a aproximação do leitor a temáticas e situações que devem ser debatidas e refletidas em sala de aula, visto a função incumbida à escola de formar cidadãos críticos e reflexivos. Garantindo, assim, a formação de “um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura” (BRASIL, 2018. p. 138).

Sabendo disso, buscamos com este trabalho utilizar a leitura literária a partir do cenário de produção local, pautados nos estudos de Solé (1998), Colomer (2007) e Rouxel (2012) sobre

as experiências de leitura na escola. Bem como, nos estudos de Ferrarezi e Carvalho (2017) sobre a leitura na educação básica, perpassando brevemente no método recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988) e Zilberman (1988), que propõe uma perspectiva de abordagem ampla do texto, fomentado a implementação de aulas de leitura cujo objetivo é explorar e analisar o texto por completo sem aparatos de atividades com fins meramente avaliativos.

Esta pesquisa tem como objetivo principal formular estratégias de ensino e analisar a recepção de textos da literatura paraibana numa turma do 9º ano do Ensino Fundamental, contribuindo para a formação de leitores literários. Especificamente pretende-se: abordar contos de autores paraibanos nas aulas de literatura, com foco na leitura efetiva destes textos, mediante uma sequência de leitura planejada levando-se em conta os textos selecionados e o contexto da sala de aula na modalidade on-line; analisar como se constitui a identificação texto-leitor, através da seleção de contos de autores paraibanos; analisar como ocorre a recepção dos textos na modalidade de ensino remoto, considerando os dois últimos objetivos; refletir sobre a mediação realizada pela professora-pesquisadora, mediante os resultados e, sobretudo, o processo de leitura desenvolvido no experimento em sala de aula virtual.

Optamos por selecionar os textos conforme temática previamente escolhida, dividindo a sequência de leitura em dois módulos. A seleção temática é uma opção metodológica importante para ações de promoção à leitura e a formação de leitores, pois, incentiva os educandos a exercerem o pensamento crítico de forma mais aprofundada. Sendo assim, no primeiro módulo, abordamos contos que envolveram a temática da invisibilidade social e as relações socioeconômicas. Dentro desse eixo exploramos dois autores paraibanos: Geraldo Maciel, com os contos “Porque somos muito pobres” e “Três cachaças”, e Antônio Mariano com os contos “O dia em que comemos Maria Dulce” e “Olhos no chão”. No segundo módulo, abordamos a exclusão e o abandono dentro das relações familiares e no processo de envelhecimento. Para este eixo temáticos, lemos os contos “A mulher, os meninos e a ditadura militar: carta à Gregório” e “Eu, brasileiro, viúvo, 75 anos”, da escritora paraibana Dôra Limeira. Também analisamos os contos “Revênciã” e “O filho espúrio”, da escritora Marília Arnaud.

A escolha de uma seleção temática de contos contendo autores paraibanos não foi aleatória, considerando o cenário vasto das produções literárias paraibanas, que não são conhecidas por grande parte dos estudantes paraibanos, fato que ocasiona o acesso apenas aos autores pertencentes ao cânone. O gênero conto, por se tratar de uma narrativa mais curta, proporciona abordar uma quantidade maior de autores, dado o curto tempo de que o professor

dispõe para trabalhar o texto e os conteúdos referentes à disciplina de Língua Portuguesa. Concordamos com Freire (1993) que abordar aspectos sociais compatíveis com as vivências do alunado é o primeiro passo para despertar a sua autonomia e senso crítico. Essa abordagem permite ampliar o interesse pelo texto lido, fazendo com que o professor possa, ao longo das aulas, preparar o estudante para o amadurecimento de outras leituras.

Esta pesquisa busca incentivar a circulação de autores paraibanos nas escolas do estado, bem como contribuir para aulas de leitura na sala de aula reservadas apenas para o estudo e análise de textos sem fins gramaticais ou de produções textual. Propomos também fornecer estratégias que possam ajudar a melhorar a relação de nossos educandos com o texto literário através de uma sequência de leitura planejada que contará com sugestões e estratégias para a abordagem de autores paraibanos em sala de aula, visando auxiliar os demais docentes que buscam trabalhar por um ensino de literatura que priorize o texto em todas as suas esferas. Colaborando, assim, para a construção de leitores capazes de se posicionar e refletir sobre as diversas temáticas sociais que nos são expostas durante o convívio social.

Escolhemos uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, respaldados no que dizem os documentos oficiais BNCC e Proposta Curricular do Estado da Paraíba para esta etapa de ensino, visando também romper o estereótipo de que a “aula de português” se caracteriza na abordagem de conteúdos gramaticais, fazendo com que uma aula voltada para a leitura e análise de um texto literário seja vista de forma dissociada da prática comum de uma aula de língua portuguesa.

A pesquisa situa-se no campo da educação, respaldada no método recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988), a qual busca trabalhar o texto literário com uma maior ênfase no protagonismo do aluno, considerando as suas percepções sobre o texto e as influências que as suas visões de mundo podem trazer na interpretação e reflexão do texto literário. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, quanto à abordagem, não nos atemos a aspectos quantitativos, visto que a leitura literária é um elemento complexo e subjetivo, não podendo ser analisado mediante tal modo.

É importante ressaltar que a pesquisa foi aplicada durante a pandemia da COVID-19, que atingiu o Brasil no início de 2020. Foi preciso, então, adaptar algumas partes da metodologia, visto que, por conta do *lockdown*<sup>2</sup> instituído no país, as escolas precisaram adotar

---

<sup>2</sup> Medida de confinamento e restrição de movimento que foi estabelecida no Brasil em 2020 devido à pandemia da Covid-19.

o sistema de ensino remoto. O que trouxe uma mudança de configuração no modelo de educação institucionalizado no país. Dessa forma, a sequência de leitura e produto final desta pesquisa foi criada visando à modalidade de ensino presencial, mas, durante a sua aplicação, foi adaptada a fim de suprir as necessidades das aulas em ambiente virtual para o ensino remoto.

Esta dissertação, além da introdução, está estruturada em três capítulos. O primeiro, **Literatura paraibana: um olhar à margem**, traz um panorama sobre o cenário literário paraibano e sua divulgação na academia a fim de verificarmos o quanto os cursos de Letras – Língua Portuguesa do estado abordam (ou não) autores paraibanos na formação inicial dos professores de Língua Portuguesa. Também tecemos reflexões sobre o quanto o cenário paraibano conseguiu – ou não – adentrar o espaço escolar, bem como quais as ofertas de autores paraibanos que geralmente são apresentadas nas escolas públicas do estado.

No segundo capítulo, **Aspectos metodológicos: encontros e desencontros** apresentamos o percurso metodológico situando o local de pesquisa e o público participante. No terceiro capítulo: **A literatura paraibana na sala de aula**, apresentamos nossas experiências com a abordagem de obras paraibanas na sala de aula e a recepção dos alunos em relação a estes textos. Analisando como foram feitas as adaptações da sequência de leitura para a modalidade de ensino remoto e as dificuldades enfrentadas ao nos depararmos com a sala de aula de forma virtual. Por fim, nas considerações finais refletimos sobre os erros e acertos durante o percurso de realização da pesquisa e coleta de dados e, como produto final, apresentamos a sequência de leitura, com as estratégias e metodologias utilizadas, bem como sugestões de autores paraibanos que podem ser abordados nas aulas de Língua Portuguesa.

## 2. LITERATURA PARAIBANA: UM OLHAR À MARGEM

*Tenho consciência de que fazer literatura por essas bandas é sobreviver a essa realidade que nos cerca e nos agride. (...) Escrevo para não morrer de silêncio. (Políbio Alves)*

O ensino de literatura das escolas públicas no estado da Paraíba segue o modelo habitual que já é muito estudado e questionado por, por exemplo, Compagnon (2009) em seu livro *Literatura pra quê?* e suas observações sobre Teoria Literária e por Petit (2009) e suas reflexões sobre os jovens e a leitura. O modelo em questão propicia aos alunos um baixo repertório de leitura, com enfoque nos cânones literários que há décadas consolidam o seu espaço nos livros didáticos de Língua Portuguesa e no repertório de leitura dos professores, como apontado por Cardematori (2012). Ressaltamos aqui que o uso do cânone não deve ser visto como algo a ser combatido no ensino de literatura, mas deve-se ser mediado a fim de promover leituras além das que já estão asseguradas nos livros didáticos e em outras instâncias de legitimação. Longe de ser a principal problemática, no que tange o ensino e a formação de leitores literários na sala de aula, vemos que mesmo a utilização de obras conhecidas e amplamente divulgadas no país não asseguram uma abordagem adequada ao texto literário, que acaba reduzido a questões gramaticais e a fragmentos descontextualizados.

Nossa intenção não é criticar ou demonizar a abordagem de autores pertencentes ao cânone nas aulas de Língua Portuguesa. Ao contrário, queremos mostrar que há um imenso repertório de leitura a ser conhecido além dos muros do já tão explorado cânone brasileiro. As obras canônicas e os clássicos da literatura devem manter o seu espaço assegurado dentro das escolas. Mas, para que os nossos estudantes consigam explorar o universo literário com proficiência, é necessário mostrar que há diversas possibilidades ao seu alcance, dentre elas obras que nasceram próximas a eles e que merecem ser lidas e estudadas, pois fazem parte da nossa cultura local, sendo parte integrante do nosso legado artístico-cultural.

Qual seria, então, o motivo da invisibilização da nossa produção literária, sempre posta à margem ou explorada apenas em momentos dedicados a festejos culturais ou a dias temáticos? Tentaremos ao longo desta pesquisa identificar as possíveis barreiras que ainda existem entre a literatura paraibana e a sala de aula, buscando tecer caminhos para que esse cenário possa ser modificado. Mas antes de iniciarmos as devidas considerações sobre a literatura paraibana e o espaço escolar, iremos aprofundar nossos questionamentos revisitando rapidamente o cenário

artístico-cultural de nosso Estado a fim de verificar em quais espaços as produções literárias da Paraíba se estabeleceram ao longo das décadas.

### **2.1 Uma questão de informação: o cenário literário da Paraíba ao longo dos anos**

A problemática ausência de obras literárias paraibanas nas escolas do Estado, nos leva a pensar sobre a falta de incentivos por parte do governo, em formular programas e ações visando difundir a literatura paraibana nas escolas e incentivos fiscais que possibilitem dar visibilidade à literatura produzida em nosso estado.

Se voltarmos um pouco no tempo, a fim de analisarmos como o cenário literário paraibano se desenvolveu ao longo dos anos, veremos que as produções literárias do estado sempre estiveram em vigor, embora faltassem ações efetivas que ajudassem os escritores paraibanos a publicarem e divulgarem suas obras. Muitos autores recorriam a outros Estados para publicarem e darem notoriedade as suas produções, fato que ainda hoje permanece presente, com a ida de autores paraibanos para estados do eixo sul-sudeste a fim de consolidarem uma carreira no âmbito nacional. Para fins didáticos e pelo curto período de tempo, visto que este não é o foco de nossa pesquisa, analisaremos, brevemente, o cenário literário paraibano a partir da década de 1910 até os dias atuais, refletindo sobre a circulação das obras paraibanas ao longo dos anos.

Durante o início do século XX, o cenário literário paraibano, assim como o nacional, estava diretamente ligado à imprensa local. Os jornais que circulavam na época impulsionavam e divulgavam as produções literárias servindo, também, como editoras que publicavam as obras dos escritores locais. O jornal *A imprensa*, criado ainda no final do século XIX, em 1897 - funcionando até 1986 - pelo Bispo D. Aduino Aurélio de Miranda Henriques foi um dos primeiros a editar e publicar obras paraibanas na década de 1910.

O jornal *A imprensa* “possuía uma tipografia própria, situada na Capital paraibana, João Pessoa, no qual outros jornais e livros eram impressos, tornando-se relevante para a época e contribuindo com as práticas culturais editoriais da sociedade paraibana” (COSTA, 2011. p. 12). Assim, o jornal contribuiu com o cenário literário-jornalístico da época publicando noticiários, livros, formulários, boletins, conferências, revistas, cartas pastorais, discursos, folhetos, entre outros que alimentavam, principalmente, a elite cristã da Paraíba.



Em 1905, a Paraíba contava com a revista *Philippea*, fundada por Coriolano de Medeiros. Barbosa (2009, p. 33) define a revista como “literária, comercial, agrícola, política, religiosa, científica, artística, industrial e humorística”, tratando de temas variados, mas contribuindo, apesar do pouco tempo de circulação, com a divulgação da produção literária paraibana. Francisco Joaquim Pereira Barroso, um dos redatores da revista, destaca-se durante este período por suas contribuições na imprensa e nas artes cênicas do estado. Além disso, também foi redator de vários periódicos na Paraíba e diretor da *Gazeta do Comércio*.

Nas décadas de 20 e 30, a Paraíba demonstrava uma constante evolução cultural, passeando pelo modernismo vigente da época com o raiar da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. Duas organizações despontaram durante este período trabalhando em prol do cenário literário-jornalístico da Paraíba: O Jornal *A União* e a Revista *Era Nova*. José Octávio, em um artigo publicado no suplemento literário *Correio das Artes*, em 1979, comenta sobre a importância do Jornal *A União* na época:

*A União* que funcionava como verdadeira universidade, no sentido de que arregimentava valores, formava-os, e ainda publicava livros, sustentando, ao mesmo tempo, inéditas campanhas, liga-se na época, à versátil figura de seu diretor Carlos Dias Fernandes que, dirigindo-a de 1913 a 25, a converterá, nas palavras de Nelson Lustosa Cabral, em “um templo da inteligência”. (OCTÁVIO, 1979, p.16)

Vejamos que o jornal já circulava desde a década de 1910 e consolidava o seu espaço também no cenário político do estado. O Jornal tornou-se referência para o movimento artístico-cultural paraibano, sendo a direção de Carlos Dias, uma das mais notáveis e significativas para o jornal. Com o passar dos anos, percebeu-se a necessidade de dedicar um espaço específico no jornal para se debater sobre o cenário cultural do Brasil e da Paraíba. Criou-se assim o Suplemento Literário *Correio das Artes*, do qual falaremos mais adiante.

Ainda em 1909, o jornal *A União* ganha um nome de destaque como colaborador regular: Augusto dos Anjos. Garantindo a publicação de seus poemas e crônicas em periódicos e jornais, Augusto dos Anjos manteve-se ativo, apesar de ter se afastado da Paraíba em 1910, publicando em títulos paraibanos como o *Almanaque do Estado da Paraíba*, *O comércio*, *A União*, *O Norte*, *Terra Natal* e *Era nova*, onde publicou a maioria de seus poemas que posteriormente foram reunidos em seu único livro de poesias publicado: *Eu*.

Já a Revista *Era Nova*, manteve-se em funcionamento durante quatro anos e, apesar do pouco tempo em atividade, teve a sua relevância assegurada, ao cair nas graças da opinião

pública da época, bem como a obtenção do patrocínio direto do governo do então presidente da Paraíba, Solon de Lucena, sendo também a principal divulgadora do Movimento Modernista na Paraíba:

Como símbolo e porta-voz do grupo, despontará a revista ilustrada “Nova Era”, um dos marcantes episódios de toda evolução cultural da Paraíba. Originária da década anterior e aclimatada na capital do Estado, graças ao patrocínio direto do Presidente Solon de Lucena, que tinha como oficial de gabinete o próprio filho, Severino, diretor da publicação, impressa nas oficinas do órgão oficial A União - , Era Nova, que tirou 91 números entre Março de 1921 e Dezembro de 1925, impôs-se por seu padrão gráfico, gabarito editorial, e prestígio que obteve junto à nascente opinião pública paraibana que, por meio dela, também tomava conhecimento da marcha da administração. (OCTÁVIO, 1979, p. 18)

Com seu primeiro exemplar publicado em março de 1921, a revista “*Era Nova*” funcionou como um veículo de divulgação, não só do cenário literário paraibano, mas também das mais diversas manifestações culturais brasileiras, abrindo “espaço para a crônica literária, a moda, as artes plásticas, os anúncios, a ficção e a poesia.” (SALES, 2005. p. 157). Dentro da revista, havia uma seção dedicada à publicação de escritos de autores paraibanos. Intitulada de “Novela”, essa seção “era reservada aos novos escritores e poetas paraibanos, estimulados, assim, a manifestarem seu talento literário”. (BARBOSA, 2009. p. 21).

Horácio de Almeida, um de seus fundadores, foi um dos escritores paraibanos ativos no cenário literário da época. Após um período afastado das terras paraibanas, retorna na década de 50 e volta a participar ativamente da imprensa local, fundando a revista *Reação*, dentre outras. Além disso, ele se destaca por pesquisar e catalogar as publicações de autores paraibanos por quase dois séculos na obra *Contribuição para uma bibliografia paraibana*.

José Américo de Almeida também é um nome de destaque durante este período. Participante assíduo da revista *Era Nova*, também escreveu artigos literários para o jornal *A União* e publicou vários escritos na seção “Novela” da revista *Era Nova*, período no qual publicou seu primeiro livro *Reflexões de uma cabra*, em 1922, e firmou a sua carreira de escritor. Ainda na década de 20, José Américo de Almeida publica *A Paraíba e seus problemas* (1923) e o romance *A Bagaceira* (1928), que o projetou nacionalmente, tornando-se um marco do modernismo brasileiro, no chamado ciclo do romance nordestino da década de 30.

Ainda na década de 20, outra revista também despontava, porém, não tendo a mesma notoriedade e a ampla divulgação que outras que nasceram na época: a revista *Flor de Liz*.

Criada através de um coletivo de mulheres no sertão da cidade de Cajazeiras, essa revista nasce em 1926, trazendo temáticas variadas que iam desde moda à religião, e abriam espaço para que as mulheres pudessem publicar crônicas sobre diversos temas de interesse para a sociedade da época.

Década de vinte. As vanguardas estavam chegando no Brasil. Cajazeiras além de crescer economicamente, vivia o seu apogeu cultural. Na imprensa escrita, a terra de Cristiano Cartaxo tinha posição avançada. Circulavam vários jornais e uma revista mensal ilustrada. Em João Pessoa, a revista Era Nova era porta-voz do movimento de renovação cultural. Em Cajazeiras, a Flor de Liz era a flor da modernidade sertaneja. (...). Tinha como marca maior a presença da mulher paraibana, falando com inteligência de moda, família, arte, religião, liberdade e de temas que fossem interessantes para a sociedade. (ROLIM, 1996, p. 1 apud SALES, 2005, p. 138)

A revista *Flor de Liz*<sup>3</sup> destaca-se por ser um dos primeiros veículos impressos exclusivamente feminino a circular na Paraíba. Em uma época onde as mulheres eram diretamente ligadas ao lar e aos afazeres domésticos, ter uma revista escrita por mulheres rompia com os padrões patriarcais, que inclusive se mantiveram em outras revistas que circularam no Estado nesta mesma época, onde a presença masculina nas publicações era majoritária.

É pertinente destacar que, apesar das dificuldades da época com transportes, material de impressão, meios de comunicação etc, o nível das matérias da revista, sempre de cunho literário ou educativo, era excelente, contribuindo assim para desmanchar os laços que cristalizavam a mulher nos papéis sociais de esposas e mães, pois esses laços que enfeitavam as mulheres do passado eram os mesmos que as prendiam em casa. (SALES, 2005, p. 138)

A revista tornava-se, então, revolucionária, na medida em que mostrava que as mulheres podiam ter autonomia para fazerem algo além das imposições domésticas exigidas pela sociedade. Uma das colaboradoras da revista *Flor de Liz* foi a escritora Analice de Caldas Barros. Apesar de não ter participado da fundação da revista, Analice Caldas se destaca por ser um importante nome na luta em prol da emancipação da mulher, publicando poemas e artigos em várias revistas e jornais paraibanos como *Ilustração*, *A União* e *A Imprensa*. Além disso,

---

<sup>3</sup> O acervo digital do curso de história da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) traz algumas edições da revista Flor de Liz, resgatadas pelo professor Isamar Gonçalves Lôbo e que podem ser acessadas através do link: <http://cfp.ufcg.edu.br/portal/index.php/idades-academicas/uacs/85-ensino/uacs/ndhdl/646-ndhdl-documentos>.

possuía uma coluna na revista *Era Nova*, onde escrevia depoimentos das personalidades do meio artístico-cultural e político da sociedade paraibana. Em sua cidade natal, Alagoa Nova, Analice Caldas colaborou com a revista *Folha*, na qual, junto com outras escritoras paraibanas, difundiu as ideias feministas através de seus escritos.

Um dos primeiros veículos de divulgação da Paraíba dedicado a comentar e discutir sobre a produção literária do Brasil, o suplemento literário *Correio das Artes*, foi criado em março de 1949, como parte integrante do jornal *A União*, na cidade de João Pessoa. Funcionando até os dias de hoje, o *Correio das Artes* foi responsável por manter viva a tradição artístico-cultural paraibana, reservando algumas de suas páginas a homenagear autores já consolidados no Estado e também autores que estavam iniciando a sua jornada no universo da literatura.

Com o *Correio das Artes*, criou-se também um espaço para que a crítica literária paraibana pudesse florescer, dada a presença de colunas dedicadas à publicação de artigos analisando os movimentos literários e autores que mantinham ativas as produções literárias do estado. Além do suplemento literário, a editora do Jornal *A União* também publicava com certa periodicidade coletâneas de contos, crônicas, poesia e crítica literária que haviam sido publicados no *Correio das Artes*, permitindo que anualmente os leitores e assinantes do Jornal pudessem ter acesso às produções literárias dos escritores locais.

As décadas de 60, 70 e 80 também foram muito importantes para a literatura paraibana. Nessa época surgiram movimentos vanguardistas organizados por alguns escritores paraibanos, que visavam aflorar no estado o espírito de vanguarda que já estava em voga no sudeste do país. Surgiram assim alguns grupos que originaram revistas importantes para a valorização e divulgação dos escritores paraibanos.

Na década de 60 surge, em João Pessoa, o grupo Sanhauá, movimento que revelou nomes importantes na poesia paraibana e que permanecem publicando e movimentando o cenário literário do Estado até os dias de hoje. Ainda trazendo as premissas do movimento modernista, o grupo Sanhauá manteve-se focado em adentrar nos espaços do lirismo livre, buscando uma poesia de linguagem simples, afastando-se do verso tradicional e dos lirismos subjetivistas. Nomes como Marcos dos Anjos e Sérgio de Castro Pinto se destacaram na manutenção e organização do movimento, mantendo acesa as produções literárias na cidade de João Pessoa.

Apesar de surgir em sintonia com as experimentações de vanguarda que afloravam no Sudeste do país, o grupo Sanhauá preocupou-se em trazer uma identidade própria ao movimento. Sérgio de Castro Pinto, em entrevista ao jornal *A União*<sup>4</sup>, de 2017, afirma que a busca por elementos regionais e indenitários foi importante para o movimento, porém com o cuidado de não se ater a estereótipos ou caricaturas.

Sanhauá não se submeteu ao jugo do ideário vanguardista, uma vez que procurou submetê-lo à nossa realidade, resultando daí um profundo sentimento de nordestinidade não só com referência à exploração dos núcleos temáticos como também no que diz respeito à escolha de uma linguagem de extração regional, isto, no entanto, sem incorrer no equívoco de exaltar o meramente pitoresco. (PINTO, 2017.)

Por surgir em uma época demasiado complicada para escritores e artistas, no geral, o grupo Sanhauá mostrou-se resistência apesar do regime militar vigente e da falta de incentivos governamentais que impulsionassem o cenário literário da época. Marcos do Anjos, em editorial publicado no único volume da revista *Couro* (1967), escancara no ensaio “Problemática e necessidade da poesia de vanguarda”<sup>5</sup> a resiliência do Grupo Sanhauá frente os entraves que surgiram na época.

pronto, aqui estamos: um bando de jovens que pensa em arte e cultura, que não tem o comodismo dos escreventes oficiais muitas vezes subvencionados. o grupo sanhauá, coeso e coerente, pouco a pouco se fez presença na poesia, contos, crítica, ensaios, cinema, teatro, artes plásticas, etc., sem auxílios de governos, instituições e pessoas: só o mérito e a capacidade de cada um. ontem e hoje as edições sanhauá. hoje, amanhã e depois, as edições sanhauá e couro. (ANJOS, 1967.)

O grupo também buscava romper com a estética do livro impresso, assumindo um editorial artesanal, mimeografando os textos e confeccionando as capas das edições em papéis de embrulhar ilustrados com xilogravuras. Após alguns anos movimentando o cenário literário, o grupo Sanhauá encerrou suas atividades em 1970 com a publicação do livro “A ilha na ostra” de autoria de Sérgio de Castro Pinto. Posteriormente, em 1979, a editora da Universidade Federal da Paraíba lança a antologia poética do Grupo Sanhauá, rememorando as produções dos integrantes do movimento.

Também na década de 60, surge em Campina Grande a *Revista Centenária* (1963), dedicada a “divulgação dos trabalhos de poetas e escritores paraibanos, sobretudo os

<sup>4</sup> Disponível em: [https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno\\_cultura/sergio-de-castro-pinto-lanca-hoje-o-seu-livro-2018folha-corrída2019](https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/sergio-de-castro-pinto-lanca-hoje-o-seu-livro-2018folha-corrída2019)

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.carlosromero.com.br/2021/09/meninos-eu-vivi.html>

campinenses” (SANTOS, 1994. p. 80). Durante o período de circulação, a revista publicou contos, ensaios, crônicas e poemas, chegando a ter Ariano Suassuna como um de seus colaboradores. Posteriormente, Campina Grande recebe a *Revista Campinense de Cultura* (1964), que se transforma em um veículo de comunicação cultural, tendo como foco principal as ciências sociais e a literatura. A revista ficou ativa até 1966, chegando a receber uma verba do então prefeito da época, Williams Arruda, para garantir a circulação na cidade. Dentre os colaboradores, destacam-se Elpídio de Almeida, Raimundo Asfora, Waldemar Duarte, José Américo de Almeida, entre outros.

Já na década de 70, a Rainha da Borborema lança a *Revista Garatuja* (1977), que acompanhou o espírito de vanguarda do Movimento Sanhauá, propondo um espaço que pudesse difundir e viabilizar a literatura local, servindo como um mecanismo de divulgação da poesia e demais manifestações literárias da cidade e região.

Revista de contos e poesias, fundada em Campina Grande, com o objetivo de reunir a produção literária dos autores novos que não tinham acesso às editoras oficiais ou não podiam custear a publicação de suas obras. Por outro lado, também traduzia o espírito de inconformismo estético face ao marasmo artístico que envolvia a vida provinciana. (SANTOS, 1994. p. 113)

A *Revista Garatuja* garantia, assim, um espaço reservado às produções literárias paraibanas, contribuindo para que essas obras pudessem chegar ao público, ajudando diversos escritores que estavam iniciando no universo da escrita literária. Nomes como Bráulio Tavares, Marcos Agra, José Antônio Assunção, Antônio Moraes, entre outros, fizeram da *Garatuja* um receptáculo da literatura paraibana, garantindo à cidade um momento de inovação cultural, rompendo também com os diversos padrões estéticos vigentes à época.

Nessa década, Campina Grande recebe também o Congresso Brasileiro de Teoria e Crítica Literária, organizado pela professora Elizabeth Marinheiro. Durante duas décadas, Campina Grande tornou-se o epicentro da crítica literária, recebendo grandes teóricos e estudiosos da área. O congresso deu visibilidade para que o Nordeste recebesse grandes nomes da literatura nacional e internacional que, durante sete dias, promoviam palestras, apresentações e publicações de grande importância. Além da organização e criação deste evento, Elizabeth Marinheiro também foi uma das fundadoras do Mestrado em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, conquistando também o título de primeira mulher a ocupar um assento na Academia Paraibana de Letras.

Em 1983, a Paraíba recebe a revista *Presença Literária*, dedicada à literatura e à divulgação das artes em geral, tendo como diretor Damião R. Cavalcanti e nomes como Políbio Alves participando da edição. No final da década de 80, surge em João Pessoa a revista *Usina* (1988), editada pela FUNESC, tendo como editor o poeta Sérgio de Castro Pinto. A revista possuía uma parte dedicada à literatura, onde eram publicados poemas, contos e crônicas de vários autores, nem sempre paraibanos.

Alguns movimentos culturais também ajudaram a movimentar o cenário artístico paraibano. É o caso do *Festival de Inverno* (1975), na cidade de Campina Grande, que, apesar de não ser dedicado à literatura, ainda é um movimento de grande importância para a arte no geral, com destaque para a dança, música e o teatro.

As feiras literárias também se destacam atualmente. Movimentos como a *Festa Literária de Boqueirão (FLIBO)*, criada em 2010, que possui encontros anuais e reúne escritores, professores e amantes da literatura, garantem a movimentação da literatura paraibana nos dias atuais, trazendo em suas edições autores paraibanos que são homenageados em mesas-redondas e debates que promovem a divulgação de suas obras àqueles que, porventura, ainda não acompanham o cenário literário da Paraíba. Seguindo essa estética, em Campina Grande, a Feira literária de Campina Grande (FLIC) surge em 2018 buscando incentivar a cultura leitora na cidade, trazendo diversas programações culturais e dando destaque a novos escritores paraibanos.

Atualmente, os jornais e suplementos literários não possuem a mesma força de divulgação e suporte à literatura paraibana. Poucos resistiram à era da tecnologia e ao progresso que acabou substituindo o jornal impresso, pelas plataformas digitais. Um dos poucos suplementos literários que ainda circulam no estado é o *Correio das Artes*, que dedica suas publicações a ensaios e artigos sobre crítica literária, homenageando também escritores locais, além de publicar contos, crônicas e poemas. Em Campina Grande, a revista *Blecaute* (2008) mantém-se ativa, apesar de alguns anos sem publicações, em 2020 a revista retorna trazendo artigos e ensaios sobre literatura, além de trazer sempre em suas capas obras de artistas visuais paraibanos.

As editoras das universidades também se configuram como fonte importante para a publicação de obras paraibanas. Atualmente, temos três instituições que se destacam nas publicações das obras de autores paraibanos: a UFPB, UFCG e UEPB. Além de publicarem livros teóricos e acadêmicos, essas universidades também abrem espaço para a publicação de

coletâneas de contos, poemas, cordéis e outros gêneros literários produzidos no estado da Paraíba.

Fica clara a importância dos jornais, revistas e periódicos para o cenário literário da Paraíba, principalmente no início do século XX. Barbosa (2009, p. 22), afirma que “naquela época as revistas e periódicos, ao mesmo tempo que divulgavam as obras de ficção, também se encarregavam de divulgá-las e propagá-las, principalmente no que diz respeito à participação do leitor”. Sendo assim, esses veículos de divulgação eram a ponte entre as obras e o público, fazendo com que as produções literárias não ficassem restritas apenas à classe intelectual da época, embora os jornais e periódicos tivessem como público principal a elite da sociedade paraibana, estas publicações, ainda assim, eram relativamente acessíveis aos demais públicos.

Outro ponto importante a ser discutido é a notória dificuldade que os escritores paraibanos encontravam para permanecer no estado solidificando a carreira de escritor por estas terras. A grande maioria dos escritores paraibanos aqui citados, bem como a grande parcela dos escritores do século XX até os dias atuais, precisaram deixar a Paraíba para investir e dar mais visibilidade às suas obras. Sendo assim, destinos como Rio de Janeiro e São Paulo eram os mais procurados e, geralmente, esses escritores estabeleciam um novo lar no eixo sul-sudeste e por lá ficavam.

Políbio Alves, escritor paraibano, em nota no seu livro *O que resta dos mortos* (2003), fala um pouco sobre a dificuldade em fazer literatura no Nordeste e como a falta de incentivos para a publicação das obras acarreta, muitas vezes, na decisão dos escritores de abandonarem sua terra natal em busca de mais visibilidade no eixo sul-sudeste:

De modo geral, aqueles que fazem literatura por esses quintos dos infernos, por exemplo, têm pelo menos uma certa dose de coragem e heroísmo. Diante do desprezo e da indiferença, quando se quer codificar a produção cultural como supérflua ou inútil. A profissão de escritor ou poeta não existe. Essa situação não me vergou. Hoje festejo o ofício de escrever com uma proposta de trabalho ao descaso que me foi imposto. (ALVES, 2003. p. 19)

Vejamos, então, que a falta de recursos que possibilitem aos escritores meios de publicarem e divulgarem suas obras continua sendo um dos problemas que afetam as produções literárias paraibanas. A falta de investimento na educação e cultura em nosso país sempre foi evidente. No Nordeste este problema amplia-se visto o descaso governamental, ainda enfrentado por nossa região. Além disso, embora a Paraíba tenha mantido, ao longo das



décadas, movimentos culturais que permitissem certa visibilidade à literatura produzida no estado, esses movimentos, ainda que importantes, acabaram não adentrando os muros da escola, restringindo-se às pessoas que já frequentavam o meio artístico e aos apaixonados por literatura.

O acesso à produção literária paraibana sempre existiu, e o cenário movimenta-se atualmente com diversos escritores contemporâneos que ainda publicam e divulgam suas obras. Se há uma constante produção e acesso viabilizado para a circulação dessas obras, embora não seja amplamente difundido, por que a literatura paraibana ainda se mantém afastada do espaço escolar? Tentaremos responder a este questionamento no tópico seguinte.

## **2.2 A literatura paraibana e a academia**

Se pensarmos que as Universidades, mais especificamente os cursos de licenciatura, são responsáveis pela formação profissional do professor, perceberemos, então, que grande parte da conduta profissional e de ações didáticas que serão produzidas pelos docentes trará uma parcela de responsabilidade da Universidade em que este profissional foi formado. Sabemos que a formação do professor é uma discussão complexa e que envolve diversos fatores - internos e externos à Universidade - e não iremos nos aprofundar nas nuances da formação profissional do professor nesta pesquisa.

O que queremos trazer neste momento é uma reflexão acerca da formação dos professores de Língua Portuguesa, do estado da Paraíba, que podem estar diretamente ligados à ausência da leitura de autores paraibanos nas escolas públicas do Estado. As principais Universidades responsáveis por formar estes profissionais, no Estado da Paraíba, são a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Essas três Universidades formam uma grande parcela dos profissionais que irão atuar nas escolas públicas da Paraíba. Assim, iremos focar nestas três instituições para analisar o seguinte questionamento: os cursos de Letras - Língua Portuguesa (doravante LP), da Paraíba, promovem o estudo de autores paraibanos em suas grades curriculares?

Para respondermos a este questionamento, analisamos, inicialmente, os fluxogramas dos cursos de Letras destas Universidades, a fim de verificarmos se havia alguma disciplina ofertada

que proporcionasse o estudo de obras e autores paraibanos aos alunos. Começando pela UFPB, verificamos que o curso de Letras (LP) desta instituição possui oferta em dois campus: o campus I, localizado na cidade de João Pessoa, e o campus IV, localizado em Mamanguape e Rio tinto. Ao analisarmos os fluxogramas, nas disciplinas de Literatura, vemos que as obrigatórias são divididas entre disciplinas que abarcam as Teorias Literárias, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa.

Sendo assim, o possível espaço reservado para um momento de abordagem ou estudo de alguma obra literária paraibana não fica evidente nas disciplinas obrigatórias da grade curricular. Obviamente, durante o percurso de ministração das aulas nas disciplinas de Literatura brasileira, o professor teria a abertura necessária para incluir a leitura e análise de autores paraibanos neste espaço. Ficando, assim, a critério do professor, fazê-lo. Porém, ao analisarmos os fluxogramas<sup>6</sup>, vimos que nas ofertas de disciplinas optativas há a possibilidade de cursar a disciplina “Literatura Paraibana”, que possui uma carga horária de 60h. Fica, então, a critério dos alunos a disponibilidade de conhecer e estudar as obras e autores regionais.

É importante frisar que, apesar da possibilidade de oferta da disciplina, nem sempre ela poderá ficar disponível na grade curricular, já que a sua oferta depende da disponibilidade de alguém para ministrá-la, o que nem sempre ocorre, tendo também a disponibilidade de oferta, mas não ocorrendo a procura dos alunos em matricular-se na disciplina, o que acarretaria no cancelamento desta no semestre seguinte. Há também a possibilidade de o aluno cursar a disciplina “Literatura popular”, igualmente de caráter optativo, sendo mais uma opção que poderá promover a abordagem de autores paraibanos, principalmente no âmbito da literatura de cordel.

Já na UFCG, os cursos de Letras (LP) possuem oferta no campus I, na cidade de Campina Grande, e no Centro de Formação de Professores localizado no campus da cidade de Cajazeiras. Ao observar os fluxogramas dos referidos cursos, constatamos que as disciplinas obrigatórias que contemplam a área de literatura, assim como na grade curricular da UFPB, se concentram em teoria da narrativa e teoria da poesia, literatura brasileira e literatura portuguesa e Literatura Africana de Língua Portuguesa. Há uma pequena variação nas disciplinas ofertadas no campus da cidade de Campina Grande, que possui a disciplina Literatura Infanto-juvenil como obrigatória, o que não ocorre no campus de Cajazeiras. No campus de Campina Grande também foi possível verificar a presença das disciplinas “Literatura Popular” e “Literatura

---

<sup>6</sup> Todos os fluxogramas estão disponíveis para consulta nos anexos desta pesquisa.

Paraibana" como optativas. Sendo, possivelmente, ofertadas de forma esporádica, conforme seja a demanda de oferta e de docentes interessados em ministrar a disciplina.

A oferta do curso de Letras (LP) da UEPB, ocorre em quatro campus: no campus I, na cidade de Campina Grande, no campus III, que fica em Guarabira, e no campus IV, em Catolé do Rocha e na cidade de Monteiro, campus VI. Assim como nas instituições anteriores, as disciplinas obrigatórias comportam, no âmbito da literatura, disciplinas que envolvem as teorias literárias, literatura brasileira e literatura portuguesa. Quando analisamos as disciplinas eletivas, os campus de Campina Grande e Guarabira, ofertam a disciplina literatura popular, que abre espaço para eventuais estudos de obras de autores regionais.

Já o campus de Monteiro, se destaca ao oferecer as disciplinas Teatro paraibano, Prosa paraibana, Poesia paraibana e Literatura popular que, embora não sejam ofertadas em todos os semestres, proporcionam a abordagem de autores e obras paraibanas aos alunos da graduação. Apesar de estarem disponíveis no currículo isso não garante a oferta, mas abre a possibilidade de ser ofertada.

Apesar dessas três instituições possuírem disciplinas optativas que possibilitem a abordagem de autores paraibanos durante o curso, nem todo o semestre as mesmas disciplinas optativas são oferecidas, fazendo com que em algum momento a disciplina não esteja disponível para os alunos de alguns semestres. Vejamos, então, que a ponte de contato entre os alunos em formação e as obras paraibanas será o intermédio do professor, que, muitas vezes, pode não encontrar espaço nas disciplinas obrigatórias para tal abordagem. Neste caso, não há como definir uma regularidade para que os alunos tenham acesso ao estudo desses autores, ficando reservado este espaço para as eventuais ofertas nas disciplinas optativas.

Ainda assim encontramos nessas três instituições, mesmo que de forma um pouco tímida em alguns casos, a presença do estudo de obras paraibanas, seja com o gênero cordel ou o texto dramático em uma abordagem na disciplina literatura popular ou os demais gêneros literários em disciplinas realmente voltadas para o estudo da literatura paraibana.

Visando entender um pouco mais sobre a abordagem - ou a falta - de autores paraibanos nas Universidades do Estado, aplicamos um questionário<sup>7</sup> com alguns estudantes dos cursos de

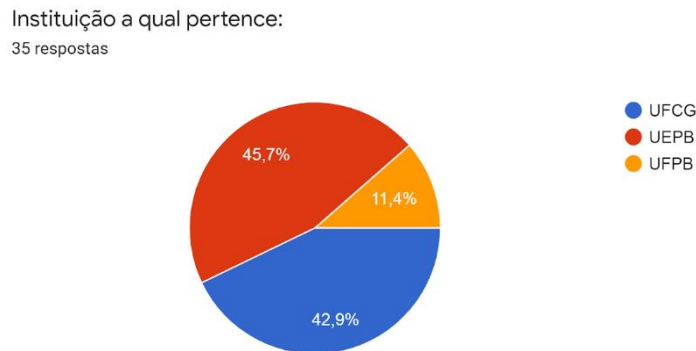
---

<sup>7</sup> O questionário está disponível para consulta nos anexos desta pesquisa.

Letras (LP) da UFPB, UFCG e UEPB. As respostas desse questionário nos ajudarão a refletir um pouco sobre até que ponto a literatura paraibana é estudada nessas universidades.

Ao todo trinta e cinco estudantes participaram da pesquisa e responderam o questionário. Temos alunos do primeiro ao nono período do curso, estando a maioria matriculados no turno diurno. O gráfico abaixo mostra a porcentagem de estudantes conforme a instituição à qual pertencem:

**Gráfico 1** – Instituição à qual pertencem

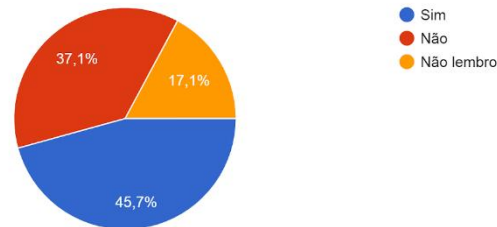


**Fonte:** Dados da pesquisa

Vejamos que a maioria dos respondentes foram da UEPB e da UFCG. Sendo um total de dezesseis alunos da UEPB, quinze da UFCG e quatro estudantes da UFPB. Iniciamos a abordagem indagando se os alunos recordam de terem estudado alguma obra ou autor paraibano até o presente momento em que se encontravam no curso. Como resposta obtivemos as seguintes porcentagens: 45,7% dos estudantes responderam que em algum momento do curso estudaram algum autor paraibano, 37,1% afirmaram ainda não terem estudado obras ou autores paraibanos e 17,1% não lembravam.

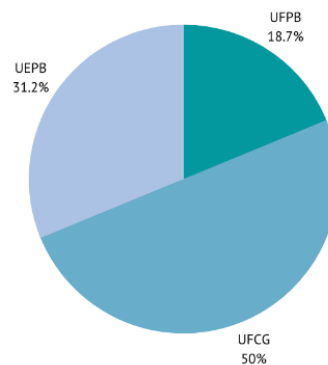
**Gráfico 2** – Estudo de autores paraibanos durante a graduação

Você já estudou algum escritor (a) paraibano durante a graduação?  
35 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa

Abaixo, podemos observar o gráfico de porcentagem por instituição de ensino, dentre os estudantes que afirmaram ter tido algum tipo de contato com a literatura paraibana durante a graduação. Vejamos que os estudantes da UFCG foram a maioria, seguidos pela UEPB e, por último, pelos da UFPB.

**Gráfico 3** – Estudantes que tiveram contato com a literatura paraibana por instituição

**Fonte:** Dados da pesquisa

Observando o gráfico acima, vemos que menos da metade dos entrevistados tiveram contato com a literatura paraibana durante o curso. Se considerarmos que temos estudantes do início à reta final do curso, veremos que os dados são significativos ao informar que ainda não

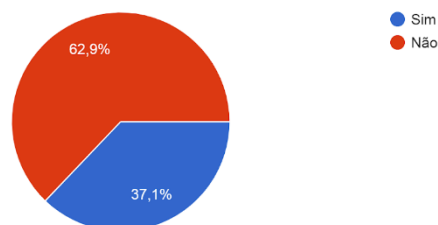
há de fato o contato efetivo desses estudantes com a literatura paraibana durante o decorrer do curso. Isso nos leva à discussão proposta anteriormente sobre a análise dos currículos das referidas instituições. Se não há algo instituído, não há como se trabalhar ou ofertar estudos voltados ao cenário literário paraibano. Dessa forma, uma modificação na estrutura curricular já garantiria mais espaço para o estudo das obras e autores paraibanos dentro dessas universidades.

A ausência de uma disciplina institucionalizada como obrigatória e voltada para a literatura local não permite um contato efetivo com essas produções durante a formação inicial do professor. Ser obrigatória garantiria que todos os alunos da graduação passariam por tal disciplina. Dessa forma, a probabilidade de um professor formado nessas instituições utilizar, em seu repertório de aulas, obras de autores paraibanos aumentaria.

Como vimos acima, os fluxogramas dessas universidades apresentam, na maioria dos campi, cerca de duas disciplinas optativas que podem abarcar o estudo de autores paraibanos, porém essas disciplinas nem sempre são ofertadas em todos os semestres. Dito isto, perguntamos aos participantes desta pesquisa quantos já haviam cursado ou tido conhecimento de disciplinas voltadas para a abordagem da literatura paraibana. Obtivemos as seguintes respostas:

**Gráfico 4** – Disciplinas sobre autores paraibanos na graduação

Já cursou ou teve conhecimento de alguma disciplina voltada para o estudo de autores paraibanos?  
35 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa

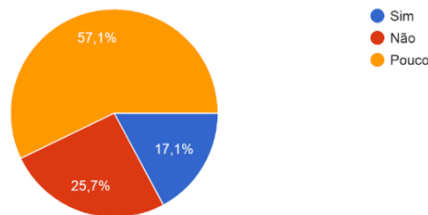
Quase 63% dos entrevistados afirmaram não terem cursado, nem tido conhecimento de disciplinas que envolvessem o estudo de obras ou autores paraibanos. Dado considerável e que

nos mostra que, apesar da oferta de disciplinas em algum momento do curso, que proponham o estudo de obras literárias paraibanas, ainda assim parte dos estudantes aparenta desconhecer a oferta destas disciplinas e conseqüentemente acabam por encerrar o curso sem ter tido um contato efetivo com produções literárias do nosso estado.

A maioria dos estudantes que afirmaram conhecer ou ter contato com alguma disciplina voltada para o estudo de obras ou autores paraibanos informou que estas disciplinas eram optativas e ofertadas de forma esporádica durante os semestres. Perguntamos, então, se os entrevistados acompanhavam ou consideravam ter um bom conhecimento sobre as produções literárias paraibanas. Obtivemos as seguintes respostas:

**Gráfico 5** – Estudantes que acompanham o cenário literário paraibano

Você acompanha o cenário literário paraibano ou considera ter um bom conhecimento acerca da literatura paraibana?  
35 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa

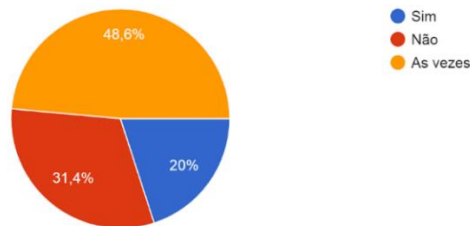
Mais da metade dos entrevistados afirmou conhecer pouco o cenário literário paraibano. 25,7% afirmaram não acompanhar e não conhecer a literatura produzida no estado e, apenas 17,1% afirmaram acompanhar e conhecer a literatura paraibana. Vejamos que a maioria dos estudantes não acompanha de fato as produções literárias paraibanas, portanto, se durante a formação inicial este professor não conhece ou não tem acesso à literatura paraibana, as chances dessas produções chegarem à escola por intermédio deste professor são muito baixas.

Questionamos ainda se os estudantes costumavam incluir autores e obras paraibanas em seu repertório de leituras. Apenas 20% afirmaram incluir a literatura paraibana em suas rotinas de leitura, enquanto 48,6% indicaram que às vezes liam autores paraibanos e 31,4% afirmaram não ler. Para um professor, especialmente de literatura ou Língua portuguesa, a seleção de obras literárias que irão compor e guiar a sua metodologia de ensino advém sobretudo de seu

repertório de leitura. Obviamente as obras selecionadas devem seguir e corroborar o que se pretende trabalhar em sala, mas para que elas adentrem a sala de aula e cheguem até os alunos, primeiramente, devem fazer parte da rotina de leitura do professor.

**Gráfico 6** – Autores paraibanos e repertório de leitura

Você costuma incluir autores paraibanos no seu repertório de leituras pessoais?  
35 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa

Sendo assim, é comum que levemos para os nossos alunos aqueles autores ou obras que conhecemos e até aqueles de que gostamos mais, priorizando, por vezes, os nossos escritores favoritos. Dessa forma, a falta de conhecimento ou interesse em se ler e acompanhar o cenário literário paraibano durante a formação inicial dos professores pode ser o fator primordial que leva à não abordagem da literatura paraibana nas escolas do estado.

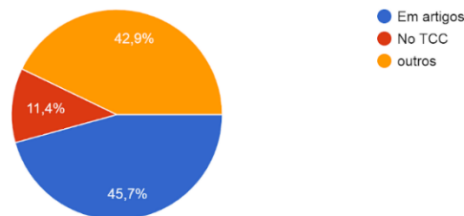
Para finalizar, perguntamos se os entrevistados já utilizaram obras literárias de autores paraibanos para a produção de artigos ou visando abordá-las no trabalho de conclusão de curso (TCC). No gráfico abaixo, vemos que a maioria dos estudantes demonstrou interesse em utilizar a literatura paraibana principalmente na construção de artigos científicos, porém esse interesse diminui referente à utilização de autores paraibanos nas pesquisas de TCC.



**Gráfico 7** – Autores paraibanos utilizados em trabalhos acadêmicos

Já utilizou (ou pretende utilizar) obras ou autores paraibanos em pesquisas para artigos ou no trabalho de conclusão de curso?

35 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa

Nas universidades, o contato com a literatura paraibana vem crescendo, embora ainda não sejam tão comuns entre os estudantes a leitura e o estudo desses autores, o cenário literário paraibano permanece ativo e produtivo. A Paraíba possui cronistas, romancistas, contistas, poetas, dramaturgos e tantos outros escritores conhecidos e estudados, inclusive internacionalmente, mas que ainda não possuem o devido reconhecimento local. Sobre o estudo de autores paraibanos na academia, o escritor paraibano Políbio Alves (2003) traz algumas reflexões:

Essa perspectiva de saber que minha obra está sendo motivo de estudo me entontece. De invulgar alegria. Na verdade, poucos são os que fazem pós-graduação com a escrita de um autor não reconhecido pela mídia. Falar sobre os mortos pode ser mais cômodo. Os mortos não protestam. Não se engane. Estou consciente de que sou um produtor de textos, apenas. E de que habito no nordeste do país. Isto já constitui, de pronto, um estigma. E o mais estranho é que há uma indiferença institucionalizada pelos muitos vivos que vão estudar e fazer pós-graduação sobre os escritores ou poetas do século passado, mesmo sem importância nenhuma. Assim, eles fogem do compromisso com o novíssimo. Não querem investir num autor desconhecido dos grandes centros acadêmicos. É isso. As ilhas culturais existentes neste país estão condenadas a um insano silêncio. Isso não me tira o ânimo. Sequer o meu bom humor. De sobreviver, ainda. (2003, p. 27)

A fala de Políbio Alves nos mostra alguns pontos importantes a serem pensados. Diante das respostas do questionário, podemos ver que atualmente ainda há certa dificuldade nos estudos de autores contemporâneos nas pesquisas acadêmicas, principalmente quando se trata de autores desconhecidos no campo midiático. Para este impasse podemos refletir sobre duas possíveis vertentes: a primeira nos leva à dificuldade em encontrar material teórico para

respaldar as pesquisas referentes a estes novos autores. Ao iniciar uma pesquisa, o pesquisador busca o máximo possível de estudos e materiais anteriores para poder complementar e retificar os seus próprios estudos. As fontes nesse caso, quando não existentes, são bastante rarefeitas.

No caso de pesquisas sobre novos autores, ainda desconhecidos da academia ou da maioria do público, este problema se agrava na falta de material de estudo para complementar a pesquisa, o que pode levar os pesquisadores ao impasse de formularem um estudo inédito com tão pouco material. No caso das pesquisas de mestrado, por exemplo, torna-se quase inviável devido ao curto período de tempo para finalizar a pesquisa e desenvolver os estudos praticamente do zero. Por outro lado, a escassez de fontes é um ponto que torna relevante certos estudos tendo em vista, dentre outras necessidades, a de construção de uma fortuna crítica deste ou daquele autor/a ainda pouco conhecido/a.

O segundo ponto nos leva ao comodismo dos estudos de autores que já possuem tal visibilidade tendo conseqüentemente grande quantidade de materiais de estudo sobre suas obras. Sendo assim, é mais “prático” estudar obras e autores que nos tragam mais respaldo teórico e material de estudo para que, então, possamos iniciar nossa própria pesquisa. Neste caso, mudam-se as temáticas e as abordagens, porém os autores estudados permanecem os mesmos. Às vezes, porém, não há novidade alguma. Muitos estudos centram-se na repetição do mesmo, na construção de paráfrases e acabam “requeitando” o prato já feito.

Outro ponto importante a ser pensado é a existência do que Políbio Alves chama de “ilhas culturais”. Apesar da globalização e dos meios de comunicação em massa conseguirem trazer a ideia de acesso rápido à informação e do conhecimento acessível, ainda assim existem oceanos que nos separam e mantêm essas ilhas culturais vivas e cada dia mais isoladas.

Tratando-se do Brasil, essas ilhas são evidenciadas pela falta de acesso aos bens culturais e de políticas públicas que consigam levar a arte e as diversas formas de produção cultural para além dos muros da elite do nosso país. A maioria das cidades afastadas dos grandes centros urbanos ainda desconhecem a rotina de se visitar a um museu, a um teatro, ir a exposições de arte, dentre outras manifestações artísticas. O próprio cinema, considerado o mais acessível, destas, ainda é inacessível para a maioria da população brasileira que não consegue sequer pagar a entrada nas bilheterias.

O Nordeste brasileiro carrega ainda o estigma de região mais pobre e menos desenvolvida do país. Sendo infelizmente, comumente subestimada intelectualmente pelas

regiões sul e sudeste do país. Fazer arte no Brasil não é fácil, o que dirá quando se nasce no Nordeste. Dessa forma, os artistas paraibanos ainda carregam a dura decisão de abandonarem sua terra natal para tentar ganhar visibilidade nos centros urbanos mais reconhecidos.

A junção desses pontos nos faz acreditar que a problemática ausência do estudo de autores paraibanos nas universidades do estado advém também da falta de incentivos como prêmios literários que divulguem novos autores, incentivos para publicação das obras e programas de divulgação e distribuição de exemplares nas escolas, para que tais estudos ocorram, além das dificuldades referentes ao acesso a algumas obras, que podem interferir no interesse em se realizar pesquisas neste âmbito.

A dificuldade em se encontrar obras de escritores paraibanos se constitui de fato em uma barreira para as pesquisas. Escritores paraibanos do século passado e que não fazem parte do cânone, são os principais afetados pela falta de acesso às obras. Muitas obras que não estão mais em circulação nas livrarias físicas ou digitais, podem ser achadas, com sorte, em alguns sebos culturais que ainda resistem em cidades como João Pessoa e Campina Grande. Porém, nem sempre é possível encontrá-las.

Todos esses pontos podem, de alguma forma, corroborar para a falta da leitura e do estudo de autores paraibanos nas salas de aula do estado. O que nos leva, mais uma vez, a pensar que o primeiro passo para a implementação dessas obras no repertório de leitura dos alunos é através do incentivo dos professores. Portanto, facilitar o conhecimento e o acesso à literatura paraibana nas Universidades públicas do estado pode ser primordial para que isso aconteça.

Dessa forma, o que defendemos aqui é a importância do papel do professor enquanto mediador de leitura na sala de aula. Sabemos que existe a possibilidade de os alunos se aventurarem no cenário literário paraibano por iniciativa própria, mas infelizmente esta é uma possibilidade ainda remota. Sendo assim, o professor continua sendo a principal ponte de incentivo à leitura literária e é através dele que os alunos podem conhecer o universo ainda pouco explorado da literatura paraibana.

### 3. ASPECTOS METODOLÓGICOS: ENCONTROS E DESENCONTROS

Como vimos anteriormente, as produções literárias paraibanas ainda não conseguem alcançar de forma devida o espaço escolar. Parte desse problema acarreta a reflexão sobre a formação profissional do professor e do quanto ele teve acesso às produções literárias produzidas na Paraíba, para que pudesse incluí-las em seu repertório e, posteriormente, promover práticas de leitura de tais obras em sala de aula com seus educandos. Sendo assim, antes de aplicarmos a pesquisa, pedimos aos alunos da turma que respondessem um questionário<sup>8</sup> para avaliarmos até que ponto eles haviam lido ou tido contato com obras e autores paraibanos durante a vida escolar.

#### 3.1 A literatura paraibana e a escola

Os estudantes participantes integram uma turma do 9º ano do ensino fundamental, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rômulo José de Gouveia. A escola localiza-se no complexo habitacional Aluizio Campos, na cidade de Campina Grande (PB). A turma possui 42 alunos matriculados, mas apenas vinte adolescentes, entre 13 e 16 anos, responderam ao questionário, o qual continha perguntas sobre os hábitos de leitura dentro e fora da escola, além de responderem se já haviam estudado ou lido sobre algum escritor paraibano nas aulas de Língua Portuguesa. A grande maioria da turma é composta por meninas. Ao todo quinze meninas e cinco meninos participaram da pesquisa.

Ao responderem se gostavam de ler, a turma dividiu-se entre o “sim” (50%) e o “pouco” (45%), tendo apenas um aluno respondido que “não”. Vejamos então que a maioria dos alunos parecem manter a leitura, até certo ponto, como algo comum em sua rotina. Entendemos que a leitura pode acontecer de diversas formas, sendo um processo que vai muito além da mera decodificação do código linguístico, porém, buscamos avaliar aqui a relação dos alunos com enfoque na leitura literária, não deixando de reconhecer a importância das múltiplas manifestações do letramento literário, bastante discutidas por Cosson (2006). Dessa forma,

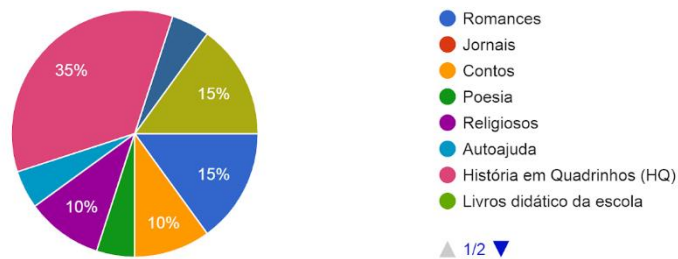
---

<sup>8</sup> O questionário encontra-se disponível para consulta nos anexos desta pesquisa.

buscando entender quais os tipos de leitura estão sendo feitas por estes alunos, questionamos o que eles costumavam ler e obtivemos as seguintes respostas, disponíveis nos gráficos abaixo:

**Gráfico 8 – Tipos de leitura**

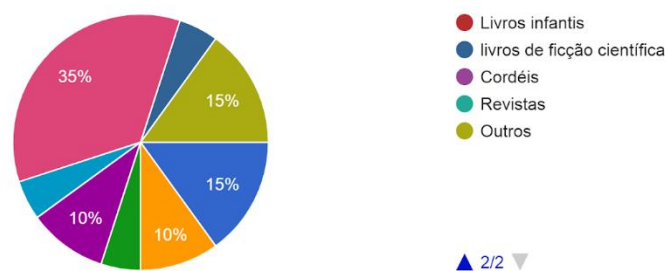
O que você costuma ler?  
20 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa

**Gráfico 9 – Tipos de leitura**

O que você costuma ler?  
20 respostas



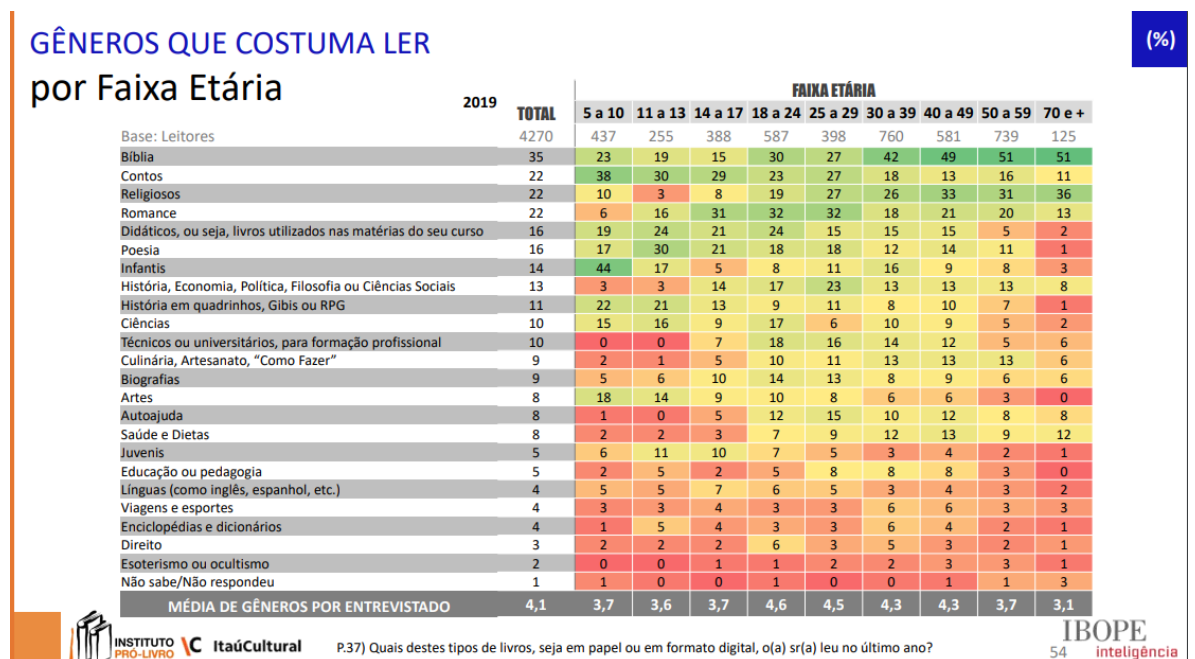
**Fonte:** Dados da pesquisa

As histórias em quadrinhos (HQ) correspondem a 35%, sendo o gênero mais lido. Em seguida, temos o gênero *romance* e outros tipos de leituras não especificadas no questionário.

O gênero *conto* também foi mencionado como uma das opções de leitura dos alunos, temos então, as HQs como principais fontes de leitura desses adolescentes. Dado que pode indicar a preferência dos alunos por uma leitura mais dinâmica e fluida, característica deste tipo de gênero literário. Além disso, a mistura das linguagens verbal e não verbal no texto se torna um atrativo para os adolescentes, que acabam sendo atraídos pelo estímulo visual encontrado nas histórias.

Se comparamos as respostas deste questionário com os resultados obtidos na 5ª edição da pesquisa *Retratos de leitura no Brasil*, vemos que a pesquisa mostra como gêneros literários mais lidos entre a faixa etária de 14 a 17 anos, o romance e o conto, sendo as histórias em quadrinhos uma preferência maior entre a faixa etária dos 5 aos 13 anos de idade. Dessa forma, os estudantes abordados em nossa pesquisa demonstram um interesse de leitura que se afasta um pouco da faixa etária mostrada pela *Retratos de leitura no Brasil*.

**Figura 1 – Gêneros textuais por faixa etária**

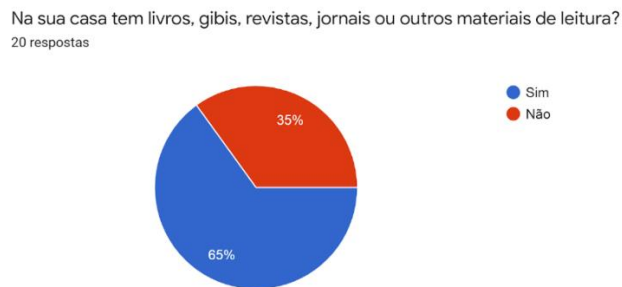


**Fonte:** 5ª edição Retratos de Leitura no Brasil.

Ao questionarmos sobre a disponibilidade de materiais de leitura em suas casas, os alunos apontaram que possuem acesso a materiais variados de leitura. Sendo assim, além da

escola, eles também encontram dentro de casa a possibilidade de exercitar a leitura. Não especificamos neste ponto o acesso a materiais referentes à leitura literária, e obtivemos os dados correspondentes ao gráfico abaixo:

**Gráfico 10** – Materiais de leitura em casa



**Fonte:** Dados da pesquisa

Apesar de mais da metade dos alunos indicarem a presença de materiais de leitura em suas casas, 35% da turma responderam que não tinham acesso a esses materiais. Um dado considerável, se pensarmos que estamos no ano de 2020, onde se espera que o acesso à informação e aos bens culturais estejam cada vez mais ao alcance da população. Zilberman (1991) já apontava alguns fatores que contribuíam para o não consumo de materiais de leitura:

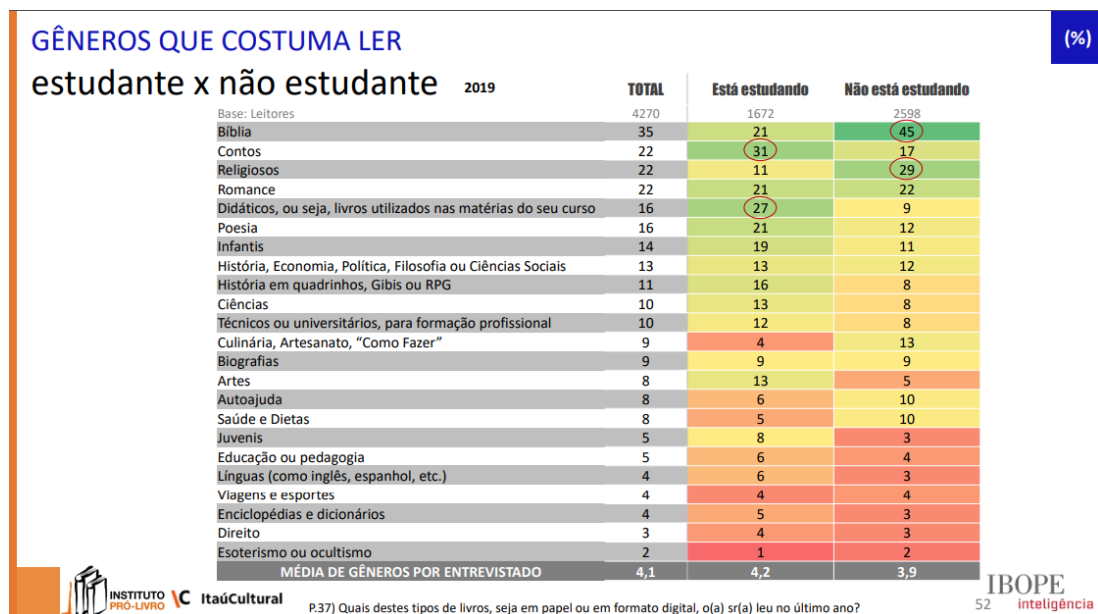
No Brasil, o nível de consumo de material impresso - isto é, de leitura - por parte da população sempre foi baixo. A elevada taxa de analfabetismo, o reduzido poder aquisitivo, a ausência de uma política cultural contínua e eficiente, a influência cada vez maior dos meios audiovisuais de comunicação de massa - eis alguns dos fatores relacionados ao problema, tornando-o ainda mais agudo. (ZILBERMAN, 1991, p. 09)

Vejamos que de 1991 para 2020, muita coisa ainda permanece a mesma. Infelizmente o acesso ao livro impresso, bem como a criação de políticas culturais que facilitem à população o acesso à arte e a diversidade de produção cultural ainda permanecem distantes. Aliada à era das redes sociais e do acesso rápido à informação, a situação tende a permanecer crítica, sendo assim, é cada vez mais difícil tentar aproximar os jovens do universo da leitura literária, visto os inúmeros atrativos que a internet, os jogos digitais, entre outros, oferecem.

Colomer (2007) afirma que “a leitura compartilhada é a base da formação de leitores”. Além da escassa oferta de materiais de leitura em casa, há também a falta de incentivo à leitura no ambiente familiar dessas crianças e jovens. Se considerarmos por nível socioeconômico, a situação se agrava, visto que famílias com baixo poder aquisitivo não possuem acesso a bens culturais, incluindo a compra de livros impressos. Há também o fator da escolaridade, muitos pais que gerem essas famílias não conseguiram concluir os estudos ou ainda fazem parte do percentual de analfabetismo do país. Sendo assim, a prática da leitura, em especial a de textos literários, se faz distante dentro do contexto familiar de muitos brasileiros.

Verificamos também, que o acesso a materiais de leitura nem sempre correspondem aos gostos pessoais dos alunos. Revistas e livros religiosos, por exemplo, foram bastante citados, mas se distanciam das preferências de leitura dos jovens, como mostra a figura 1. A leitura de livros religiosos ou da Bíblia mostrou-se preferência da faixa etária dos 30 aos 70 anos de idade, na pesquisa *Retratos de leitura no Brasil*, predominando principalmente na parcela dos respondentes que afirmaram não estar estudando no momento.

**Figura 2** – Gêneros textuais entre estudantes e não estudantes



**Fonte:** 5º edição Retratos de Leitura no Brasil.

Questionamos também o que os alunos costumavam fazer fora da escola, nos momentos de relaxamento e diversão. Grande parte da turma incluiu como momento de lazer acessar a internet, utilizar as redes sociais, assistir à TV, dentre outros veículos de comunicação em



massa. Respostas como comer, dormir e jogar futebol também foram mencionadas, e apenas dois alunos incluíram a leitura como um momento de lazer em suas rotinas.

A problemática da leitura enquanto fruição vem sendo discutida há décadas e é uma das principais barreiras enfrentadas pelos professores ao tentarem implementar uma rotina de leitura com seus alunos. Em 1973, Roland Barthes colocou em pauta a discussão sobre o que seria considerado uma leitura “prazerosa”, nos mostrando que prazer e fruição são diferentes. Portanto, nesta perspectiva, enxergamos alguns textos como “prazerosos” por nos passarem uma leitura mais tranquila, ou confortável, como ele mesmo caracteriza. Já a fruição traria uma leitura mais “difícil”, com um texto carregado de significações que fariam o leitor refletir, nem sempre de forma positiva, muitas vezes questionando os seus valores e ideologias:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 1987. p. 21)

Vemos então, que, ao considerar a leitura como algo associado ao ambiente escolar, muitas vezes, os alunos acabam por iniciar o distanciamento tanto da leitura do “texto de prazer”, quanto do texto de fruição. Embora a escola acabe por incentivar o texto de fruição, essa leitura que incomoda e rompe com os nossos conceitos nos leva, muitas vezes, à sensação de enfado e desconforto, caso não estejamos prontos a lidar com ela.

O fato de a escola, ocasionalmente, inibir a leitura de “textos de prazer”, poderia então contribuir para o afastamento dos jovens da leitura? Ora, se pensarmos que a leitura de gibis e *best sellers*, considerados por muitos como textos de somenos importância no processo de formação de leitores, contribuem para iniciar as crianças e jovens no universo da leitura, a escola poderia abarcar essas leituras como pontes para a preparação dos jovens para leituras mais densas, ou como Barthes intitula: para os textos de fruição.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz, como uma de suas competências para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, as práticas de leitura que “desenvolvam o senso estético para a fruição”. Sendo assim, cabe ao professor selecionar os textos, criando objetivos que contribuam para que o estudante amplie suas experiências de leitura. Além disso, a Proposta Curricular do Estado da Paraíba, em consonância com as diretrizes propostas na

BNCC, também traz como um dos objetivos de aprendizagem voltados para o 9º ano do Ensino Fundamental, no eixo de leitura:

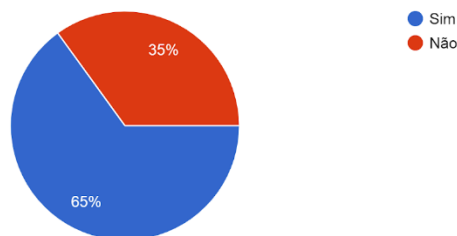
Ler, de forma autônoma e apreciativa, textos literários, reconhecendo a intertextualidade com outras manifestações artísticas, assim como suas especificidades e seu valor nos múltiplos olhares sobre as identidades e culturas, perpassando os valores humanos e considerando a autoria e o contexto sócio-histórico de produção. (PARAÍBA, 2018. P. 117)

A valorização dos aspectos culturais é um fator importante a ser mencionado, visto que abre espaço para que as escolas e professores trabalhem a diversidade cultural do nosso país, contribuindo também para a valorização e o estudo das culturas locais. Dessa forma, o eixo de leitura comporta a abordagem de obras literárias que abram espaço para tais debates, inclusive validando o uso das obras literárias produzidas no âmbito local.

Analisaremos agora o acesso à literatura paraibana nas escolas: partimos, então, para perguntas mais específicas relacionadas ao acesso à literatura paraibana durante a vida escolar dos estudantes abordados em nossa pesquisa. Visando verificar se em algum momento os estudantes já haviam tido contato com a literatura paraibana na escola, perguntamos se eles lembravam de ter lido ou estudado algum escritor(a) paraibano na sala de aula. Obtivemos as seguintes respostas:

**Gráfico 11** – Leitura de autores paraibanos na escola

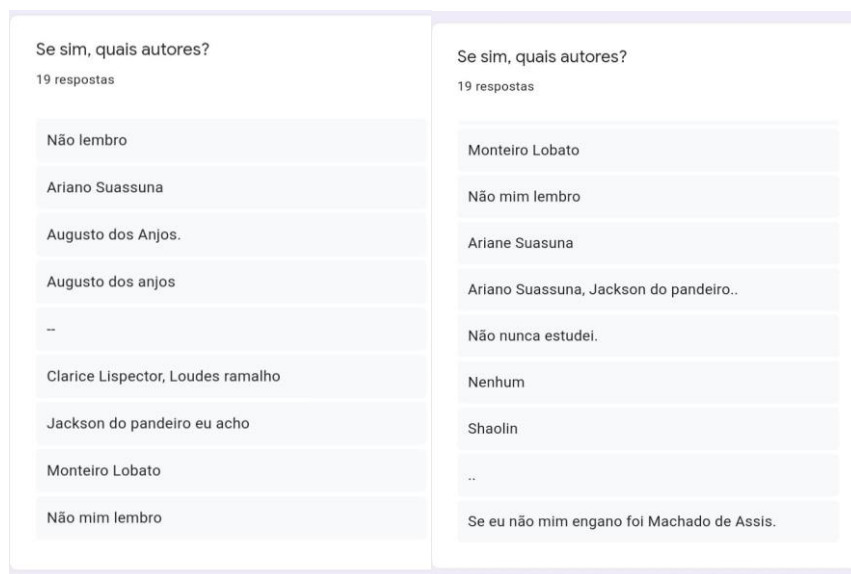
Você se lembra de já ter lido ou estudado algum autor ou autora paraibana na escola?  
20 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa

O gráfico acima nos mostra que mais da metade da turma alega ter lido ou estudado algum escritor(a) paraibano durante a vida escolar. Temos, assim, um dado positivo demonstrando que a maioria da turma, em algum momento, teve contato com a literatura paraibana. Buscando mais informações, perguntamos quais os autores(a) que eles já estudaram ou leram. As respostas foram as mais variadas e surpreendentes possíveis, visto que muitos alunos citaram autores que não eram paraibanos como referência.

**Figura 3** – Respostas dos estudantes sobre escritores paraibanos já estudados em sala de aula



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Acima, temos as respostas dos alunos sobre quais escritores (as) paraibanos já haviam lido. Alguns afirmaram não lembrar ou nunca terem lido ou estudado algum escritor paraibano. Uma parte da turma indicou escritores que não são paraibanos, como Clarice Lispector, Machado de Assis e Monteiro Lobato. Outros indicaram artistas paraibanos como Jackson do Pandeiro, que foi um grande cantor e compositor paraibano, e Shaolin, que foi cartunista, chargista, comediante e ator. Demonstrando, assim, desconhecem o cenário literário paraibano.

Outra parcela da turma indicou três escritores paraibanos: Ariano Suassuna, Augusto dos Anjos e Lourdes Ramalho. Ariano Suassuna e Augusto dos Anjos, juntamente com José Lins do Rêgo, formam a tríade de autores paraibanos que comumente são abordados nos livros didáticos de Língua Portuguesa (LP) do ensino médio. São estes autores os mais - quem sabe

os únicos - a serem estudados ou abordados nas aulas de literatura, quando falamos no estudo de obras literárias paraibanas nas escolas da Paraíba.

O fato de terem conseguido alcançar o seletivo cânone de escritores brasileiros, pode explicar o porquê da recorrência desses três autores na sala de aula quando falamos sobre literatura paraibana. Obviamente o acesso a algumas obras, mesmo que fragmentadas, nos livros didáticos acaba por facilitar a abordagem desses autores nas aulas. Porém, a literatura paraibana mantém-se viva e atuante e grande parte dos escritores contemporâneos não adentra os muros da escola.

Apenas um aluno citou a poeta e dramaturga Lourdes Ramalho. Apesar de ter nascido no estado do Rio Grande do Norte, Lourdes Ramalho fixou residência em Campina Grande (PB) na década de cinquenta e lá permaneceu até o dia de sua morte. Lourdes Ramalho foi a única escritora a ser citada, e, que se afasta do cenário canônico da literatura brasileira, demonstrando também a possibilidade da abordagem do texto dramático, que também acaba não sendo um gênero muito estudado na sala de aula.

Ao questionarmos sobre os hábitos de leitura fora da sala de aula, perguntamos aos alunos o quanto eles utilizavam (ou já utilizaram) a biblioteca da escola. A maioria da turma afirmou que não costuma frequentar a biblioteca da escola, correspondendo a 75% dos participantes da pesquisa. Este dado nos mostra que a relação biblioteca/escola é algo que ainda precisa ser problematizado.

Sabemos o quanto é complicado o acesso à leitura nas bibliotecas públicas de nosso país. Este problema não é tão simples de ser solucionado apenas disponibilizando um espaço para colocar os livros à espera de que em algum momento os estudantes apareçam e comecem a ler. As bibliotecas escolares seguem um complicado modelo que vem sendo reproduzido ano após ano. Esse espaço, na maioria das vezes, é utilizado como “zona de escape” no qual o professor acaba por enviar os alunos trabalhosos como uma espécie de castigo ou disciplina.

Tal atitude acaba por contribuir com a visão errônea, amplamente propagada, de que a leitura é algo chato ou até mesmo punitivo, voltado apenas para o estudo, sem outra finalidade aparente. Além disso, os problemas estruturais encontrados em grande parte das escolas públicas corroboram para o distanciamento entre a biblioteca e os alunos. À biblioteca cabe o espaço pequeno, apertado, pouco aconchegante, mal iluminado e aparentemente sem “utilidade”. Após todos os outros locais já estarem devidamente ocupados, a sala que resta

geralmente vira a biblioteca. Ferrarezi e Carvalho (2017) aborda a problemática escolha de locais inadequados para a construção das bibliotecas escolares:

(...) a biblioteca da maioria das escolas públicas brasileiras, quando existe, não passa de uma sala de aula mal adaptada, muitas vezes multifuncional (“biblioteca”, depósito, sala de professores, copa etc.), em que se guardam livros didáticos velhos, entre outras coisas em decomposição (...). (FERRAREZI; CARVALHO, 2017. P. 55)

Como convencer, então, um jovem de que aquele lugar pode ser um ambiente no qual ele poderá entrar e se deleitar através das prateleiras repletas de histórias? Se a biblioteca não oferece um ambiente aconchegante, que dirá atrativo, e ainda por cima é vista e utilizada como forma de punição, estamos apenas afastando cada vez mais esses jovens de um local que poderia ser o oposto do tradicionalismo, muitas vezes enfadonho, da sala de aula.

Outro ponto a ser refletido é a oferta de livros que os alunos podem encontrar nas bibliotecas escolares. Os clássicos da literatura são os campeões no que diz respeito ao preenchimento das prateleiras das bibliotecas. Obviamente o valor destas obras é inquestionável e com toda a razão devem estar disponíveis para que sejam lidos e conhecidos. Porém, poucos jovens iniciam a sua jornada no universo da literatura lendo *Os sertões*, por exemplo.

Há também as bibliotecas que estão repletas de livros didáticos, não ofertando aos estudantes a possibilidade de uma boa seleção de textos literários, o que contribui ainda mais para o afastamento e o desinteresse pela leitura literária, afinal “a mais eficiente forma de desenvolvimento pelo gosto da leitura é a exposição constante da criança a bom material de leitura”. (FERRAREZI; CARVALHO, 2017. P. 56). Como se interessar pela leitura quando não há a oferta de material adequado ou quando esse material é praticamente inexistente?

Vejamos que, no Brasil, há programas de incentivo à oferta de livros e material didático para as escolas públicas. O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), criado em 1937, é o principal distribuidor de material literário para as escolas do país. Com mais de 80 anos de funcionamento, o programa foi reformulado ao longo dos anos e hoje alcança o ensino fundamental e médio, além da modalidade de ensino de jovens e adultos.

Atualmente, além do material didático e literário, o PNLD também disponibiliza materiais de apoio, softwares e jogos educacionais. Porém, cabe à escola participar do censo escolar do INEP e que a rede à qual pertence (municipal, estadual ou federal) faça a adesão formal ao programa. Após a formalização da participação, a escola passa a receber o material

previamente selecionado conforme as avaliações pedagógicas coordenadas pelo Ministério da Educação (MEC).

Dessa forma, a seleção do material vai depender da equipe responsável que irá direcionar quais obras estão adequadas para a circulação nas bibliotecas das escolas públicas do país, seguindo o direcionamento da BNCC e demais currículos institucionalizados. Obviamente esta seleção abrangerá, preferencialmente, obras de âmbito nacional, priorizando os clássicos literários ou autores que tenham selecionado suas obras para avaliação.

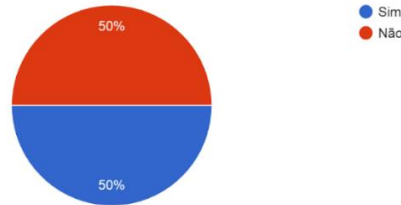
Portanto, cabe à escola e à rede responsável manter sua inscrição atualizada, bem como responsabilizar-se na distribuição e atualização do material literário disponível nas bibliotecas das escolas públicas. Claro que, dada a imensidão continental do Brasil bem como as demandas administrativas educacionais, a atualização dos materiais de leitura acaba não sendo a prioridade maior dentre as demandas encontradas. Sendo assim, as obras literárias encontradas nas bibliotecas acabam ficando obsoletas e desgastadas, devido à demora – ou esquecimento – da atualização do material destinado a esse espaço.

A pouca diversidade de obras é um ponto a ser observado. Dar a esses jovens a possibilidade de encontrar tanto a “leitura de prazer”, quanto a leitura de fruição apontadas por Barthes (1987), poderia, quem sabe, tornar o espaço da biblioteca mais atrativo e mais democrático. Utilizar este local para saraus, rodas de leitura, clubes de livros e contações de histórias também poderia ajudar a tornar as bibliotecas em ambientes nos quais se deve ir em busca de saber e sabor.

Ainda sobre as ofertas de leitura encontradas nas bibliotecas escolares, perguntamos à turma se durante as visitas à biblioteca já haviam visto alguma obra de escritores paraibanos. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

**Gráfico 12** – Oferta de autores paraibanos nas bibliotecas

Você já encontrou algum livro de um autor paraibano na biblioteca da escola?  
20 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa

Vemos que metade da turma alega já ter encontrado algum livro de um autor paraibano na biblioteca da escola. Porém, uma breve visita às bibliotecas das escolas públicas do estado pode revelar que os livros encontrados serão, em sua maioria, de autoria de Ariano Suassuna, Augusto dos Anjos e José Lins do Rego. Atualmente, a literatura de cordel também pode ser encontrada com mais frequência nas bibliotecas escolares, e cordelistas paraibanos quase sempre estão no acervo das coleções de cordel das escolas públicas, o que já demonstra uma certa mudança nas ofertas de leitura comumente enviadas às bibliotecas escolares.

O gênero Cordel tem ganhado cada vez mais espaço nas escolas e pode ser uma ótima alternativa ao incentivo à leitura literária. A estrutura em versos, o ritmo e a sonoridade provocados pelo uso das sextilhas, juntamente com o tom jocoso e irreverente das histórias, transformam-se na mistura perfeita para atrair os adolescentes e iniciá-los na leitura. Além disso, a Paraíba fornece grandes cordelistas como Leandro Gomes de Barros, Apolônio Alves dos Santos e Manoel Monteiro (que, apesar de nascido pernambucano, tornou-se campinense aos 15 anos, quando se instalou na cidade de Campina Grande e a fez sua morada).

A Paraíba ainda possui uma grande quantidade de cordelistas em atividade, criando inclusive a Academia do Cordel do Vale da Paraíba, fundada em 2015 e que possui reconhecimento internacional. Atualmente com 40 membros a academia ajuda a difundir a literatura de Cordel, contribuindo também para o reconhecimento dos poetas que ainda estão em atividade.

Em 2021 o governo da Paraíba sancionou a Lei nº 12016 de 09/07/2021<sup>9</sup>, de autoria do deputado estadual Wilson Filho, que institui nas escolas públicas e privadas do Estado da Paraíba o incentivo à leitura de autores paraibanos. O segundo artigo da referida Lei fala sobre como este objetivo deve ser alcançado. Vejamos abaixo:

Art. 2º Para consecução dos objetivos da ação estadual de incentivo à leitura de obras de autores paraibanos o Poder Executivo poderá:

I - criar nas bibliotecas escolares, uma unidade constituída de obras de autores paraibanos e de obras que tratam de assuntos alusivos à história e à cultura do Estado.

II - firmar convênios com organizações não governamentais de caráter cultural, legalmente constituídas, visando a implementação de projetos para a promoção da difusão da leitura de autores paraibanos. (PARAÍBA, 2021)

Temos, então, um pequeno passo para a modificação da escassez de acesso à literatura produzida em nosso Estado nas escolas. Apesar de não haver encontrado em minhas pesquisas ações que já tenham iniciado a aplicação da lei, fica a esperança de que em breve possamos conseguir verificar resultados positivos na aplicação da referida lei e, assim, valorizar o patrimônio literário paraibano a partir da inserção de autores/as e obras no rol dos textos a serem lidos nas práticas de leituras promovidas no interior das escola do estado.

Para finalizar o questionário de sondagem, perguntamos aos alunos se nas aulas de Língua Portuguesa havia um espaço dedicado à leitura. 80% dos alunos responderam que sim, mostrando que, em algum momento da rotina escolar, o professor dedica um espaço reservado à leitura. Em seguida, solicitamos que os alunos falassem um pouco sobre o que achavam desses momentos de leitura durante as aulas. As respostas, em sua maioria, foram positivas, como podemos observar abaixo:

---

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.normasbrasil.com.br/norma/lei-12016-2021-pb\\_417121.html](https://www.normasbrasil.com.br/norma/lei-12016-2021-pb_417121.html), acesso em Dezembro de 2022.



**Figura 4** – Respostas dos estudantes sobre os momentos de leitura na escola

Se sim, conte um pouco sobre o que você acha desse momento: 20 respostas	Se sim, conte um pouco sobre o que você acha desse momento: 20 respostas
Bom para entender	Eu acho que pode ser bom para os alunos adquirirem mais conhecimento através da leitura.
Acho legal, porém fico nervosa mas isso é de minha pessoa	Acho bom, por que abre nossas mentes para determinados assuntos.
É muito divertido e interessante	Bom.
É multi bom, porém eu fico nervosa, mas isso não vem em conta	Acho ótimo, eu sempre gosto de ler quando tem texto nas atividades.
Acho legal, é sempre bom trabalhar a concentração	adoro esse momento, é um momento único aonde você pode imaginar os personagens e deixar a imaginação fluir
até que é legal, mas seria melhor se todos prestassem atenção.	Porque alguns alunos ficam fazendo gracinha na hora da leitura, ficam rindo, desconcentrando os outros alunos jogando bolinha de papel etc.
Relaxante	
Eu acho que pode ser bom para os alunos adquirirem	

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Alguns alunos relataram nervosismo ou ansiedade na hora da leitura compartilhada ou durante os momentos de análise e interpretação do texto quando a professora fazia alguma pergunta que gerasse um debate oral entre os alunos. Além desse fator, o fato de alguns alunos nem sempre cooperarem com o momento de leitura também foi citado. Situações como risadas, conversas paralelas, arremessos de bolas de papel entre outras coisas que acabam dispersando a turma na hora da aula foram relatados.

No mais, as respostas demonstraram que a maioria dos participantes consideravam o momento de leitura como algo produtivo e importante para a aquisição de conhecimento. Vemos então que a implementação de momentos dedicados à leitura literária pode ajudar os alunos a entenderem a importância de exercitar o pensamento crítico, além de contribuir para a ampliação do vocabulário e a melhoria da escrita.

Para além dos benefícios escolares, é importante que os alunos sintam que o momento de leitura também pode contribuir para a concentração e a criatividade, além de ser um ótimo exercício para deixar a sua imaginação viajar através dos textos lidos, fazendo que a leitura se transforme em um momento agradável, e por que não prazeroso?

Observando os dados acima e validando a hipótese de que os estudantes das escolas públicas da Paraíba ainda não possuem acesso efetivo à literatura produzida no Estado, iremos refletir no capítulo seguinte sobre a abordagem da literatura paraibana na sala de aula com uma

turma do 9º ano do ensino fundamental, observando a recepção dos alunos com os textos trabalhados e quais foram as experiências obtidas através da aplicação desta pesquisa.

### **3.2 Conhecendo o local de pesquisa**

Aplicamos a pesquisa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rômulo José de Gouveia, em uma turma de 9º ano. A escola localiza-se no Complexo Habitacional Aluizio Campos, construído como uma medida governamental para amparar pessoas em situações precárias de moradia. O projeto consistiu em facilitar condições de financiamento para a compra de casas, bem como a doação de casas para os que comprovaram não ter condições financeiras para arcar com os custos da compra de um imóvel.

Inicialmente o projeto tinha como *slogan* de campanha um complexo multimodal, onde, além da parte habitacional, seriam construídos um complexo industrial, um complexo logístico e um jardim botânico. Iniciado em 2015, o projeto tem, no momento, a parte habitacional concluída, estando as outras etapas ainda em construção.

Tratando-se de uma zona afastada, localizada na borda urbano-rural do município de Campina Grande, a construção do complexo é considerada por alguns como de cunho higienista, já que a maioria dos habitantes contemplados no projeto advém de locais periféricos espalhados pelos bairros da cidade e que foram realocados a fim de se extinguirem algumas zonas periféricas nas partes centrais da cidade. Sendo assim, é importante frisar que o complexo comporta cerca de 25 mil habitantes - e crescendo - sendo muitas dessas famílias acompanhadas por viverem em situação de vulnerabilidade social.

A área escolar construída para atender à comunidade é extremamente reduzida. Contendo apenas 2 creches e 2 escolas municipais, até o momento, que atendem das primeiras séries dos anos iniciais (fundamenta I) até o nono ano do ensino fundamental II. Sendo assim, muitas famílias não conseguem vagas nas escolas e creches do complexo e precisam deslocar-se para outras áreas da cidade, que se situam distantes, em sua maioria, do complexo. Os estudantes que vão cursar o ensino médio também precisam, obrigatoriamente, buscar vagas em outras escolas, já que no complexo onde moram não há nenhuma escola que oferte essa modalidade de ensino.

Diante da realidade escolar que encontramos no Aluizio Campos, é comum convivermos com a superlotação de turmas nas duas escolas municipais existentes. A escola

Rômulo José de Gouveia possui um total de 1.250 alunos matriculados no período da manhã e tarde, divididos nas turmas de fundamental 1 e 2. A escola foi inaugurada em 2020, ano em que começou a funcionar, totalizando apenas um mês de funcionamento presencial antes de iniciarmos o primeiro movimento de quarentena e distanciamento social com a chegada do Corona vírus no Brasil.

Sendo assim, grande parte da vivência escolar dos alunos nesse período foi através do ensino remoto. Ao iniciarmos o processo de educação à distância, sabíamos da enorme dificuldade que enfrentaríamos para implementar esse sistema em uma comunidade onde o acesso à tecnologia é reduzido. Logo de início foram traçadas estratégias que visavam alcançar os alunos sem acesso à internet ou com limitações tecnológicas, como por exemplo: ter um único aparelho celular ou computador para atender a mais de uma criança em rotina escolar na mesma família.

Outrora, turmas em que havia presencialmente de 45 a 50 alunos matriculados, passaram a ter a frequência de 5 a 10 atendidos remotamente. Houve casos de turmas em que apenas dois alunos participavam das aulas remotas. O primeiro obstáculo que encontramos para a aplicação da pesquisa foi a evasão escolar durante a pandemia.

Os principais fatores que contribuíram para a evasão escolar durante este período foram, em primeiro lugar, falta de recursos tecnológicos para acompanhar as aulas, como internet, celular, computador ou tablet, tendo em vista que, como já dissemos, os alunos pertencem a grupos sociais de baixa renda, o que se agravou mais ainda porque, com a pandemia, muitos dos pais ou responsáveis dos alunos perderam seus empregos. Como estudar com fome, com a energia cortada ou sem dinheiro para comprar um lápis ou caderno? Em segundo lugar, houve a ausência de incentivo familiar para o cumprimento das atividades escolares, conforme constatação da equipe de assistência social da escola ao visitar algumas famílias<sup>10</sup>.

Durante o ano a Secretaria de Educação (SEDUC), acabou distribuindo algumas cestas básicas nas escolas municipais a fim de ajudar as famílias que estavam enfrentando o desemprego e a fome, mas também como forma estratégica para contatar pais e alunos que estavam evadidos durante esse período, utilizando a equipe de assistência social para atualizar o contato desses alunos e tentar, de alguma forma, convencê-los a participar das aulas.

Em termos estruturais, a escola possui 15 salas de aula, laboratório de informática, biblioteca, laboratório de ciências, sala dos professores, pátio, cantina, banheiros, secretaria,

---

<sup>10</sup> Dados retirados da Escola Rômulo José de Gouveia através da equipe de assistência social atuante na época da aplicação desta pesquisa.

sala da AEE<sup>11</sup> e quadra, funcionando no período da manhã e da tarde. Durante o período presencial, por conta da superlotação das salas, foi necessário transformar os laboratórios e a biblioteca em salas de aula extras, para criar novas turmas e comportar o número de alunos matriculados. Sendo assim, a escola não teve espaço disponível para montar a biblioteca e nem os laboratórios e os alunos não têm acesso a esses ambientes até o momento.

**Figura 5 – O local da pesquisa**



**Fonte:** Dados da pesquisa

Para tentar solucionar a ausência dos alunos nas atividades escolares, as escolas municipais aderiram à entrega de atividades e apostilas impressas para que os alunos sem acesso à internet pudessem se manter ativos e não perdessem o ano escolar. A nossa turma de nono ano tinha 55 alunos matriculados, porém apenas de 6 a 10 alunos assistiam às aulas online. Sendo assim, pedimos a junção de mais duas turmas de nono ano a nossa turma inicial para que obtivéssemos um número maior de colaboradores para a nossa pesquisa. As três turmas juntas totalizaram uma média de 25 a 30 alunos participantes e que acompanharam e participaram de todas as etapas da pesquisa de que esta dissertação é fruto direto.

Este trabalho seguiu as etapas de planejamento e execução conforme os parâmetros de uma pesquisa-ação ou pesquisa participante. A professora/pesquisadora da turma, assim como os alunos, foram sujeitos coparticipantes nos momentos de intervenção. Para a análise do

<sup>11</sup> Sala específica para atender os alunos com dificuldades de aprendizagem ou portadores de necessidades especiais.

conhecimento e da interação dos alunos com a literatura paraibana dentro e fora da escola, foi aplicado, primeiramente, um questionário, analisado no primeiro capítulo desta dissertação, e, em seguida, foi aplicada uma sequência didática de leitura construída a partir de uma antologia temática de contos escritos por autores/as paraibanos/as.

O planejamento para a criação da sequência de leitura foi pensado e escrito para a aplicação de forma presencial, portanto alguns módulos foram adaptados e modificados durante a execução da pesquisa. Trabalhamos com uma antologia temática buscando uma maior aproximação entre as obras lidas e as vivências dos estudantes que participaram da pesquisa. O contexto de aproximação entre texto e leitor enriquece o momento da leitura e as reflexões e apontamentos dos alunos sobre o texto lido. Obviamente, textos considerados mais distantes dos jovens e adolescentes, como os clássicos da literatura, por exemplo, também podem proporcionar este tipo de aproximação, dependendo da mediação e abordagem utilizadas ou simplesmente pela identificação do aluno com a obra. Mas, como o nosso intuito era, além de promover a leitura literária, aproximar também os jovens da literatura paraibana, encontramos no gênero conto a flexibilidade necessária para abordar uma quantidade maior de autores dentro do tempo disponível para executar as atividades previstas em sala de aula.

O resultado do questionário nos mostrou que a maioria dos estudantes não tinha um contato efetivo com a literatura paraibana dentro ou fora da escola bem como com a leitura literária no geral. Dessa forma, optamos por trabalhar os contos em paralelo com outros gêneros, como charges, videoclipes, curtas e imagens. Essa associação permitiu explorar a temática abordada em cada conto, para além do texto, permitindo um debate e associações com o cotidiano dos estudantes e os conhecimentos de mundo de que eles já dispunham.

A temática escolhida para a sequência de leitura foi “Invisibilidade social, abandono e subalternidade na literatura paraibana”. O objetivo geral das ações didáticas a partir da aplicação da referida sequência de leitura foi promover ações de letramento literário que, a partir da leitura de textos de autores paraibanos, contribuam para a reflexão crítica sobre as formas de exclusão social e os grupos que estão à margem da sociedade. A sequência foi organizada visando a uma duração média de 18 aulas, totalizando 9 encontros, cada um utilizando duas aulas (1h20).

Como objetivos específicos propomos:

1. Analisar criticamente os textos “Porque somos muito pobres”, “Três cachaças” do escritor Geraldo Maciel; “O dia em que comemos Maria Dulce” e “Olhos no chão” do

escritor Antônio Mariano; “A mulher, os meninos e a ditadura militar. Carta a Gregório” e “Eu, brasileiro, viúvo, setenta e cinco anos”, da escritora Dôra Limeira; “Revência” e “O filho espúrio”, da escritora Marília Arnaud;

2. Refletir e se posicionar criticamente sobre a temática abordada;
3. Fomentar a leitura e o estudo de textos de autores e autoras paraibanos a fim de contribuir para a valorização da literatura produzida no estado.

Para a realização desta pesquisa, pensamos em, ao longo dos encontros, propor atividades mais reflexivas e de cunho interpretativo, buscando valorizar o tempo de leitura e o momento com o texto. Zilberman (1991) já alertava sobre a necessidade de se considerar o ato de ler ou as propostas de leitura nas escolas, resumidas apenas a leitura. Sem, necessariamente, estarem vinculadas a atividades de escrita ou gramática após a abordagem do texto. Ler também faz parte do cotidiano escolar e também é uma atividade, e desvinculá-la de exercícios e normas pode ser o primeiro passo para estimular os estudantes a considerá-la parte de sua rotina escolar e extraescolar.

A preocupação em adicionar ingredientes extras à leitura tem feito com que propostas apresentadas como inovadoras tendam a reprisar pontos da pedagogia tradicional, apenas retocando a sua maquiagem. Para que a valorização da leitura seja de fato um projeto da escola, ainda quando limitada ao desempenho do professor de Língua Portuguesa, talvez seja preciso antes de tudo considerar o ato de ler uma atitude cujo significado se encerre nela mesma. E, a partir daí, experimentar as práticas que a nova postura sugerir, menos trabalhosas, muitas vezes, eventualmente mais estimulantes para o leitor. (ZILBERMAN, 1991. p. 114)

Buscando então, uma forma de conciliar o estudo de autores paraibanos na sala de aula com as atividades de leitura, escolhemos quatro autores: Geraldo Maciel, Antônio Mariano, Dôra Limeira e Marília Arnaud, e dividimos a sequência de leitura em dois módulos: sendo a primeira parte composta por contos que abordassem a invisibilidade social e as relações socioeconômicas, e a segunda parte abordando a temática da exclusão e do abandono voltados para as relações familiares e o processo de envelhecimento.

A escolha dos autores foi feita a partir da divisão temática, visto que os livros de Geraldo Maciel e Antônio Mariano, dos quais foram retirados os contos para o primeiro módulo, trazem a invisibilidade social e o cenário da seca e da fome de forma recorrente. Já para o segundo módulo, encontramos nos livros de Dôra Limeira e Marília Arnaud, histórias que retratavam os

conflitos familiares e as relações de abandono na velhice que buscávamos tomar como objeto de leitura e reflexão com os estudantes.

### **3.3 Adaptar-se é preciso**

Em 2020, o sistema de ensino sofreu várias mudanças e adaptações, devido à pandemia do covid-19, que chegou ao Brasil no início do ano, perdurando até os dias atuais. Devido às medidas e decretos, que visavam promover o distanciamento social na tentativa de conter a disseminação do vírus, vários estabelecimentos e instituições, que promoviam a aglomeração de pessoas, precisaram fechar suas portas temporariamente.

A escola, sendo um desses ambientes, foi um dos primeiros locais a cancelar o ensino presencial, adotando a modalidade de ensino remoto. Essa mudança impactou o cotidiano escolar, afetando não só os alunos, mas também o corpo docente e todas as esferas que compunham o sistema de ensino. Pais, professores e alunos se viram perdidos e aflitos durante este processo de adaptação. Nós, professores, tivemos mais uma vez que refletir sobre as nossas práticas, buscando adaptar metodologias que alcançassem os alunos mesmo à distância.

Além do pouco tempo disponível para a adaptação às novas tecnologias, muitos professores não receberam uma formação adequada para trabalhar com as ferramentas de apoio ao ensino remoto, nem tampouco receberam alguma ajuda financeira para a aquisição de materiais. Dessa forma, os professores precisaram trabalhar com seus celulares e computadores, muitas vezes, já desgastados e ultrapassados para abarcar os aplicativos e programas necessários ao ensino remoto.

Foi um período conturbado na história da educação brasileira. O Brasil acabou demorando a adotar medidas eficazes no combate ao vírus, fazendo com que, um ano após o início da pandemia, os níveis de contaminação permanecessem altos e o número de mortes cada vez mais agravantes<sup>12</sup>. Com o plano de vacinação caminhando a passos lentos, a volta ao ensino presencial tornava-se cada vez mais distante. Sendo assim, o planejamento de aplicação desta pesquisa precisou adaptar-se a esta nova situação, sendo modificado conforme a nova forma de ensino que foi adotada neste período.

---

<sup>12</sup> Desde o início da pandemia, o Brasil manteve-se entre os países com o maior número de mortos chegando a ocupar em 2022 o 17º lugar no ranking de mortes por milhão de habitantes. Até novembro de 2022, o número de mortos se concentrava em mais de 680 mil pessoas.

Adaptar. Palavra que traz como um de seus significados “modificar (algo) para que se acomode, se ajuste ou se adeque (a uma nova situação, um determinado fim, um meio de comunicação etc.)”. Desde a formação inicial, o professor aprende que o fazer docente não é algo estático e precisa estar em constante revisão e reflexão. Modificar suas metodologias não é algo distante da realidade e da rotina de um professor. Porém, algumas situações nos fazem questionar e repensar tudo o que aprendemos desde o processo inicial de nossa jornada docente.

A pandemia acabou exigindo a implementação do ensino à distância, que acarretou na utilização de aparatos tecnológicos como auxiliares para a realização desse tipo de ensino. O uso de tecnologias como material de apoio auxiliar ao ensino docente é utilizado e estudado há algum tempo. Retratadas por Libâneo (2011) como exigências educacionais contemporâneas, as novas tecnologias da comunicação adentraram a escola e modificaram o modelo de ensino, fazendo inclusive com que o professor questionasse sobre a sua própria existência na sala de aula. Em um mundo onde com apenas um clique obtemos informações das mais diversas, haveria de fato a necessidade da mediação de um professor no processo de aprendizagem?

Bem, parte deste questionamento pôde ser colocado em prática durante a aplicação do ensino remoto. Os jovens aparentam estar muito bem relacionados com a tecnologia, afinal, raramente encontramos um adolescente que não tenha um celular sempre à mão, ou esteja ativo em alguma rede social. Porém, na realidade do ensino público o acesso à tecnologia ainda é algo escasso.

A pandemia escancarou ainda mais as discrepâncias sociais nos mostrando que enquanto algumas escolas, no âmbito privado, se amparavam em seus avançados laboratórios de informática, criando aplicativos para alcançar seus estudantes, a escola pública sofreu com a evasão de alunos que sequer tinham um celular para conseguir acompanhar as aulas de forma remota. Ao iniciar a aplicação do projeto que resultou na presente pesquisa, o ensino remoto havia começado há alguns meses, e professores e alunos disputavam quase que igualmente a incógnita de não saber lidar com algumas das plataformas de ensino que estavam sendo implementadas.

A Prefeitura Municipal de Campina Grande adotou o Google sala de aula como a plataforma oficial para a aplicação das aulas online, como consta na PORTARIA Nº 99 de 14 de abril 2020.

Art. 3º Fica autorizada a utilização da plataforma GOOGLE CLASSROOM, cujas salas de aulas virtuais serão configuradas por uma equipe designada para os fins específicos, que criará o perfil de usuário de todos os alunos e professores.



Parágrafo Único - A Secretaria de Educação promoverá a formação dos professores para a utilização da ferramenta. (CAMPINA GRANDE (PB), 2020)

Dessa forma, os professores tiveram acesso a algumas formações que visavam familiarizar os docentes à nova ferramenta de trabalho. Além disso, alguns direcionamentos foram disponibilizados na portaria a fim de contribuir para minimizar os impactos da discrepância social dos alunos das escolas municipais que não possuíam acesso à internet ou aos aparelhos necessários para acompanhar as aulas remotas (computadores, celulares, tablets etc).

Art. 5º As Unidades Educacionais ao realizar a continuidade das atividades escolares no formato não presencial, deverão encaminhar material de apoio aos estudantes devidamente matriculados, durante o período de suspensão das aulas, com objetivo de:

I - reduzir o impacto provocado pela suspensão das aulas no período de isolamento;

II - promover a continuidade da aprendizagem dos estudantes; III - manter e reforçar o vínculo com a comunidade escolar;

IV - reduzir o abandono escolar;

V - registrar as atividades desenvolvidas para efeito de cumprimento do calendário escolar, considerando os termos da Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020 (flexibilização do calendário).

Art. 6º A Coordenação Pedagógica da SEDUC, por meio do Grupo de Acompanhamento Pedagógico (GAP), deverá acompanhar e orientar o uso de mídias digitais e meios de comunicação que poderão auxiliar as atividades à distância nesse período, tais como 2 :

I - WhatsApp;

II - Páginas de Redes Sociais (Instagram, Facebook, etc);

III - YouTube;

IV - Rádio;

V - Televisão;

VI - Bibliotecas virtuais;

VII - Google Meet, Hangout, Skype, Zoom (ferramentas de conferência);

VIII - E-mail; IX - Sites; X - SMS. (CAMPINA GRANDE (PB), 2020)

Assim, as escolas, além de promover o ensino na modalidade remota, também deveriam promover o acesso a materiais que ficassem disponíveis na escola, para aqueles alunos que não conseguissem, de alguma forma, acompanhar a modalidade das aulas on-line. Outras ferramentas também foram autorizadas para servirem de suporte durante este período, sendo o WhatsApp uma das mais utilizadas para o envio de materiais e para a comunicação entre os docentes e os estudantes. O Google Meet também acabou sendo oficializado como a ferramenta de conferência mais utilizada nesse período, fazendo com que os alunos conseguissem assistir às aulas através das reuniões de conferência nesta plataforma.

Este foi o cenário que nos deparamos ao iniciar a aplicação desse projeto. Apresentadas as informações técnicas sobre as diretrizes do ensino remoto, iremos agora acompanhar as informações sobre o nosso local de pesquisa.

#### 4. A LITERATURA PARAIBANA NA SALA DE AULA

*Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão. A educação do futuro deve enfrentar o problema de dupla face do erro e da ilusão. O maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais.*

*Edgar Morin*

Sendo a literatura, uma forma de representação a partir da qual podemos refletir sobre valores e ideologias que nos fazem sair da nossa zona de conforto, colocando-nos a enxergar o outro e as suas vivências. Selecionamos a temática da exclusão e suas variadas formas, a fim de que os educandos pudessem exercer um olhar mais acolhedor e empático àqueles que todos os dias são postos à margem, não tendo suas vozes legitimadas, e, conseqüentemente, sofrem um apagamento social.

Dalcastagnè (2002) aborda o quanto a literatura contemporânea tem aberto espaço para grupos marginalizados, refletindo sobre o lugar de fala desses grupos e quem, de fato, pode falar por eles, já que suas vozes não têm alcançado a devida proporção, sendo muitas vezes representados por pessoas que não fazem parte das minorias, mas apropriam-se de suas vivências a fim de representá-los:

Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde. (DALCASTAGNÈ, 2002. p. 33)

Tendo o Brasil um dos maiores índices de desigualdade social, (apenas 0,5% dos brasileiros concentram quase 45% do PIB<sup>13</sup>, e a distribuição de renda só acentua as discrepâncias sociais), escolhemos para o primeiro módulo da nossa sequência guiada de leitura analisar e refletir sobre a invisibilidade social e as relações socioeconômicas.

---

<sup>13</sup> Disponível em: [https://www.oxfam.org.br/noticias/05-dos-brasileiros-concentram-quase-45-do-pib/?gclid=CjwKCAjwg5uZBhATEiwAhhRLHn6XrCN2JfxSdMb1TGgN6tt\\_nH4ZtOhe2eiuyyUy50\\_kZdQUas9pexoCGsMQAvD\\_BwE](https://www.oxfam.org.br/noticias/05-dos-brasileiros-concentram-quase-45-do-pib/?gclid=CjwKCAjwg5uZBhATEiwAhhRLHn6XrCN2JfxSdMb1TGgN6tt_nH4ZtOhe2eiuyyUy50_kZdQUas9pexoCGsMQAvD_BwE), acesso em agosto de 2022.

Escolhemos esta temática visando explorar também o que os documentos oficiais abordam sobre o eixo da leitura e a sua capacidade de ampliar o senso crítico dos estudantes permitindo-lhes enxergar de forma mais crítica e reflexiva o mundo à sua volta:

A leitura, por sua vez, permite ampliar as possibilidades tanto de se aprender nas demais áreas de estudo escolar quanto de se adquirir autonomia para construção dos conhecimentos fora da escola. Ela é, inquestionavelmente, o caminho para a formação do cidadão crítico, reflexivo e, sobretudo, autônomo no seu agir. Isso porque amplia os horizontes do conhecimento, favorece o acesso a novas ideias, permite o diálogo, promove a mudança de percepções e de concepções, contribui para a intervenção sobre o mundo, incluindo o homem no exercício da cidadania e na tomada de decisões da própria vida. Daí a sua importância em ocupar lugar de destaque na escola, pois é a prática sistematizada de estudo de gêneros e temas diversos que possibilita, ao aluno, perceber o seu entorno e se perceber como participante na interação com o mundo, exercendo papéis que efetivam a construção de uma sociedade melhor. (PARAÍBA, 2018. P. 79)

Dessa forma, a leitura se configura em aparato essencial não só na vida escolar, mas na vida como um todo. É a partir dela que os educandos vão conseguir desenvolver habilidades de compreensão, interpretação e reflexão que poderão ser de grande valia para a vida social e para interação com o outro. Perceber essa importância é o primeiro passo para que o professor possa desenvolver aulas que priorizem a leitura e a formação de leitores. Foi isso, pois, que procuramos fazer ao longo dos encontros de intervenção, conforme passamos a descrever e analisar a seguir.

#### **4.1 Módulo 1: Invisibilidade social e relações socioeconômicas**

Iniciamos os encontros no dia 20 de outubro de 2020, pela plataforma Google Meet, e encerramos as reuniões no dia 15 de dezembro do mesmo ano. Inicialmente, os encontros aconteciam toda terça-feira, porém em algumas semanas precisou-se utilizar outro dia para que as atividades e demandas curriculares da escola não fossem prejudicadas. Foram um total de 9 encontros para leitura e análise dos contos, tendo um décimo encontro que foi utilizado como culminância do encerramento do projeto.

No primeiro encontro buscamos introduzir a temática. Dessa forma trouxemos uma nuvem de palavras formada a partir da palavra EXCLUSÃO. Antes de mostrar a nuvem de palavras, perguntamos para os alunos o que esta palavra significava para eles. O aluno William trouxe a seguinte definição: excluir uma ou várias pessoas de algo. A partir dessa fala, o debate

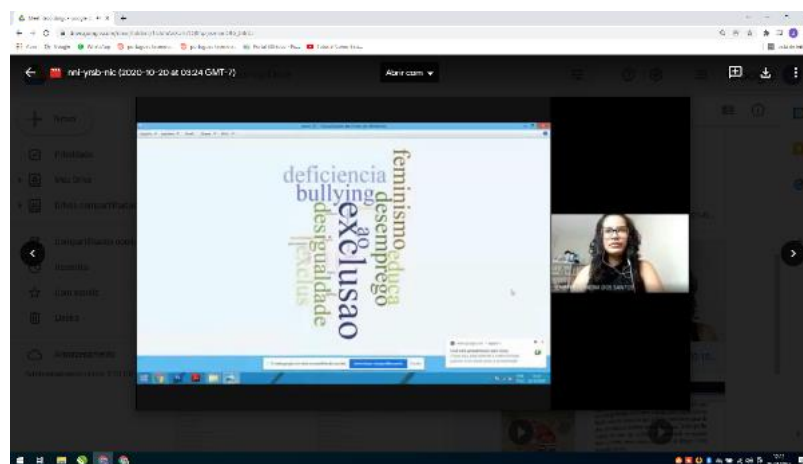
foi se encaminhando a algo mais específico como a exclusão de um grupo de pessoas, por exemplo.

A aluna Ana<sup>14</sup> associou então a palavra exclusão ao racismo, em seguida Maria citou a palavra preconceito. Neste momento, notamos uma dificuldade de interação dos demais alunos, o que se mostrou corriqueiro ao longo dos demais encontros. As alunas Ana e Maria mostraram-se mais falantes e participativas, enquanto os outros permaneciam com as câmeras e microfones desligados durante a aula.

A fim de tentar fazer com que outros alunos também participassem e, considerando que a timidez em aparecer na câmera ou falar no microfone era algo relatado por eles, propusemos que os demais alunos participassem escrevendo no chat suas opiniões. Mesmo com esta outra possibilidade de interação disponível, a dinâmica, neste primeiro encontro, permaneceu com a participação efetiva das alunas citadas acima e o silêncio dos demais alunos, seja de forma oral ou escrita.

Aproveitando as falas ditas por Ana e Maria, que citaram o racismo e o preconceito como formas de exclusão, debatemos um pouco sobre a exclusão de determinados grupos pela sociedade. Assim resolvemos mostrar a nuvem de palavras para conferir se haveria na nuvem algumas das palavras citadas por eles.

**Figura 6** – Nuvem de palavras



**Fonte:** Dados da pesquisa

Pedimos, então, que os alunos lessem as palavras que constituíam a nuvem e que pensassem no porquê de essas palavras estarem associadas ao termo exclusão, e se eles

<sup>14</sup> A fim de preservar a identidade dos alunos, iremos adotar nomes fictícios ao citar as falas de cada um.

concordavam ou não sobre essa associação. Após a leitura, Ana e Maria concordaram que todas as palavras compostas na nuvem, de alguma forma, traziam a ideia de exclusão. Ana relatou que acreditava que as palavras estavam associadas à exclusão por trazerem “pessoas ou coisas diferentes”.

Aproveitando a oportunidade, decidimos questionar o significado da palavra diferente e por que o "diferente" estaria associado à ideia de exclusão. Através do debate, concluímos que tudo aquilo que foge dos padrões impostos pela sociedade ou que foge do conceito de normalidade tende a ser afastado ou rejeitado pela maioria, gerando, assim, o preconceito e a exclusão.

Sendo assim, mediamos o debate para além do preconceito racial falados inicialmente pelos alunos, e introduzimos também a marginalização social acarretada por fatores socioeconômicos. O direcionamento para esta temática específica já visava introduzir o assunto do primeiro conto que seria lido ainda durante esta aula.

Os alunos foram questionados sobre quais pessoas estariam incluídas nessa esfera de marginalização social. Então, Ana citou “pessoas pobres e que moram em periferias”. Foi então apontada a palavra *desigualdade* na nuvem como fator principal na problemática social que enfrentamos no Brasil. Falamos, então, o quanto a pandemia havia afetado as pessoas com baixo poder aquisitivo, que acabaram passando fome e ficaram desempregadas durante a quarentena.

Pedimos que os alunos compartilhassem se em algum momento já vivenciaram algum tipo de exclusão social descritas na nuvem de palavras ou em alguma outra esfera que não tenha sido citada durante o debate. Ana e Maria relataram já ter sofrido algum tipo de preconceito racial, então outro aluno acabou se juntando ao debate. Carlos compartilhou que já foi muito excluído na escola por sofrer bullying. Assim, os alunos acabaram por lembrar episódios de exclusão vivenciados por eles. Ana iniciou uma fala sobre o preconceito e a exclusão de pessoas portadoras de algumas doenças.

Surgiu então uma discussão sobre o preconceito com pessoas portadoras de doenças mentais e psicológicas como a depressão, ansiedade e a esquizofrenia. Durante a discussão sobre esse tema, alguns alunos compartilharam no chat sobre terem desenvolvido crises de ansiedade durante a adolescência e que a escola é um dos locais que proporciona o desencadeamento dessas crises, seja por conta das demandas escolares (como o período de provas, por exemplo), ou pela interação social, de muitas vezes não pertencer a algum grupo ou não se sentir bem-vindo na sua turma.

Ana compartilhou uma experiência pessoal relacionada ao preconceito com portadores de doenças dermatológicas. Por ser diagnosticada com dermatite atópica, ela relatou que quando

está em crise, muitas vezes, não sai de casa, por receio dos olhares de julgamento das pessoas que não compreendem que as manchas e erupções que surgem no período de crise não são contagiosas. Ana também relatou a dificuldade em lidar com a sua autoestima durante esses períodos, pois a pele fica com um aspecto feio e às vezes surgem feridas. Ela compartilhou que ainda está em processo de aceitação da doença e que além dos impactos físicos e psicológicos, a doença também tem causado à família um desgaste econômico, pois os cremes e pomadas utilizados no tratamento são muito caros.

A aluna em questão também relatou um episódio na escola que lhe causou muito constrangimento. Ao ir à escola em um dia em que a dermatite estava ativa, os alunos da turma, por não compreenderem que se tratava de uma doença dermatológica, começaram a comentar entre si que algumas marcas no braço dela eram relacionadas à automutilação. Dessa forma, a fofoca acabou chegando aos ouvidos da diretora da escola que precisou chamar a mãe de Ana para esclarecer os fatos. Esse equívoco acabou acarretando um grande constrangimento para a aluna, fazendo com que ela se isolasse ainda mais nos momentos de crise, desencadeando a depressão, doença com a qual ela convive que e trata até hoje.

Esse momento de debate se mostrou muito positivo, pois alguns alunos compartilharam episódios bem pessoais de suas vidas e puderam expor como se sentem em relação a determinadas situações de exclusão. Carlos trouxe à pauta da exclusão social a partir das vestimentas que muitos deles utilizam como forma de estilo, mas que são associadas à criminalidade. Por serem negros e se vestirem de forma mais despojada, alguns alunos relataram a dificuldade de frequentarem alguns espaços sem receberem olhares tortos ou verem pessoas se afastando, por acreditarem que eles representam algum tipo de ameaça.

Todas essas situações de exclusão relatadas pelos alunos nos fazem refletir sobre os diversos grupos que são marginalizados e desprezados socialmente e como o ambiente escolar, por muitas vezes, reforça esses estereótipos de exclusão.

Verificamos, então, a importância do momento de introdução à temática, pois a partir dele os alunos já começaram a associar o que estava sendo debatido a situações vivenciadas por eles em algum momento. Cosson (2009), ao apresentar o modelo de sequência básica de leitura, elege a motivação como primeiro passo para aproximar o leitor do texto que irá ser lido. Através da nuvem de palavras e do debate em torno dela, procuramos introduzir o tema do primeiro conto com o intuito de fazer os alunos enxergarem, posteriormente, no texto a proximidade de situações pelas quais já passaram, conectando-se com o texto e ampliando as suas percepções sobre o tema abordado.

Na etapa da motivação para a leitura, a mediação do professor é importante para guiar os alunos e incentivá-los a expor suas opiniões e pontos de vista. Essa etapa ajudará a familiarizar os alunos aos debates e a motivá-los a participar e refletir sobre o texto que será lido em seguida. Embora a turma ainda estivesse tímida, a participação dos três alunos citados anteriormente mostrou-se positiva, pois conseguiram associar os temas abordados às construções sociais que encontramos ao longo da vida e que aos poucos vamos aprendendo a questionar e a refletir sobre.

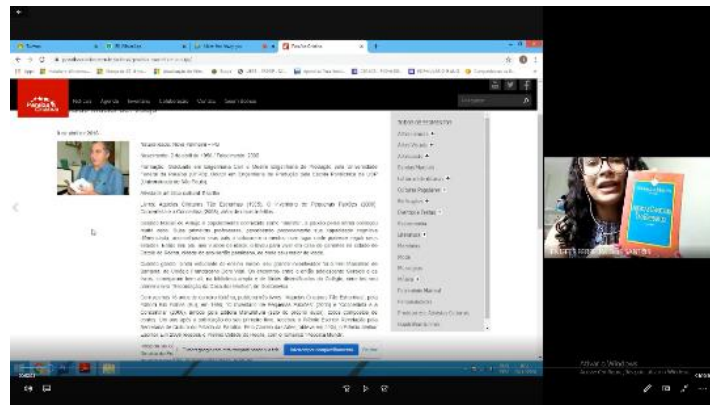
Denominada por Rogoff (1984) como participação guiada, o processo de ensino/aprendizagem que proporciona ao aluno uma construção gradativa de conhecimento que, posteriormente, contribua para a autonomia do estudante foi um dos métodos escolhidos por nós durante a aplicação desta pesquisa. Dessa forma, a atuação do professor é vista de forma ativa, incitando os questionamentos e estimulando a ativação dos conhecimentos-prévios dos alunos.

#### **4.2.1 Geraldo Maciel: seca, política e o processo de desumanização**

Finalizado o debate, iniciamos apresentando aos alunos uma breve biografia sobre o autor do conto. Questionamos se os estudantes já haviam ouvido falar sobre o escritor, ou se conheciam alguma obra dele. A aluna Maria disse que não conhecia nada sobre Geraldo Maciel, assim como os demais alunos. Dessa forma, apresentamos um pouco a trajetória do escritor na Paraíba e as suas principais obras. Mostramos aos educandos algumas capas dos livros publicados pelo autor, bem como os prêmios e indicações literárias ganhados por ele. Também compartilhamos com a turma o livro que continha os contos que iríamos analisar. Como estávamos em um encontro on-line compartilhamos o livro em formato PDF no grupo de WhatsApp da turma para que todos pudessem ter acesso.



**Figura 7 – Apresentação do autor Geraldo Maciel**

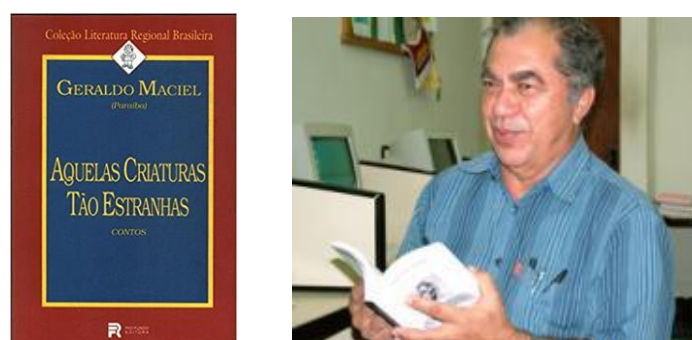


**Fonte:** Dados da pesquisa

Após a apresentação da biografia, começamos a sequência de leitura com o conto *Porque somos muito pobres*<sup>15</sup>, do escritor paraibano Geraldo Maciel<sup>16</sup>. O conto faz parte do livro *Aquelas criaturas tão estranhas*, publicado em 1995.

O conto, narrado por uma criança, mostra o dia a dia difícil pelo qual o narrador e sua família passam. Assolados pela falta de comida e pela seca, a criança pergunta à mãe o porquê da situação em que se encontram e sempre obtém como resposta: porque somos muito pobres. Essa resposta nos leva, junto ao narrador, a refletir sobre a situação social e o abandono vividos pela família.

**Figura 8 - O escritor e sua obra**



**Fonte:** Imagens do Google

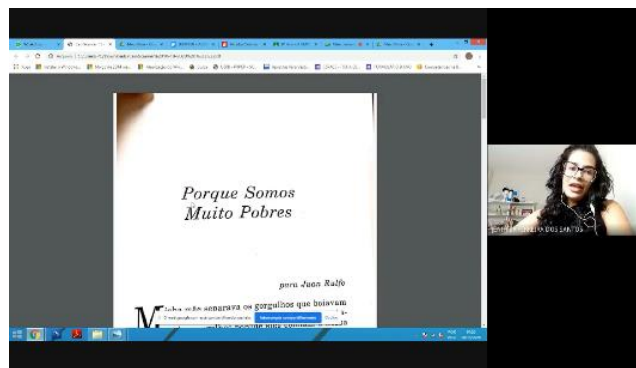
<sup>15</sup> Todos os contos utilizados durante esta pesquisa podem ser lidos na íntegra na seção de anexos.

<sup>16</sup> Geraldo Maciel de Araújo nasceu em Nova Palmeira, no interior da Paraíba, em 02 de abril de 1950. Publicou três livros: *Aquelas Criaturas Tão Estranhas*, pela Editora Rio Folhas (RJ), em 1995, *O Inventário de Pequenas Paixões* (2000) *Concertista e a Concertina* (2006), ambos pela editora Manufatura, (selo do próprio autor) todos compostos de contos. Um ano após a publicação do seu primeiro livro, recebeu o **Prêmio Escritor Revelação** pela Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba. Pelo Correio das Artes, obteve em 2004, o **Prêmio Melhor Escritor**.

Antes de iniciarmos a leitura do conto, pedimos aos alunos que lessem o título e nos falassem sobre o que eles acreditavam que seria abordado no texto. Ana respondeu o seguinte: “Acho que vai falar sobre caráter, sei lá... sobre ser pobre de espírito. Não ter compaixão pelos outros... esse tipo de coisa”. Os demais alunos mostraram-se relutantes em expor seus pensamentos e acabaram preferindo não opinar sem antes saber realmente do que se tratava o texto.

Dessa forma, optamos por seguir na leitura do texto. Como a maioria ainda estava tímida e demonstrava certo receio em ler em voz alta, decidimos que a professora faria a leitura e os alunos deveriam acompanhar silenciosamente. Por se tratar de um encontro online, o texto em PDF foi disponibilizado para os alunos e a professora expôs na tela o conto para que todos pudessem acompanhar a leitura, como mostra a figura 9.

**Figura 9** – Leitura do conto “Porque somos muito pobres”



**Fonte:** Dados da pesquisa

Após a leitura, questionamos os alunos sobre o que acharam da história, se gostaram ou não, e quais foram as impressões sobre o texto lido. Alice disse que “gostou do texto e que ele fala sobre pobreza e desigualdade social”. William falou que o texto “retrata a realidade de muitas pessoas”. Perguntamos, então, se os alunos conseguiam identificar em que local vivia a família retratada no texto. Ana descreveu o local como “muito simples, bastante pobre e parece que eles moram em um sítio”.

A ambientação do texto é um fator importante na narrativa, pois nos transmite a sensação de desolação e calamidade vivenciada pela família e que é agravada ainda mais por morarem em uma região de seca e estiagem. Por trabalharem e sobrevivem da agricultura, a cada período de seca surge o processo de desumanização da família, que passa a sobreviver

apenas dos poucos grãos de milho que ficaram armazenados no silo, mas que estão cheios de gorgulhos<sup>17</sup>.

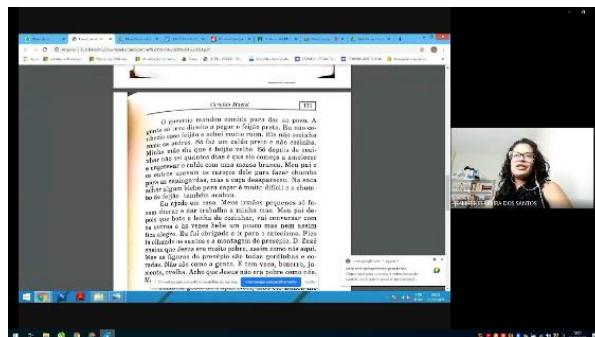
Pedimos, então, que os alunos falassem um pouco sobre o narrador da história. A fim de refletir sobre quem é esse narrador e qual a sua visão sobre a situação que ele e sua família estão vivendo. William pontuou que se tratava de um narrador personagem e Ana respondeu que o narrador é uma criança, um menino e que parece não ter muita noção da realidade em que vive.

A fala de Ana é interessante pois nos convida a refletir sobre a inocência infantil do narrador, que, mesmo vivendo em uma situação de extrema pobreza, não consegue discernir, muitas vezes, o real significado da pobreza. Ao ver a mãe chorando e retirando os gorgulhos do milho, a criança não consegue entender o motivo do choro e questiona a mãe. Como resposta recebe a frase “Porque somos muito pobres”.

Incentivamos também que os alunos falassem um pouco sobre a parte do texto em que a família acaba recebendo uma “ajuda” por parte do governo, devido ao período severo de estiagem naquele ano. Sem ter para onde ir e com as plantações comprometidas, a família comia apenas os poucos grãos de milho que juntaram no silo. O governo então resolve enviar um pouco de feijão preto para as famílias da região.

O narrador descreve que o feijão era muito velho e não cozinhava, liberando apenas um caldo escuro que a mãe temperava apenas com sal e servia no almoço. Deu-se início então a um debate sobre o processo de abandono e descaso por parte do governo, retratado de forma ficcional no conto, mas que não está tão longe assim da nossa realidade.

**Figura 10** – Analisando o conto



**Fonte:** Dados da pesquisa

<sup>17</sup> Pequeno besouro que ataca grãos, corroendo principalmente os grãos que ficam armazenados por algum tempo.

Vale destacar que o Brasil já passou – e, em algumas regiões, ainda passa – por situações semelhantes às descritas no conto. Na década de 80, durante o governo de Sarney, o país enfrentou uma grave crise econômica que gerou um índice de inflação de quase 1.000%. Tal situação ficou conhecida como a política “feijão-com-arroz” devido às críticas à gestão do então presidente, considerada na época como fraca. Muitas famílias foram prejudicadas com a alta de preços.

A ajuda governamental descrita no conto também traz um reflexo da realidade. Em Campina Grande, por exemplo, houve o programa “Cuscuz com leite”, que foi criado em 2009 pelo governador Cássio Cunha Lima e distribuía cuscuz e leite para a população que vivia em situação de insegurança alimentar. O objetivo do programa era reduzir a mortalidade e a desnutrição infantil, tentando suplementar a alimentação de gestantes e mulheres que estavam amamentando. Obviamente, nem sempre programas como esses são realmente utilizados a fim de promover o bem estar da população, e situações como as descritas no conto acontecem por desvios e má gestão dos governantes.

William falou sobre o descaso dos governantes em relação à população mais pobre, pois “o governo só ajuda quem precisa quando está atrás de voto”. Os colegas concordaram com a fala de William e, em seguida, Ana lembrou de algumas ações do governo que visavam doar alimentos para a população que estava em situação de pobreza, compartilhando com a turma que a sua mãe já participou de uma dessas ações e acabou recebendo alimentos que aparentavam estar velhos e guardados há muito tempo.

Pedimos, então, que os alunos observassem a personagem da mãe e como ela era retratada no conto. Ana a descreveu como realista. Perguntamos o porquê de ela considerar esta personagem realista e Ana respondeu que “ela parecia ser a única que realmente tinha coragem de falar que eles eram pobres”. Devido a frase que a mãe sempre responde ao filho ao ser questionada sobre algo referente a situação em que vivem: porque somos muito pobres.

Outro ponto importante no texto é o fato da criança imaginar a figura do Papai Noel como algo muito distante. Questionamos aos alunos o que eles acreditavam que poderia gerar esse distanciamento relatado pelo narrador. Ana apontou um dos motivos como sendo o fato de a criança nunca ganhar um presente, já que a figura do Papai Noel é relacionada ao ato de ser presenteado. E, devido às condições financeiras da família, no Natal as crianças nunca recebiam presentes.

A parte final do conto traz uma cena triste que reitera a situação difícil dos pais das crianças em tentar de alguma forma proporcionar o mínimo de alegria aos filhos. No Natal, o pai das crianças consegue juntar uma pequena quantia em dinheiro e resolve comprar pirulitos

e um pacote de sorda<sup>18</sup> para presentear os filhos. A mãe alerta as crianças na noite anterior, informando que talvez o Papai Noel apareça naquela noite e deixe um presentinho. O menino mal consegue dormir devido à ansiedade, porém, ao levantar no dia seguinte, os presentes, que foram colocados embaixo da rede onde as crianças dormiam, amanheceram encharcados de urina.

Pela primeira vez a criança se enfurece e sente raiva da situação em que se encontra e ao questionar a mãe sobre o porquê de aquilo tudo acontecer com eles, a mãe chorando responde: porque somos muito pobres, meu filho. Finalizada a leitura e análise do conto, perguntamos aos alunos se eles conheciam alguma família que vivia em situação de pobreza ou se já haviam passado por alguma dificuldade. Ana e Maria relataram ter passado por algumas dificuldades financeiras, mas nada tão forte quanto a história relatada no conto. As meninas também disseram conhecer famílias que vivem em uma situação de pobreza parecida com a contada na narrativa.

Ao final, pedimos que os alunos pensassem em atitudes ou ideias que pudessem solucionar ou amenizar a situação de exclusão social vivida pela família do conto. Ana sugeriu campanhas de doação de alimentos, roupas e até mesmo uma vaquinha on-line para arrecadação de dinheiro. Fomos então mediando a discussão e mostrando aos alunos que as sugestões apresentadas eram importantes, mas que elas não garantiriam meios para que a família saísse definitivamente daquela situação, pois seriam medidas temporárias.

Pedimos então que eles pensassem em medidas efetivas que pudessem garantir meios de subsistência e a quem poderíamos recorrer para que essas medidas fossem tomadas. Carlos cita, então, programas criados pelo Governo como o Bolsa Família<sup>19</sup> e o Auxílio Emergencial<sup>20</sup>, que, apesar de não solucionarem o problema, conseguem contribuir de alguma forma para o sustento de algumas famílias. Ana também citou a falta de oportunidade como fator principal para que muitas famílias não conseguissem trabalhar e estudar, o que acaba ocasionando a pobreza e a desigualdade social.

As correlações feitas pelos alunos ao longo da análise do texto foram muito positivas, apesar da maioria da turma ainda não ter interagido de forma concreta, a leitura do primeiro

---

<sup>18</sup> Tipo de bolacha feito com uma massa de farinha de trigo e mel de rapadura, muito comum no Nordeste.

<sup>19</sup> Programa criado pelo Governo Federal em 2003, a fim de oferecer ajuda financeira a famílias em situação de pobreza. Foi considerado um dos programas de combate à pobreza mais importantes do mundo, porém foi extinto em 2019 e substituído pelo Programa Auxílio Brasil.

<sup>20</sup> Programa criado pelo Governo Federal em 2020, visando dar apoio financeiro às famílias vulneráveis que foram impactadas com as medidas de restrição e quarentena durante a pandemia do covid-19 no Brasil.

conto fez com que os alunos saíssem da zona de interpretação óbvia do texto e fizessem associações a momentos e histórias vividas por eles. Notamos, também, que os alunos compreenderam o conceito de exclusão e como ele pode se manifestar em diversas esferas e camadas sociais. Colomer (2007) fala sobre a importância de preparar os alunos para enxergarem a literatura além do contexto escolar, proporcionando atividades que contribuam para tal feito: “Quanto mais ativo e inter-relacionado é o ensino que se oferece, mais fácil será que os alunos se encontrem com a literatura em qualquer espaço ou matéria... sempre que nos lembremos de pôr aí as obras, é claro. (p. 160)”.

Encerramos então o primeiro encontro pedindo aos alunos que voltassem na nuvem de palavras e verificassem em quais situações de exclusão a família apresentada no conto se encaixava. Ana e Maria apontaram as palavras *desigualdade* e *desemprego* como as principais. Para finalizar, abrimos o espaço para que os alunos falassem suas impressões sobre a aula e o conto. Ana, Maria e Carlos relataram que gostaram muito do texto e da aula, pois foi uma aula diferente em que não precisaram fazer tantas atividades e puderam conversar sobre coisas do dia-a-dia.

Ferrarezi e Carvalho (2017) aborda a atual situação das aulas de leitura nas escolas brasileiras. Há de se observar que o ato de ler, sem a intenção de vincular a alguma atividade gramatical ou de produção textual, tem sido cada vez mais rara. A prática de produzir algo para gerar notas tem transformado o ensino de literatura e as aulas que envolvem leitura em momentos mecanizados e fragmentados, contribuindo ainda mais para a dissociação dos alunos em enxergar a leitura como parte da rotina escolar.

A fala final dos alunos também reitera o que Zilberman (1988) fala sobre as aulas de leitura serem sempre associadas a atividades gramaticais ou à produção textual, corroborando a ideia de que a leitura por si só não é suficiente e nem se enquadra como atividade escolar. Dessa forma, priorizamos na nossa sequência de leitura encontros que focaram na análise textual e na recepção leitor/texto.

O segundo encontro também foi dedicado a mais um conto do escritor Geraldo Maciel, e interligava a temática debatida na aula anterior. Escolhemos como etapa para a motivação deste encontro trazer duas charges para iniciar o debate sobre a exclusão por fatores socioeconômicos.

Ambas as charges trazem a ambientação de uma região árida e seca, paisagem em que as personagens dos contos também vivem. Na primeira charge, vemos uma criança indagando a mãe sobre a presença da cor verde no lápis de cor, que lhe é estranha, por nunca haver visto ou convivido com tal cor devido à seca que transforma a paisagem em tons de marrom e cinza.

Na segunda charge, temos a figura do Papai Noel caminhando em meio ao solo rachado e aos cactos, sinalizando que está em uma região de estiagem, carregando uma cartinha com a palavra “chuva”, como podemos observar abaixo:

**Figura 11 - Charges**



**Fonte:** Imagens do Google

Antes de analisarmos, falamos rapidamente sobre o gênero charge e suas características, enfatizando a crítica sobre temas sociais. Iniciamos com a primeira charge e solicitamos que os alunos descrevessem o que a imagem transmite e quais associações poderíamos fazer com o conto lido na aula anterior. A aluna Ana falou sobre o menino que narra o conto lido anteriormente e que a criança da charge poderia viver na mesma situação, já que o ambiente aparenta ser o mesmo descrito no conto.

Questionamos os alunos sobre a cor, em específico, que o menino aparenta desconhecer, e quais os motivos que poderiam levar a criança a não entender que se trata da cor verde. O aluno Rafael tem uma interpretação diferente da resposta que esperávamos e relata que a criança não reconhece a cor verde porque provavelmente não teve um ensino de qualidade.

A associação com uma educação deficiente ou a falta dela também é válida, em se tratando da realidade vivida por diversas famílias das zonas rurais que muitas vezes abdicam da escola para trabalharem ou simplesmente não possuem acesso à educação por não haver uma escola perto de onde moram e não ter condições de se deslocar até a escola mais próxima. Esperávamos que a primeira interpretação dos estudantes associasse a cor verde à seca, visto que o ambiente em que se encontra a criança não possui esta cor por se tratar da falta de contato com a água que ocasiona a morte de plantas e animais, tornando o ambiente inóspito. Apesar da associação cromática do marrom à seca, podemos verificar que nas charges há também a presença do verde na vegetação típica da caatinga. Os cactos e demais plantas presentes na vegetação deste bioma tem a cor verde como predominante. Talvez por isso, Rafael não tenha

associado a cor verde da forma que esperávamos. Afinal, o verde que indica a vida e a chuva também se faz presente na resiliente vegetação do sertão.

Partimos, então, para a análise da segunda charge e, como na charge anterior, solicitamos que os alunos falassem um pouco sobre as suas impressões. Rafael chamou a atenção para a carta que o Papai Noel segura e que vem com a palavra *chuva* escrita. Logo, surgiu a associação com o ambiente em que ele se encontra: seco e com plantas típicas da vegetação da caatinga.

Mediamos o debate para que os alunos prestassem atenção no contraste da figura do Papai Noel naquela ambientação. A criação imagética desta figura vem associada a casacos e botas de frio, pois, conforme a tradição, o Papai Noel advém do Polo Norte, um lugar que apesar de também ser considerado inóspito é o oposto da região retratada na charge: um lugar seco e extremamente quente.

Pensando na região Nordeste, onde se passam as narrativas dos contos escritos por Geraldo Maciel, vemos que o distanciamento com toda a atmosfera criada em torno do Papai Noel se torna maior. No Nordeste, não encontramos casas com chaminés, neve e nada que realmente remeta à imagem comercial do Natal. Dessa forma, a charge, além de trazer o contraste através da oposição de mundos que divergem, também comove ao lermos a carta, pois sabemos que geralmente as crianças costumam pedir brinquedos, guloseimas ou coisas relacionadas à infância.

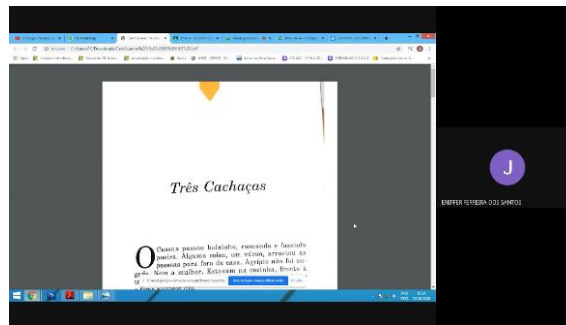
Ao pedir por chuva, refletimos, então, sobre a situação em que se encontra essa criança e que, provavelmente, ela não dispõe de uma infância que lhe permita realmente vivenciar essa etapa da vida, preocupando-se com assuntos que não deveriam interferir nessa fase. Ainda debatendo sobre a chuva, citamos exemplos de estiagem que vivenciamos na nossa própria cidade. Campina Grande está localizada no agreste paraibano e, apesar de não ser uma das sub-regiões mais afetada pela falta de chuva, ainda assim possui um clima irregular com momentos de estiagem que acabam prejudicando os reservatórios que abastecem a região.

Lembramos aos alunos de alguns períodos de estiagem enfrentados em Campina Grande, que fizeram o governo decretar vários dias de racionamento de água, devido ao baixo índice pluviométrico na cidade onde se encontra o principal reservatório que nos fornece água. Ao associarmos a segunda charge com o conto lido anteriormente, mostramos aos alunos que a figura do Papai Noel trazia para aquela criança a esperança de mudança e de que algo bom acontecesse. Porém, esse sentimento é quebrado na medida que as coisas nunca dão certo para a família, como se a vida resolvesse castigá-los e tirar-lhes tudo o que conseguissem, deixando-lhes apenas a pobreza.



Após o momento de motivação, que consistia na análise e comparação das charges, iniciamos a leitura do segundo conto. Relembramos antes aos alunos que o conto que seria analisado nesta aula também era de autoria do escritor paraibano Geraldo Maciel, encontrando-se também no livro *Aquelas criaturas tão estranhas* (1995).

**Figura 12** – Leitura do conto “Três cachaças”



**Fonte:** Dados da pesquisa

O conto, intitulado de “Três cachaças”, traz a história de uma família que, em meio à seca e à fome, busca alternativas para sobreviver. A história é narrada a partir da visão do patriarca da família e evidencia o descaso do governo em relação à situação de vulnerabilidade em que as pessoas da região se encontram. Seguindo a metodologia da aula anterior, resolvemos começar analisando o título antes de partir para a leitura de fato.

Perguntamos aos alunos quais as ideias que lhes vinham à mente ao lerem o título, e sobre o que poderíamos encontrar na história. Por ser um título mais curto e mais restritivo, o aluno Rafael iniciou falando que acreditava se tratar de uma história sobre “cachaceiros<sup>21</sup>”. Ana também associou o título a algo relacionado a bebida cachaça e os outros alunos não conseguiram sugerir ideias que fugissem da relação com esta bebida.

Iniciamos então a leitura do conto, feita pela professora da turma, e em seguida questionamos os alunos sobre as suas impressões em relação ao conto lido. Rafael chamou atenção para a cachaça consumida por Agrípio, que em uma parte da narrativa vai a um bar e toma três doses de cachaça a fim de aliviar a preocupação de não ter como sustentar sua esposa e filho e enganar a fome. É relatado na narrativa que, sempre que bebe, Agrípio tem visões e entra em uma espécie de transe.

<sup>21</sup> Termo utilizado para referir-se a alcoólatras, principalmente aqueles que são dependentes da cachaça, destilado de cana de açúcar muito consumido no Nordeste do Brasil.

Perguntamos, então, aos alunos qual seria o motivo para que isso acontecesse e Ana respondeu que talvez fosse pelo fato de Agrípio sempre estar com fome. Dessa forma, ao beber, o efeito do álcool seria mais forte por ele estar de "estômago vazio". A fome misturada à bebida alcoólica poderia ser a responsável por fazer Agrípio ter visões de santos e anjos e não conseguir diferenciar a ilusão da realidade. Talvez por isso ele bebesse, para se distanciar da triste realidade em que vivia.

Os alunos também se mostraram bastante indignados com o descaso político relatado no conto. Rafael comentou que era um absurdo ver pessoas morrendo de fome e ao invés de enviar comida, distribuir sandálias, referindo-se a uma parte do conto onde o prefeito envia sandálias que serviam apenas para o pé esquerdo, jogando-as de um avião. Rafael também comparou os governantes do conto com os políticos do nosso país, dizendo que a situação na realidade não é muito diferente, já que é comum os políticos “ajudarem” a população apenas quando precisam angariar votos.

Aproveitamos a empolgação dos alunos com essa parte específica do conto, e perguntamos mais sobre como era a relação do prefeito com as pessoas daquela cidade e qual a opinião dos alunos sobre essa relação. Rafael cita que o prefeito e os vereadores aparentavam não se importar com o povo passando fome, e quando tinham a oportunidade de ajudar eles roubavam as doações de comida que eram para a população, citando uma passagem do conto:

A ajuda do governo para eles tinha mais retrato de políticos na sacola que comida. O prefeito roubava o óleo para o seu armazém; os vereadores escamoteavam o arroz para suas mercearias; os empregados retiravam de tudo um pouco para não dar na vista. A primeira dama e as outras damas numeradas de 2 a 10 - eram nove os vereadores - surrupiavam os tickets de leite para trocá-los por sapatos, meias de náilon e roupas íntimas. (MACIEL, 1995. p. 40)

Esse trecho do conto nos transmite um pouco da atmosfera política da cidade, pautada em uma espécie de coronelismo<sup>22</sup>, no qual os cidadãos recebem pequenos benefícios a fim de votarem nos mesmos candidatos, mas continuam submetidos a uma vida de miséria enquanto os governantes usufruem do dinheiro e investimentos que deveriam ser destinados à população. Tal ação inibe o poder da população, pois ela é mantida sempre à margem, o que faz com que não tenham acesso à educação de qualidade nem a uma vida digna, contribuindo para que qualquer ajuda recebida gere gratidão e subserviência. Rafael também chama atenção para o fato de

---

<sup>22</sup> O coronelismo foi uma prática política muito comum durante o período da República Velha no Brasil. Nele os coronéis detinham o poder dos votos da população, mediante coação ou troca de benefícios simplórios como manter-se empregado ou ser punido severamente, caso não votasse no candidato escolhido pelos coronéis. Tal ação também ficou conhecida como voto de cabresto.

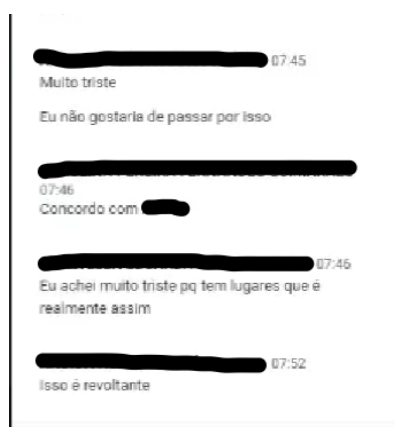
sempre que havia alguma “doação” por parte dos políticos, antes de tudo, eles entregavam os retratos com suas fotos e a propaganda eleitoral.

Rafael também destaca a contradição dos políticos que investiam dinheiro para colocar um avião sobrevoando a cidade para jogar os retratos e propagandas políticas, mas alegavam uma situação econômica difícil para os cofres públicos na hora de fazer alguma doação para as pessoas da cidade. Dessa forma, a população recebia sacos com feijão velho e sandálias com numerações erradas ou com os pares faltando.

Pedimos, então, que os alunos observassem a parte em que as esposas dos vereadores roubavam os tickets de leite, e quais os impactos que essa ação gerava às crianças da cidade. Ana fala que no início do conto é citado que as crianças não chegavam a passar dos seis anos de idade, pois morriam de fome ou de doenças que causavam vômito e diarreia. Sendo assim, o fato de os tickets de leite não serem entregues às famílias contribuía para que essas crianças morressem de fome.

Percebemos que essa parte do conto, foi a que mais impactou os alunos, como podemos observar na figura 8. Muitos se comoveram com a situação e outros demonstraram indignação. Vejamos, então, que, apesar de o conto retratar uma situação fictícia, a aproximação com a realidade faz com que sejamos empáticos a ela, nos fazendo entender que a nossa realidade não difere tanto da ficção proposta pelo autor.

**Figura 13**<sup>23</sup> – Chat de conversa do encontro 2



**Fonte:** Dados da pesquisa

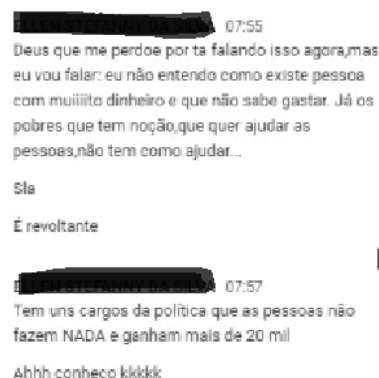
<sup>23</sup> Imagem retirada do chat de conversas durante a aula, realizada de forma remota pela plataforma Google Meet. Os nomes dos alunos foram cobertos a fim de preservar suas identidades.

A aluna Maria lançou o seguinte questionamento: e por que essas pessoas não se revoltavam? A professora, então, precisou mediar o debate para que os alunos refletissem sobre como a situação de fome e opressão vivenciadas pelas famílias, no conto, contribuíam para que eles não tivessem a iniciativa de se voltarem contra a política estabelecida na cidade. A sede de sobrevivência era maior que qualquer coisa, não havia espaço para pensar em articulações e motins quando tudo o que se pensava, assim que amanhecia, era o que fazer para alimentar sua família.

Questionamos também sobre a inversão de valores estabelecida nesse pensamento: será que Agrípio e sua família que deveriam protestar e se revoltar ou os políticos que deveriam se conscientizar e proporcionar uma vida digna a essas famílias? Vejamos que a situação do oprimido é sempre posta no lugar de ação, revolta e protesto quando, na verdade, o peso da mudança deveria ser direcionado ao opressor que detém, de fato, o poder de efetuar essas mudanças de forma mais rápida e eficaz.

Refletimos, também, sobre o quanto as famílias que vivem em situação de pobreza não possuem acesso à informação e à educação. Dessa forma, muitos não se informam sobre o poder que têm nas mãos para escolher as pessoas que irão gerenciar sua cidade, estado ou o país. Dessa forma, o poder de eleger os representantes políticos fica restrito a uma parcela da população, que, muitas vezes, busca em seus representantes mudanças e ações em benefício próprio e não em prol da sociedade como um todo.

**Figura 14** - Chat de conversa do encontro 2



**Fonte:** Dados da pesquisa

A figura acima mostra a reação de alguns alunos em relação ao sistema político brasileiro, mostrando, assim, as correlações que a leitura literária pode proporcionar para a amplitude do pensamento crítico. Vejamos a importância da subjetividade do leitor, retratada

por Rouxel (2012), para a completude da obra literária. É necessário que o leitor imprima as suas interpretações e visões de mundo para que a obra se complete. Sem essa relação, não há finitude no texto literário. A obra existe não apenas para ser lida, mas para que o leitor a desvende, a interprete e a ressignifique conforme as suas experiências.

Direcionamos, então, os alunos para observarem a figura do filho de Agrípio e questionamos aos alunos como a criança é retratada no conto. Os alunos citaram um parágrafo do texto que mostra a situação em que o bebê vivia:

Ao pé da mesa, dentro de uma bacia de zinco, entre molambos cor de poeira, seu filho mais novo, ainda sem nome, não se importava com as moscas que disputavam os restos de mingau espalhados ao redor de sua boca. (MACIEL, 1995. p. 39)

A cena descrita acima reitera a situação de pobreza vivida pela família e traz um aspecto importante que ilustra a desumanização dos personagens. Observemos que o filho, apesar de já nascido, ainda não possui um nome, nem certidão que comprove a sua existência. É retratada no conto a preocupação de Agrípio e de sua esposa em batizar a criança, portanto, juntam algumas moedas e conseguem comprar roupinhas de batismo, de segunda mão, para garantir a “salvação da alma” da criança caso ela morra.

A necessidade em batizar a criança demonstra mais um aspecto da população desse município, que, além de muito humilde, também era muito religiosa. O apego à religião transparece a necessidade em encontrar conforto, nem que seja após a morte, para todo o sofrimento vivenciado em vida. O narrador deixa claro ao longo do conto que aquele era o sexto filho de Agrípio e que não haviam conseguido batizar nenhum deles, pois a fome os levava antes.

O narrador, ao descrever o enxoval de batizado das crianças, faz uma comparação em relação ao preço das roupas de batizado e das roupas usadas para enterrar os bebês que morriam:

Como o enxoval de batizado é mais caro que o de anjo, sempre sobra alguma coisa. Enxoval de batizado tem pano e sobrepano, bordados, monogramas, ponto-de-cruz, floreios; roupa de anjo é simples, sem arte nenhuma: um camisolão pequenininho, uma touca e pronto. (MACIEL, 1995. p. 41)

Os alunos não conseguiram associar de imediato o termo *roupa de anjo*, utilizado pelo narrador, como a roupa utilizada para se enterrar as crianças. Inicialmente o aluno Rafael entendeu o termo como uma referência à roupa de batizado, já que se tratava de uma cerimônia de cunho religioso. Relemos, então, o parágrafo que trazia esta descrição para que os alunos

observassem melhor. Então, perceberam que na realidade a roupa de anjo referia-se à roupa com a qual os bebês eram enterrados, sendo, portanto, a mortalha infantil.

No Brasil, nas décadas de 40, 50 e 60, o índice de mortalidade infantil era muito alto. Como fatores principais, no Nordeste, tínhamos a seca, a escassez de comida, a falta de vacinação e as condições sanitárias da época. Na tabela abaixo, temos como referência o índice de mortalidade infantil da capital Paraibana, João Pessoa, que demonstra o alto índice de mortalidade a partir de 1941 até 1957. A partir da década de 60, vemos um declínio da mortalidade infantil, devido, principalmente, às mudanças nas políticas públicas de saúde. Por causa de tantas mortes, era comum no Nordeste o enterro dos anjos, uma espécie de procissão que ocorria após a morte de algum bebê ou criança. A população se juntava em cortejo para levar o pequeno corpo até o cemitério da cidade.

TABELA 18  
Região Nordeste — João Pessoa — Evolução da mortalidade proporcional, mortalidade geral e mortalidade infantil — 1941-1970

Ano	Mortalidade proporcional *	Mortalidade geral (por mil habitantes)	Mortalidade infantil (por mil nascidos vivos)
1941	29,43	35,8	295,1
1942	34,87	29,6	252,4
1943	32,44	29,2	237,5
1944	35,38	27,2	247,4
1945	33,37	28,7	229,0
1946	36,53	30,1	257,2
1947	40,54	28,5	131,5
1948	40,75	26,1	137,5
1949	40,34	29,4	201,0
1950	36,57	25,2	185,8
1951	37,43	29,6	220,0
1952	35,70	28,5	199,5
1953	35,02	31,8	242,8
1954	38,51	27,9	209,0
1955	46,68	28,4	201,0
1956	45,48	28,0	200,8
1957	43,87	29,4	216,5
1958	41,43	22,6	131,4
1959	41,46	12,7	112,2
1960	38,61	14,0	119,0
1961	41,74	20,2	157,9
1962	41,88	20,3	212,8
1963	39,79	18,4	185,2
1964	42,40	17,5	163,7
1965	39,00	17,9	145,1
1966	40,72	16,6	137,3
1967	39,06	17,9	150,4
1968	38,47	16,4	152,0
1969	41,36	18,1	160,6
1970	39,23	17,5	156,0

\*  $n.^{\circ}$  de óbitos de menores de um ano  $n.^{\circ}$   
total de óbitos  $\times 100$

Fontes: IBGE

Anuário Estatístico do Brasil (IBGE).24  
Rio de Janeiro. 1950-1972.

Perguntamos, então, se os alunos gostariam de fazer mais alguma observação sobre o conto lido e a aluna Maria destacou a semelhança do conto lido na aula anterior com o que

<sup>24</sup> YUNES, J.; RONCHEZEL, V. Evolução da mortalidade geral, infantil e proporcional no Brasil. In: Revista Saúde Pública. Ed. 8, 1974. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101974000500002>

havíamos acabado de ler. O ponto principal destacado pela aluna foi a relação dos personagens com a fome e a forma como os governantes tratavam a população: com descaso e pouco caso da situação em que se encontravam. Falamos, então, da aproximação temática entre os dois contos e introduzimos a segunda etapa da aula que consistiu na apresentação de um videoclipe<sup>25</sup> da música *Súplica cearense*, da banda *O Rappa*. Juntamente com a participação da professora de história da turma, que foi convidada para auxiliar e explicar aos alunos alguns fatos históricos que são apresentados no vídeo. Antes de exibir o videoclipe, solicitamos aos alunos que observassem com atenção, além da letra da música, as imagens, legendas e datas que iriam aparecer ao longo do vídeo.

**Figura 15** – Apresentação do videoclipe



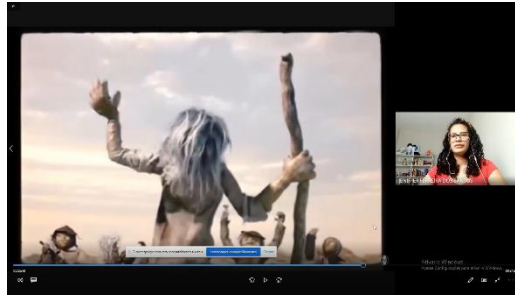
**Fonte:** Dados da pesquisa

Os alunos receberam a letra da música em PDF e, após assistirem ao vídeo, começamos a análise falando um pouco sobre a letra da música. Informamos que a composição original é de autoria dos músicos Gordurinha e Nelinho, que a compuseram em 1960. A música também foi interpretada por Luiz Gonzaga, mas a versão regravada pela banda *O Rappa*, teve uma nova roupagem com acréscimos de alguns versos no estilo *rap*.

O videoclipe retrata um pouco do que ocorreu na guerra de Canudos em 1896, evidenciando a luta de Antônio Conselheiro e seu povo contra as tropas do Governo Federal. Questionamos os alunos sobre o que acharam da letra da música e do videoclipe. A aluna Maria destacou que, apesar de não gostar do estilo de música proposto pelo rap, achou a abordagem do vídeo interessante, principalmente pelas imagens apresentadas.

**Figura 16** – Assistindo ao videoclipe

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F19PnbWigSA>

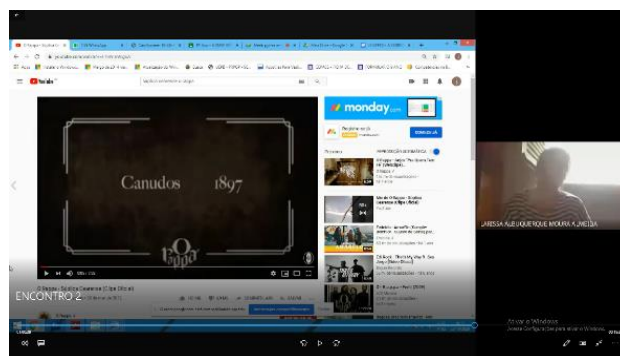


**Fonte:** Dados da pesquisa

Convidamos, então, a professora de história para explicar aos alunos o contexto histórico das imagens retratadas no vídeo, apresentando o que foi a batalha de Canudos, que ocorreu em 1897. A professora explicou aos alunos como iniciou a batalha e os interesses políticos que haviam por trás de todo o conflito. Após a contextualização sobre o movimento, a professora também falou um pouco sobre quem foi Antônio Conselheiro e qual a sua importância para a população naquela época. Muitos alunos ainda não haviam estudado sobre esse acontecimento histórico e ficaram bastante empolgados com a explicação da professora.

Terminada a explicação, convidamos os alunos a analisarem as imagens do videoclipe, comparando-as com as informações dadas pela professora de história, e relacionando-as com os contos lidos nas aulas. Havia semelhanças?

**Figura 17** – Apresentação da professora de história



**Fonte:** Dados da pesquisa

A aluna Maria iniciou o debate observando que o videoclipe retrata uma luta entre pessoas mais pobres e o exército. O aluno Rafael também destacou a figura de Antônio Conselheiro, que aparece sempre à frente no videoclipe e com um cajado na mão, em uma posição de liderança. A professora explicou aos alunos que a figura de Antônio Conselheiro na região de Canudos era muito respeitada, pois além de líder religioso ele também influenciava



na posição política das pessoas que o respeitavam. Por isso, o videoclipe traz a sua imagem sempre à frente e em posição de comando.

Perguntamos também se o cenário retratado no vídeo trazia alguma semelhança com os cenários observados nos contos de Geraldo Maciel. O aluno Rafael destacou a seca, o chão rachado e a vegetação típica da região Nordeste. Destacamos também a temática religiosa, pois a batalha de Canudos também envolvia o cunho religioso trazido por Antônio Conselheiro, que se via como mensageiro de Deus, posto no mundo para salvar as pessoas necessitadas.

Mostramos aos alunos o quanto a religião acaba por se transformar num tipo de escape para os mais necessitados, que se apoiam na esperança de uma salvação divina que virá resgatá-los dos males terrenos. Vemos essa esperança de resgate divino nos contos de Geraldo Maciel, onde os personagens estão sempre apegados à religião como uma forma de conforto à vida de sofrimento e descaso em que vivem.

O trabalho interdisciplinar com a disciplina de História proporcionou um momento muito enriquecedor. Os alunos ainda não haviam estudado sobre a batalha de Canudos e puderam conhecer um pouco sobre o que ocorreu naquela época, o que nos permitiu analisar os conflitos sociais que se estabelecem nos contos, na letra da música e na história apresentada no videoclipe, para que os alunos refletissem sobre as situações apresentadas e pudessem compará-las.

Conforme a Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2018), o ensino da linguagem deve comportar situações que proporcionem aos estudantes a amplitude da experiência de sua língua escrita e oral, além da apresentação de textos que envolvam a multimodalidade, mesclando as mais variadas formas de gêneros textuais, usufruindo, inclusive, daqueles dispostos no universo virtual.

Ora, se a linguagem é o centro dinamizador da construção desse sujeito e a escola, o lugar social institucionalizado para esse fim, cabe ao ensino da língua/linguagem oportunizar experiências conceituais e vivenciais que possibilitem a interação do aluno, sujeito aprendente, com seus pares na escola, com o mundo físico e social do seu contexto imediato e/ou virtual, mediado pela representação mental ou simbólica, por meio da leitura, da produção textual, da análise linguística, empregando a oralidade, a escrita, além da multimodalidade e das multimídias. (PARAÍBA, 2018. p. 83)

Dessa forma, buscamos durante todo o percurso de aplicação da sequência de leitura, incluir, além dos contos, outros gêneros textuais para auxiliar e complementar a análise temática dos módulos. Encerramos, então, as leituras e análises dos contos do escritor Geraldo Maciel e partimos para o próximo escritor paraibano.

#### 4.2.2 Antônio Mariano: A fome e as relações humanas

Durante esta etapa, apresentamos aos alunos outro escritor paraibano: Antônio Mariano<sup>26</sup>. Escolhemos trabalhar inicialmente com o conto “O dia em que comemos Maria Dulce”, que está no livro de contos, de mesmo nome, publicado em 2015.

**Figura 18** – Antônio Mariano e sua obra



**Fonte:** Imagens do Google

Apresentamos uma breve biografia sobre o escritor e em seguida iniciamos o momento de motivação para introduzir a temática que seria abordada no conto. A etapa de motivação planejada para o encontro presencial consistia em apresentar aos alunos uma caixa contendo várias guloseimas. Pediríamos, então, que cada aluno retirasse um doce da caixa e lesse o que estava escrito em cada pedacinho de papel colado ao doce.

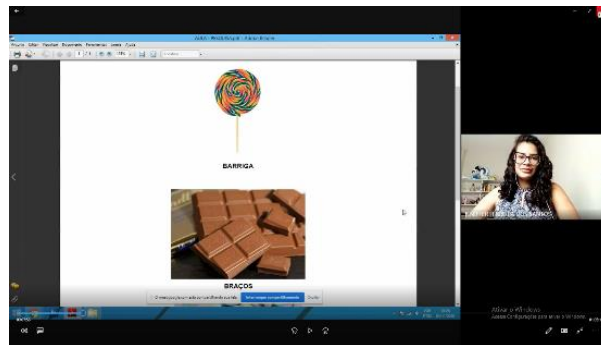
Nos papéis estariam escritas partes do corpo humano como braços, pernas, cabeça etc. Então o professor iria perguntar aos alunos qual a relação do que estava escrito no papel com os doces que eles retiraram da caixa. Com essa dinâmica pretendíamos ativar a curiosidade dos alunos sobre o tema do próximo conto e íamos observar como eles utilizariam a criatividade para tentar adivinhar do que se tratava a relação dos doces com as partes do corpo humano.

<sup>26</sup> Antônio Mariano nasceu em João Pessoa, Paraíba, no ano de 1964. Em 1984, venceu o I Concurso de Poesia do Sesc da Paraíba e publicou os primeiros poemas. É autor dos livros *O gozo insólito* (1991) e *Te odeio com doçura* (1995), ambos editados pela Scortecci, *Guarda-chuvas esquecidos*, poemas (Rio de Janeiro: Lamparina, 2005), *Imensa asa sobre o dia*, contos (João Pessoa: Dinâmica, 2005), *Sob amor*, poemas (São Paulo: Patuá, 2013) e *O dia em que comemos Maria Dulce*, contos (São Paulo: Ficções, 2015).

Infelizmente a pandemia não nos permitiu realizar essa etapa conforme havíamos planejado, então, precisamos readaptar esse momento.

Dessa forma iniciamos o terceiro encontro on-line, e o momento de motivação foi feito da seguinte forma: trouxemos imagens de doces em um slide e inserimos como legendas nas imagens as partes do corpo humano, como mostra a figura abaixo:

**Figura 19** – Momento de motivação à temática



**Fonte:** Dados da pesquisa

Mostramos as imagens aos alunos e questionamos sobre o que eles acharam das imagens e das legendas; se fazia sentido para eles e quais as percepções que eles tiveram. A aluna Maria disse que ficou “bugada<sup>27</sup>”, no primeiro momento, e não conseguiu entender nada. Continuamos insistindo para que os alunos expusessem suas opiniões. Foi um pouco difícil no início, pois a maioria se sentiu envergonhado em falar algo que não fosse relacionado à “resposta correta”.

Incentivamos, então, que eles falassem o que viesse à cabeça, pois o intuito não era haver uma resposta correta, mas esperávamos apenas explorar até onde a criatividade poderia nos levar. A aluna Ana disse que para ela não fazia o menor sentido a comparação das imagens com as legendas.

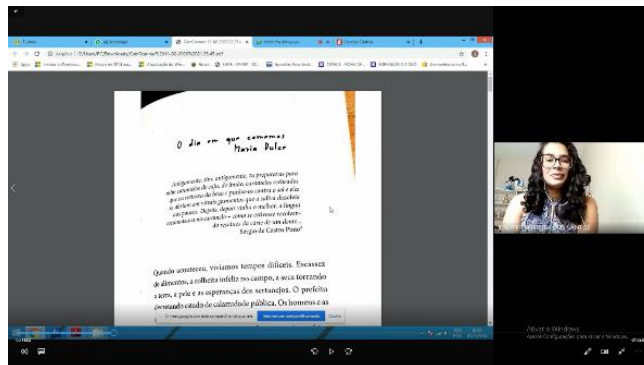
Exploramos um pouco mais das legendas e perguntamos aos alunos do que tratavam. A aluna Ana respondeu que todas se referem a partes do corpo humano. Então, pedimos que eles pensassem em motivos que poderiam justificar as partes do corpo humano estarem relacionadas a doces.

A aluna Maria pensou um pouco e disse que poderia ser a ideia de montar um boneco feito de doces. Por isso, cada doce se relacionava a uma parte do corpo. Ainda assim, os alunos continuaram demonstrando dificuldade em pensar nas associações que poderiam ser feitas, e

<sup>27</sup> Gíria ou expressão utilizada para definir um momento de confusão, quando não há entendimento sobre algo ou algum assunto.

resolvemos, então, partir para o título do conto e explorar as possibilidades temáticas que poderiam surgir a partir da visão dos estudantes. A ligação entre os doces e o conto permaneceu ocultada pela professora até o encerramento do segundo momento, mantendo a expectativa dos alunos sobre o que seria abordado no conto.

**Figura 20** – Leitura do conto “O dia em que comemos Maria Dulce”



**Fonte:** Dados da pesquisa

Ao apresentar o título, indagamos os alunos sobre o que poderia ser o tema abordado neste conto e dissemos que ficassem à vontade para expor as opiniões deles. Ressaltamos a importância de não haver julgamentos sobre o que seria dito por eles, a fim de incentivá-los a participar mais, já que na maioria das vezes apenas três alunos falavam com mais frequência.

Solé (2014) fala sobre a importância da mediação do professor na construção de hipóteses sobre o texto lido. Essa construção ajuda o educando e contribui para a formulação da interpretação do texto:

Assumir o controle da própria leitura, regulá-la, implica ter um objetivo para ela, assim como poder gerar hipóteses sobre o conteúdo que se lê. Mediante as previsões, aventuramos o que pode suceder no texto; graças à sua verificação, através dos diversos indicadores existentes no texto, podemos construir uma interpretação, o compreendemos. Em outros termos, quando levantamos hipóteses e vamos lendo, vamos compreendendo e, se não compreendemos, nos damos conta e podemos empreender as ações necessárias para resolver a situação. Por isso a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação. (p. 38)

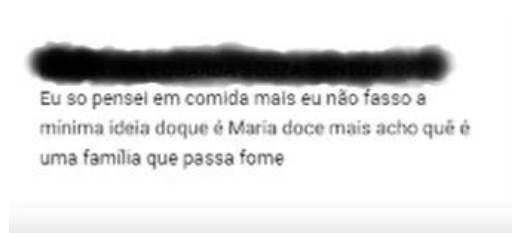
Utilizamos, então, o momento de hipóteses sobre o título para que os estudantes usassem a imaginação e, posteriormente, pudessem comprovar se as deduções feitas neste momento confirmaram ou não o que eles haviam pensado sobre o conto. O título do texto sugere uma ambiguidade de sentidos ao utilizar o verbo **comer** referindo-se a uma pessoa, visto que o verbo pode ser utilizado além do seu significado usual, muitas vezes sendo empregado

pejorativamente referindo-se ao ato sexual, utilizado por homens de forma misógina e sexista. Esperamos que algum aluno pudesse pôr em pauta esta discussão, mas não houve interpretações neste sentido.

Maria pensou um pouco e disse que acreditava se tratar de “uma história onde as pessoas passavam muita fome e depois, finalmente, puderam comer de verdade”. A aluna Ana expôs que ainda não estava conseguindo entender muito bem a associação do momento de motivação com o tema do conto e que no momento não conseguia pensar em possíveis temas para a história.

Alice também associou o título a comida ou a pessoas passando fome, porém ela não conseguiu identificar Maria Dulce como um personagem da história e relatou que não sabia o que era demonstrado ter interpretado a figura de Maria, não como uma pessoa, mas algo ou alguma coisa que fazia parte da história, como mostra a figura abaixo:

**Figura 21** – Chat de conversa do encontro 3



**Fonte:** Dados da pesquisa

Houve também uma pequena confusão em relação às palavras “doce” e “Dulce”, por parte da aluna, o que ajudou na percepção de que não se tratava de uma pessoa, mas de algo ou de alguma expressão, por exemplo. No mais, os outros alunos também concordaram com que a história, provavelmente, retrataria algo relacionado a comida ou abordaria uma família em situação de pobreza, sem acesso à alimentação. A associação a esta temática específica pode ter sido influenciada pelos outros contos lidos anteriormente e que abordavam um cenário de fome e pobreza.

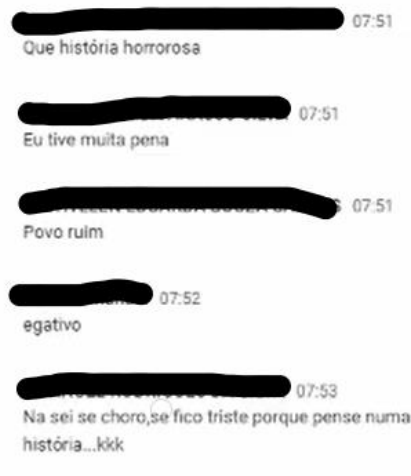
Seguimos, então, para o segundo momento que consistiu na leitura do texto. Mais uma vez, optamos que o professor fizesse a leitura, devido a timidez dos alunos em ler em voz alta. Associamos esta timidez ao formato de aula em que os alunos ainda não estavam habituados, muitos tinham vergonha de abrir as câmeras e mostrar o local em que se encontravam ou como estavam no momento. O conto é narrado por uma criança, que nos conta como conheceu a menina Maria Dulce, a única criança da região que possuía poder aquisitivo, o que lhe

proporciona fugir da fome que assolava a região. Porém em meio a uma situação de fome e desespero as crianças acabam canibalizando Maria Dulce.

Após a leitura do conto, houve um breve momento de silêncio, quebrado pela fala de Maria que proferiu a seguinte frase: eu não sei nem o que falar... Então, questionamos os alunos sobre o que acharam do conto. Todos concordaram que a história era chocante e ficaram bastante impactados. Perguntamos se o impacto havia sido positivo ou negativo e Maria respondeu que ficou desconfortável, mas que depois reagiu de forma positiva ao conto, tendo como veredito final que havia gostado da história.

Os outros alunos demonstraram ainda estarem digerindo a história, e continuamos os questionamentos a fim de recolher as impressões e reações de forma mais espontânea, sem que eles fossem “contaminados” pela percepção de outros alunos. Então, William falou que ficou um pouco espantado com a história, e Alice escreveu no chat que havia achado a história horrorosa.

**Figura 22** - Chat de conversa do encontro 3



**Fonte:** Dados da pesquisa

As percepções foram as mais diversas, mas a maioria dos alunos se dividiu entre o choque e a rejeição inicial. Ao planejarmos a sequência de leitura, imaginamos que esse conto, em especial, causaria uma certa polêmica, pois retrata temas delicados e chocantes. O canibalismo é um tema extremamente forte e repulsivo e, ao ser retratado praticado por crianças, se torna ainda mais chocante. O fato de a fome ser o fator desencadeador para tal prática também revolta e nos enche de sentimentos desconfortantes. Foi uma análise um pouco complicada de se mediar, já que além da timidez dos alunos em expor suas opiniões, também tínhamos o fator

temático polêmico que causou certo receio em alguns alunos, pois percebemos que se sentiram desconfortáveis em expor suas opiniões e serem “rejeitados” ou interpretados de forma negativa.

Jauss (1979) propôs um conceito de experiência estética pautado em três princípios: *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. A *poiesis* traria a experiência da identificação do leitor perante a obra. Tal identificação acarretaria o que Jauss chama de prazer estético. Para Nobrega (2012, p. 244), um exemplo da *Poiesis* na escolarização da literatura pode ser encontrada na “leitura de texto repetidas vezes, de forma silenciosa e em voz alta como vistas ajudar o aluno a perceber valores estéticos do texto como a musicalidade, o ritmo”. Já a *aisthesis* se configura em “uma espécie de consciência receptora acionada pelo efeito que a obra de arte provoca no receptor, contribuindo para que ele renove sua percepção no mundo” (NOBREGA, 2012. p. 245). Na literatura, através da *aisthesis*, o leitor pode experimentar a ampliação da sua visão de mundo, tendo contato com outras percepções e pontos de vista que são acionados a partir da leitura de um texto literário. Por fim, a *karthasis* é “a identificação que leva o receptor a mudar seu comportamento social, libertando-se de algumas amarras do cotidiano, de modo que ele seja capaz de ampliar sua visão e julgar os fatores e a realidade ao seu redor” (NOBREGA, 2012. p. 247). Nessa experiência o leitor – através do texto – desenvolve o pensamento crítico e reflexivo a partir da obra, relacionando-a a situações e experiências que ele pode vivenciar no mundo real.

Tais conceitos são utilizados por Nobrega (2012) para propor uma metodologia triangular para o ensino de literatura. Enfatizaremos aqui os princípios da *aisthesis* e *katharsis*, devido à reação dos alunos para com o conto lido. Segundo Nobrega (2012), um fator fundamental para gerar a experiência da *aisthesis* durante a leitura de um texto

(...) é a criação de um ambiente de discussão em que os alunos possam expressar seus pontos de vista, havendo, assim, uma atitude dialogal, democrática e respeitosa entre alunos e professores. Desse modo, todos os sujeitos envolvidos nesse processo terão a oportunidade de perceber que a literatura fala do cotidiano, das alegrias, dos medos, dos sentimentos, da realidade como um todo. (NOBREGA, 2012. p. 247)

Dessa forma, ao longo da aplicação desta pesquisa, buscamos sempre incentivar os estudantes para que falassem e participassem da aula. Durante as aulas, conseguimos verificar o desenvolvimento dessas categorias à medida que os alunos conseguiram construir suas interpretações, sempre relacionando-as com elementos da vida real ou com experiências pessoais. Mesmo em momentos em que não havia a identificação imediata com a obra, como

no caso do conto “O dia em que comemos Maria Dulce”, através da mediação, conseguimos fazer com que os educandos rompessem a barreira do preconceito inicial com a obra e a partir dos momentos de debate e análise os eles conseguiram compreender e associar a temáticas às questões sociais que estavam sendo debatidas. Neste conto, em especial, pudemos verificar a experiência da *karthasis* ao fim da análise, como veremos posteriormente, quando os estudantes conseguiram ir além das percepções pré-estabelecidas por eles e, assim, analisaram e refletiram sobre a temática e a crítica social abordada no conto do escritor Antônio Mariano.

Prosseguindo na análise do conto, William, então, falou que a história não era para crianças. A partir da sua fala, pudemos perceber que, por se tratar de um enredo que envolvia crianças, William acreditou que o conto era voltado para o público infantil. Explicamos que a temática realmente não era adequada para crianças e que para analisar e interpretar o contexto e a situação expostos no conto, era necessário ter um pouco mais de maturidade e entendimento. Por isso, trouxemos o conto para adolescentes na faixa etária deles (entre 14 e 15 anos).

Como vimos que o desfecho foi o ponto que mais chamou a atenção dos alunos, pedimos que, antes de analisarmos a parte mais chocante da história, voltasse nossos olhares para a sucessão de acontecimentos anteriores que desencadearam no desfecho trágico do conto. Buscamos mostrar aos alunos que a intenção do conto não era trazer apenas um episódio de violência gratuita, mas que o choque inicial era importante para que a partir das sensações e sentimentos conflitantes nós pudéssemos refletir sobre a problemática social abordada na história.

Dessa forma, aqui pudemos vivenciar também a *katharsis*, mencionada acima, pois os alunos demonstraram sentimentos como surpresa e comoção com os atos apresentados no conto. Nobrega (2012, p. 248) define a experiência por *katharsis* como algo que “aciona a sensibilidade em relação àquilo que comove a alma e a deixa perplexa.”. Ao compartilharem os sentimentos e sensações que tiveram ao ler o conto, os estudantes conseguiram expor seus julgamentos de forma autônoma, contribuindo para a percepção estética o conto.

Antes de iniciarmos a análise de fato, William faz uma observação importante, como mostra a figura abaixo:

**Figura 23** - Chat de conversa do encontro 3



07:53  
 agora faz sentido o nome do texto

**Fonte:** Dados da pesquisa

Finalmente os alunos descobriram o significado do título do conto, e ficaram muito surpresos ao saber que o título era uma descrição literal do que iria acontecer na história. Pedimos, então, que os alunos observassem a personagem Maria Dulce e como ela era descrita. O conto mostra que Maria chega na cidade de repente e em tudo contrasta com a população local. Ela é rica, bem vestida, corada, de aspecto saudável, com bons modos e fala educada. A aluna Ana aponta para a aparência de Maria Dulce em relação às outras crianças, que aparentavam viver em um lugar bastante pobre e ela seria a única criança com condições financeiras favoráveis na região.

Voltamos a análise para o contexto em que se passa a história, e pedimos aos alunos que lessem novamente o primeiro parágrafo do conto, o qual descreve o momento e a situação econômica das pessoas naquela cidade.

Quando aconteceu, vivíamos tempos difíceis. Escassez de alimentos, a colheita infeliz no campo, a seca torrando a terra, a pele e as esperanças dos sertanejos. O prefeito decretando estado de calamidade pública. Os homens e as mulheres de muitos filhos, dividindo o teto com a fome, saqueavam, desesperados, quintanas, armazéns e feiras livres. Matavam e morriam pelo que lhes garantisse um prato de sopa. (MARIANO, 2015, p. 69)

Já no início, o narrador nos alerta para a tragédia iminente, e inicia o conto em uma espécie de justificativa para a atrocidade que será cometida logo em seguida. Ao apresentar o ambiente e a situação econômica dos personagens, o narrador prepara o terreno para que o leitor se solidarize com os atos que irão ser apresentados ao longo da narrativa, mostrando também o descaso político em relação à população.

Chamamos a atenção dos alunos para a presença, mais uma vez, omissa, dos governantes, que também havia sido explorada nos contos lidos anteriormente. Para enfatizar ainda mais a fome vivenciada pelos personagens, o narrador relata que a única refeição feita por ele durante o dia era a merenda na escola, mas que, com o passar dos dias, o governo começou a deixar de oferecer as refeições, fazendo com que a criança desistisse de continuar indo à escola.

A situação do narrador personagem se agrava quando ele descreve que a sua mãe, doente, vive acamada e, portanto, não tem condições de trabalhar. Dessa forma, a criança fica responsável por trazer o pouco alimento que consegue com a ajuda dos vizinhos, torcendo para que ele e sua mãe consigam sobreviver.

Questionamos, então, como se estabeleceu a relação de Maria Dulce com os meninos. Willian fala que foi através dos doces que as outras crianças começaram a aceitar de Maria Dulce no grupo. O conto nos mostra que no início as crianças resistem à presença da menina, mas, ao verem que ela trazia doces e outras guloseimas, foram cedendo, pois, a fome falava mais alto. Foi estabelecida uma relação de dependência, já que, graças a Maria Dulce, eles podiam comer um pouco. Vendo, porém, que uma das crianças acabava não comendo toda a sua parte e guardando um pouco para levar para a sua mãe, Maria Dulce acaba trazendo para Jailson a sua parte em dobro.

Por se tratar de uma relação de interesse, as outras crianças não enxergavam Maria como uma amiga, mas como uma espécie de salvadora. O nome da própria personagem e como ela é descrita, nos remete à figura bíblica de Maria, mãe de Jesus, além do Dulce que significa doce. Para as crianças ele era como uma santa que viera salvá-los da fome. Mas ao trazer comida em dobro para Jailson, este gesto acaba aproximando Maria Dulce da única criança que vai realmente estabelecer uma relação de amizade e amor com ela durante a narrativa. Os dois passam, então, a ficar sozinhos após a distribuição das guloseimas, e Jailson acaba desabafando com Maria Dulce todo o sofrimento que passa junto com sua mãe doente.

Pedimos que os alunos observassem como, a partir da metade do conto, as coisas vão tomando uma proporção mais trágica à medida que as emoções do narrador vão se alterando. Solicitamos que os alunos nos falassem a forma como o narrador descreve alguns elementos do corpo de Maria Dulce, a começar pelos olhos da menina. Ana relembra que ele descreve os olhos de Maria como duas ameixas. Verificamos junto aos alunos que todas as associações feitas pelo narrador em relação à Maria remetiam à comida.

Nesse momento, Willian relata que a história do conto o fez lembrar do filme “O poço”.



**Fonte:** Dados da pesquisa

O filme citado pelo aluno foi lançado no ano de 2019, e retrata um sistema carcerário estabelecido em níveis. Os presidiários que estão nos níveis superiores recebem uma mesa repleta de comida, esta mesa vai passando por todos os níveis fazendo com que os presos que estão nos últimos níveis se alimentem apenas das sobras deixadas pelos outros. A sensação de fome vivenciada pelos presos dos níveis mais baixos é tão desesperadora que eles fariam de tudo para poder comer uma refeição decente, até mesmo matar quem estiver ao seu alcance.

A associação do aluno foi muito interessante, pois no filme também há uma crítica social estabelecida através da metáfora dos níveis em que os presos se encontram. Quem está acima sempre é privilegiado com a melhor refeição, enquanto quem está nos níveis inferiores sobrevive com os restos. No caso do conto, temos a figura de Maria Dulce como a representação do privilégio, pois enquanto ela advém de uma parte social privilegiada, as outras crianças estão lutando com a fome na tentativa de conseguir qualquer migalha de comida para sobreviver.

Partimos, finalmente, para o desfecho do conto analisando a cena em que os meninos devoram Maria Dulce. Solicitamos aos alunos que observassem como o narrador se comportava ao chegar cada vez mais perto de Maria, sentindo sua pele e o cheiro do seu hálito. Nesse momento associamos as figuras apresentadas no início da aula, que continham nomes de partes do corpo humano, e revelamos aos alunos o porquê de termos iniciado a aula daquela forma.

Questionamos aos alunos, o porquê de o narrador associar as partes do corpo de Maria Dulce a doces, e o que eles acreditavam que se passava na cabeça do personagem naquele momento. Ana fala que acredita que por conta da fome extrema ele acaba delirando e, ao canibalizar a menina, imagina coisas que ele gostaria de estar comendo naquele momento.

O fato de o narrador misturar o grotesco e o delicado ao descrever a cena do canibalismo contra Maria também acaba deixando a descrição um pouco mais leve, minimizando os detalhes chocantes e nos fazendo lembrar que são apenas crianças arrebatadas pela fome e pelo desespero. A mistura do imaginário infantil, repleto de doces e gostosuras, com a realidade macabra de um ato horrendo que jamais associamos a uma criança nos faz refletir ainda mais sobre o quanto a fome pode ativar os instintos mais primitivos do ser humano.

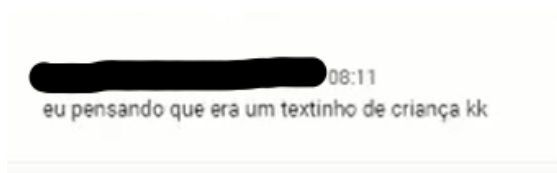
Analisamos junto com os alunos o primeiro passo para a iniciativa do ataque a Maria Dulce, e quem o havia iniciado. Ana comenta que o primeiro a morder Maria foi, justamente, o seu melhor amigo. Essa atitude acaba por sinalizar às pessoas que estão ao redor que elas também podem saciar a sua fome daquela forma. Dessa forma, esse ato de traição acaba por definir o trágico destino de Maria Dulce.

Enfatizamos que, ao morder Maria Dulce pela primeira vez, o menino imediatamente se arrepende, porém já é tarde demais, a primeira mordida havia sinalizado aos outros que aquela seria a fonte de comida deles naquele momento. Apesar do arrependimento ao lembrar da relação de amizade e amor vivida por ele com Maria Dulce, o narrador demonstra ter cedido aos instintos ao no final do conto relatar sua tristeza por não conseguir levar um pedaço da menina para que sua mãe pudesse saciar a fome:

(...) Chorei. A doce namorada que eu tinha generosamente entregue à sanha dos famintos. Chorei mais. Não tinha matado a minha fome. Chorei muito mais. Não tinha conseguido salvar um só pedacinho dela para mamãe. Chorei. Até a garganta arrebentar. (MARIANO, 2015. pg.: 78 e 79)

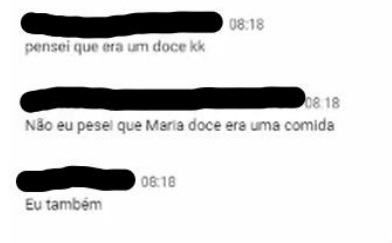
Perguntamos aos alunos o que haviam achado do desfecho da história e se conseguiam associar o enredo do conto a alguma situação de exclusão discutida anteriormente na nuvem de palavras do nosso primeiro encontro. Os alunos relataram que não imaginavam que a história iria descrever a morte e o canibalismo de uma pessoa, mesmo o título dando indícios de que isso aconteceria de fato. O aluno William falou que no início imaginou que se tratava de uma história para crianças, mas no fim ele não fazia ideia de que o conto terminaria dessa forma.

**Figura 25** - Chat de conversa do encontro 3



**Fonte:** Dados da pesquisa

Questionamos também se no início os alunos conseguiram entender, ao ler o título, que Maria Dulce era realmente uma pessoa. A maioria relatou que não havia associado Maria Dulce a um ser humano, pensaram que era algum tipo de doce ou comida.

**Figura 26** - Chat de conversa do encontro 3

**Fonte:** Dados da pesquisa

O fato de os alunos não imaginarem que uma pessoa seria canibalizada na história mostra que o autor cumpre com maestria o papel de fazer com que o leitor se surpreenda no último momento do texto, quando de fato a cena é descrita e se torna real para o leitor. O momento de exclusão apontado pelos alunos se concentra no fato da população daquela cidade viver na miséria e no abandono. Ana relata que todos da cidade passavam fome ou viviam em situação de pobreza e nenhum governante parecia se importar ou tentava ajudar a população.

Mostramos mais uma vez a relação de abandono social e econômico vivido pelas personagens do conto de Antônio Mariano e que também foram vistas nos contos de Geraldo Maciêl, lidos nas aulas anteriores. A divisão temática nos ajudou a discutir com os alunos o tema de forma mais profunda e reflexiva, trazendo diferentes situações e abordagens sobre a fome, a pobreza e suas consequências.

Dessa forma, acreditamos que a divisão temática pode ser uma alternativa para estruturar as aulas de leitura com enfoque na formação de leitores. Freire (1993) já abordava a temática como algo imprescindível para a formação humana no que diz respeito à associação das vivências e aproximações da realidade do sujeito, o qual chamou de “temas geradores”. São esses temas que provocam o sujeito a pensarem de forma crítica sobre o mundo:

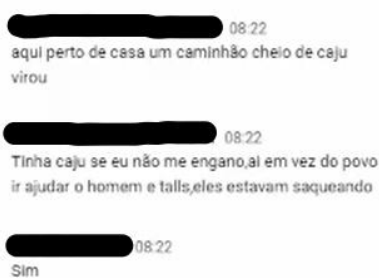
Desta maneira, as dimensões significativas que, por sua vez, estão constituídas de partes em interação, ao serem analisadas, devem ser percebidas pelos indivíduos como dimensões da totalidade. Deste modo, a análise crítica de uma dimensão significativo-existencial possibilita aos indivíduos uma nova postura, também crítica, em face das “situações-limites”. A captação e a compreensão da realidade se refazem, ganhando um nível que até então não tinham. Os homens tendem a perceber que sua compreensão e que a “razão” da realidade não estão fora dela, como, por sua vez, ela não se encontra deles dicotomizada, como se fosse um mundo à parte, misterioso e estranho, que os esmagasse. (FREIRE, 1993. p. 70)

Para associarmos o texto à nossa realidade, questionamos se os alunos já haviam visto na TV ou na internet, situações em que as pessoas eram levadas a cometer atos desesperados por conta da fome ou da pobreza extrema. Citamos o caso da queda de um avião Uruguaio na cordilheira dos Andes em 1972<sup>28</sup>. Com 40 pessoas a bordo, dez morreram na queda e os demais foram morrendo ao longo da espera pelo resgate. No total, foram 70 dias de agonia, fome e desespero e apenas 16 pessoas sobreviveram, pois comeram os restos mortais daqueles que haviam falecido durante os dias de espera.

Também citamos casos de países que vivem em guerra ou em situação de pobreza extrema em que as pessoas saqueiam lojas ou supermercados em busca de comida, chegando até a machucar outras pessoas durante o ataque. São atos extremos motivados por situações desesperadoras e que nos fazem refletir até onde iríamos para preservar a nossa existência.

Finalizamos, então, o encontro com o depoimento de alunos que citaram casos em que caminhões contendo comida acabam virando ou se acidentando e as pessoas correm imediatamente para saquear a carga. Algumas motivadas pela fome, outras motivadas pela ganância em furtar algo de fácil acesso sabendo que ficarão impunes.

**Figura 27** – Chat de conversa do encontro 3



**Fonte:** Dados da pesquisa

Esses depoimentos ajudaram os alunos a refletirem que, apesar da situação chocante retratada no conto, o intuito é nos fazer refletir sobre o quanto a exclusão e a pobreza podem degradar a natureza humana, fazendo com que as pessoas entrem em um processo de desumanização, ativando instintos animais a fim de preservar a sua sobrevivência.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-70-dias-de-agonia-o-mais-chocante-caso-de-canibalismo-da-historia.phtml>, acesso em Outubro de 2020.

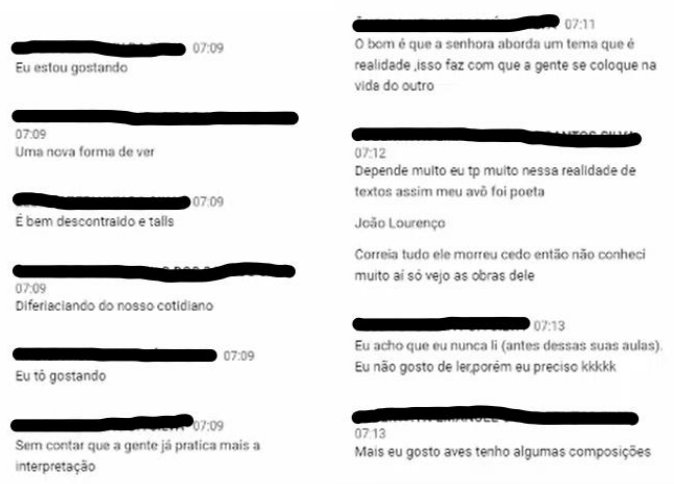
A experiência com o conto *O dia em que comemos Maria Dulce* nos mostrou a importância de nem sempre trabalhar textos com temáticas muito óbvias. Se queremos contribuir para a autonomia e proficiência literária de nossos educandos, devemos estimulá-los a confrontar suas próprias limitações diante de um texto mais complexo ou que de início não parecia tão empolgante.

Cardematori (2012) afirma que “a literatura dá forma e feição a experiências permeadas de valores com as quais podemos - ou não - nos identificar”. O estímulo ao confronto do que nos causa estranheza, ou até repulsa, nos ajuda a refinar o nosso processo de escolha de um repertório literário, ajudando a desmistificar a ideia de ler apenas aquilo que nos apraz ou ler sempre as mesmas temáticas e estilos com os quais nos identificamos.

O que foge ao óbvio pode ser um incentivo a descobrir novos horizontes, abrindo caminhos e ampliando o nosso "paladar literário". Ao lerem esse conto, os alunos, que de início se mostraram resistentes, finalizaram o encontro fazendo associações temáticas com filmes e situações vividas por eles. E o que antes causara dúvida e desconforto tornou-se algo não tão distante das experiências compartilhadas por eles durante a aula.

Finalizada a primeira parte de análise dos contos do escritor Antonio Mariano, partimos para o próximo encontro. O conto escolhido para este outro momento foi *Olhos no chão*, de autoria do mesmo escritor. Antes de iniciarmos a aula pedimos aos alunos um *feedback* das aulas anteriores, e o que eles estavam achando de os encontros serem dedicados exclusivamente à leitura e análise dos contos, sem atividades normativas, fugindo um pouco do que eles estavam habituados.

Os *feedbacks* foram bem positivos, e os educandos relataram interesse nesse formato de aula, por ser mais interativo e também por ajudá-los a estimular a interpretação textual, como mostra a figura abaixo:



**Fonte:** Dados da pesquisa

Alguns alunos enfatizaram as temáticas trabalhadas como algo positivo, pois se aproximavam da realidade vivida por eles em algumas situações. Outros também relataram nunca ter lido autores paraibanos na escola, sendo esse o primeiro contato que tiveram com algumas obras produzidas em nosso estado.

Vejamos, então, que a escola, muitas vezes, age como fonte principal de incentivo à leitura literária. Considerando a faixa etária dos educandos e a série em curso (9º ano), temos um panorama de mais da metade da vida escolar desses adolescentes em que não houve oferta ou contatos efetivos com a literatura paraibana.

Entendemos que a oferta de textos que possam estimular questionamentos e reflexões sobre o outro e as relações sociais pode advir de diversos cenários literários, mas ao trazeremos uma obra produzida em nosso estado, conseguimos aproximar temáticas e vivências que muitas vezes não são abordadas em outras regiões, dada a diversidade social e cultural do Brasil. Lourenço e Dalvi (2019) refletem sobre a importância da mediação temática de textos e como ela pode contribuir positivamente para alcançar o objetivo de formar leitores mais críticos sobre a sociedade e o mundo à sua volta.

Se considerarmos como a finalidade de uma educação literária a formação de sujeitos livres e autônomos que exercitem a sensibilidade e criticidade em direção a uma compreensão mais sofisticada e efetiva do real a partir da mediação ficcional/poética, as escolhas didáticas e pedagógicas do professor revestem-se de uma importância enorme. Muitas vezes, em nossas salas de aula, a leitura do texto literário, as indagações que ele nos propõe, assim como a exploração da linguagem altamente simbólica, ficam em segundo plano, e a literatura passa a não alcançar a sua função social apontada por Candido (2011): a complexificação da compreensão, a sofisticação da sensibilidade e, enfim, a humanização. (LORENÇO; DALVI, 2019, p. 80)



Sabemos, então, o importante papel do professor, enquanto mediador de leitura, que, ao selecionar os textos e obras que irá trabalhar com os seus alunos, deve reservar um espaço para poder introduzir obras produzidas em seu Estado, ajudando a desmistificar a ideia de que apenas as produções literárias do eixo sul-sudeste estão mais acessíveis a serem trabalhadas em sala de aula. Dada a presença escassa nos livros didáticos e nas coleções de leitura que são enviadas as escolas, a literatura paraibana nem sempre se faz presente no universo escolar, cabendo ao professor a tarefa de introduzir estas produções no repertório de leitura dos educandos. Finalizamos esse encontro, pedindo aos alunos que trouxessem na próxima aula fotos do bairro onde moram.

Antes de iniciarmos a análise do segundo conto de Antônio Mariano, propusemos na etapa de motivação uma reflexão acerca do lugar onde os alunos residem: o complexo habitacional Aluísio Campos. Pedimos que os educandos mostrassem as fotos que tiraram do bairro e questionamos como eles enxergavam o bairro, seus vizinhos e as relações estabelecidas entre os moradores do local. De início, os alunos ficaram pensativos, então, pedimos que eles começassem nos apresentando o bairro, como se fossemos visitantes que chegaram ali pela primeira vez.

**Figura 29** - Fotografias dos estudantes sobre o lugar em que vivem

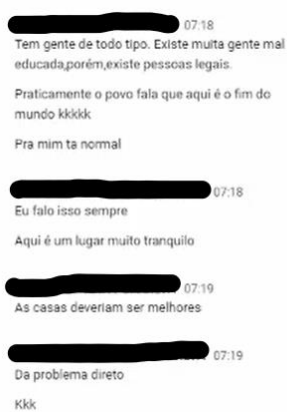


**Fonte:** Dados da pesquisa

O aluno Rafael descreveu o bairro como sendo uma cidade à parte, devido ao tamanho do complexo e à quantidade de moradores que ele comporta. Além do fato de ser afastado da

parte central de Campina Grande, pois, como descrevemos no início deste capítulo, o complexo localiza-se na borda urbano-rural da cidade. Ele também relatou que, como era um bairro relativamente novo, ainda estavam conhecendo os moradores e entendendo a dinâmica do complexo. Os alunos também descreveram as casas como tendo o mesmo modelo e estrutura. Alguns consideraram um lugar tranquilo, outros relataram alguns problemas de convivência, como mostra a figura abaixo:

**Figura 30** – Chat de conversa do encontro 4

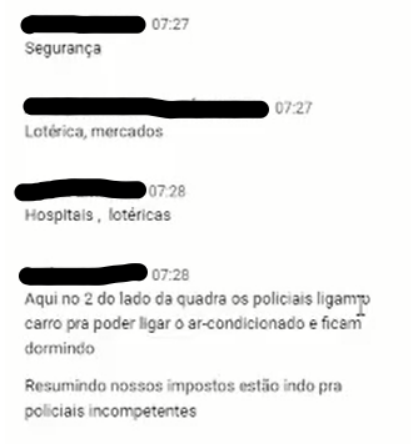


**Fonte:** Dados da pesquisa

Um fator unânime para os alunos foi a distância. Todos relataram que consideravam o bairro muito distante da zona central da cidade, o que ocasionava algumas dificuldades de locomoção no dia-a-dia. Questionamos ainda quais os problemas existentes no bairro. Alguns alunos informaram que o material utilizado para a construção das casas não parecia ser de boa qualidade, já que em pouco tempo de uso as casas já aparentavam desenvolver alguns problemas estruturais. A aluna Alice também relatou problemas nas caixas de água do complexo, que quebravam com bastante frequência, causando transtornos no abastecimento de algumas casas. Problemas com a iluminação das ruas também foram citados. Alguns educandos relataram que em vários setores do complexo a iluminação é precária e os moradores têm receio de andar às ruas durante a noite, devido à falta de iluminação.

Apesar de ser um bairro teoricamente planejado, os alunos relataram que muitas coisas ainda precisam ser acrescentadas ou melhoradas. Questionamos o que, na visão deles, poderia ser melhorado, e a maioria dos alunos citou a segurança e o acesso à serviços básicos, como os principais problemas.

**Figura 31** - Chat de conversa do encontro 4

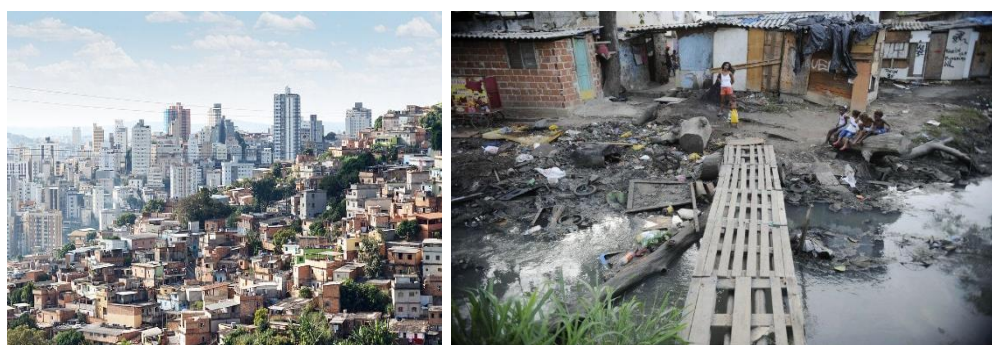


**Fonte:** Dados da pesquisa

Hospitais, lotéricas, farmácias e mais escolas foram alguns dos serviços listados pelos alunos que ainda não chegaram ao complexo ou existem de forma bem reduzida e acabam não conseguindo atender à demanda do bairro. Por um período, houve a instalação de um posto policial no bairro, porém os alunos relataram que, mesmo assim, não se sentiam seguros, pois os policiais não saiam do posto e, como o complexo é bem grande, as áreas distantes do posto policial acabaram não sendo alcançadas.

Após os relatos dos alunos sobre o bairro em que vivem, mostramos as duas imagens abaixo e pedimos que eles observassem e socializassem com a turma o que acharam delas e descrevessem os locais, apontando possíveis diferenças ou semelhanças.

**Figura 32** - Imagens retiradas do Google



**Fonte:** Imagens do Google

Ao observarem a primeira imagem, a maioria dos alunos associou o local da foto à cidade do Rio de Janeiro. Questionamos, então, o porquê de a maioria acreditar que se tratava especificamente dessa cidade. Ana respondeu que é geralmente no Rio de Janeiro que encontramos as favelas em morros altos, contrastando com prédios bonitos ao fundo.

Aproveitamos a observação da aluna em relação a divisão de ambientes na imagem e pedimos que os demais observassem o contraste entre as casas no primeiro plano e no segundo plano da imagem.

A intenção era que os alunos observassem o contraste social desses dois ambientes e refletissem sobre como aquelas pessoas viviam; se ambas tinham as mesmas oportunidades e eram tratadas da mesma forma pela sociedade. William relatou que as pessoas da favela, provavelmente, vivem em condições precárias, sendo alvos da polícia e são marginalizadas pela sociedade. Enquanto os moradores dos prédios desfrutam de uma boa vida e se preocupam apenas se não irão ser assaltados por algum morador da favela.

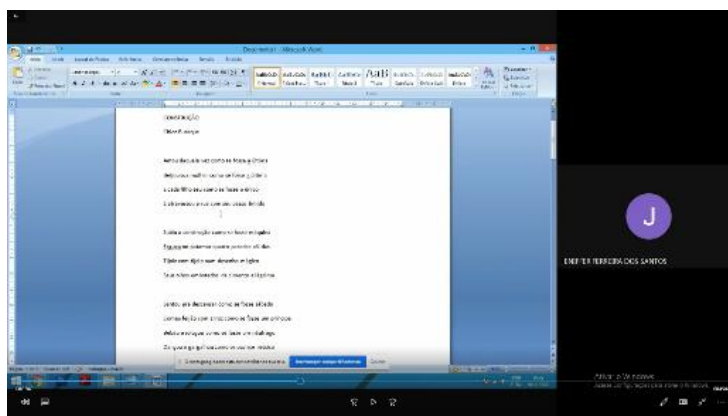
O relato desse aluno demonstra bem a situação de exclusão social vivenciada pelos moradores de locais periféricos. Ao serem postos à margem da sociedade, essas pessoas acabam não tendo acesso a oportunidades que a classe média/alta do nosso país possui. Tal discrepância contribui para que os moradores de zonas periféricas acabem sendo mais vulneráveis à criminalidade, sendo recrutados à vida do crime logo na primeira infância.

Continuamos o debate, mostrando a segunda imagem. A reação dos alunos foi de que o ambiente visualizado na foto era triste e chegaram à conclusão de que nenhum ser humano deveria morar em tais condições. Questionamos, então, dado ao ambiente insalubre da foto, como mesmo sendo um lugar impróprio para moradia, ainda assim existem pessoas que moram em locais como esse. O que leva pessoas a se estabelecerem nesses locais? Ana respondeu que a falta de dinheiro faz com que as pessoas acabem chegando ao ponto de morarem em becos e vielas, ou até mesmo em aterros sanitários. Os demais alunos concordaram que o motivo seria a falta de poder aquisitivo, que impedia as pessoas de morarem em locais com melhores condições e terem acesso a serviços básicos como o saneamento do lixo ou água encanada.

Através do debate sobre as discrepâncias sociais encontradas, não só nas grandes cidades, mas também no nosso próprio bairro, incentivamos que os alunos olhassem com mais atenção ao local onde vivem, socializando com a turma se no complexo havia pessoas vivendo em situações semelhantes. Os alunos relataram que em Campina Grande também podemos encontrar uma divisão social nos bairros considerados nobres e bons para morar, enquanto outros bairros mais periféricos são marginalizados por trazerem o estigma de perigosos ou violentos.

Finalizamos o debate sobre as imagens e apresentamos aos alunos a canção “construção”, do cantor Chico Buarque de Holanda. Devido a alguns problemas de áudio, não foi possível reproduzir a música durante o encontro na plataforma do Google meet, dessa forma, compartilhamos a letra da música na tela e lemos com os alunos.

**Figura 33** – Apresentação da música “Construção”



**Fonte:** Dados da pesquisa

Após a leitura, perguntamos as impressões dos alunos sobre a música. Ana falou que a canção lhe transmitiu uma mensagem de “viva o agora, pois amanhã você pode não estar vivo”. Já Rafael compartilhou com a turma que a impressão que teve foi a de que o protagonista da canção agia como se estivesse programado para viver aquilo, como se suas ações fossem robotizadas e ele não tivesse escolha ou autonomia. Incentivamos para que Rafael compartilhasse mais sobre o seu ponto de vista. O aluno, então, falou que acreditava que o homem da canção fosse um pedreiro e que, por imposição da sociedade, ele vivia a mesma rotina todos os dias, pois não lhe cabia ser ou agir de outra forma.

Rafael continuou sua análise falando que devido a essa rotina monótona, o homem demonstrava não ter perspectiva, perdendo, assim, o sentido da vida. Aproveitando a análise de Rafael, questionamos aos demais alunos se eles concordavam com o colega e qual seria a relação do título da música com a história contada na letra da canção. Ana falou que poderíamos relacionar o termo construção ao trabalho exercido pelo homem, mas também, a construção do dia-a-dia desse homem e da sua vida.

Diante da análise dos alunos em questão, enfatizamos a repetição de atos proposta na canção, que vai alternando em alguns versos, mas que corrobora a sensação tida por Rafael, de que os movimentos das protagonistas eram mecanizados. Perguntamos, então, se os alunos enxergavam no dia-a-dia deles ou de seus pais algo parecido ao que estava descrito na canção, um movimento de rotina ou de repetição diária de alguma coisa.

Rafael falou que via esse movimento de repetição, não só nos seus pais, ao saírem para trabalhar todos os dias, mas também em sua própria vida ao acordar, ir à escola, voltar e cumprir seus afazeres diários. Tudo sempre igual, assemelhando-se aos movimentos mecanizados do

homem da música. Movimentos que são repetidos e muitas vezes não percebemos, pois estamos absortos em cumprir a nossa rotina. Retomamos, então, a fala de Rafael no início de sua análise, ao se referir ao protagonista da música, enfatizando que a sua vida parecia não ter sentido.

Questionamos, então, porque houve essa impressão de que o personagem vivia uma vida sem sentido. Ana respondeu que a impressão que teve foi a de que o homem apenas cumpria o que tinha que ser feito, mas não demonstrava prazer ou alegria em fazer aquilo. Pedimos que os alunos olhassem com mais atenção o verso “Subiu a construção como se fosse máquina”, e falamos um pouco sobre a comparação estabelecida neste verso.

A forma mecanizada como o homem age e a comparação feita no verso do homem com uma máquina nos fazem imaginar que a cada dia a humanidade daquela pessoa vai sendo apagada e substituída apenas pela relação trabalho/sobrevivência, fazendo com que ele esqueça ou deixe de lado seus sentimentos e necessidades afetivas apenas para cumprir com o seu trabalho e ganhar o seu sustento. Destacamos também o verso “Morreu na contramão, atrapalhando o tráfego”, e pedimos que os alunos compartilhassem o que acharam do desfecho exibido nesse verso.

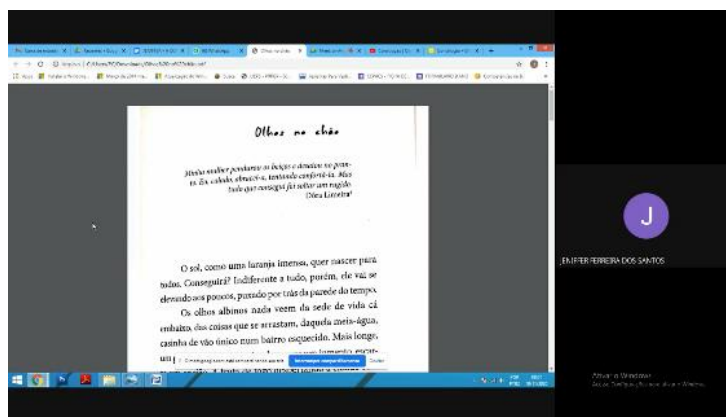
Rafael respondeu que a morte do homem foi encarada como mais uma em meio a tantas e que, apesar de ser um ser humano, as pessoas demonstram mais preocupação em não atrapalhar as suas rotinas do que com a morte de um ser humano. Finalizamos o debate sobre a canção, enfatizando a temática que seria abordada no conto, sobre a objetificação do ser humano enquanto mão de obra para o trabalho, o que acaba contribuindo para o seu apagamento enquanto ser com sentimentos e vontades, reduzindo a sua existência ao trabalho de subsistência.

Partimos, então, para a leitura do conto “Olhos no chão” do escritor paraibano, Antonio Mariano. No conto, acompanhamos o personagem Jailson e sua família, que estão passando por dificuldades financeiras. A mulher de Jailson, ao ver que o filho estava doente, busca a ajuda do marido para que possa socorrê-la, porém recebe uma reação fria e distante por parte dele. Ao questioná-lo diversas vezes se não iria trabalhar, Jailson acaba por revelar que perdera o emprego há duas semanas, por justa causa, acusado injustamente de furto.

Após a revelação, a esposa de Jailson percebe a gravidade do problema e suprime todas as suas preocupações, tomando a decisão de agir sozinha para ir com o filho ao hospital, buscando não preocupar o marido. O conto aborda o quanto a situação socioeconômica da família acaba pesando nas relações afetivas, pois, mesmo com o filho visivelmente doente e a mulher preocupada, Jailson parece não se compadecer com a situação, permanecendo absorto

em seus problemas. Vemos então a supressão dos sentimentos e emoções de um homem que aprendeu a priorizar o trabalho, pois ele lhe traz o sustento e a sobrevivência.

**Figura 34** – Leitura do conto “Olhos no chão”

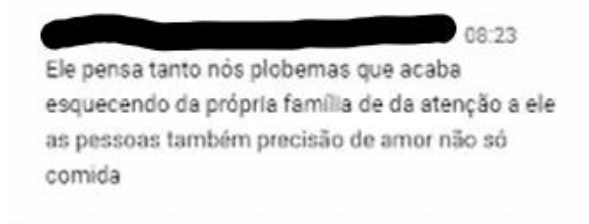


**Fonte:** Dados da pesquisa

A professora fez a leitura, e, em seguida, perguntou aos alunos o que acharam do texto. Para Rafael, a rotina familiar descrita no conto se assemelha ao dia-a-dia de muitos nordestinos que vivem situações parecidas, onde passam por dificuldades financeiras e precisam abdicar de muitas coisas pela sobrevivência. Questionamos, então, como os alunos caracterizariam o personagem Jailson. Eles descreveram-no como: preguiçoso, insensível, relaxado, bruto e ignorante. Já para Rafaela, Jailson transmitia a figura masculina do homem sertanejo, responsável pelo sustento da família e que, portanto, mantinha o estereótipo de forte e sem sentimentos.

Também questionamos a reação de Jailson ao saber que o filho estava muito doente. Seria uma reação “adequada” para um pai? Ana disse que, por se tratar de um homem que provia o sustento do lar, no momento, o mais importante para Jailson seria a preocupação em ter perdido o emprego, pois sem ele não teria como alimentar e manter a sua família.

**Figura 35** - Chat de conversa do encontro 4

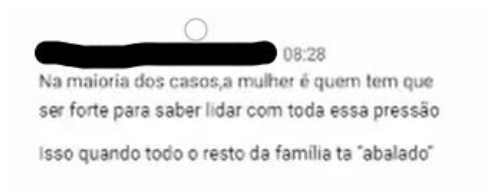


**Fonte:** Dados da pesquisa

A aluna Alice destacou a questão afetiva que parecia ser inexistente no personagem e que, apesar de a situação econômica ser importante, uma família também precisa de amor e afeto para sobreviver. Questionamos, então, se havia alguma semelhança entre o conto e a canção “construção” lida no início da aula. Rafael falou que na canção o homem parecia demonstrar mais afeto a família, do que o personagem Jailson, já que em alguns versos é dito que ele beijava a mulher e os filhos antes de sair para o trabalho.

Pedimos também que os alunos analisassem a personagem Dália, mulher de Jailson, e como era a sua relação com os filhos e a família. Ana disse que Dália aparentava estar mais preocupada em relação aos filhos e à família e que, apesar de também ter perdido o emprego, escondia suas preocupações para não perturbar o marido. Rafael afirmou que, apesar de Dália estar grávida e com o filho muito doente, ainda assim, ela tem forças para tentar reagir e solucionar os problemas, tentando preservar o marido das demais preocupações.

**Figura 36 -** Chat de conversa do encontro 4



**Fonte:** Dados da pesquisa

Ana também levantou a discussão sobre a figura feminina e a sua responsabilidade enquanto matriarca da família. Ela relatou que a mulher acaba tendo que ser a figura mais forte psicologicamente nesses casos, para poder manter a família estabilizada. E quando isso acontece, ela acaba retraindo seus próprios sentimentos e angústias em prol da família.

As percepções dos alunos sobre os personagens ajudaram a construir gradativamente a interpretação dos educandos, culminando no objetivo da aula que era fazer os estudantes compreenderem a situação econômica vivida pela família e como ela afetava essa relação



familiar. Tal construção corrobora o que Solé (2007) afirma sobre a interpretação textual pautada nas deduções e conhecimentos prévios dos educandos:

Em suma, as interpretações que – a partir das previsões e de sua verificação – vamos realizando no decorrer da leitura implicam a dedução do fundamental do texto com relação aos objetivos que nos levaram a lê-lo e nos permitem orientar nossa leitura de uma maneira cada vez mais precisa e crítica, tornando-a mais eficaz. (p. 44)

Infelizmente neste encontro tivemos um problema de administração de tempo para a divisão do momento de motivação e o momento de análise do conto. O momento de motivação acabou tomando bastante tempo e a parte reservada para leitura e análise do conto acabou ficando bastante reduzida, fazendo com que a análise não contemplasse todos os detalhes que havíamos planejado.

Constatamos, então, que apesar do planejamento da sequência de leitura ter sido feito considerando as possibilidades de erro ou mudanças, ainda assim o professor ficará alheio a possíveis problemas que poderão surgir durante a aplicação da sequência. E neste caso não conseguimos finalizar o encontro da forma que gostaríamos. Encerramos assim, o primeiro módulo da sequência, na qual a temática sobre a exclusão por meio de fatores socioeconômicos era o foco centralizador dos contos selecionados e lidos nos quatro encontros descritos até agora.

Na etapa seguinte vamos analisar os contos de autoria feminina, abordando a perspectiva da exclusão a partir das relações familiares e do envelhecimento. Para esta etapa escolhemos as escritoras paraibanas Dôra Limeira e Marília Arnaud.

#### **4.2 Módulo 2: Exclusão e abandono: relações familiares e envelhecimento**

Para o módulo 2, escolhemos trabalhar a temática da exclusão com foco nas relações familiares e no envelhecimento. O convívio familiar nem sempre é pacífico e harmonioso e, por diversas vezes, relações de exclusão e abandono são estabelecidas dentro desse contexto. Podemos citar como as mais recorrentes: o abandono parental e o abandono de idosos. No Brasil, apenas em 2022, estima-se que mais de 29 mil crianças não possuem o nome do pai na

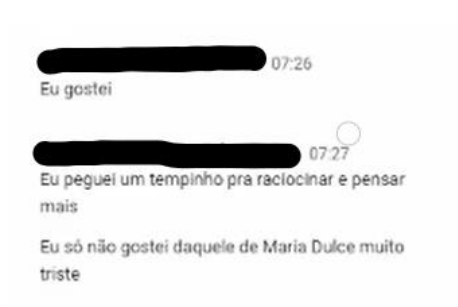
certidão de nascimento<sup>29</sup>. Já em relação aos idosos, o Brasil possui cerca de 31 milhões de idosos, o que corresponde a mais de 15% da população brasileira<sup>30</sup>.

Apesar da expectativa de vida do brasileiro ter crescido durante as últimas décadas, com o aumento de idosos, veio também a necessidade de um olhar mais atencioso para essa etapa da vida. Fica cada vez mais evidente que o país não possui políticas públicas eficazes para proporcionar um envelhecimento tranquilo à população. Além disso, muitas famílias acabam negligenciando os idosos, ocasionando situações de abandono e marginalização, devido às dificuldades e doenças comuns a esta etapa da vida.

Sendo assim, selecionamos quatro contos para abordar essas temáticas com os educandos, a fim de promover um debate reflexivo com a turma. Os contos selecionados para essa etapa são de autoria feminina, e, apesar de não ter sido uma divisão proposital, as temáticas acabaram convergindo para que os contos do primeiro módulo fossem de autoria masculina e os do segundo módulo de autoria feminina.

Antes de iniciarmos a etapa de motivação, pedimos que os educandos nos dessem um feedback sobre os contos analisados durante a aplicação do primeiro módulo. A aluna Ana respondeu que gostou bastante dos contos, principalmente dos debates que foram gerados a partir das temáticas trabalhadas, pois elas se aproximavam com a realidade do seu dia-a-dia. William disse que gostou bastante da representação do povo nordestino nos contos, pois mostrou um pouco da realidade sofrida pelo povo sertanejo e o descaso político que assola o Nordeste.

**Figura 37** - Chat de conversa do encontro 5



**Fonte:** Dados da pesquisa

<sup>29</sup> Disponível

em: <http://condege.org.br/arquivos/2568#:~:text=Esse%20ano%20j%C3%A1%20s%C3%A3o%20221,7%20de%20mar%C3%A7o%20deste%20ano>, acesso em Setembro de 2022.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>, acesso em setembro de 2022.

Alice relatou que gostou dos contos e que eles a fizeram refletir, mas que não havia gostado do conto “O dia em que comemos Maria Dulce”, pois achou a história muito triste. Vejamos, então, que nem sempre a seleção das obras feita pelo professor vai provocar uma reação positiva em todos os alunos. Há textos que podem nos trazer conforto e outros que podem nos trazer uma reação conflitante, ativando sensações como a tristeza ou a indignação. Tudo isso faz parte do processo de seleção e identificação das nossas escolhas e preferências, que por serem subjetivas podem não estar em conformidade com as de quem selecionou os textos, por exemplo.

Bordini e Aguiar (1988) afirmam que ao nos depararmos com obras que nos confrontam ocorre a emancipação e o afastamento do conformismo que nos limita, na medida em que somos convidados a sair da nossa zona de conforto ampliando o nosso horizonte de expectativas e a nossa zona de percepção em relação ao outro e ao mundo.

Se a obra corrobora o sistema de valores e normas do leitor, o horizonte de expectativas desse permanece inalterado e sua posição psicológica é de conforto. (...). Por outro lado, obras literárias que desafiam à compreensão, por se afastarem do que é esperado e admissível pelo leitor, frequentemente o repelem, ao exigirem um esforço de interação demasiado conflitivo com seu sistema de referências vitais. Todavia, a obra emancipatória perdura mais no tempo do que a conformadora. (BORDINI; AGUIAR, 1988. P. 84)

Conversamos com os alunos que a sensação de desconforto e o incômodo também fazem parte da reflexão e do processo formativo deles como leitores e como sujeitos que vivem em sociedade. A partir do desconforto e do incômodo por causa de uma leitura que rompeu com os horizontes de expectativas do sujeito, podemos perceber a dor do outro e ter um olhar mais empático em diversas situações. Após esse pequeno momento de avaliação dos encontros, iniciamos, então, a etapa de motivação proposta para a análise da temática escolhida.

#### **4.3.1 Dôra Limeira: relações familiares e abandono parental**

Iniciamos o segundo módulo com a escritora paraibana Dôra Limeira. A etapa de motivação para este encontro precisou ser readaptada devido ao cenário de aulas remotas que estávamos seguindo. Ao consultar a nossa sequência de leitura nos apêndices desta pesquisa, poderão constatar que inicialmente propomos que os estudantes deveriam assistir ao filme

**Central do Brasil.** Porém, devido ao tempo e à falta de estrutura necessária para assistirmos ao filme juntamente com os alunos, optamos por trazer o curta metragem **Vida Maria**<sup>31</sup>.

O curta tem uma duração de cerca de oito minutos e retrata a vida de uma mulher nascida no sertão do Nordeste e que deseja aprender a ler e a escrever. Porém, seus sonhos e ambições são interrompidos quando a dura realidade da vida lhe bate à porta, e ela, tendo que ajudar a família a sobreviver acaba por deixar a escola e os estudos de lado para trabalhar. O curta também nos mostra o quanto o ciclo se perpetua, à medida que Maria cresce e acaba por direcionar sua filha ao mesmo destino que outrora ela não desejava ter: trabalhar pela sua sobrevivência, casar muito jovem e abandonar a escola.

Após assistirmos ao vídeo com os alunos, questionamos sobre o que acharam do curta. William relatou que assim como na música “construção”, de Chico Buarque, o vídeo mostrava uma sequência de fatos que se repetiam, transformando-se em uma rotina. William também destacou o machismo presente no vídeo, à medida que Maria teve vários filhos homens que seguiram trabalhando ou foram embora e a única filha mulher, que era a mais nova, era “obrigada” a seguir o mesmo destino da mãe: ficando em casa, cuidando dos afazeres domésticos.

Ana descreveu o vídeo como o retrato de uma vida repetida, enfatizando o final do vídeo que mostra um caderninho com vários nomes de diversas Marias que assim como a personagem principal do curta, não conseguiu ser alfabetizada e repetiu o mesmo legado de sua mãe, avó, bisavó... Esse ciclo nos mostra o quanto o legado feminino, principalmente em regiões rurais, era, e em algumas situações ainda permanece, restrito.

São histórias de luta e sofrimento de mulheres que se privam da ambição de desejar ter algo diferente, pois não há meios ou perspectivas que contribuam para que suas vidas sejam diferentes do ciclo de apenas cuidar do lar e gerarem muitos filhos. Ainda hoje as mulheres são privadas de trabalharem fora de casa ou de estudarem, vivendo reféns deste legado que é igualmente perpetuado para suas filhas e netas.

Pedimos também que os educandos observassem o cenário e a ambientação visual do curta-metragem. Eles destacaram que o cenário parecia ser uma região de seca, que lembrava uma zona rural do Nordeste. Ana também informou que a casa e o local pareciam ser bem humildes, mostrando que a família não possuía uma boa condição financeira.

Os estudantes também destacaram alguns outros elementos significativos da zona rural nordestina, como a casa de barro, o pilão de milho, o poço para buscar água e a própria Maria

---

<sup>31</sup> Disponível em : [https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4)

carregando água com uma lata sobre a cabeça. Essas semelhanças despertaram a memória de alguns alunos ao lembrarem das casas de seus avós, pois alguns moravam em sítios na zona rural da Paraíba.

**Figura 38** - Chat de conversa do encontro 5



**Fonte:** Dados da pesquisa

Os estudantes também conseguiram achar semelhanças entre o cenário do vídeo com o ambiente retratado nos contos lidos anteriormente que acabam retratando locais que remetem ao nordeste brasileiro. Outro ponto que destacamos na análise do curta foi a relação da personagem principal com a escrita. Durante o período da infância, a personagem se mostra encantada pelo universo das letras e se empenha em tentar escrever o seu nome, mas, à medida que cresce e é impedida de dedicar seu tempo ao aperfeiçoamento da leitura e escrita, acaba por rejeitar esse momento de aprendizagem por achar que seu tempo deve ser utilizado para o trabalho e os afazeres domésticos, que se tornam mais urgentes.

**Figura 39** - Chat de conversa do encontro 5

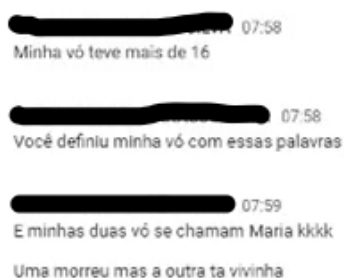


**Fonte:** Dados da pesquisa

Por ter uma rotina de trabalho muito árdua, a personagem acaba por acreditar que os estudos atrapalham e desperdiçam um tempo que poderia ser utilizado para a concretização deste trabalho. Esse pensamento vai sendo repassado para as outras gerações de Marias que vão surgindo dentro da família. Ana associou essa atitude ao pensamento patriarcal de que cabe à mulher o dever de cuidar do lar e dos afazeres domésticos, enquanto ao homem é destinado o trabalho fora de casa para prover o sustento à família.

Questionamos aos estudantes se eles conheciam alguém próximo ou na família que tinha uma história semelhante à de Maria José. William compartilhou com a turma que a sua bisavó não foi alfabetizada, pois casou muito jovem, teve dez filhos e cuidou de mais vinte e seis crianças da região onde morava. Dessa forma, ela não teve tempo para se dedicar a outra coisa além de cuidar das crianças e de sua casa. Outros educandos também relataram que a história relembra a vida de suas avós.

**Figura 40** - Chat de conversa do encontro 5

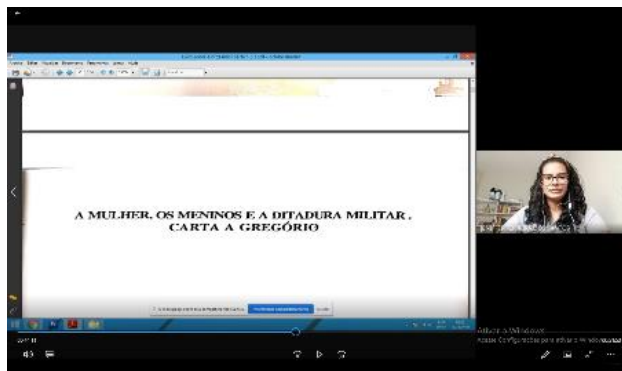


**Fonte:** Dados da pesquisa

Após o momento de motivação, apresentamos aos estudantes o título do conto “A mulher, os meninos e a ditadura militar. Carta a Gregório”, da escritora paraibana Dôra Limeira<sup>32</sup>. Pedimos, então, que os educandos nos falassem do que acreditavam se tratar a história e quais suas expectativas. William disse que, como envolve a ditadura militar, acreditava que seria uma história em um ambiente de guerra ou batalhas.

<sup>32</sup> Maria das Dores Limeira Ferreira dos Santos, natural de João Pessoa - PB. Ingressou no movimento literário no início da década 90, onde com o advento da Internet não reconheceu limites para a sua criação. Após a sua aposentadoria do Departamento de História da UFPB, Dôra Limeira passou a se dedicar ao lançamento de livros de contos e foi uma das fundadoras do Clube do Conto da Paraíba. A escritora participou da coletânea Todas as Estações, publicada a partir do concurso Talentos da Maturidade, realizado em 2002 pelo Banco Real. Em 2003 foi eleita Revelação Literária pelos leitores do suplemento cultural Correio das Artes. Seu livro de estreia foi a coletânea 'Arquitetura de um Abandono' (2003), seguido por 'Orgasmos dos Desvalidos' (2005), 'O Beijo de Deus' (2007) e 'Os Gemidos da Rua' (2009), todos inspirados por reuniões do Clube do Conto. Dôra Limeira ainda lançou 'Cancioneiro dos Loucos' (2013) e 'O Afetuoso Livro das Cartas', sua última coletânea, publicada em 2015, antes de sua morte.

**Figura 41** – Leitura do conto “A mulher, os meninos e a ditadura militar: carta à Gregório”



**Fonte:** Dados da pesquisa

Alice relatou que pelo título acreditava que seria uma história possivelmente triste. Pedimos então que os alunos observassem a última parte do título ao qual se referia a uma carta. Questionamos, então, se os educandos já haviam tido contato com uma carta ou conheciam o gênero textual carta pessoal. Os estudantes afirmaram que conheciam o gênero, mas, ainda assim, relembramos rapidamente as principais características e a estrutura do gênero carta pessoal antes de iniciarmos a leitura do conto.

Finalizando a breve revisão sobre o gênero carta, iniciamos a leitura do conto. O conto é narrado a partir de uma carta escrita por Rafaela, mãe de quatro filhos, que está escrevendo para o seu marido Gregório durante o regime militar, em 1969. Na carta, Rafaela conta um pouco do seu dia a dia e preocupações, mantendo sempre a esperança de que algum dia seu marido irá voltar para casa. Durante a carta não fica claro ao leitor o motivo da ausência do patriarca da família, mas vemos a constante preocupação de Rafaela em manter contato, mesmo sabendo que a carta pode não chegar a Gregório, visto que durante o regime militar as correspondências eram comumente violadas e confiscadas. Rafaela também busca manter nos filhos a esperança de que em breve verão o pai dizendo, sempre que questionada pelas crianças, que ele virá no Natal.

Após a leitura, perguntamos aos estudantes quais foram as suas impressões sobre o conto. Ana relatou que a mulher escrevia cartas para contar um pouco sobre a rotina dela e dos filhos, já que o marido não estava presente. William também destacou o fato de não saber exatamente o que houve com o marido, mas que ele acreditava que Gregório estava viajando.

Alice enfatizou as dificuldades vividas por Rafaela na ausência do marido. O fato de ter que cuidar sozinha das crianças e a falta de dinheiro para pagar as contas. Pedimos que os alunos

observassem o final da carta, a assinatura e o ano em destaque: 1969. Trouxemos uma breve explicação falando um pouco sobre o regime que havia se instaurado no Brasil durante esta época e quais as consequências deixadas pela ditadura militar.

Após a contextualização histórica, pedimos que os estudantes falassem um pouco sobre como a personagem Rafaela parecia lidar com a ausência do seu companheiro. Alice disse que Rafaela aparentava estar preocupada com toda a situação, porém tem o cuidado de não transmitir as preocupações a Gregório, sempre enfatizando que está tudo bem.

Mais uma vez, debatemos sobre o quanto a mulher acaba sendo sobrecarregada com as questões familiares e domésticas, e, no caso da personagem, as preocupações são ampliadas por Rafaela não aparentar ter o apoio de algum familiar que possa ajudá-la durante a ausência de seu marido. Sendo assim, ela fica sozinha com os quatro filhos, tendo que se responsabilizar por todas as questões que envolvem a situação econômica da família e ainda tem de lidar com a incerteza de não saber se o marido irá voltar para casa.

Questionamos em seguida quais as semelhanças que os educandos encontram no conto e no curta metragem exibido no momento de motivação. Ana relatou que achou semelhanças nas dificuldades das figuras maternas em ter que cuidar sozinhas dos filhos e da casa. Alice destacou a ausência da figura paterna em contato com os filhos e a família. No curta, o marido trabalha “fora” e mal aparece interagindo com os filhos. Já no conto há a ausência completa da figura paterna que aparenta, inclusive, não responder às cartas enviadas pela esposa.

Para finalizar o encontro, solicitamos que os educandos trouxessem na próxima aula uma carta escrita em resposta à personagem Rafaela. Na carta, os estudantes deveriam assumir a identidade de Gregório para poder responder à carta que havia sido enviada por sua esposa. Dadas as instruções de como deveriam proceder para a escrita da carta, encerramos o encontro visto que havia acabado nosso tempo de aula.

A importância do trabalho interdisciplinar e da conexão de diferentes gêneros textuais aliados à leitura literária nos permitiu um trabalho mais amplo para que os educandos pudessem associar as temáticas e análises a situações históricas e aos meios de produção dos textos, bem como às situações de comunicação envolvidas durante este processo. Com esse conto, pudemos analisar, com os estudantes, o contexto histórico da ditadura militar, assim como a situação comunicativa da personagem principal que, na época em que se passa a história, só podia comunicar-se através de cartas com o seu marido. Buscamos, assim, alcançar um dos critérios abordados pela Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2021), no que diz respeito à abordagem das práticas de leitura para os anos finais do ensino fundamental:



A leitura de textos literários, por sua vez, apresenta ao aluno uma forma artística e estética de lidar com questões reais, dialogando, portanto, com a vida humana. Já a leitura de gêneros do mundo prático, tais como notícias e propagandas, permite uma visão da construção da realidade. As três esferas, portanto, são complementares e dão sentido ao mundo, indicando caminhos para a participação em diferentes campos da atividade humana. (PARAÍBA, 2021. p. 75)

Nessa perspectiva, buscamos também alinhar a análise e leitura dos contos, em especial, a um dos objetivos de aprendizagem proposto na Base Nacional Comum Curricular (2018) que diz respeito a:

Ler, de forma autônoma e apreciativa, textos literários, reconhecendo a intertextualidade com outras manifestações artísticas, assim como suas especificidades e seu valor nos múltiplos olhares sobre as identidades e culturas, perpassando os valores humanos e considerando a autoria e o contexto sócio histórico de produção. (BRASIL, 2018.)

No encontro seguinte, iniciamos a aula conversando um pouco sobre as cartas escritas pelos estudantes em resposta à personagem Rafaela. Alguns estudantes não cumpriram com a atividade, e os que escreveram as cartas acabaram assumindo basicamente a mesma postura. Nas cartas, os educandos assumiram o papel de um pai saudoso e amoroso, com esperança de voltar para casa, demonstrando preocupação com a família, como podemos ver no exemplo abaixo. Por se tratar de um encontro online, os estudantes escreveram as cartas digitalmente e não de próprio punho.

**Figura 42** – Carta escrita por um dos estudantes

Olá, meu amor!  
 Eu estou bem. Eu vou fazer o  
 máximo para chegar em casa ou  
 antes ou no dia do natal. Não se  
 preocupe com o dinheiro, tudo  
 vai ficar bem e logo  
 conseguiremos pagar o que  
 temos que pagar. Enquanto á  
 você, eu te peço que não se  
 estresse, pois eu não quero vê  
 você pior. Fiquei triste em saber  
 do meu amigo, mas...  
 Eu amo muito você! Pode deixar  
 que eu levo os presentinhos para  
 as crianças. Se eu consegui eu  
 também levo pra você. Se cuida!

Com amor e carinho,

GREGORIO!

**Fonte:** Dados da pesquisa

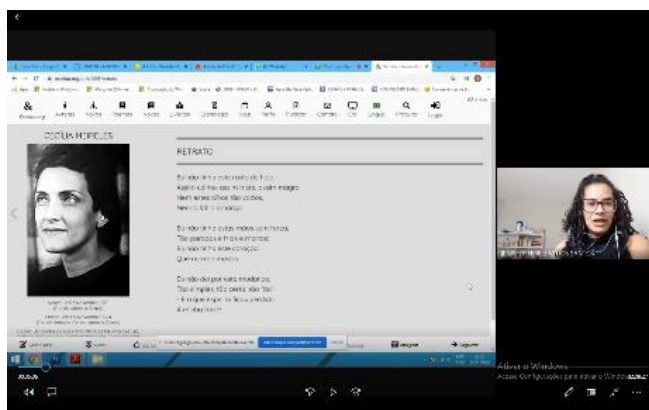
Vejamos que, apesar da contextualização histórica sobre o período em que a personagem estava inserida, o discurso utilizado na construção da carta revela certa inocência dos estudantes nas respostas. É possível identificar que a preocupação dos estudantes foi transmitir amor e afeto à Rafaela, aparentando esquecer o contexto da ditadura militar em que os personagens estavam inseridos.

Há também a perspectiva do discurso mascarado da tranquilidade retratado por Rafaela nas cartas a Gregório, sempre enfatizando que, apesar das dificuldades, estavam todos bem. Talvez devido ao tom utilizado pela personagem durante a narrativa, os estudantes tenham sido influenciados a escrever uma carta mais afetuosa. Devemos pensar também que durante o regime militar era comum que as cartas fossem confiscadas e lidas antes de serem entregues ao destinatário. Dessa forma, podemos presumir também que o tom utilizado por Rafaela visa minimizar possíveis represálias caso a sua carta fosse confiscada.

Questionamos os estudantes sobre o porquê de terem escolhido uma resposta mais amorosa à Rafaela. Ana disse que seria a resposta que ela gostaria de receber, caso estivesse no lugar de Rafaela. Os demais estudantes concordaram. Apresentamos aos educandos, em seguida, uma breve biografia de Dôra Limeira, para que eles conhecessem a escritora que estávamos trabalhando nesses dois encontros. Fechamos, então, a conexão com o encontro anterior e seguimos para o momento de motivação.

Separamos para o momento de introdução à temática do conto o poema “Retrato”, da escritora Cecília Meireles. Antes de lermos o poema, perguntamos aos estudantes se eles conheciam a escritora ou já tinham lido algum poema dela antes. Três alunos relataram que conheciam Cecília Meireles, enquanto os demais se dividiram em dizer que não conheciam e alguns ficaram em silêncio.

**Figura 43** – Leitura do poema “Retrato”



**Fonte:** Dados da pesquisa

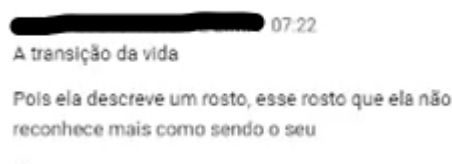
É importante destacar que neste encontro, em específico, tivemos uma baixa na frequência dos estudantes, o que acabou impactando um pouco na interação durante os debates e questionamentos. Neste encontro, apenas oito estudantes estavam presentes dos quais a maioria era estudantes que não estavam acompanhando todos os encontros assiduamente. Um fator agravante durante o processo de ensino remoto foi a discrepância social evidenciada pela falta de acesso à tecnologia, bem como a não supervisão dos pais e responsáveis em verificar se os estudantes estavam acompanhando as aulas.

Dessa forma, além do alto índice de evasão escolar, também enfrentamos a baixa frequência de alguns educandos que apareciam apenas em alguns dos encontros. Além disso, também nos deparamos com a falta de interação de alguns alunos que não ligavam as câmeras e não interagiam em áudio ou por meio do chat. Em encontros com baixa frequência de estudantes, a intervenção da professora se fez mais presente e o espaço dedicado à recepção e à análise dos alunos durante a aula acabou sendo reduzido.

Como apenas um estudante afirmou conhecer Cecília Meireles, antes de lermos o poema, apresentamos brevemente um pouco da sua trajetória e enfatizamos que não se tratava de uma escritora paraibana, já que eles estavam habituados a lerem obras de autores paraibanos durante os encontros.

Após apresentarmos a escritora, lemos o poema em voz alta e em seguida perguntamos o que os educandos acharam do poema e qual seria a temática abordada pelo eu lírico. Alice disse que o poema relata a transição da vida. Pedimos, então, que ela discorresse mais sobre as suas impressões. A estudante explicou que o eu lírico descrevia um rosto, porém era um rosto que ele não reconhecia. Seria como a passagem do tempo na nossa vida, fazendo com que ao longo dos anos nós mudássemos a ponto de não reconhecer a pessoa que nos tornamos.

**Figura 44** - Chat de conversa do encontro 6



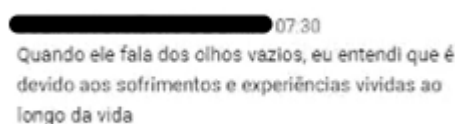
**Fonte:** Dados da pesquisa

Pedimos que os educandos também observassem o título do poema e se este título se relacionava com o que o eu lírico abordava ao longo dos versos. Como nenhum estudante respondeu, questionamos se todos sabiam o que era um retrato ou se estavam tímidos para

interagir. Como apenas Alice havia demonstrado interesse em participar, não conseguimos obter certeza se os demais estudantes estavam acompanhando a aula, já que os microfones e câmeras estavam desligados e, ao serem questionados, não responderam nem por áudio nem pelo chat.

Mesmo não obtendo resposta, explicamos a relação do título com a ideia central do poema, na qual o eu lírico analisa seu rosto e descreve as mudanças sutis que foram ficando aparentes ao passar do tempo. Questionamos, então, se os adjetivos utilizados pelo eu lírico, em relação a essas mudanças, eram positivos ou negativos. Alice respondeu que as descrições parecem negativas. Perguntamos por que eles acreditavam que o eu lírico se descrevia de forma negativa, e Alice respondeu que não conseguia imaginar o porquê, mas que a descrição dos olhos aparentava ser por conta dos sofrimentos vivenciados pelo eu lírico ao longo da vida.

**Figura 45** - Chat de conversa do encontro 6



07:30  
Quando ele fala dos olhos vazios, eu entendi que é devido aos sofrimentos e experiências vividas ao longo da vida

**Fonte:** Dados da pesquisa

Explicamos, então, que as descrições do eu lírico refletiam as mudanças ocorridas em seu corpo durante o processo de envelhecimento, e perguntamos se os estudantes haviam conseguido perceber essa associação. Alice disse que agora conseguia perceber do que se tratava. Pedimos, então, que os estudantes pensassem em seus pais e avós, e questionamos se eles conseguiam enxergar essas pequenas mudanças físicas, que marcam a passagem do tempo, nos rostos de seus familiares.

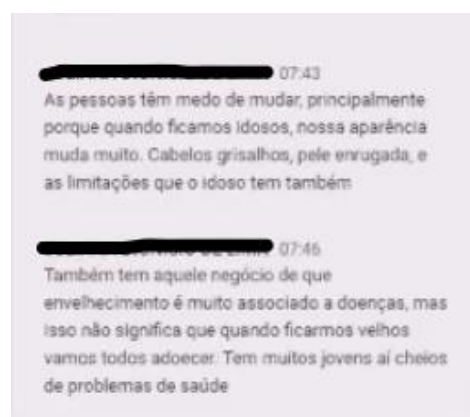
Alice disse que o primeiro sinal percebido são as rugas que aparecem no rosto, e que ela já consegue identificar no rosto de sua mãe. Pedimos que os estudantes lessem a última estrofe do poema, pois nela o eu lírico informa que não havia percebido antes todas essas mudanças que lhe aconteceram. Era como se estivesse absorto na vida e nos seus afazeres até que um dia percebeu que o tempo estava passando e que junto com ele também estavam indo a sua juventude e vitalidade.

Iniciamos um debate relacionado à expectativa de vida atual em relação aos séculos passados. Usamos como exemplo a Idade Média, período em que a expectativa de vida girava em torno de trinta anos de idade devido à falta de saneamento básico e à medicina que era

aplicada de forma precária. Já no Brasil, segundo o IBGE, em 2019, a expectativa de vida do brasileiro aumentou para 76 anos de idade. Questionamos aos estudantes o porquê de, mesmo com a qualidade de vida dos idosos aumentando, ainda assim a ideia da velhice como algo negativo é algo tão presente na nossa sociedade?

Alice destacou o fato de que geralmente temos receio das mudanças, associado também a fatores estéticos como as rugas, cabelos brancos e as limitações ocasionadas pelo envelhecimento. Além do que a velhice é sempre associada a um período de doenças e dificuldades, o que ajuda a favorecer a imagem negativa sobre essa etapa da vida.

**Figura 46** - Chat de conversa do encontro 6



**Fonte:** Dados da pesquisa

Para finalizar a análise e reflexão sobre a temática do poema, pedimos aos estudantes que, posteriormente, se possível, em casa eles solicitassem aos pais, avós ou familiares mais velhos, uma fotografia deles mais jovens e comparasse com a fisionomia que eles possuem agora, observando as mudanças ocorridas durante o processo de envelhecimento.

Trouxemos em seguida a música “A lista”, do cantor Oswaldo Montenegro, para que os alunos observassem a letra da canção, já que o conto analisado nesse encontro foi inspirado nessa música. Lemos a letra da canção, pois houve um pequeno problema de áudio e não conseguimos reproduzir a música durante a aula. Após a leitura, pedimos aos estudantes que refletissem sobre essa lista de coisas elencada pelo eu lírico e se algum deles reconhece ou já passou por alguma mudança citada na canção.

Alice compartilhou com a turma que havia vivenciado recentemente o distanciamento com alguns amigos de sua antiga escola, pois não se viam mais com tanta frequência e agora estavam estudando em escolas diferentes. Conversamos com os educandos sobre as mudanças citadas na canção que podíamos relacionar não só ao envelhecimento, mas ao amadurecimento

no geral, pois, à medida que vamos crescendo vamos nos distanciando de coisas que antes eram interessantes, mas que agora já não fazem sentido.

Pedimos que os estudantes comparassem a canção com o poema lido anteriormente, destacando a estrofe abaixo, e refletissem sobre si mesmos em relação ao questionamento feito na canção.

“Onde você ainda se reconhece  
Na foto passada ou no espelho de agora?  
Hoje é do jeito que achou que seria  
Quantos amigos você jogou fora?”

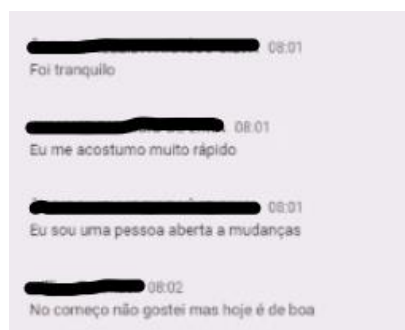
Nessa etapa, tivemos a participação de mais dois estudantes, além de Alice, via chat. Enquanto Alice relata que permanece a mesma pessoa de sempre, Júlia e Rafael compartilharam que mudaram muito, principalmente quanto à forma de pensar.

**Figura 47** - Chat de conversa do encontro 6



**Fonte:** Dados da pesquisa

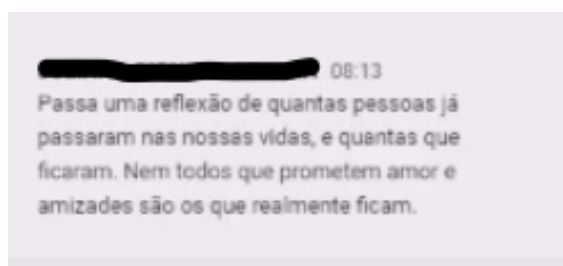
Comparamos também a mudança ocorrida na vida dos estudantes em relação à mudança de bairro, já que todos anteriormente moravam em bairros diferentes na cidade, e, ao serem contemplados com as casas do projeto, passaram a morar no Complexo Aluizio Campos. Questionamos como foi para eles essa fase de mudanças e adaptações, e se foi difícil para eles encarar um lugar novo com pessoas desconhecidas. Alice e Júlia relataram que foi uma adaptação tranquila, pois se adaptaram rápido às mudanças. Já Rafael compartilhou que no início não havia gostado, mas que atualmente já está se adaptando.

**Figura 48** - Chat de conversa do encontro 6

**Fonte:** Dados da pesquisa

Após o debate e as reflexões acerca da temática que iríamos analisar, partimos para a leitura do segundo conto da escritora paraibana Dôra Limeira. O conto intitulado de *Eu, brasileiro, viúvo, setenta e cinco anos*, é narrado em primeira pessoa e retrata as angústias e vivências do narrador que faz uma reflexão nostálgica sobre a sua existência.

A professora fez a leitura do conto e em seguida abriu espaço para que os educandos compartilhassem quais foram as suas impressões sobre a história lida. Alice relatou ter achado o conto triste, devido ao fato de o narrador aparentar estar sozinho e abandonado. Alice compartilhou, ainda, sobre a passagem do tempo e das pessoas na nossa vida, e que, nem sempre, elas permanecem.

**Figura 49** - Chat de conversa do encontro 6

**Fonte:** Dados da pesquisa

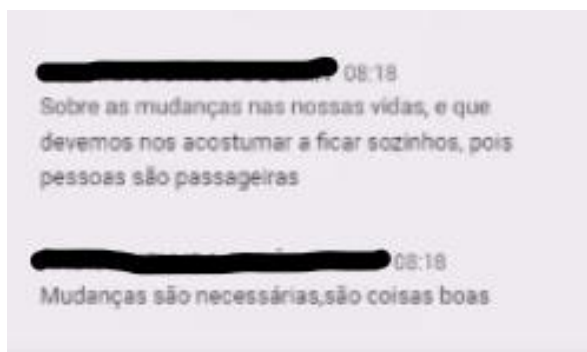
Os demais alunos acabaram não socializando as suas impressões, então, perguntamos se os estudantes haviam encontrado semelhanças entre o conto, o poema de Cecília Meireles e a canção de Oswald Montenegro. Alice elencou o envelhecimento e as mudanças da vida como temáticas que foram abordadas em todos os textos lidos. Relemos, então, o trecho abaixo e pedimos que os estudantes observassem com atenção a descrição feita pelo narrador.

Olho-me no espelho, perscruto a minha sombra. E não me reconheço. Olho na foto. Não, este não sou eu. Não estou mais me reconhecendo. Os cabelos loiros, lisos, escorrendo na testa. Os olhos tão vivos. Eu possuía a eternidade, e não sabia. Hoje, o que possuo? Meus poucos cabelos grisalhos, meus olhos embaçados nesta foto. Com certeza, custa-me acreditar que sou eu. (LIMEIRA, 2005. p. 126)

Questionamos se os educandos conseguiam ver nesse trecho algo parecido com o poema *Retrato*. Enfatizamos o ato de se olhar no espelho como um ponto de reflexão, no qual o narrador, finalmente, percebe as mudanças, físicas principalmente, que lhe ocorreram. Assim como no poema, há a comparação do passado com o presente, numa visão melancólica e triste sobre como a juventude se foi, restando apenas a solidão e as marcas da vida.

Alice e Júlia também compartilharam que as mudanças citadas, tanto no conto, quanto no poema, são necessárias e fazem parte do processo de amadurecimento da vida e que tudo é passageiro, portanto, devemos aproveitar ao máximo os momentos vividos.

**Figura 50** - Chat de conversa do encontro 6



**Fonte:** Dados da pesquisa

Explicamos, em seguida, que o fato de o conto ter sido inspirado na canção *A lista*, de Oswald Montenegro, era proposital, visto que o livro em que o conto foi retirado é dividido em três partes, sendo a última delas, composta apenas por contos inspirados em letras de músicas. Com isso, encerramos este encontro e, para o próximo, demos algumas instruções de ações que os estudantes deveriam fazer e trazer para a próxima aula. Solicitamos que trouxessem uma foto de algum objeto ou local que lhes remetesse à ideia de lar, aconchego ou que lhes trouxesse a sensação de pertencimento. Pedimos também que utilizassem algum aplicativo de fotos que possuísse um filtro de envelhecimento, para envelhecer digitalmente uma foto deles. O intuito foi fazê-los observar e refletir sobre as mudanças físicas e psicológicas que provavelmente irão ocorrer durante o processo de envelhecimento e como eles iriam reagir



ao verificar as diferenças de suas fotografias enquanto jovens e como supostamente ficarão durante a velhice.

Este encontro nos fez refletir bastante sobre o impacto da pandemia e do ensino remoto na educação pública do Brasil. Preocupamo-nos sobre o quanto as crianças e adolescentes estavam realmente acompanhando essas aulas e se, de fato, havia alguma supervisão dos responsáveis em conferir se eles estavam frequentando as aulas, ou se apenas entravam, desligavam as câmeras e microfones e iam fazer outras coisas.

Não ter alcançado o nível de interação desejado também nos frustrou, à medida que havíamos planejado com afinco toda a aula e esperávamos uma recepção mais entusiasmada por parte da turma. Porém, o processo de ensino/aprendizagem, assim como aborda Luckesi (2011), nos mostra que não há métodos que garantam um planejamento e execução eficaz na prática. São inúmeros fatores que envolvem o fazer docente e, dentre eles, estão a individualidade e subjetividade de cada aluno. Dessa forma, não há como nos salvaguardar sobre uma aula onde todos os educandos participarão positivamente, e o fato de Alice e Júlia terem se empenhado em analisar e debater os textos nos fez sentir que o objetivo, embora em pequena quantidade, havia sido alcançado.

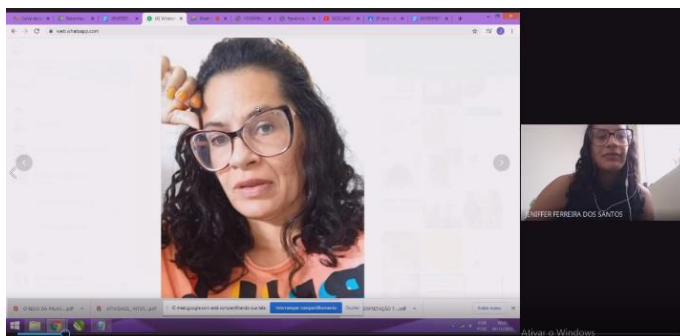
#### **4.3.2 Marília Arnaud: solidão e abandono parental**

No encontro seguinte, iniciamos a leitura e análise dos contos da escritora paraibana Marília Arnaud. Nesta etapa, abordamos as temáticas relacionadas à solidão e ao abandono sobre duas perspectivas diferentes. Ainda explorando as relações familiares, buscamos refletir sobre a solidão advinda do envelhecimento, no qual o idoso é tido como um fardo e, portanto, é ocasionalmente abandonado por seus familiares durante esta etapa da vida. Bem como o abandono parental, tema muito recorrente no Brasil e que leva milhares de crianças a não terem o nome do pai em sua certidão de nascimento, tendo muitos, inclusive, nem sequer conhecido seus genitores.

Iniciamos o encontro retomando as solicitações feitas na aula anterior. Dessa forma, partimos para a análise das fotografias alteradas através de um filtro de envelhecimento. Como alguns estudantes ficaram envergonhados em mostrar o resultado das fotos, a fim de preservar os educandos, apenas discutimos com eles as sensações e impressões que tiveram ao se

depararem com a suposta aparência que teriam no futuro, e utilizamos uma fotografia envelhecida digitalmente da própria professora como exemplo.

**Figura 51** – Foto do professor envelhecida digitalmente

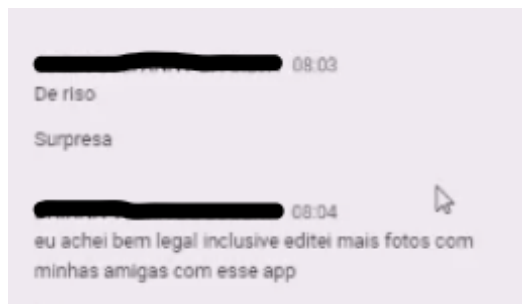


**Fonte:** Dados da pesquisa

Como mostra a figura acima, a professora utilizou a sua própria imagem para exemplificar as mudanças físicas que ocorrem no nosso corpo durante o processo de envelhecimento. Pedimos, então, que os estudantes observassem e comparassem a fotografia com o rosto atual da professora. A primeira mudança perceptível para os educandos foram as rugas, que, segundo eles, deram uma expressão cansada no rosto da professora.

A professora compartilhou com a turma o que sentiu ao se ver na foto, refletindo que a primeira associação feita foi ao fato de que se sentiu feia. Essa sensação nos fez refletir sobre o quanto a questão estética é um fator relevante em nossa sociedade, principalmente quando se trata da figura feminina, o que corroborou, mais uma vez, o que foi discutido na aula anterior, sobre como o processo de envelhecimento ainda é encarado de forma negativa, principalmente pelos fatores físicos e estéticos.

Questionamos, então, aos educandos o que eles sentiram ao se enxergarem mais velhos. Ana relatou que no início achou engraçado, mas ficou surpresa ao ver todas as mudanças que iriam acontecer no seu rosto. Já Rafaela compartilhou que achou a experiência muito interessante e acabou fazendo as alterações em fotos de amigos para saber como eles ficariam.

**Figura 52** - Chat de conversa do encontro 7

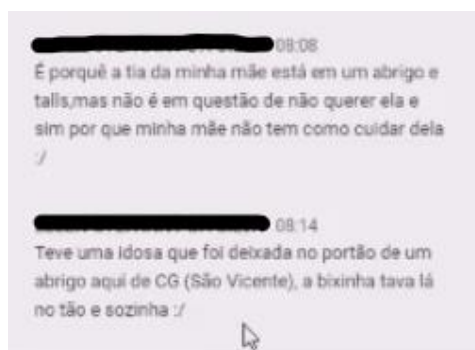
**Fonte:** Dados da pesquisa

Após o debate sobre as fotografias, iniciamos o momento de motivação para a temática, assistindo ao documentário **Abandono aos idosos - uma realidade despercebida**, a fim de refletirmos mais sobre o impacto do envelhecimento nas relações familiares. O documentário tem uma duração de cerca de dez minutos e está disponível no YouTube.

**Figura 53** - Capa do documentário

**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=cBrvEUI9uGc>

Após assistirmos aos depoimentos dos idosos do documentário, pedimos aos alunos que socializassem as suas impressões sobre o vídeo. Ana iniciou relatando que esse era um tema que lhe deixava um pouco desconfortável, pois ela tinha um familiar que precisou ser colocado em um lar de idosos, pois sua mãe não tinha condições financeiras e, como trabalhava o dia inteiro, não estava conseguindo dar a assistência necessária para este familiar.

**Figura 54** - Chat de conversa do encontro 7

**Fonte:** Dados da pesquisa

A partir da fala de Ana, sentimos a necessidade de explicar aos educandos que o abandono mencionado no vídeo era relacionado à escolha dos parentes de não querer lidar com as possíveis dificuldades em cuidar de seus familiares, e não por necessidade. Havia a possibilidade de mantê-los no seio familiar, porém estes optaram por deixar os idosos em uma casa de acolhimento e nunca mais voltaram para visitá-los.

Casos que envolvem dificuldade financeira ou a possibilidade de o idoso ficar o dia inteiro sozinho, pois o familiar precisa trabalhar para sustentar a casa, não se enquadram neste debate. Explicamos que as casas de idosos davam este suporte aos familiares que não tinham condições de cuidar de seus parentes, deixando-os à vontade para visitá-los sempre que quisessem. A diferença do abandono está justamente no fato do familiar não voltar para visitar o idoso, deixando-o completamente sozinho.

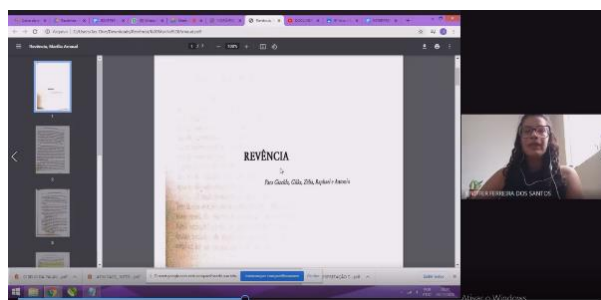
Outros estudantes também relataram histórias de abandono que conheciam e socializaram a tristeza que sentiram em saber que pessoas em uma situação tão vulnerável eram abandonadas por quem deveriam cuidar delas. Como Ana havia informado que seu parente estava acolhido no Instituto São Vicente de Paulo, um abrigo para idosos bastante conhecido na cidade de Campina Grande - PB, perguntamos se ela se sentiria confortável em relatar um pouco do que ela via neste Instituto sempre que ia visitar este parente.

Ana relatou que durante a pandemia as visitas ao Instituto foram suspensas, mas que sempre que ia visitar este parente se depara com situações bem tristes, pois realmente há muitos idosos que estão abandonados e não recebem a visita de nenhum familiar. Ana também destacou o apego ao passado como algo recorrente na fala da maioria dos idosos deste abrigo, pois sempre que ela estava por lá conversava com algum idoso que relembra com carinho do passado e da época em que vivia com os seus familiares. Muitos lembram com carinho do local onde moravam, destacando partes específicas de suas antigas casas.

O relato de Ana enriqueceu ainda mais o debate, pois trouxe uma experiência mais próxima e palpável da realidade vivenciada por esses idosos. O apego ao lar e ao passado nos mostra o quanto a retirada do seu local de pertencimento é impactante na vida desses idosos, na medida que são excluídos de sua própria casa e têm suas identidades apagadas do seio familiar. Ana finalizou seu relato informando que sempre se emociona quando vai ao Instituto, pois se depara com muitas histórias tristes.

Finalizado o debate acerca do documentário, partimos para a leitura do conto **Revência**, da escritora paraibana Marília Arnaud<sup>33</sup>. O conto narra os pensamentos e vivências de uma mulher que retorna ao lugar onde passou a sua infância para aguardar a morte, pois foi diagnosticada com uma doença terminal que, segundo o médico, lhe daria no máximo seis meses de vida. Buscando evitar toda a comoção da despedida e que as pessoas acompanhassem a degradação do seu corpo, ela se isola neste local repleto de memórias.

**Figura 55** - Leitura do conto “Revência”



**Fonte:** Dados da pesquisa

Após a leitura do conto, questionamos os estudantes sobre o que acharam do texto. Ana informou que a personagem principal aparentava estar buscando paz. Os demais estudantes se mostraram um pouco confusos em relação ao porquê de a personagem ter ido embora de casa para morar em outro local. Inicialmente, eles não associaram a angústia da personagem ao fato

<sup>33</sup> É paraibana de Campina Grande (PB), mas mora em João Pessoa. Graduiu-se em Direito (UFPB) e trabalha no Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba. Começou a vida literária na década de 1980 escrevendo crônicas para jornais paraibanos, mais tarde publicadas no livro *Sentimento marginal* (Produção independente, 1987). *A menina de Cipango*, seu primeiro livro de contos, venceu o I Concurso Literário da Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba – Prêmio José Vieira de Melo e foi editado em 1994. A coletânea de contos *Os campos noturnos do coração* foi vencedora do Prêmio Novos Autores Paraibanos promovido pela Universidade Federal da Paraíba, e publicado em 1996. Autora também de *O livro dos afetos*, publicado em 2005, do romance *Liturgia do fim* (Tordesilhas, 2016), do romance *Suíte de silêncios* (Ed. Rocco, 2012) e do infantil *Salomão, o elefante* (Selo Off Flip, 2013).

de ter sido diagnosticada com uma doença terminal. Os educandos também não entenderam que o local em que a personagem se recolhe era uma espécie de casa de repouso.

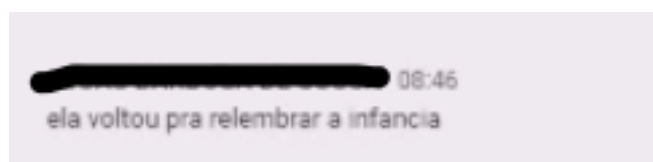
Neste momento, retomamos ao que foi pedido na aula anterior para tentar esclarecer as dúvidas dos estudantes. Relembramos sobre as fotos que pedimos que eles nos trouxessem sobre um local que lhes remetesse ao lar ou lhes transmitisse uma sensação de paz e aconchego. Informamos que a ideia de trazer essas imagens era justamente associar a temática que seria discutida no conto, já que a personagem principal a todo momento se apega à memória, lembrando fatos que aconteceram, principalmente, na sua infância.

O apego a objetos e lugares específicos que ativam a memória afetiva da personagem é muito presente no texto, ao passo que, ao retornar a casa em que morou durante a infância, a personagem busca encerrar o ciclo de sua vida no local onde nasceu, numa espécie de fusão entre passado e futuro. Sentimos a necessidade de retomar a leitura do conto, visto que muitos estudantes não compreenderam totalmente o texto.

Na segunda leitura, enfatizamos alguns elementos textuais que demarcavam o constante retorno da personagem ao passado. Destacamos a primeira frase do conto: *Estou de volta*. Mostramos aos educandos que, desde o início do conto a personagem, que também é a narradora do texto, nos mostra que está retornando a algum lugar, seja num espaço físico, ou revisitando suas memórias.

Questionamos se os educandos entenderam o motivo da escolha da personagem por aquele local específico. Guilherme falou que a personagem havia retornado para lembrar a sua infância.

**Figura 56** - Chat de conversa do encontro 7



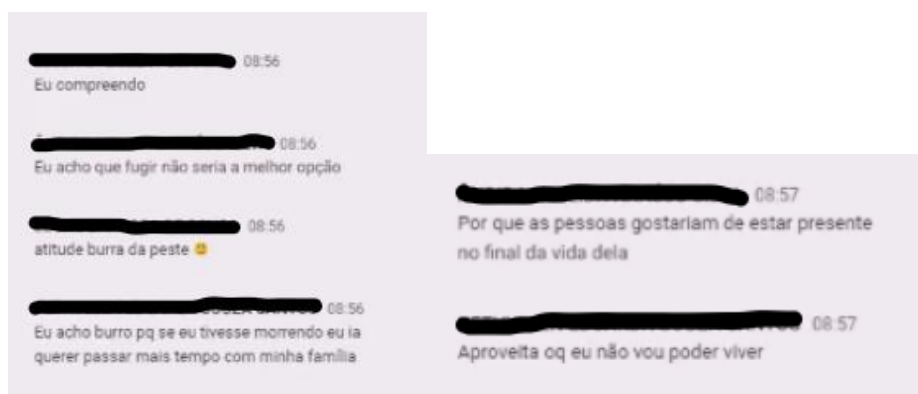
**Fonte:** Dados da pesquisa

Destacamos, então, o local onde a personagem se recolhe após o diagnóstico de sua doença. Há elementos que nos fazem inferir que outrora este espaço havia sido sua casa e, mais que isso, seu lar. Vemos um apego emocional muito forte da personagem a este espaço, nos fazendo entender que, talvez por isso, ela tenha optado por terminar os seus dias no local onde guardava as melhores lembranças.

Pedimos que os estudantes refletissem sobre a atitude da personagem em esperar a chegada da morte sozinha, sem a família por perto. Questionamos se eles conseguiram visualizar no conto se a personagem havia apenas ido embora sem comunicar à família, ou se ela havia informado sobre a sua decisão. Como a maioria dos educandos não percebeu, no primeiro momento, que a personagem estava com um diagnóstico que a levaria à morte, eles não haviam notado que ela tinha ido embora sem a família. Enfatizamos no texto o momento em que a personagem deixa clara a sua decisão de ir embora para passar o resto de seus dias sozinha: “Deixei um bilhete para o meu marido e meu filho lhes falando disso. Pedi também que me perdoassem por não desejar estar junto deles quando chegasse o momento.” (ARNAUD, 1997. p. 28)

Abrimos espaço para que os estudantes dessem as suas opiniões sobre essa atitude da personagem. Guilherme falou que ela escolheu abandonar a família. Entramos, então, no debate sobre a temática do abandono, que, neste caso, inverteu-se, na medida que a pessoa que esperávamos que fosse abandonada, devido às circunstâncias, acaba tomando a decisão de deixar a sua família. As opiniões dos estudantes foram divididas entre a compreensão e a indignação.

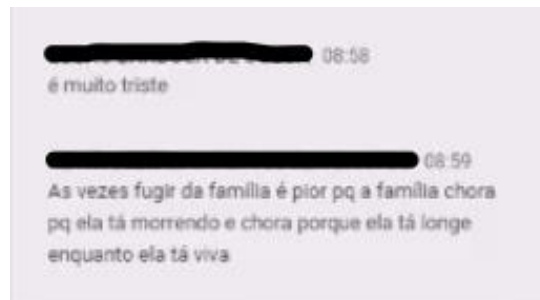
**Figura 57** - Chat de conversa do encontro 7



**Fonte:** Dados da pesquisa

Alguns estudantes não conseguiram compreender a atitude da personagem em se isolar neste momento delicado, pois para eles fazia mais sentido aproveitar os últimos momentos com as pessoas que ela amava. Parte da indignação dos educandos se deu devido ao fato de a personagem, além de ter se afastado sem se despedir da família, ter dado a notícia de que iria morrer através de um bilhete. Sendo assim, não houve um momento familiar de conversa sobre o assunto, se tornando algo completamente inesperado para a família.

**Figura 58** - Chat de conversa do encontro 7



**Fonte:** Dados da pesquisa

Percebemos que a maioria dos educandos foi mais empática aos familiares da personagem, pois imaginou como se sentiria caso algo semelhante lhe acontecesse na vida real. Ana foi uma das únicas pessoas que conseguiu compreender a personagem principal e todo seu sofrimento em não querer ver a sua família presenciar a degradação do seu corpo até a morte, apesar de concordar com os demais colegas que achou essa atitude um pouco egoísta.

Pedimos, então, aos educandos para se imaginarem no lugar da personagem socializando com a turma quais atitudes eles teriam. A maior parte da turma admitiu que não saberia o que fazer, outros disseram que iriam aproveitar o máximo para realizar seus desejos e ficariam próximos da família. Alguns estudantes também adentraram em uma reflexão existencial sobre o que há após a morte e se, de fato, a vida acabaria depois dela.

**Figura 59** - Chat de conversa do encontro 7



**Fonte:** Dados da pesquisa



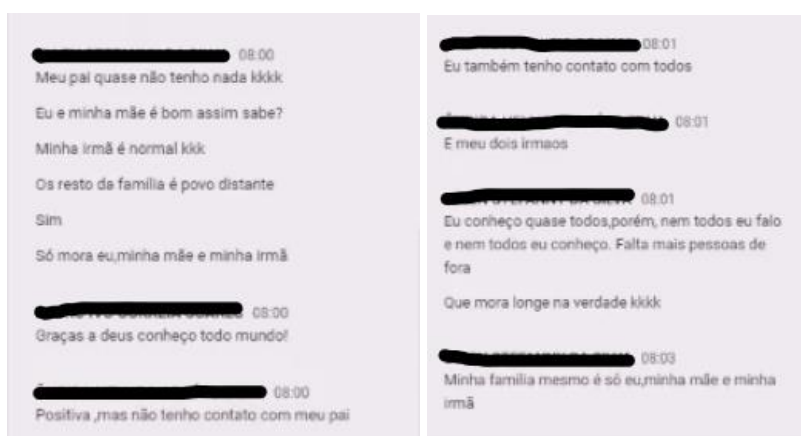
Para finalizar este encontro e visando continuar a reflexão da temática após a aula, indicamos aos estudantes que assistissem ao filme *Antes de partir* (2007), que aborda uma história um pouco semelhante. Dois idosos são diagnosticados com câncer e recebem a notícia de que tem apenas alguns meses de vida. Tendo situações financeiras bem diferentes, vamos acompanhando como ambos vão lidar com o diagnóstico fatal que receberam e as reflexões que vão fazendo durante esta jornada.

Neste encontro, sentimos que os estudantes tiveram uma dificuldade maior em entender e interpretar o conto, talvez pela complexidade da escrita de Marilía Arnaud, que é marcada por certa introspecção, discursos indiretos e ambientação psicológica. A intervenção da professora foi um pouco maior do que de costume para poder explicar alguns elementos do texto ou trazer referências que ajudassem os educandos a compreenderem melhor o conto.

Sentimos que os momentos de debate foram muito importantes, pois, durante o compartilhamento dos diversos pontos de vista, alguns estudantes conseguiram expandir o olhar e enxergar a perspectiva do outro sobre a temática abordada. Metodologias que priorizam o compartilhamento da leitura e análise dos textos acabam propiciando “o itinerário entre a recepção individual das obras e sua valorização social”. (COLOMER, 2007. P. 144). Dessa forma, a leitura ganha um novo olhar, perdendo o estigma de atividade monótona e individual para um experimento social compartilhado e instigante.

Chegamos ao último encontro e, antes de iniciarmos a etapa de motivação, informamos aos educandos que neste encontro iríamos abordar a temática do abandono a partir das relações familiares, mais especificamente entre pais e filhos. Perguntamos, então, como era a relação dos estudantes com seus pais, se consideravam uma relação positiva ou negativa. Pedimos que neste momento eles fossem sinceros e se sentissem à vontade para expressar seus sentimentos.

**Figura 60** - Chat de conversa do encontro 8



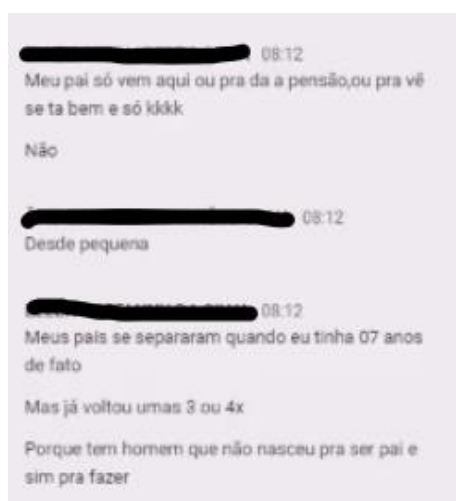
**Fonte:** Dados da pesquisa

Pudemos perceber que muitos estudantes relataram a ausência paterna no convívio familiar. Alguns também relataram a falta de vínculo afetivo com outros parentes como tios, primos e até mesmo os avós. Aproveitamos esse momento para refletir sobre as diversas configurações de família existentes, e que, inclusive, no Brasil não predominava o modelo “tradicional” familiar: mãe, pais e filhos. Muitos lares eram formados por mães solas e seus filhos.

A partir desse debate, entramos na etapa de motivação refletindo com os educandos sobre o abandono parental. Trouxemos alguns dados para exemplificar e mostramos que, no Brasil, cerca de 5 milhões de crianças não tinham o nome do pai na certidão de nascimento. A ausência paterna foi ainda mais crescente durante a pandemia, quando os números de crianças sem o pai no registro aumentaram ainda mais<sup>34</sup>.

Questionamos aos estudantes que não conviviam com a figura paterna se esta ausência havia sido repentina ou se desde o nascimento eles não conviviam com o pai. Para alguns, os pais haviam se separado enquanto ainda eram crianças, outros desde muito pequenos sabiam que o pai havia abandonado a família.

**Figura 61** - Chat de conversa do encontro 8



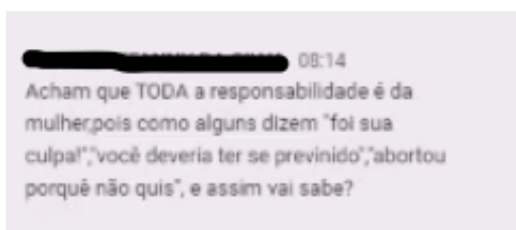
**Fonte:** Dados da pesquisa

---

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/criancas/numero-de-criancas-sem-o-nome-do-pai-na-certidao-bate-recorde-em-2022,a6773e978809a981dbbdb318e6f4840119ku7jqm.html>

Ana relatou que existiam homens que não nasceram para ser pais. A partir desta fala questionamos o porquê de vermos com mais frequência o abandono paterno e, no geral, o abandono materno (apesar de existir) é menos frequente. O debate acabou trazendo à tona a responsabilidade feminina sobre a maternidade e a culpabilização da figura materna enquanto provedora da vida, sendo assim a sociedade encara a maternidade como algo sagrado que deve ser aceito por toda mulher sem reclamações ou questionamentos.

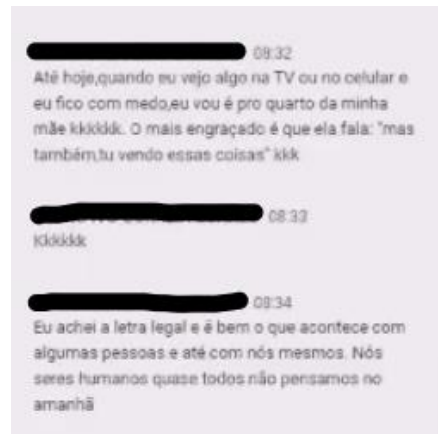
**Figura 62** - Chat de conversa do encontro 8



**Fonte:** Dados da pesquisa

Após o debate, trouxemos a música *Pais e Filhos*, da banda *Legião Urbana*, para que os educandos escutassem e observassem a letra da canção. Após escutarem a música, perguntamos aos educandos se já a conheciam e o que acharam da canção. Muitos alunos alegaram não conhecer a música, porém, ao escutarem o refrão, informaram que conheciam apenas esta parte da canção.

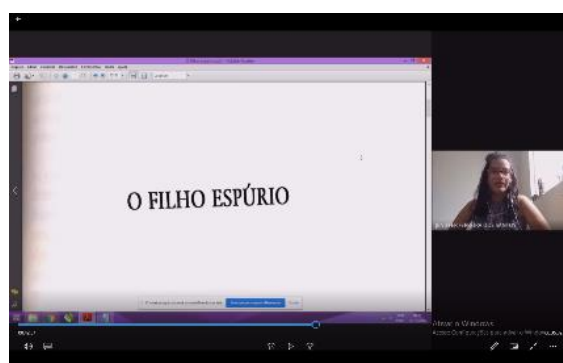
Questionamos se os estudantes conseguiram se identificar nas situações descritas na música sobre o relacionamento entre pais e filhos. Ana disse ter se identificado em algumas partes, pois quando estava com medo ou se sentindo mal, apesar de já ser uma adolescente, pedia para dormir junto com a mãe. Ela também citou o quanto acabamos não pensando no amanhã e por isso vamos deixando as coisas para depois, sem se dar conta que o depois pode não chegar.

**Figura 63** – Chat de conversa do encontro 8

**Fonte:** Dados da pesquisa

Rafael também citou as relações conturbadas que às vezes se estabelecem entre pais e filhos, principalmente na adolescência, quando o filho quer se tornar um pouco mais independente e há a restrição dos pais em alguns momentos. Finalizado o momento de motivação, iniciamos a leitura do conto *O filho espúrio*, da escritora paraibana Marília Arnaud. Antes da leitura, mostramos o título do conto e questionamos aos estudantes se eles conheciam o significado da palavra *espúrio*. Pedimos que eles guardassem essa palavra na memória, pois, após a leitura, iremos retornar a ela.

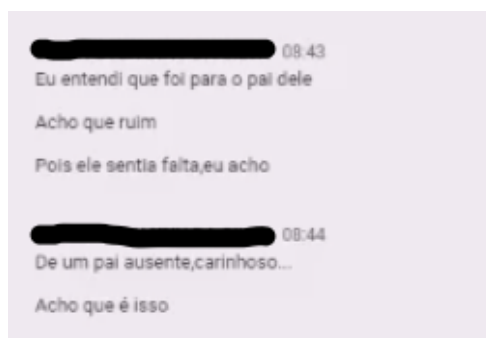
O conto narra o encontro de Paulo com o seu pai que está à beira da morte. Durante este encontro, Paulo vai relembando a relação pai/filho marcada por mágoas e abandono, coisas que ele jamais pôde contar ao pai e mesmo vendo-o agora à beira da morte não poderá dizer. No conto, também vemos a relação envelhecimento/tempo que o personagem possui consigo e com o pai, analisando como, apesar do passar dos anos, os sentimentos de abandono e tristeza ainda permeiam essa relação.

**Figura 64** - Leitura do conto “O filho espúrio”

**Fonte:** Dados da pesquisa

Terminada a leitura, abrimos espaço para que os educandos manifestassem suas impressões sobre o conto. Ana começou a análise afirmando que o conto parecia ser um desabafo de um filho para o seu pai. Questionamos, então, se podíamos verificar qual o tipo de relação existia entre este pai e seu filho. Ana falou que acreditava que a relação entre eles era ruim, pois o pai aparentava ter sido ausente.

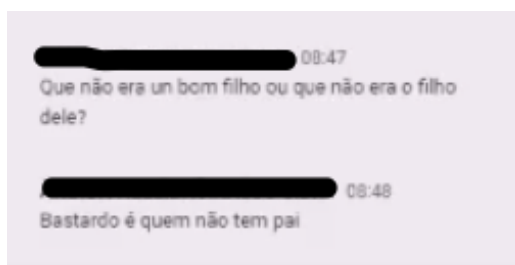
**Figura 65** - Chat de conversa do encontro 8



**Fonte:** Dados da pesquisa

Voltamos, então, à palavra *espúrio* e seu significado. Mostramos aos educandos que um dos significados da palavra era “ilegítimo, bastardo”. Questionamos se os estudantes conheciam ou já haviam escutado o termo *filho bastardo*. Alguns definiram o termo como um filho que foi fruto de uma traição ou que não possuía um pai, foi renegado.

**Figura 66** - Chat de conversa do encontro 8



**Fonte:** Dados da pesquisa

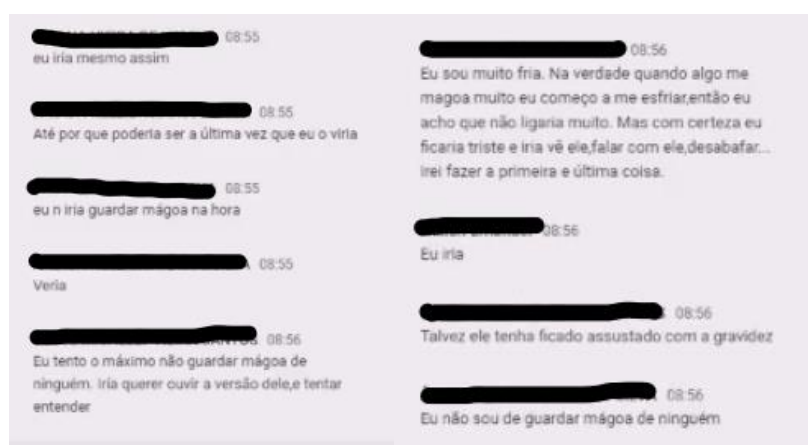
A partir das falas dos estudantes construímos os conceitos sobre esse termo e relacionamos à história retratada no conto. O personagem principal, ao encontrar seu pai pela primeira vez, o faz apenas em seu leito de morte e, a partir deste encontro, descreve toda a tristeza e o vazio com que conviveu desde a infância e perdurou até aquele momento, por não

saber de fato quem havia sido seu genitor. A sensação que tinha era de que era um filho bastardo, pois foi rejeitado por seu pai, que optou por construir outra família e ter outros filhos em cuja era presente, participando de todas as etapas e momentos deles.

Sem saber como lidar com todos os sentimentos que afloraram a partir daquela visita ao pai, Paulo acredita que finalmente poderá encontrar a paz após a morte do seu genitor, pois agora sabe a sua identidade e irá enterrar toda mágoa junto com o seu pai quando a vida finalmente lhe esvaír do corpo pálido que ele observa sobre a cama.

Pedimos que os alunos se colocassem no lugar do personagem Paulo. O que fariam se recebessem uma ligação informando que o pai (que nunca quis te conhecer) estava morrendo e desejava finalmente lhe ver? A maioria dos alunos afirmaram que iriam conhecer o pai para encerrar este ciclo sem mágoas ou ressentimentos.

**Figura 67** - Chat de conversa do encontro 8



**Fonte:** Dados da pesquisa

Ana foi a única que relatou que provavelmente não iria se importar, pois, quando alguém a magoa, ela tenta ao máximo esquecer que essa pessoa existe e prefere não ter contato, mas no fim das contas visitaria o pai apenas para pôr um ponto final na história. A partir das experiências relatadas pelos estudantes no início da aula sobre a convivência com os pais e parentes e levando em consideração as suas falas sobre o conto, propomos uma rápida atividade a fim de encerrar este último encontro.

Pedimos que os educandos escrevessem uma breve carta endereçada aos pais ou a algum parente que não viam há muito tempo, contando algo que talvez não teriam coragem de falar para essa pessoa pessoalmente, devido à ausência dela em sua vida. Numa espécie de desabafo,

assim como o personagem do conto. De todas as cartas escritas, selecionamos a da estudante Ana para compartilhar aqui, apesar de não termos lido as cartas durante a aula para preservar os estudantes.

**Figura 68** - Carta escrita por um dos estudantes

### *A carta*

Olá,pai! Tudo bem com o senhor? Sinto sua falta! Queria que o senhor fosse mais presente na minha vida e na da minha irmã. Queria que pelo menos uma vez por semana (no fim da semana),o senhor pega-se eu e Lara e saísse para algum canto. Poderia ser lá me voinha,no parque da criança,no shopping,lá no Açude Velho... só queria que o senhor se importasse comigo e com a minha irmã. Mas enfim, não tenho raiva do senhor,apenas queria sua atenção,que o senhor se preocupasse com a gente. Que Deus lhe abençoe grandemente.

**Fonte:** Dados da pesquisa

A carta de Ana foi selecionada pela semelhança entre a relação paterna no conto e a relação que a estudante mantém com o seu pai. Apesar de conhecê-lo, Ana relata que o pai é muito ausente e só aparece para visitá-la nos dias em que vai pagar a pensão alimentícia. Na carta ela relata o desejo de construir uma relação afetuosa com o pai e que gostaria de vê-lo demonstrar algum interesse afetivo com ela e a irmã, pois ao que parece ele nem sequer sai com as filhas ou tem um momento de diversão com elas. Apesar da mágoa, Ana demonstra afeição pelo pai e ainda lhe deseja bênçãos divinas em seu caminho.

Vejamos que mais uma vez, a partir da leitura literária, os estudantes conseguiram associar e refletir sobre fatos cotidianos vivenciados por eles. Nessa perspectiva, a condução do processo metodológico permite os educandos perceberem as nuances do texto, ajudando-os a fazer as devidas associações. Essa troca de vivências e experiências com o texto corrobora o que Colomer (2007, p. 139) nos apresenta de que “a aprendizagem da literatura realiza-se, assim, em meio a um grande desenvolvimento social de construção compartilhada de significado.”

Outros alunos também retratam uma relação mais distante com a figura paterna, o que corrobora os dados expostos no início deste encontro. O abandono parental é um assunto muito delicado na sociedade brasileira e infelizmente vem se agravando. Tentamos tratar o tema da forma mais leve possível para que nenhum educando se sentisse acuado ou triste, e sentimos

que essa aula serviu como um pequeno desabafo para alguns estudantes, no qual eles puderam retirar um pouco da mágoa que guardam em relação à ausência paterna.

Encerramos, então, o ciclo de encontros para a análise dos contos e partimos para a culminância das atividades. Havíamos planejado um encerramento no qual os alunos confeccionassem murais e cartazes sobre os autores e as obras lidas para apresentar aos demais estudantes da escola. Infelizmente, por conta da pandemia, não foi possível concretizar este planejamento.

Dessa forma, convidamos dois professores de literatura da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) para uma roda de conversa sobre literatura paraibana, com enfoque nos autores que foram lidos durante os encontros. Infelizmente um dos professores teve um imprevisto e não pode comparecer no dia previsto, então, ficou a cargo da professora Rosângela Melo<sup>35</sup> mediar o debate. Neste dia, pedimos autorização à direção da escola para que não houvesse aula e todas as turmas e professores pudessem participar deste momento.

O debate foi muito interessante, pois a professora Rosângela foi amiga próxima da escritora Dôra Limeira e também tem contato com Marília Arnaud. Então, além de trazer mais detalhes biográficos sobre os escritores, Rosângela apresentou aos alunos outras obras, falando sobre curiosidades da vida dos autores paraibanos estudados.

**Figura 69** - Professora convidada para a roda de conversa



**Fonte:** Dados da pesquisa

Durante sua fala, a professora Rosângela Melo apresentou aos estudantes traços recorrentes na escrita de Marília Arnaud e Dôra Limeira, mostrando as temáticas mais

---

<sup>35</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande desde 1995. Doutora em Literatura e Interculturalidade (UEPB - 2015). Mestre em Literatura e Cultura (UEPB - 2005). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UEPB - 1992). Graduada em Licenciatura Plena em Letras (UEPB - 1991).



abordadas nas obras dessas escritoras. Além da análise literária, a professora também apresentou um pouco da biografia das escritoras, contando histórias e vivências que acabaram influenciando as obras dessas autoras. Com destaque para os textos de Marília Arnaud onde a memória é um fator recorrente e vez ou outra ficção e realidade acabam se encontrando em seus textos.

Tanto os alunos, quanto os demais professores e a gestão da escola participaram do debate interagindo com a professora e fazendo perguntas sobre os escritores apresentados. Foi um momento bastante enriquecedor e sentimos que encerramos a fase de aplicação e coleta de dados de forma positiva.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Larrosa (2002) fala que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” Durante os encontros em que se deu a coleta de dados desta pesquisa a partir da aplicação da sequência guiada de leitura, sentimos, aprendemos, ensinamos e fomos tocados. Ainda não havíamos nos deparado com a experiência do ensino remoto, e muitos foram os receios ao saber que a única alternativa naquele momento seria a aplicação da pesquisa na modalidade on-line.

O título deste trabalho fala sobre caminhos e descobertas e podemos iniciar, apontando primeiramente alguns desencontros. O primeiro deles foi o contexto de pandemia que assolava o Brasil na época e que interferiu diretamente no sistema de ensino do país. O primeiro grande entrave que enfrentamos foi a evasão escolar. Como conseguiríamos resultados se em uma turma com 45 alunos matriculados apenas 4 conseguiram acompanhar as aulas on-line? A solução que encontramos foi juntar três turmas de 9º ano para conseguirmos um total de 15 a 12 alunos participantes. Assim, conseguimos vencer o primeiro obstáculo.

O segundo entrave foi a baixa interação dos alunos nas aulas. Apesar de entrarem na vídeo-chamada, muitos acabavam desligando os microfones e as câmeras, o que nos dava a sensação de que falávamos apenas para telas. Foi difícil não ter um contato humano efetivo no início, mas aos poucos alguns alunos nos deram as mãos e, mesmo que poucos, estavam presentes em todas as aulas, debatendo, questionando, interpretando e mostrando o seu ponto de vista sobre os textos lidos.

A recepção dos estudantes aos contos foi um fator positivo. Até mesmo com o conto “O dia em que comemos Maria Dulce”, que gerou desconforto e repulsa inicialmente, conseguimos incentivar os educandos a furarem a bolha da rejeição e refletirem sobre o contexto e a temática abordada na história. Também vimos os estudantes refletirem criticamente sobre fatos e situações que não condiziam, necessariamente, com as suas vivências.

Os contos de Geraldo Maciel, por exemplo, trouxeram como temática a fome e a seca em cenários que remetiam ao sertão nordestino em uma época onde a política era feita em um regime de coronelismo. Apesar de viverem no Nordeste, os estudantes não estavam inseridos nessa realidade e alguns elementos do texto que contextualizavam a época dos fatos, como o enterro dos anjos, por exemplo, lhes eram distantes. Mesmo assim, os estudantes conseguiram se posicionar criticamente sobre os temas tendo um olhar sensível para as problemáticas

abordadas nos textos, corroborando, assim, o que Nóbrega (2012, p. 240) fala sobre a prática de leitura significativa, pois ela “é capaz de proporcionar ao leitor uma apropriação da experiência do outro em uma época distinta da sua, mesmo que não compartilhe da visão de mundo apresentada no texto.”

A divisão temática dos contos foi um fator importante, pois nos ajudou a aprofundar mais os debates e as reflexões. Os estudantes puderam aproveitar os momentos de motivação para relatar experiências pessoais e ligá-las, posteriormente, aos textos lidos. Utilizaremos como exemplo a estudante Ana, que desde o primeiro encontro conseguiu fazer associações de sua vida pessoal com as temáticas debatidas. Quando no primeiro momento debatíamos sobre o significado da palavra “exclusão”, a estudante nos trouxe um relato pessoal significativo sobre a sua luta diária com a dermatite atópica, que lhe trazia diversos problemas, dentre eles o afastamento social.

Ana também compartilhou durante as aulas situações vividas em seu ambiente familiar, como no encontro em que debatíamos sobre o abandono de idosos e ela nos contou sobre sua experiência ao visitar um asilo, ou no encontro cuja temática era o abandono parental e no qual a estudante não se acanhou ao nos expor a relação conturbada que vivenciava com o seu pai.

Todos esses momentos e tantos outros, nos quais os estudantes puderam compartilhar suas visões sobre as temáticas, mesclando com exemplos pessoais, nos mostraram que a escolha dos contos foi assertiva, pois a partir deles pudemos refletir sobre situações que nem tínhamos planejado para aquele momento, mostrando, assim, a capacidade que a literatura tem em aflorar o nosso senso crítico e reflexivo, principalmente diante de temáticas que envolvem situações sociais, econômicas e familiares.

Apesar de estarmos em um momento onde a escola era representada em casa, os alunos que permaneceram participantes não se deixaram desanimar pelos obstáculos encontrados durante o ensino remoto. Muitos dividiam um único aparelho celular com outros irmãos que também precisavam acompanhar suas aulas, e estabeleciam um sistema de revezamento, portanto, em alguns encontros chegavam um pouco mais tarde ou não conseguiam acompanhar a aula por completo. Houve dias em que a conexão de internet não estava estável, fazendo com que alguns educandos entrassem e saíssem da sala virtual com frequência, muitas vezes perdendo alguma parte da leitura ou explicação do texto

Outro fator importante a ser destacado foi a concretização das aulas de leitura sem a presença de um livro físico ou de xerox dos textos. Até, então, os estudantes não haviam tido

contato com aulas em que apenas a leitura e análise dos textos fossem o foco principal, sem uma atividade ou produção textual ao final dos encontros, nem tampouco com a utilização do texto de forma online. Disponibilizamos os contos e, posteriormente, os livros em formato de PDF para que os educandos pudessem acompanhar a leitura, porém alguns estudantes não possuíam memória suficiente para baixar esse material em seus celulares, o que nos levou a espelhar a tela do nosso computador com o texto para que toda a turma pudesse ter acesso e, assim, conseguissem ler os contos.

Consideramos que a abordagem de obras de autores paraibanos foi recebida de forma positiva pelos estudantes. A grande maioria respondeu no questionário de sondagem que não tinham acesso à literatura paraibana nas aulas de Língua Portuguesa. Ao iniciarmos a análise dos contos, os alunos se surpreenderam com as histórias e com as temáticas que eram abordadas nos contos. Dos quatro autores lidos, nenhum estudante havia lido ou conhecia alguma obra, e após as aulas demonstraram interesse em pesquisar mais sobre esses autores e se comprometeram em ler os livros que foram disponibilizados na íntegra.

A construção da sequência didática como produto final desta pesquisa foi bastante significativa, pois a criamos para uma aplicação de forma presencial e, após a sua criação, nos deparamos com o ensino remoto e precisamos adequar algumas etapas. Muitas atividades propostas nas etapas de motivação envolviam a interação com objetos de forma física e tivemos que reformular essa abordagem. O encontro separado para a análise do conto “A mulher, os filhos e a ditadura militar: carta à Gregório”, da escritora Dora Limeira, por exemplo, precisou ser reformulado por completo.

Inicialmente faríamos um paralelo com o filme *Central do Brasil*, porém não foi possível assistir ao filme juntamente com os educandos por conta da conexão da internet e do sistema de áudio que não funcionavam bem. Por isso, reformulamos esta etapa trazendo um curta-metragem que trouxesse a mesma reflexão que pretendíamos com o filme, tendo a escrita e o gênero carta como centralizadores para a abordagem do conto. E apesar de todas as mudanças, os objetivos para esta aula foram alcançados.

As práticas de leitura utilizadas durante as aulas nos ajudaram a estabelecer uma maior conexão texto-leitor à medida que utilizávamos as etapas de motivação para a temática em conjunto com a leitura efetiva dos textos, abrindo espaço para que os estudantes expressassem as suas impressões e análises sobre os contos sem a interferência de uma mediação que lhes influenciassem ao certo ou ao errado sobre o texto. Tal abordagem proporcionou

debates mais espontâneos e associações com a realidade dos nossos educandos que conseguiram ultrapassar a barreira da decodificação, ampliando as suas interpretações e pontos de vista sobre as temáticas abordadas.

O fato de a escola em que atuamos não possuir uma biblioteca ou espaço dedicado à leitura foi um ponto que me trouxe bastante inquietação. Após três anos de atuação como professora de Língua Portuguesa nesta escola, não pude deixar de pensar – principalmente após a conclusão desta pesquisa – que algo precisa ser feito em relação à criação de um espaço onde os estudantes possam ter acesso à leitura literária. Dessa forma, como um fruto paralelo a esta pesquisa, iniciarei, em conformidade com a direção da escola, a organização de um espaço dedicado à leitura, e nele pretendo disponibilizar uma seção que contenha apenas obras de autores paraibanos.

Consideramos, então, um saldo positivo no que diz respeito aos resultados desta pesquisa, pois conseguimos trabalhar autores paraibanos nas aulas proporcionando um ensino que, além de ampliar o repertório de leitura dos estudantes, valorizando o cenário de produção local, proporcionou uma análise mais profunda dos textos, contribuindo para a construção do pensamento crítico e reflexivo dos nossos educandos.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V.T. de; BORDINI. M. da G. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ALVES, Políbio. **O que resta dos mortos.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- ARNAUD, Marília. **Os campos noturnos do coração.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (Org.). **Pequeno dicionário dos escritores/jornalistas da Paraíba do século XIX: de Antônio Fonseca a Assis Chateaubriand.** João Pessoa: Editora Universitária, 2009.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Conselho Nacional de Educação: Brasília, 11 de Maio de 2018.
- CARDEMATO, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes.** 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** São Paulo: Global, 2007.
- COMPAGNON, Antonie. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 20, p. 33-77, 2002.
- FERRAREZI, Celso Jr.; CARVALHO, Robson S. de. **De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica.** São Paulo: Parábola editorial, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e terra, 1993.
- LAROSSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista brasileira de educação. N°19, 2002. P. 20 – 28.
- LIMEIRA, Dora. **Preces e orgasmos dos desvalidos.** João Pessoa: Manufatura, 2005.
- LOURENÇO, Suéllen; DALVI, Maria. **A mediação da leitura literária: uma proposta de metodologia temática.** Revista Graphos, vol. 21, nº 1, 2019. p. 77 - 100.
- LUCKESI, CIPRIANO Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 22ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MACIEL, Geraldo. **Aquelas criaturas tão estranhas**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1995.

MARIANO, Antônio. **O dia em que comemos Maria Dulce**. São Paulo: Ficções Editora Ltda, 2015.

NOBREGA, M. M. **Por uma metodologia triangular para o ensino de literatura: contribuições da experiência estética de Jauss**. In: Ensino de Língua e Literatura: políticas, práticas e projetos. MILREU, I.; RODRIGUES, M. (Orgs.) Campina Grande: Bagagem, 2012. P. 235 – 251.

OCTÁVIO, José. **Paraíba Cultural e o Modernismo na década de vinte**. In: A nova literatura paraibana: crítica. João Pessoa: A União, 1979. p. 11-27.

PARAÍBA. **Proposta Curricular do Estado da Paraíba**. Educação Infantil e Ensino Fundamental. SEECT: Paraíba, 2018.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2º ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROGOFF, B. *Adult assistance of children's learning*. In: RAPHAEL, T. F. (ed.) *The contexts of school-based literacy*. New York; Randon House, 1984.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?** Cadernos de pesquisa, vol. 42. nº145, 2012. p. 272-283.

SALES, Ana. **Tecendo fios de liberdade: escritoras e professoras da Paraíba do começo do século XX**. Recife: O autor, 2005.

SILVA, Antônio de Pádua D. **O ensino de Literatura hoje: da crise do conceito à noção de escritas**. Campina Grande: EDUEPB, 2016.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). **Escolarização da leitura literária**. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Trad. De Cláudia Shilling – 6.ed. – Porto Alegre, Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

## **APÊNDICES**



**APÊNDICE A – questionário aplicado na turma do 9º ano**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

E.M.E.F. Rômulo José de Gouveia

Modalidade: Ensino Fundamental      Série: 9º Ano      Turno: Manhã

**QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA OS ALUNOS**

Olá! Você está convidado a participar deste questionário que faz parte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida na Universidade Estadual da Paraíba. É importante que você preze pela veracidade das informações fornecidas. Lembre-se de que a sua participação não é obrigatória e não acarretará prejuízos ao componente curricular de Língua Portuguesa. Sua identidade será preservada e as informações aqui dispostas não serão divulgadas ou vinculadas à sua imagem.

**I. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

**ESCOLARIDADE DA MÃE:**

- |                               |                             |
|-------------------------------|-----------------------------|
| ( ) Analfabeto                | ( ) Ensino Médio incompleto |
| ( ) Fundamental I incompleto  | ( ) Ensino Médio completo   |
| ( ) Fundamental I completo    | ( ) Superior incompleto     |
| ( ) Fundamental II incompleto | ( ) Superior completo       |
| ( ) Fundamental II completo   | ( ) Pós-graduação           |

Profissão da mãe: \_\_\_\_\_

**ESCOLARIDADE DO PAI:**

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> analfabeto                | <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto |
| <input type="checkbox"/> Fundamental I incompleto  | <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo   |
| <input type="checkbox"/> Fundamental I completo    | <input type="checkbox"/> Superior incompleto     |
| <input type="checkbox"/> Fundamental II incompleto | <input type="checkbox"/> Superior completo       |
| <input type="checkbox"/> Fundamental II completo   | <input type="checkbox"/> Pós-graduação           |

Profissão do pai: \_\_\_\_\_

## II. HÁBITOS DE LEITURA

Você gosta de ler?  sim  não

O que você costuma ler?

- Romances
- Jornais
- Contos
- Poesia
- Religiosos
- Autoajuda
- História em Quadrinhos (HQ)
- Livros didático da escola
- Livros infantis
- livros de ficção científica
- Cordéis
- Revistas
- Outros Quais? \_\_\_\_\_

Na sua casa tem livros, gibis, revistas, jornais ou outros materiais de leitura?

sim  não

O que você gosta de fazer fora da escola?

---



---



---

## III. LEITURA NA ESCOLA

Você se lembra de já ter lido ou estudado algum autor ou autora paraibana na escola?

sim  não

Obs: Se sim, qual(is) autores? \_\_\_\_\_

Algum professor de Língua Portuguesa já estudou um autor paraibano durante as aulas?

sim  não

Você costuma ir à biblioteca da escola para ler?

( ) sim      ( ) não

Você já encontrou algum livro de um autor paraibano na biblioteca da escola?

( ) sim      ( ) não

As aulas de Língua Portuguesa costumam ter um momento dedicado à leitura?

( ) sim      ( ) não

Se sim, conte um pouco sobre o que você acha desse momento:

---

---

---

---

---

Obrigada por participar!!!

**APÊNDICE B – questionário aplicado aos professores de língua portuguesa**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Entrevista nº: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA OS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

As informações disponibilizadas para esta pesquisa não serão vinculadas a sua imagem e a sua identidade será preservada. A sua participação não é obrigatória e você pode optar por não participar desta pesquisa.

**I. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS:**

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Graduação: Licenciatura ( ) Bacharelado ( )

Pós-graduação: ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

Em quais séries leciona? \_\_\_\_\_

Carga horária semanal: \_\_\_\_\_

Trabalha em outras escolas? ( ) sim ( ) não

Costuma fazer o planejamento das aulas? ( ) sim ( ) não

Com que frequência?

---



---

**II. QUESTÕES DISCURSIVAS**

**Obs:** Só responda às questões 1 e 2, caso tenha feito sua graduação no estado da Paraíba!

1. Durante a graduação/pós-graduação, você se recorda de ter estudado ou lido algum autor paraibano?  
 sim       não

2. Na graduação, era disponibilizada alguma disciplina (obrigatória ou optativa) que envolvesse o estudo da literatura paraibana?

( ) sim      ( ) não

3. Você costuma utilizar autores paraibanos em suas aulas?

( ) sim      ( ) não

Em caso afirmativo, quais autores já utilizou?

---

---

---

4. Você acompanha o cenário literário paraibano ou considera ter um bom conhecimento acerca da literatura paraibana?

( ) sim      ( ) Um pouco      ( ) não

5. Você costuma incluir autores paraibanos no seu repertório de leituras pessoais?

( ) sim      ( ) não

6. Quais autores paraibanos você já leu ou já teve acesso às obras?

---

---

---

7. Você considera importante o estudo de autores paraibanos nas escolas do estado?

---

---

---

**APÊNDICE C – Sequência didática – Produto didático para o programa de pós-graduação em formação de professores**





Universidade Estadual da Paraíba

Programa de Pós-graduação em Formação de Professores

Mestrado Profissional

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### A LITERATURA PARAIBANA NA SALA DE AULA: CAMINHOS E DESCOBERTAS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA



Docente: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva

Discente: Jeniffer Ferreira dos Santos

APRESENTAÇÃO

Professor, este material é fruto de uma pesquisa de Mestrado cujo o intuito foi criar um suporte pedagógico para todos os docentes paraibanos que atuam no ensino de literatura, na etapa correspondente ao Ensino Fundamental – Anos finais, e desejam implementar a literatura paraibana nas suas aulas. Esperamos que esse material possa contribuir para que a literatura produzida em nosso estado alcance cada vez mais as escolas, e que nossos estudantes possam conhecer e se aprofundar no universo da literatura paraibana!

## DADOS GERAIS

- Público-alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.
- Espaços sala de aula, auditório e sala de vídeo.
- Duração 18 aulas (com 45 minutos, cada)
- Tema Invisibilidade social, abandono e subalternidade na literatura paraibana.
- Conteúdo trabalhar as diversas formas de exclusão social, através de contos de autores paraibanos.

## Objetivo geral

promover ações de letramento literário que, a partir da leitura de textos de autores paraibanos, contribuam para a reflexão crítica sobre as formas de exclusão social e os grupos que estão à margem da sociedade.

## Objetivos específicos

- Analisar criticamente os textos "Porque somos muito pobres", "Três cachaças" do escritor Geraldo Maciel; "O dia em que comemos Maria Dulce" e "Olhos no chão" do escritor Antônio Mariano; "A mulher, os meninos e a ditadura militar. Carta a Gregório" e "Eu, brasileiro, viúvo, setenta e cinco anos", da escritora Dôra Limeira; "Reviência" e "O filho espúrio", da escritora Marília Arnaud;
- Refletir e se posicionar criticamente sobre a temática abordada;
- Fomentar a leitura e o estudo de textos de autores e autoras paraibanos a fim de contribuir para a valorização da literatura produzida no estado.

## PROCEDIMENTOS



# PARTE 1



# INVISIBILIDADE SOCIAL E RELAÇÕES SOCIOECONÔMICAS



## 1º ENCONTRO: motivação e introdução à temática (1h20 – 2 aulas)

### 1º momento: O que é a exclusão?

O primeiro momento será dedicado a motivação para introduzir a temática abordada durante o primeiro encontro. Buscando verificar as primeiras impressões dos alunos acerca da temática que será trabalhada, o professor irá iniciar a aula com um cartaz contendo a palavra "Exclusão", questionando aos alunos o que lhes vem à cabeça quando leem a palavra. A partir das respostas dos alunos, o professor irá apresentar um segundo cartaz contendo uma nuvem de palavras, retirada do Google, feita a partir da palavra exclusão e suas associações. Será verificado, então, se as respostas dos alunos se aproximaram ou não dos conceitos apresentados na nuvem de palavras, levando-os a refletir sobre o porquê de estas palavras estarem associadas ao conceito de exclusão.

### Nuvem de palavras

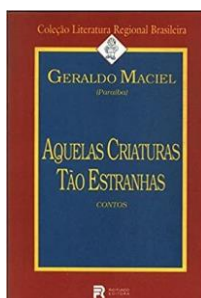


### 2º momento: Leitura e análise

A partir do debate gerado no momento anterior sobre as possíveis associações da palavra "exclusão", o professor trará o conto *Porque somos muito pobres*, retirado do livro *Aquelas criaturas tão estranhas* (1995) do escritor paraibano Geraldo Maciel. Inicialmente o professor pode explorar o título do texto, antes da leitura, verificando as impressões iniciais dos alunos e suas possíveis associações. Após esse momento, pode-se solicitar a leitura silenciosa do conto, para que em seguida o professor o leia em voz alta.

### Um pouco sobre o autor

Geraldo Maciel de Araújo nasceu em Nova Palmeira, no interior da Paraíba, em 02 de abril de 1950. Publicou três livros: *Aquelas Criaturas Tão Estranhas*, pela Editora Rio Folhas (RJ), em 1995, *O Inventário de Pequenas Paixões* (2000), *Concertista e a Concertina* (2006), ambos pela editora Manufatura, (selo do próprio autor), todos compostos de contos. Um ano após a publicação do seu primeiro livro, recebeu o Prêmio Escritor Revelação pela Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba. Pelo Correio das Artes, obteve em 2004, o Prêmio Melhor Escritor.



O conto, narrado por uma criança, mostra o dia a dia difícil pelo qual o narrador e sua família passam. Assolados pela falta de comida e pela seca, a criança pergunta a mãe o porquê da situação em que se encontram e sempre obtém como resposta: porque somos muito pobres. Essa resposta nos leva, junto ao narrador, a refletir sobre a situação social e o abandono vividos pela família.

Após a leitura, serão postos em pauta os seguintes questionamentos:

A partir destes questionamentos, o professor irá retomar a discussão proposta no primeiro momento, a fim de conectar a temática abordada no conto com a realidade social vivenciada por muitas pessoas na região Nordeste do nosso País. Neste caso, a exclusão social advinda da situação econômica é ampliada pelo descaso político, visto que, tanto na vida real como no conto, a ajuda social ofertada pelo governo é mínima e muitas vezes não pode ser aproveitada devido à condição em que se encontram. Ao final, o professor apresentará um pouco sobre a história e obras do autor para os alunos

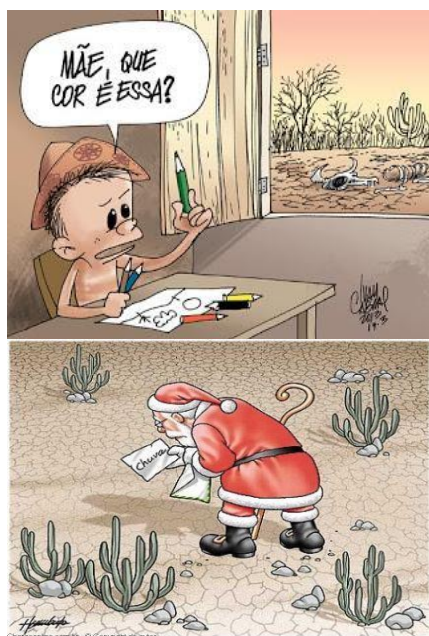
1. Como são retratados os personagens do conto e como eles vivem?
2. Qual a visão do narrador sobre a situação que ele e sua família vivenciam?
3. A resposta da mãe do narrador, juntamente com os fatos narrados, nos indica a situação econômica e social vivenciada pelos personagens. A partir das reflexões feitas, durante o debate ocorrido no momento anterior, você considera que os personagens estão em uma situação de exclusão? Por quê?
4. Você conhece pessoas ou situações semelhantes às representadas no conto? Socialize com a turma.
5. Na sua opinião, por que a situação de exclusão vivida pelos personagens acontece?
6. Ainda na sua opinião, como a situação de exclusão retratada no conto lido poderia ser solucionada?



## 2º encontro: Leitura e análise do conto "Três cachaças", do escritor paraibano Geraldo Maciel (1h20 - 2 aulas)

### 1º momento: Introdução e motivação

Inicialmente, o professor mostrará para os alunos as charges abaixo:



A partir das charges, será iniciado um debate sobre a temática e o cenário que perpassam as charges e a crítica social contida nelas. O professor indagará aos alunos se há alguma semelhança com o conto lido anteriormente, mostrando que a figura da criança e a do Papai Noel foram apresentadas no conto como a representação da esperança e da ingenuidade da criança em esperar que algo de bom aconteça em meio à dificuldade. A figura do papai Noel é extremamente representativa, por ser demasiado contrastante com a realidade

representada tanto no conto como na charge.

Por se tratar de um personagem que mora em um lugar frio e realiza desejos, trazendo presentes às crianças, temos na figura do Papai Noel a esperança de que as coisas podem melhorar. Porém, no cenário de fome e desolação em que a criança do conto se encontra, a expectativa de melhora é quebrada na medida em que o presente simples, ofertado por seus pais, é destruído e a criança descobre, posteriormente, que o Papai Noel era na realidade o seu pai. Levando a criança a compreender a constante justificativa da mãe: porque somos muito pobres.

### 2º momento: Leitura e análise do conto "Três cachaças"

Após a análise das charges, o professor iniciará a leitura do conto *Três cachaças*, também do escritor Geraldo Maciel, sugerindo aos alunos a leitura compartilhada do texto.

O conto traz a história de uma família que, em meio à seca e à fome, busca alternativas para sobreviver. A história é narrada a partir da visão do patriarca da família e evidencia o descaso do governo em relação à situação de vulnerabilidade em que as pessoas da região se encontram. Finalizada a leitura, serão apresentados os seguintes questionamentos:

A fim de debater um pouco mais sobre as relações políticas que são

1. O que você achou do texto? Há semelhanças com o conto lido na aula anterior?
2. Como é apresentada a família e em que situação eles vivem?
3. Vemos que durante a narrativa o pai busca formas para alimentar a família, ele obtém êxito?
4. Como os governantes são apresentados no texto? De que forma eles ajudam à população?
5. Em sua opinião, a família vive em uma situação de exclusão? Por quê?

estabelecidas no texto, ao finalizar os questionamentos, o professor trará o videoclipe da música "Súplica Cearense", da banda *O Rappa*, para que os alunos façam uma análise comparativa sobre o cenário e a situação representados tanto no texto, quanto na música.

O videoclipe retrata um pouco do que ocorreu na guerra de Canudos em 1896, evidenciando a luta de Antônio Conselheiro e seu povo contra as tropas do Governo Federal. O professor questionará aos alunos se já conheciam ou ouviram falar sobre a guerra de Canudos, explicando o contexto em que se passou este episódio. Nesta etapa, o professor poderá levar um

texto contendo as principais informações sobre a batalha para ler junto com os alunos.

Por se tratar de uma ação que envolveu os interesses políticos da época, visto que Antônio Conselheiro questionava a eficácia da República, o professor poderá propor a análise dos conflitos sociais que se estabelecem no conto, na letra da música e na história apresentada no videoclipe, para que os alunos possam refletir sobre as situações apresentadas e compará-las.



O Rappa - Súplica Cearense (Clípe Oficial)

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=F19PnbWig5>

### Dica

Buscando deixar esse momento ainda mais enriquecedor, o professor pode trabalhar de forma interdisciplinar, convidando o professor de história da turma para participar da aula e explicar aos alunos sobre o que foi a Guerra de Canudos e qual o contexto histórico e político por trás dessa batalha.

**Questionamentos norteadores para a análise comparativa:**

- 1. Quais as semelhanças entre os personagens do conto e do videoclipe?**
- 2. Analise os cenários do videoclipe e do local onde a família do conto vive, como podemos descrevê-los? São parecidos?**
- 3. Os governantes de ambas as histórias demonstram interesse em ajudar a população? Descreva que atitudes eles tomam em relação ao povo.**
- 4. Quais foram as suas impressões sobre o conto e videoclipe? Compare os dois e juntamente com a letra da música aponte as semelhanças entre eles.**

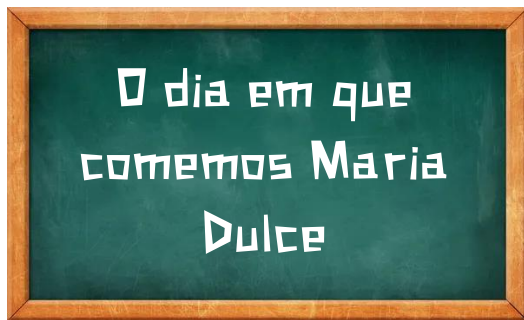




### 3º encontro: Leitura e análise do conto "O dia em que comemos Maria Dulce" , do escritor paraibano Antônio Mariano

#### 1º momento: Introdução e motivação

O professor iniciará a aula escrevendo no quadro o título do conto e questionando aos alunos o que lhes vem à mente ao lê-lo.



Será questionado também aos alunos sobre qual história poderá ser retratada através desse título e qual a temática que poderia ser abordada. Tendo em vista que o verbo comer pode ser utilizado além do seu significado usual, muitas vezes sendo empregado pejorativamente no sentido de referir-se ao ato sexual, utilizado por homens de forma misógina e sexista. Dessa forma, o professor poderá estabelecer um debate sobre a forma que os jovens e

adolescentes costumam objetificar tanto os seus corpos, quanto os corpos alheios.

Após o debate, o professor trará uma caixa contendo alguns doces e balas e distribuirá entre os alunos de forma aleatória. Em cada doce será grudado alguma palavra que representará uma parte do corpo humano ou sabor que estará relacionado ao conto que será lido em seguida. A ligação entre os doces e o conto permanecerá oculta pelo professor até que se encerre o segundo momento, mantendo a expectativa dos alunos sobre o que será abordado no conto.



## 2º momento: Leitura e análise do conto "O dia em que comemos Maria Dulce"

No segundo momento será apresentado aos alunos o conto *O dia em que comemos Maria Dulce*, do escritor paraibano Antônio Mariano, e o professor fará a leitura, sugerindo posteriormente a leitura compartilhada. O conto é narrado por uma criança, que nos conta como conheceu Maria Dulce, em meio a uma situação de fome e desespero e acaba canibalizando a menina, juntamente com outras crianças.



Após a leitura, o professor iniciará um momento de debate sobre as impressões e reflexões que os alunos tiveram do texto, abrindo espaço para que os alunos exponham suas reações e as relacionem ao momento inicial, no qual discutiram sobre a possível temática do conto a partir do título exposto pelo professor.

### Um pouco sobre o autor

Antônio Mariano, nasceu em João Pessoa, Paraíba, no ano de 1964. Em 1984, venceu o I Concurso de Poesia do Sesc da Paraíba e publicou os primeiros poemas. É autor dos livros *O gozo insólito* (1991) e *Te odeio com doçura* (1995), ambos editados pela Scortecci, *Guarda-chuvas esquecidos, poemas* (Rio de Janeiro: Lamparina, 2005), *Imensa asa sobre o dia, contos* (João Pessoa: Dinâmica, 2005), *Sob amor, poemas* (São Paulo: Patuá, 2013) e *O dia em que comemos Maria Dulce, contos* (São Paulo: Ficções, 2015).

**Fato verdadeiro:** Para associarmos o texto à nossa realidade, o professor pode questionar se os alunos viram na TV ou na internet, situações em que as pessoas eram levadas a cometer atos desesperados por conta da fome ou da pobreza extrema. Cite o caso da queda de um avião Uruguio na cordilheira dos Andes em 1972. Com 40 pessoas a bordo, dez morreram na queda e os demais foram morrendo ao longo da espera pelo resgate. No total, foram 70 dias de agonia, fome e desespero e apenas 16 pessoas sobreviveram pois comeram os restos mortais daqueles que haviam falecido durante os dias de espera.

Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-70-dias-de-agonia-o-mais-chocante-caso-de-canibalismo-da-historia.phtml>, acesso em Outubro de 2020.

No momento final, o professor solicitará aos alunos que leiam as palavras escritas nos doces que foram entregues no primeiro momento. No conto, a criança narra o ato de canibalismo imprimindo sabores e texturas às partes do corpo de Maria Dulce, como se fossem doces e guloseimas. O professor questionará aos alunos como se sentiram ao ler esta parte do conto e o porquê acreditam que o autor descreveu a cena desta forma, associando os doces da caixa ao corpo de Maria Dulce.

### ATENÇÃO!

Por se tratar de um tema delicado, é importante que a mediação do professor transmita aos alunos que apesar da situação chocante retratada no conto, o intuito do autor é nos fazer refletir sobre o quanto a exclusão e a pobreza podem degradar a natureza humana, fazendo com que as pessoas entrem em um processo de desumanização, ativando instintos animais a fim de preservar a sua sobrevivência.

### Questionamentos que podem nortear a análise do conto:

1. Como Maria Dulce era descrita no conto e qual as diferenças que você encontrou entre ela e as outras crianças?
2. Como era a relação entre Maria Dulce e o narrador do conto?
3. Qual o contexto em que as crianças viviam antes da chegada de Maria Dulce?
4. Quem deu o primeiro passo que acabou resultando no canibalismo de Maria e como o narrador se sentiu ao final?

## 4º encontro: Leitura e análise do conto "Olhos no chão", do escritor paraibano Antônio Mariano

### 1º momento: Introdução e motivação

Para começar a reflexão sobre a exclusão social decorrente do desfavorecimento socioeconômico, o professor encerrará a aula anterior, pedindo que os alunos lhes enviem fotos do bairro ou da rua em que moram.

Dessa forma, iniciará a aula apresentando aos alunos as seguintes imagens:



Após observarem as imagens, o professor pedirá aos educandos que socializem com a turma as fotos que trouxeram, compartilhando como são os bairros em que eles moram. Informando tanto as questões estruturais, quanto sociais. Será solicitado também, que os

estudantes, pensem no que eles gostariam de melhorar no lugar em que vivem.

Após as reflexões acerca do local onde vivem, o professor solicitará aos educandos que analisem e comparem as imagens, apontando as possíveis semelhanças e diferenças que encontrarem.

### Questionamentos norteadores:

1. O que as imagens representam?
2. Quem são as pessoas que moram nesses ambientes?
3. O que você acredita que aconteceu para que elas ocupassem esses espaços e os transformassem em lar?
4. Estas pessoas estão excluídas da sociedade? De que forma?
5. Você consegue identificar alguma semelhança com os locais apresentados nas imagens e o bairro onde você vive?

A partir dos questionamentos, o professor iniciará um debate sobre a desigualdade social que acarreta na marginalização de pessoas que não possuem poder aquisitivo e como essa exclusão corrobora para a objetificação do sujeito enquanto mão de obra, privando-o, muitas vezes, de usufruir de direitos básicos, contribuindo para o seu aniquilamento enquanto ser humano, fazendo com que perca até mesmo suas emoções e vínculos afetivos em prol da luta pela sobrevivência.

Após o debate, o professor trará a canção "Construção", do cantor Chico Buarque, para que os alunos ouçam.



Após ouvirem a música, será solicitado que os alunos reflitam sobre a letra a partir dos questionamentos levantados no debate anterior verificando, a começar pelo título, sobre quem e qual é a situação exposta na canção. O professor enfatizará a relação de objetificação do trabalhador levantada na canção, avaliando como o seu cotidiano era resumido a rotina de trabalho, e como o seu fim é relatado de forma a suprimir a sua humanidade, reduzindo-o a algo que atrapalhou a rotina da cidade.

Para finalizar este momento, os alunos irão relacionar como as imagens acima podem estar ligadas à música e de que forma a nossa sociedade contribui para o afastamento e a desumanização das pessoas mais pobres.

### Questionamentos para análise da música:

1. O que o título da canção tem a ver com a música?
2. Como parece ser a vida e a rotina da pessoa descrita na canção?
3. Pela letra da música, de qual profissão poderia ser o protagonista da canção?
4. O que você achou do final da música? Ela pode retratar alguma situação cotidiana da vida real?





## 2º momento: Leitura e análise do conto "Olhos no chão", de Antônio Mariano

Após as reflexões promovidas no momento anterior, o professor irá apresentar aos alunos o conto **Olhos no chão**, do escritor paraibano Antonio Mariano. No conto, acompanhamos o personagem Jailson e sua família, que estão passando por dificuldades financeiras. A mulher de Jailson, ao ver que o filho estava doente, busca a ajuda do marido para que possa socorrê-la, porém recebe uma reação fria e distante por parte dele. Ao questioná-lo diversas vezes se não iria trabalhar, Jailson acaba por revelar que perdera o emprego há duas semanas, por justa causa, acusado injustamente de furto.

Após a revelação, a esposa de Jailson percebe a gravidade do problema e suprime todas as suas preocupações tomando a decisão de agir sozinha para ir com o filho ao hospital, buscando não preocupar o marido. O conto aborda o quanto a situação socioeconômica da família acaba pesando nas relações afetivas, pois, mesmo com o filho visivelmente doente e a mulher preocupada, Jailson parece não se compadecer com a situação, permanecendo absorto em seus problemas. Vemos então a supressão dos sentimentos e emoções de um homem que aprendeu a priorizar o trabalho, pois ele lhe traz o sustento e a sobrevivência.

Após a leitura, o professor iniciará a análise do conto abordando, inicialmente, as relações familiares que são expostas no texto. Será questionado aos alunos como se configura a família de Jailson e como é apresentado o personagem no conto. Em seguida o professor questionará como a mãe é abordada no conto e o porquê das diferentes reações dos pais em relação ao filho doente.

Para finalizar, será solicitado que os alunos façam uma análise comparativa entre o conto e a música "Construção", vista no momento anterior, relacionando as temáticas e verificando as aproximações e/ou distanciamentos entre o personagem da música e Jailson.

### Questionamentos para análise do conto:

1. O que você achou do texto?
2. Descreva como são os personagens do conto. Como se configura essa família?
3. Como podemos descrever a mulher de Jailson e a sua relação com o marido e o filho?
4. Como o pai e mãe se comportam em relação à doença do filho? Eles têm a mesma reação?
5. Compare o conto e a canção de Chico Buarque. Você consegue ver alguma semelhança entre o personagem Jailson e o homem descrito na canção?



## PARTE 2



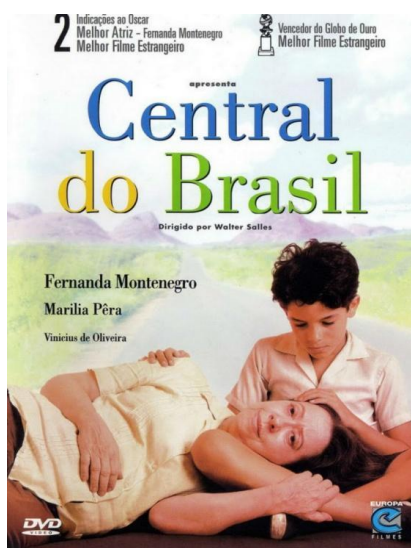
# EXCLUSÃO E ABANDONO: RELAÇÕES FAMILIARES E ENVELHECIMENTO



## 5º encontro: Leitura e análise do conto "A mulher, os meninos e a ditadura militar". Carta a Gregório, da escritora paraibana Dôra Lima

### 1º momento: Introdução e motivação

No primeiro momento, o professor entregará aos alunos envelopes de carta contendo trechos de algumas das cartas que são lidas no filme *Central do Brasil* (1998), e pedirá aos alunos que não as abram inicialmente. Em seguida, será solicitado aos alunos que se encaminhem à sala de vídeo, onde assistirão ao filme.



### DICA!

Caso o professor não tenha tempo disponível para assistir ao filme com os alunos na escola, solicite que os alunos assistam o filme em casa, e na aula seguinte retome as discussões sobre o filme.

Após assistirem ao filme, o professor voltará a sala de aula com os alunos e organizará as carteiras em um círculo. Será solicitada, então, a leitura silenciosa das cartas e em seguida cada aluno lerá em voz alta o trecho que se encontra no seu envelope. Após a leitura o professor questionará sobre a qual personagem pertence a carta, buscando recordar com os alunos as histórias por trás de cada carta e a temática abordada no filme.

Visto que o filme centraliza o analfabetismo como ponto de ligação entre a personagem Dora e as pessoas que vão até ela para contar suas histórias, o professor fará os seguintes questionamentos:

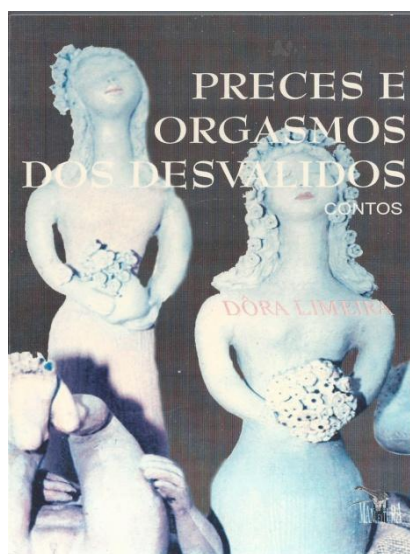


1. Dora se encontra em uma posição privilegiada em comparação às outras pessoas que vão até ela para escrever suas cartas?
2. De que forma as histórias contadas no filme se assemelham?
3. Podemos afirmar que as personagens do filme se encontram à margem da sociedade ou vivenciam algum tipo de exclusão social?

Após o debate proposto a partir dos questionamentos acima, o professor pedirá aos alunos que reflitam um pouco mais sobre a história do personagem Josué para finalizar este primeiro momento. No filme, Josué vivencia uma situação de abandono, pois sua mãe acaba falecendo em um acidente e o menino acaba ficando aos cuidados de Dora, que tinha a mãe de Josué como cliente e escrevia cartas para ela. Dora então viaja com o menino pelo interior do Nordeste em busca do pai de Josué, que ainda não o conhece. Ao longo do trajeto Dora acaba revelando um pouco da sua história nos mostrando que, assim como Josué, também foi vítima do abandono parental.

## 2º momento: Leitura e análise do conto "A mulher, os meninos e a ditadura militar". Carta a Gregório

No segundo momento, o professor trará o conto *A mulher, os meninos e a ditadura militar. Carta a Gregório*, da escritora paraibana Dôra Limeira, e solicitará a leitura compartilhada do conto.



O conto é narrado a partir de uma carta escrita por Rafaela, mãe de quatro filhos e que está escrevendo para o seu marido Gregório durante o regime militar, em 1969. Na carta, Rafaela conta um pouco do seu dia a dia e preocupações, mantendo sempre a esperança de que algum dia seu marido irá voltar para casa. Durante a carta não fica claro ao leitor o motivo da ausência do patriarca da família, mas vemos a constante preocupação de Rafaela em manter contato, mesmo sabendo que a carta pode não chegar a Gregório, visto que durante o regime militar as correspondências eram comumente violadas e confiscadas. Rafaela também busca manter nos filhos a esperança de que em breve verão o pai dizendo, sempre que questionada pelas crianças, que ele virá no Natal.

Finalizada a leitura, o professor pedirá aos alunos que façam uma análise comparativa do conto lido com o filme Central do Brasil, assistido na aula anterior, com base nos seguintes questionamentos:

1. A carta escrita por Rafaela se aproxima de algumas das histórias vistas no filme?
2. Vemos que as histórias de Dora, Josué e Rafaela são marcadas pela ausência da figura patriarcal. Quais as consequências dessa ausência nas vidas das personagens?
3. Podemos afirmar que Rafaela também vive em uma situação de abandono?

## Um pouco sobre a autora:

Maria das Dores Limeira Ferreira dos Santos, natural de João Pessoa - PB. Ingressou no movimento literário no início da década 90, onde com o advento da Internet não reconheceu limites para a sua criação. Após a sua aposentadoria do Departamento de História da UFPB, Dôra Limeira passou a se dedicar ao lançamento de livros de contos e foi uma das fundadoras do Clube do Conto da Paraíba. A escritora participou da coletânea Todas as Estações, publicada a partir do concurso Talentos da Maturidade, realizado em 2002 pelo Banco Real. Em 2003 foi eleita Revelação Literária pelos leitores do suplemento cultural Correio das Artes. Seu livro de estreia foi a coletânea 'Arquitetura de um Abandono' (2003), seguido por 'Orgasmos dos Desvalidos' (2005), 'O Beijo de Deus' (2007) e 'Os Gemidos da Rua' (2009), todos inspirados por reuniões do Clube do Conto. Dôra Limeira ainda lançou 'Cancioneiro dos Loucos' (2013) e 'O Afetuoso Livro das Cartas', sua última coletânea, publicada em 2015, antes de sua morte.

Encerrada a análise, o professor solicitará que os alunos escrevam uma carta resposta para Rafaela, assumindo o personagem de Gregório, explicando o porquê da sua ausência.



## DICA

O professor deve se certificar de que os alunos saibam as características e a definição do gênero carta pessoal. Caso seja necessário, inclua uma pequena aula sobre este gênero antes de finalizar esse momento.

## 6º encontro: Leitura e análise do conto "Eu, brasileiro, viúvo, setenta e cinco anos", da escritora paraibana Dôra Limeira

### 1º momento: Introdução e motivação

No primeiro momento, o professor entregará um pequeno retrato contendo uma foto de cada aluno e pedirá que eles observem com atenção cada expressão e sinal de seus rostos e descrevam na parte de trás do retrato como eles imaginam que aquele rosto na foto irá ficar quando envelhecerem.

Em seguida, o professor entregará as mesmas fotos aos alunos, envelhecidas através de um aplicativo de envelhecimento. Os estudantes, então, irão verificar se as expectativas que escreveram no verso da foto contendo seus rostos jovens foi alcançada, ou não.

Após esse momento o professor fará, juntamente com os alunos, a leitura do poema "Retrato", de Cecília Meireles.

Após a leitura do poema, o professor iniciará a análise do poema questionando aos alunos qual a visão deles sobre a velhice. A partir das respostas, o

## RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,  
Assim calmo, assim triste, assim magro,  
Nem estes olhos tão vazios,  
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;  
Eu não tinha este coração  
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
Tão simples, tão certa, tão fácil:  
- Em que espelho ficou perdida  
A minha face?

professor irá observar se a visão dos alunos foi positiva ou negativa e colocará em pauta o porquê da velhice, muitas vezes, ser encarada como uma fase negativa, acompanhada de abandono.

### Questionamentos para nortear a análise do poema:

1. O que você achou do poema?
2. Qual é a visão do eu lírico sobre as mudanças que ocorrem em seu rosto?
3. Você considera a descrição dele positiva ou negativa?
4. Qual a sua visão sobre o processo de envelhecimento? Você considera a velhice como algo positivo ou negativo?

### 2º momento: Leitura e análise do conto "Eu, brasileiro, viúvo, setenta e cinco anos".

Sabendo que a velhice ainda é um tema carregado de tabus e preconceitos, muitos ainda possuem a visão de que envelhecer é sinônimo de sofrimento e limitação. Assim, os idosos acabam sendo marginalizados e, até mesmo abandonados, por familiares e amigos (e pela sociedade em geral). Com o intuito de ampliar o debate e a reflexão sobre esse tema, o professor

iniciará o segundo momento apresentando a música "A lista", do cantor e compositor Oswaldo Montenegro.

Após ouvirem a música, o professor fará uma breve análise da letra, e em seguida apresentará o conto **Eu, brasileiro, viúvo, setenta e cinco anos**, da escritora paraibana Dôra Limeira, e solicitará a leitura compartilhada do conto. O conto, narrado em primeira pessoa, retrata as angústias e vivências do narrador que faz uma reflexão nostálgica sobre a sua existência. Finalizada a leitura, o professor fará os seguintes questionamentos:

1. O que você achou do conto?
2. Como o narrador descreve a sua vida?
3. Você acredita que para o narrador o processo de envelhecimento foi positivo ou negativo?
4. Há semelhanças entre o conto e a música?

Após as reflexões feitas a partir da análise comparativa entre o conto e a música, o professor revelará aos alunos que o conto foi inspirado na música "A lista", finalizando esta etapa apresentando aos alunos um pouco da biografia de Dôra Limeira. Para a próxima aula, o professor irá solicitar aos alunos que tragam uma foto de algum lugar ou objeto que lhes traga alguma recordação de seu lar.

## 7º encontro: Leitura e análise do conto "Revência", da escritora paraibana Marília Arnaud

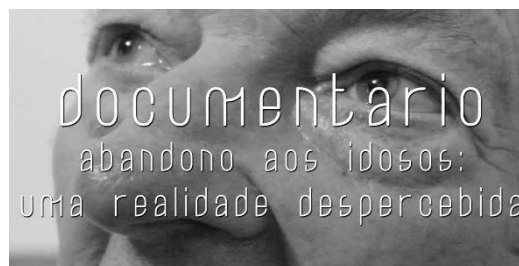
### 1º momento: Introdução e motivação

Inicialmente o professor pedirá aos alunos que entreguem as imagens solicitadas na aula anterior e, em seguida, as colocará em um cartaz. Em seguida, o professor pedirá que os alunos socializem com a turma o porquê de terem escolhido as fotos e quais as lembranças que elas trazem.

A partir das imagens, o professor iniciará um debate sobre como as nossas memórias são importantes para estabelecer vínculos com lugares, podendo despertar diversos sentimentos como amor, saudade, tristeza, melancolia...

Em seguida, o professor pedirá aos alunos que escrevam em um papel alguma memória (podendo ser positiva ou negativa) que eles guardam desse lugar ou objeto, e que eles acreditam que irão recordar até a velhice. O professor informará que os alunos não precisam se identificar ao escreverem, e as suas memórias não serão expostas à turma, sendo lidas posteriormente apenas pelo professor.

O professor apresentará, então, aos alunos o documentário **Abandono aos idosos - uma realidade despercebida**<sup>36</sup> buscando introduzir a temática que será abordada no conto analisado neste encontro.



Após assistirem ao documentário, o professor iniciará um debate sobre como os idosos e o processo de envelhecimento são vistos em nossa sociedade, retomando também as discussões e reflexões feitas na aula anterior.

### Questionamentos para nortear o debate:

1. O que você achou do documentário?
2. Você conhece algum idoso que vive em situação semelhante à apresentada no documentário?
3. Qual a sua opinião sobre a atitude de deixar um idoso em uma casa de acolhimento?

<sup>36</sup> O documentário foi feito a partir do PEC - Projeto Experimental em Comunicação realizado pelos acadêmicos, Diego Becker e Suelen Eskelsen, de Jornalismo da Faculdade Ibes Sociesc, em Blumenau (SC). Publicado em 13 de Julho de 2015 na

plataforma YouTube. Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=cBrvEU19uGc>



## 2º momento: Leitura e análise do conto "Revência de Marília Arnaud

Após o debate, os alunos irão ler o conto **Revência**, da escritora paraibana Marília Arnaud.



O conto narra os pensamentos e vivências de uma mulher que retorna ao lugar onde passou a sua infância para aguardar a morte, pois foi diagnosticada com uma doença terminal que, segundo o médico, lhe daria no máximo seis meses de vida. Buscando evitar toda a comoção da despedida e que as pessoas acompanhassem a degradação do seu corpo, ela se isola neste local repleto de memórias.

Ao longo do conto vamos acompanhando suas lembranças e um pouco de sua história, vendo o processo de envelhecimento, as relações familiares e o afastamento gradual das pessoas a sua volta após a descoberta da doença.

### Um pouco sobre a autora:

Marília Arnaud é paraibana de Campina Grande (PB), mas mora em João Pessoa. Graduiu-se em Direito (UEPB) e trabalha no Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba. Começou a vida literária na década de 1980 escrevendo crônicas para jornais paraibanos, mais tarde publicadas no livro *Sentimento marginal* (Produção independente, 1987). A menina de Cipango, seu primeiro livro de contos, venceu o I Concurso Literário da Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba – Prêmio José Vieira de Melo e foi editado em 1994. A coletânea de contos "Os campos noturnos do coração" foi vencedora do Prêmio Novos Autores Paraibanos promovido pela Universidade Federal da Paraíba, e publicada em 1996. Autora também de O livro dos afetos, publicado em 2005, do romance Liturgia do fim (Tordesilhas, 2016), do romance Suite de silêncios (Ed. Rocco, 2012) e do infantil Salomão, o elefante (Selo Off Flip, 2013).

Finalizada a leitura, o professor fará os seguintes questionamentos para mediar a análise do conto:

1. O que você achou do conto?
2. Qual a relação afetiva que a personagem principal possui com o local?
3. Como ela enxerga esse retorno à casa de sua infância?
4. Em que circunstâncias ela retorna e quais as novas percepções que ela tem sobre o local?
5. Como são as relações familiares da personagem e de que forma elas influenciam para o seu isolamento?

Após o debate, visando finalizar a discussão da temática, o professor lerá junto com os alunos o poema "Os ombros suportam o mundo", do escritor Carlos Drummond de Andrade, buscando fazer uma análise comparativa da sensação de abandono e isolamento propiciadas, muitas vezes, pelo envelhecimento. O objetivo é observar tanto no narrador do conto, quanto no eu poético do poema como se configura esse isolamento e como ambos abordam o abandono das emoções diante da dureza do mundo.

### **Os Ombros Suportam o Mundo (Carlos Drummond de Andrade)**

Chega um tempo em que não  
 se diz mais: meu Deus.  
 Tempo de absoluta depuração.  
 Tempo em que não se diz mais:  
 meu amor.  
 Porque o amor resultou inútil.  
 E os olhos não choram.  
 E as mãos tecem apenas o  
 rude trabalho.  
 E o coração está seco.  
 Em vão mulheres batem à  
 porta, não abriás.  
 Ficaste sozinho, a luz apagou-  
 se,  
 mas na sombra teus olhos  
 resplandecem enormes.  
 És todo certeza, já não sabes  
 sofrer.  
 E nada esperas de teus  
 amigos.  
 Pouco importa venha a  
 velhice, que é a velhice?  
 Teus ombros suportam o  
 mundo  
 e ele não pesa mais que a mão

## 8º encontro: Leitura e análise do conto "O filho espúrio", da escritora paraibana Marília Arnaud

### 1º momento: Introdução e motivação

O professor iniciará este momento debatendo com os alunos as relações de exclusão e abandono ocorridas dentro do ambiente familiar. Aproveitando as discussões realizadas nas aulas anteriores, será questionado aos alunos como eles avaliam a convivência com seus pais e/ou responsáveis e o professor entregará um cartão a cada aluno, pedindo para que escrevam uma palavra que descreva essa relação. Logo após os alunos irão discutir sobre como o abandono e a exclusão dentro do ambiente familiar podem afetar a forma em que enxergamos o mundo e a nossa relação com outras pessoas. Em seguida os alunos irão ouvir a música "Pais e filhos", da banda Legião Urbana.

### Questionamentos para nortear a análise da música:

1. O que você achou da música? Ela retrata algo real no cotidiano familiar?
2. Você considera a sua relação com seus pais positiva?
3. De que forma as relações retratadas na música podem se assemelhar com algo vivenciado por você?
4. Você acredita que a relação entre pais e filhos, na maior parte do tempo é conturbada?

Após ouvirem a música, o professor irá questionar aos alunos se em algum momento eles já sofreram algum tipo de exclusão por parte de familiares e como se sentiram. Aproveitando a temática abordada na música, o professor pedirá que os alunos imaginem que só possuem um dia de vida, dessa forma, eles devem escolher um parente que esteja distante ou alguém da família que não possua uma boa relação para escrever uma carta expondo como se sentem em relação a esta pessoa. Finalizando este momento, o professor trará uma caixa onde os alunos poderão colocar todas as cartas.



## 2º momento: Leitura e análise do conto "O filho espúrio", de Marília Arnaud

Após o momento de motivação, iniciar-se-á o momento de leitura do conto *O filho espúrio*, da escritora paraibana Marília Arnaud, solicitando a leitura compartilhada. O conto narra o encontro de Paulo com o seu pai que está à beira da morte. Durante este encontro, Paulo vai relembando a relação pai/filho marcada por mágoas e abandono, coisas que ele jamais pôde contar ao pai e mesmo vendo-o agora à beira da morte não poderá dizer. No conto também vemos a relação envelhecimento/tempo que o personagem possui consigo e com o pai, analisando como, apesar do passar dos anos, os sentimentos de abandono e tristeza ainda permeiam essa relação.

Finalizada a leitura, o professor fará os seguintes questionamentos:

1. O que você achou do conto?
2. Você sabe o que significa espúrio? Qual a relação do título com o que o personagem Paulo relata?
3. Vemos que a relação de Paulo com o pai é bastante conturbada e marcada pela ausência paterna. Como isso afetou a vida de Paulo?
4. A partir da relação com o pai, como Paulo enxerga a sua própria existência?

Após o debate, buscando ampliar a reflexão sobre o tema, o professor reservará para a finalização deste momento o documentário *Todos nós, 5 milhões*<sup>37</sup>, um longa-metragem híbrido de documentário e ficção sobre abandono paterno, baseado num dado divulgado pelo Conselho Nacional de Justiça: existem 5,5 milhões de crianças sem o reconhecimento paterno no Brasil.

O BRASIL TEM

5,5

MILHÕES

DE CRIANÇAS SEM O  
PAI NO REGISTRO

### Questionamentos para nortear o debate:

1. Você conhece e convive com o seu pai?
2. Como é a sua relação com o seu pai?
3. Você acredita que o documentário realmente retrata a realidade das relações paternas no Brasil?
4. Você acredita que o abandono paterno é algo comum em nossa sociedade?

<sup>37</sup> Filme independente produzido por ALEXANDRE MORTAGUA com VANEZA OLIVEIRA, ANGELA VALENTIN, KATHIA CALIL, JÉSSICA MONTE, FELIPE

BARROS  LUCIANO CHIROLLI. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s7sUDHjNRtQ>, acesso em 17 de Junho de 2020.

## 9º encontro: Culminância da sequência

### 1º momento: Planejamento e organização

No primeiro momento o professor dividirá a turma em quatro grupos e designará um autor estudado durante as aulas para cada grupo. A escolha dos autores e dos grupos poderá ser feita mediante sorteio, variando de acordo com a interação do professor com a turma. Com a ajuda do professor, os alunos irão montar quatro painéis que deverão conter os seguintes tópicos:

- Imagem do autor (a);
- Breve biografia do autor (a);
- Principais obras publicadas (com imagens);
- Indicações de leitura.



### 2º momento: Apresentação e roda de conversa

Após a construção dos painéis, o professor e os alunos organizarão os painéis no auditório da escola para que se iniciem as apresentações. Cada grupo ficará responsável pela apresentação de seu painel e respectivo escritor (a). Dessa forma, os demais alunos, professores e integrantes da escola poderão passear entre os painéis, conhecendo os escritores a partir das apresentações dos alunos.

Além das apresentações, o professor da turma pode convidar algum escritor paraibano para conversar sobre o processo de escrita e o cenário literário na Paraíba. O professor pode priorizar os jovens escritores, pois além da disponibilidade podem conversar com os alunos sobre como iniciaram no universo da escrita, podendo incentivar e despertar os alunos a se aventurarem na escrita também.

Será reservado um horário para que os alunos da escola possam assistir a roda de conversa e interagir com o escritor convidado.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do Mundo**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARNAUD, Marília. "Revênciã . /r: **Os campos noturnos do coração**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.

\_\_\_\_\_. "O filho espúrio . /r: **Os campos noturnos do coração**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.

LIMEIRA, Dôra. "A mulher, os meninos e a ditadura militar. Carta a Gregório . /r: **Preces e orgasmos dos desvalidos**. João Pessoa: Manufatura, 2005.

\_\_\_\_\_. "Eu, brasileiro, viúvo, setenta e cinco anos . /r: **Preces e orgasmos dos desvalidos**. João Pessoa: Manufatura, 2005.

MACIEL, Geraldo. "Porque somos muito pobres . /r: **Aquelas criaturas tão estranhas**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. "Três cachaças . /r: **Aquelas criaturas tão estranhas**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1995.

MARIANO, Antônio. "O dia em que comemos Maria Dulce . /r: **O dia em que comemos Maria Dulce**. São Paulo: Ficções Editora Ltda, 2015.

\_\_\_\_\_. "Olhos no chão . /r: **O dia em que comemos Maria Dulce**. São Paulo: Ficções Editora Ltda, 2015.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. – 4º ed. – Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

### Músicas:

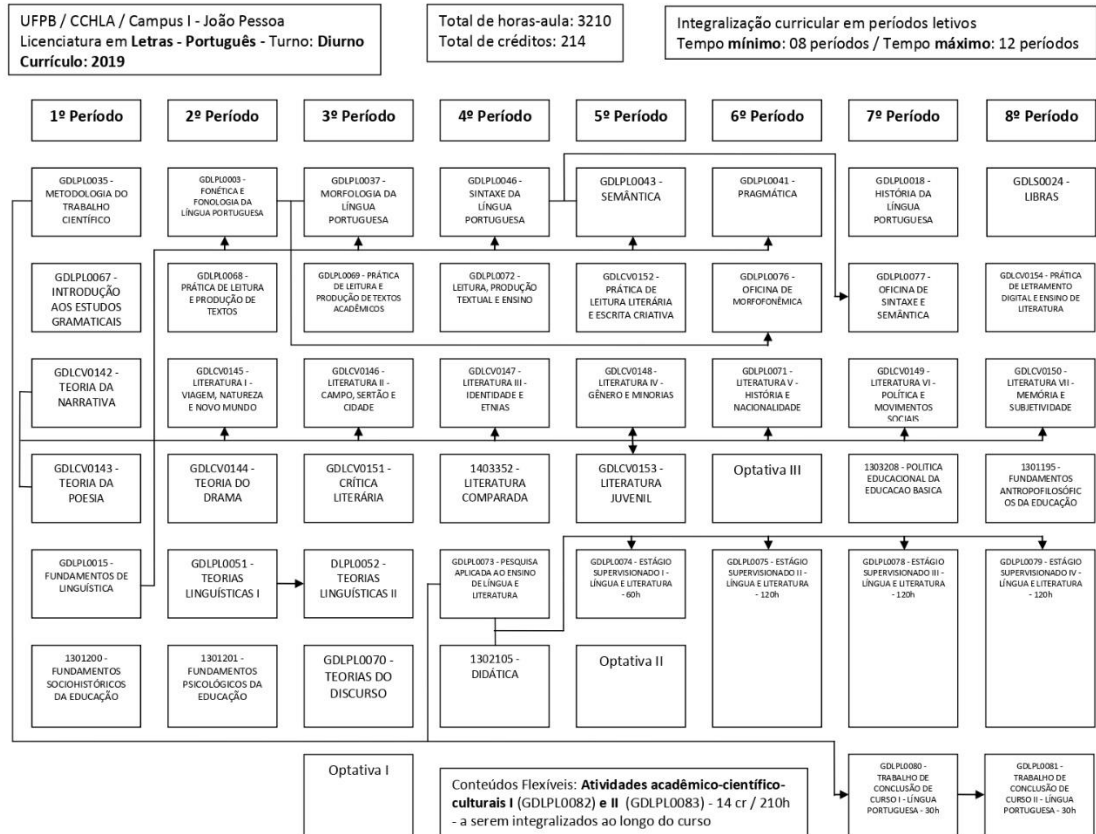
CHICO BUARQUE. **Construção**. /r: Construção: Phillips Records, 1971. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wBfVsucRelw>, acesso em 15 de Junho de 2020.

LEGIÃO URBANA. **Pais e filhos**. /r: Quatro Estações: EMI, 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sfixHYBWaiU>, acesso em 15 de Junho de 2020.

O RAPPA. **Súplica Cearense**. /r: 7 vezes: Warner Music Brasil, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F19PnbWig5A>, acesso em 15 de Junho de 2020.

**ANEXOS**

## Fluxograma do curso de Letras – Língua Portuguesa da UFPB



## Disciplinas optativas ofertadas no curso de Letras – Língua portuguesa da UFPB



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM LETRAS

### CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS CONTEÚDOS COMPLEMENTARES OPTATIVOS

Conforme Resolução CONSEPE nº 03/2019

Aquisição da linguagem  
Estudos lexicais  
Historiografia linguística  
Linguística aplicada ao ensino de Português como língua estrangeira  
Linguística cognitiva  
Linguística computacional  
Literatura e Estudos Culturais  
Literatura e estudos semióticos  
Literatura e Psicanálise  
Literatura erótica  
Literatura infantil  
Literatura medieval  
Literatura paraibana  
Literatura popular  
Processamento linguístico  
Sociolinguística  
Temas transversais

## Fluxograma do curso de Letras – língua portuguesa da UFCG

1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
Introdução a Linguística	Estudos de Oralidade e Escrita	Estudos Linguísticos Contemporâneos	Literatura Infanto - Juvenil	Sintaxe Oracional	Sintaxe Interacional	Metodologia da Pesquisa em Linguística	Narrativa Port: da Era Med ao Neo - Realism
Leitura e Escrita: Teorias Socio - Cognitiv	Leitura e Escrita: Teorias Sociointerac.	Fonética e Fonol da Língua Portuguesa	Morfologia de Classes	Poesia Brasileira Moderna	Narrativa Brasileira Moderna	Metodologia da Pesquisa em Literatura	Estágio de Língua Port: Ensino Médio
Teoria do Texto Poético	Teoria da Narrativa	Morfologia do Vocabulo	Narrativa Bras: da Lit Col ao Pre - Modern	Estágio de Língua Port: Ensino Fundamenta	Estágio de Literatura: Ensino Fundamental	Língua Latina	Filologia Romanica
Fundamentos da Prática Educativa	Política Educacional no Brasil	Paradigmas de Ensino	Planejamento e Avaliação			Poesia Portuguesa Lírica e Épica	
Psicologia Educacional	Psicologia da Adolescência	Poesia Bras: da Lit Col ao Pre - Modernismo	Semântica e Pragmática			Crítica Literária	

## Campus Campina Grande

1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
Língua Inglês Instrumental	Linguística II	Literatura Portuguesa I	Literatura Brasileira I	Língua Brasileira de Sinais	Dialética	História da Língua Portuguesa	Introdução a Novas Mídias
Linguística I	Teoria da Literatura II	Língua Latina I	Literatura Portuguesa II	Literatura Brasileira II	Estágio Curricular Supervisionado I	Literatura Clássica	
Teoria da Literatura I	Organização e Prática da Pesquisa Científica	Morfologia da Língua Portuguesa	Língua Latina II	Literatura Portuguesa III	Literatura Brasileira III	Estágio Curricular Supervisionado II	
Texto e Discurso	Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa	Leitura e Produção de Gêneros I	Morfossintaxe da Língua Portuguesa	Língua Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa	Sintaxe da Língua Portuguesa II	Literatura Brasileira IV	
Fundamentos do Pensamento Filosófico	Fundamentos do Pensamento Sociológico	Psicologia da Educação	Leitura e Produção de Gêneros II	Sintaxe da Língua Portuguesa I			

## Campus Cajazeiras

## Fluxograma do curso de Letras – língua portuguesa da UEPB

### 10. DIMENSÃO FORMATIVA

<b>Básico Comum</b>	
LTP06081	Didática
LTP06097	Educação e Direitos Humanos
LTP06072	Filosofia da Educação
LTP06058	Introdução à Linguística
LTP06060	Introdução aos Estudos Literários I
LTP06114	Introdução aos Estudos Literários II
LTP06059	Leitura e Produção de Textos I
LTP06101	Leitura e Produção de Textos II
LTP06084	Libras
LTP06078	Língua Latina I
LTP06188	Língua Latina II
LTP06061	Metodologia Científica
LTP06150	Organização do Trabalho na Escola e no Currículo
LTP06074	Psicologia, Desenvolvimento e Aprendizagem
LTP06068	Sociologia da Educação
LTP06186	Teorias Linguísticas I
<b>Básico Específico do Curso</b>	
LTP06057	Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa
LTP06080	História da Língua Portuguesa
LTP06102	Leitura e Produção de Textos III
LTP06185	Leitura e Produção de Textos IV
LTP06115	Literatura Comparada
LTP06075	Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa I
LTP06106	Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa II
LTP06087	Metodologia do Ensino de Literatura
LTP06088	Morfologia da Língua Portuguesa
LTP06092	Morfossintaxe da Língua Portuguesa I



LTP06094	Morfossintaxe da Língua Portuguesa II
LTP06096	Morfossintaxe da Língua Portuguesa III
LTP06099	Semântica e Pragmática
LTP06116	Teoria e Crítica Literária I
LTP06117	Teoria e Crítica Literária II
LTP06187	Teorias Linguísticas II
<b>Básico Específico de Estágio</b>	
LTP06089	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I
LTP06091	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa II
LTP06093	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa III
LTP06095	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa IV
<b>Básico Específico de TCC</b>	
LTP06100	Trabalho de Conclusão de Curso I
LTP06104	Trabalho de Conclusão de Curso II
<b>Complementar Eletivo</b>	
LTP06173	Análises do Discurso
LTP06183	Antropologia da Linguagem
LTP06109	Antropologia, Etnografia e Educação
LTP06163	Aquisição da Linguagem
LTP06121	Barroco e Neobarroco no Brasil
LTP06148	Conto Africano de Língua Portuguesa
LTP06147	Conto Brasileiro
LTP06146	Conto Português
LTP06107	Educação Especial
LTP06170	Estudos do Letramento
LTP06166	Gramática Tradicional
LTP06159	História e Historiografia de Literatura Brasileira
LTP06167	Historiografia da Linguística
LTP06168	Linguística Aplicada

LTP06165	Linguística Cognitiva
LTP06123	Literatura Brasileira Contemporânea
LTP06126	Literatura Brasileira e Afrodescendência
LTP06125	Literatura Cigana
LTP06135	Literatura de Autoria Feminina em Portugal
LTP06136	Literatura de Autoria Feminina na África
LTP06131	Literatura de Autoria Feminina no Brasil
LTP06124	Literatura do Brasil Colonial
LTP06145	Literatura e Cultura de Massa
LTP06143	Literatura e Estudos de Gênero
LTP06141	Literatura e Homocultura
LTP06138	Literatura e Modernismo Brasileiro
LTP06133	Literatura e outras Artes
LTP06139	Literatura e Realismo
LTP06122	Literatura e Regionalismo
LTP06162	Literatura e Sagrado
LTP06128	Literatura e Sociedade
LTP06144	Literatura Erótica
LTP06127	Literatura Indígena
LTP06137	Literatura Infantil
LTP06134	Literatura Marginal
LTP06160	Literatura Medieval
LTP06130	Literatura Popular
LTP06161	Pesquisa em Literatura
LTP06157	Poesia Africana de Língua Portuguesa
LTP06155	Poesia Brasileira
LTP06118	Poesia Paraibana
LTP06156	Poesia Portuguesa
LTP06172	Português como Língua Estrangeira
LTP06119	Prosa Paraibana
LTP06164	Psicolinguística

LTP06154	Romance Africano de Língua Portuguesa
LTP06152	Romance Brasileiro
LTP06153	Romance Português
LTP06140	Romantismo Brasileiro
LTP06169	Sociolinguística
LTP06182	Sociologia da Modernidade
LTP06149	Teatro Brasileiro
LTP06120	Teatro Paraibano
LTP06151	Teatro Português
LTP06132	Tópicos em Cultura Brasileira
LTP06129	Tópicos em Literatura Clássica

**Contos utilizados**

GERALDO MACIEL

## *Porque Somos Muito Pobres*

*para Juan Rulfo*

**M**inha mãe separava os gorgulhos que boiavam na água onde o milho amolecia. Eu não gostava dos gorgulhos porque eles comiam a nossa comida, todo o milho que meu pai guardava no silo redondo na despensa e não serviam para nada. Acho que perguntei a minha mãe por que os gorgulhos existiam e ela, como sempre faz quando eu lhe pergunto alguma coisa, disse: é porque somos muito pobres, meu filho, é porque somos muito pobres.

O gorgulho é uma praga. Pelo menos é assim que meu pai diz. Come tudo. Se não fosse ele a comida du-

rava mais tempo. Totonho, um menino que mora na outra rua, come gorgulhos. Todos os gorgulhos que aparecem na comida da casa dele. As pessoas dizem que é por isso que ele é tão gordinho. Acho que a gordura dele é inchação. Gorgulho não é comida de gente.

Aqui em casa meu pai reclama muito por causa da seca e da pobreza. Minha mãe também. Eu não tenho muita raiva da seca. Muda um pouco, mas tem coisa que eu gosto. Quando tem seca a comida fica pouca, como agora. A gente fica comendo quase uma coisa só, nunca come um pedaço de carne e minha mãe e meu pai ficam muito tristes. Mas eu não sou obrigado a ir para a escola. A escola fecha. Como agora. Os meninos não agüentam estudar. Caem no caminho da escola, não aprendem direito. Acho que é por causa da fome. Acho melhor sem escola. Gosto mais de caçar passarinho e andar por detrás da rua procurando coisas: latas, vidros, folhas de revistas com retrato de gente com roupas diferentes, pedaços de histórias de faroeste e de Tarzan.

Aqui em casa a gente quase só come milho. Foi a única coisa que restou nos silos. Minha mãe faz o cuscuz com um prato e um pano. Fica até bonito. Meu primo, maior do que eu, diz que parece um peito de mulher. Minha mãe trabalha muito. Tem que catar os gorgulhos, moer o milho, fazer o cuscuz, torrar as sementes de turco para depois moer e fazer o café. Eu ajudo catando as vagens de turco no pé que tem no muro da casa de minha avó.

Meu pai vendeu um paletó de casimira que ele chama jaquetão a um vereador para comprar alguma coisa que eu não sei o que foi. Ele não gosta que ninguém fale nisso. Parece que ele tem vergonha. Ele agora não pode mais ir bem vestido para o pavilhão da festa nem para a missa de ano. E ficou mais triste ainda, depois disso.



O governo mandou comida para dar ao povo. A gente só teve direito a pegar o feijão preto. Eu não conhecia esse feijão e achei muito ruim. Ele não cozinha como os outros. Só faz um caldo preto e não cozinha. Minha mãe diz que é feijão velho. Só depois de cozinhar não sei quantos dias é que ele começa a amolecer e engrossar o caldo com uma massa branca. Meu pai e os outros usavam os caroços dele para fazer chumbo para as espingardas, mas a caça desapareceu. Na seca achar algum bicho para caçar é muito difícil e o chumbo de feijão também acabou.

Eu ajudo em casa. Meus irmãos pequenos só fazem chorar e dar trabalho a minha mãe. Meu pai depois que bota a lenha de cozinhar, vai conversar com os outros e às vezes bebe um pouco mas nem assim fica alegre. Eu fui obrigado a ir para o catecismo. Fico lá olhando os santos e a montagem do presépio. D. Zezé ensina que Jesus era muito pobre, assim como nós aqui. Mas as figuras do presépio são todas gordinhas e coradas. Não são como a gente. E tem vaca, bezerro, jumento, ovelha. Acho que Jesus não era pobre como nós. Mas eu gosto dele.

Também gosto de Papai Noel, mas ele nunca me deu presente. Acho que ele não mora por aqui. Os meninos maiores me disseram que Papai Noel é o pai da gente. Ele se veste com aquela roupa encarnada, bota uma barba de algodão e traz os presentes. É por isso que eu nunca ganhei presente. Meu pai não tem dinheiro para comprar aquela roupa. Será que ele vendeu o jaquetão para comprar uma roupa de Papai Noel? Se Papai Noel existisse mesmo, como no retrato, acho que iam fazer com aqueles bichos que puxam o carro dele o mesmo que fizeram com a vaquinha de meu tio. Pegaram a vaquinha de madrugada e mataram ela para comer. Meu tio só achou o esqueleto um mês depois, perdido dentro de um grotão. Acho que iam fazer o mesmo com os bichos de Papai Noel.

No Natal que passou eu pedi a minha mãe para escrever um bilhete para Papai Noel pedindo para ele trazer um presente. Minha mãe disse que era difícil e que não tinha dinheiro para botar a carta no correio. Fiquei muito triste mas depois esqueci. Dois dias antes do Natal, minha mãe disse que Papai Noel talvez deixasse alguma coisa pra gente. Disse que ia ser uma coisinha besta, porque ela havia avisado muito perto do Natal e não tinha dado tempo a ele para comprar outra coisa. Fiquei muito alegre.

Na noite de Natal quase não consegui dormir. Fiquei mexendo na rede até tarde. Quando acordei de manhãzinha, pulei para ver o que Papai Noel tinha deixado debaixo de minha rede. Ele deixou para cada um de nós um pirulito desses grandes e coloridos que a gente chama de rasga-boca e uma bolacha de rapadura e trigo chamada sorda. Mas meus irmãos mijam na rede e o mijo deles derreteu os pirulitos e molhou as sordas. Até o meu presente, minha sorda, ficou toda molhada. Chorei a manhã todinha e acho que disse muito nome feio com Papai Noel. Agora eu sei que ele é o pai da gente.

Na cozinha minha mãe chorava, separando os gorgulhos, enquanto respondia como se eu tivesse perguntado alguma coisa: é porque somos muito pobres, meu filho... é porque somos muito pobres.



## *Três Cachaças*

**O**Cessa passou baixinho, rosnando e fazendo poeira. Alguma coisa, um vácuo, arrastou as pessoas para fora de casa. Agrípio não foi sugado. Nem a mulher. Estavam na cozinha, frente à trempe apagada, discutindo o que fazer para aquietar a fome naquele dia.

Ao pé da mesa, dentro de uma bacia de zinco, entre molambos cor de poeira, seu filho mais novo, ainda sem nome, não se importava com as moscas que disputavam os restos de mingau espalhados ao redor de sua boca.

- Toma emprestado!
- A quem? Já devo a todo mundo, não tenho cara.
- A Leutério!
- Leutério me deve. Tá pior que eu!
- Peça ao Prefeito!

— Ele vai dizer que não tem mais verba, que a Prefeitura já gastou tudo com essa emergência... essas coisas.

A vida estava dura, a terra quente e seca. Chuva quase nunca caía. Era como se a espada do Arcanjo houvesse traçado um círculo de fogo cercando todas as terras, daqui até nas serras azuis que se viam ao longe. As pessoas escondiam alguma comida como se fosse algum tesouro, como as árvores que guardam o seu sumo bem fundo, longe desse sol que torra, afastado desse chão quente como fundo de panela.

Os cemitérios estavam cheios, tomando o lugar do que antes era roçado de algodão que o bicudo devorou, afastando o agave traiçoeiro, de baba corrosiva, onde se arriscava perder um braço ou uma mão em troca de ganho tão mínimo. Mas isso a seca acabou. O que se planta mirra.

Aqueles que podiam socorrer Agrípio estavam na mesma situação que ele: comendo raízes, caule e folhas, e prontos a devorar flores e frutos, se os encontrassem. Multidões acudiam às capoeiras, à cata de um réptil ou roedor, ou qualquer outra coisa que se mexesse ou tivesse sumo.

A ajuda do governo para eles tinha mais retrato de político nas sacolas que comida. O prefeito roubava o óleo para o seu armazém; os vereadores escamoteavam o arroz para suas mercearias; os empregados retiravam de tudo um pouco para não dar na vista. A primeira dama e as outras damas numeradas de 2 a 10 — eram nove os vereadores — surrupiavam os tickets de leite para trocá-los por sapatos, meias de náilon e roupas íntimas.

Na casa de Agrípio só havia um pacote de arrozina, um punhado de sal e um quase nada de açúcar; a comida da criança ainda sem nome.

Havia o dinheiro da rifa que a vizinha organizara para comprar o enxoval do batizado da criança, mas este não podia ser usado. Não estavam com o dinheiro ainda. Se já tivessem recebido poderiam usar uma parte para cobrir esta emergência. Afinal, dos seis filhos que tiveram não haviam conseguido batizar nenhum. Morreram antes, se esvaindo em vômitos e diarreia. Como o enxoval de batizado é mais caro que o de anjo, sempre sobra alguma coisa. Enxoval de batizado tem pano e sobrepano, bordados, monogramas, ponto-de-cruz, floreios; roupa de anjo é simples, sem arte nenhuma: um camisolão pequenininho, uma touca e pronto. Nem caixão precisa; uma telha resolve. Com esse dinheiro que sobra seria possível empurrar a fome umas duas semanas futuro a dentro.

A mulher ia começar a sugerir alguma outra saída quando o avião rosou pela segunda vez. Colocaram meio corpo fora da janela. Do avião caía uma chuva de papel retangular.

— Deve ser gente do governo. Vá lá ver se consegue alguma coisa!

— Todo mundo tá querendo a mesma coisa, mulher, acha que vou conseguir?

Na terceira investida do avião Agrípio já estava no meio da chuva de retratinhos, comendo poeira. E junto com os retratos desceram também sandálias de borracha, todos os tamanhos e cores. A disputa pelas sandálias levantou mais poeira que o avião. As ralas roupas de Agrípio se transformaram em fiapos, mas ele conseguiu algumas sandálias, duas feridas no joelho e um círculo roxo ao redor do olho esquerdo.

Na volta para casa parou num boteco e, por conta não se sabe de quem, tomou três cachaças aconchegantes: a primeira limpou a poeira da boca, estalou duas grossas lágrimas pelo canto do olho e desceu atendo brasas e faíscas goela abaixo. A segunda, já mais



adocicada, provocou uma dormência morna que foi se espalhando pelos braços e pernas, deixando uma ardência nas orelhas e acalmando a sensação de vazio na barriga. A terceira desceu como água e foi direto pra cabeça.

Quando estava sóbrio, Agrípio pensava que viver aqui era castigo de Deus, palmatória para os seus desconhecidos pecados. Pensava como o seminarista louco que se imaginando profeta, espalhava a ira e loucura de Deus pelas caatingas.

Quando começava a se embriagar acreditava que essa era uma terra abençoada. Passava a ter visões, presenciar aparições estranhas, ouvir vozes e gritos que ele acredita ser de santos e anjos, espalhados por este chão quente, boiando em cima de juremas, trespassando sem se ferir touceiras de macambiras, emergindo, sem tomar conhecimento dos espinhos, da floresta rasteira de xiquexiques.

Se bebe menos tem somente os prenúncios dessas manifestações: tonturas, desmaios, vômitos espasmódicos. Começa a falar outras línguas, crispa as faces, fica possuído de tal força que ninguém em sã consciência afirmaria que foi retirada do feijão ralo que consome quando pode.

Agrípio achou melhor ir pra casa antes de começar a ver santos, ouvir vozes ou fazer seus discursos sobre anjos. As coisas começavam a perder o contorno, as pernas não obedeciam com presteza e a língua tropeçava nas vogais e consoantes.

Saiu abraçado com as sandálias, tentando andar em linha reta. Entrou em casa e colocou as sandálias sobre a mesa.

— Que é isto? perguntou a mulher em tom de reprovação.

— Sandálias que o doutor jogou do avião.

- Estamos precisando de feijão e não de sandálias.
- Mas ele não jogou feijão, jogou sandálias.
- Além do mais, Agrípio, é tudo de um pé só!
- É. Mas é melhor do que nada.
- Nem trocar ou vender a gente pode!
- Depois da eleição, se o homem ganhar, solta as do pé direito.
- E nós vamos comer sopa de sandálias japonesas?

Agrípio não ouviu o restante resmungo da mulher. Caiu na rede e adormeceu abraçado com várias sandálias do pé esquerdo.

Enquanto as moscas se contentavam com os dois fios de catarro que desciam do nariz do menino ainda sem nome, Agrípio sonhava com uma imensa nuvem negra, carregada de chuva, em forma de avião que, trovejando sobre sua cabeça, soltava retratinhos e feijão. Tanto feijão que caíam sobre os telhados, escorriam pelas bicas, esparramavam-se pelo meio da rua, formando um tapete de bolinhas, enchendo a bacia do seu menino ainda sem nome que, batendo as asinhas, subia para o céu.

## ANTÔNIO MARIANO

O dia em que comemos  
Maria Dulce

*Antigamente, sim, antigamente, tu preparavas para mim caramelos de caju, de limão, caramelos recheados que eu retirava da boca e punha-os contra o sol e eles se abriam em vitrais gosmentos que a saliva dissolvia aos poucos. Depois, depois vinha o melhor, a língua escamoteava no caramelo – como se estivesse revolvendo resíduos da cárie de um dente...*  
Sérgio de Castro Pinto<sup>9</sup>

Quando aconteceu, vivíamos tempos difíceis. Escassez de alimentos, a colheita infeliz no campo, a seca torrando a terra, a pele e as esperanças dos sertanejos. O prefeito decretando estado de calamidade pública. Os homens e as mulheres de muitos filhos, dividindo o teto com a fome, saqueavam, desesperados, quitandas, armazéns e feiras livres. Matavam e morriam pelo que lhes garantisse um prato de sopa.

O reumatismo que tomara uma das pernas de mãe e o aleijão numa das suas mãos tornavam-na incapaz de muitas atividades. Meu pai, que nunca vi, deveria estar morto ou muito longe. O que dava na mesma. Bem cedo aprendi a odiá-lo, graças ao retrato das suas ações pintado por mãe.



O dia em que comemos am...

O casebre ao lado da ponte nos servia de morada desde que nasci. Façanha das grandes viver naqueles dias. Abandonara a sala de aula, vez que a merenda escolar, o único atrativo que lá me prendia, o governo não enviava há muitos meses.

Nas últimas semanas, a gente sobrevivia da incerta generosidade dos vizinhos. Depois que os problemas de saúde detiveram mamãe em casa, rejeitada nas Frentes de Trabalho de Emergência por ser pouco produtiva, a solução foi ela fazer cocadas, tapiocas e beijus, saindo eu à rua para vendê-los. Mas ninguém tinha dinheiro. Muitas vezes eu chegava em casa chorando, impotente. Meninos maiores, homens-feitos mesmo, comiam o produto sem pagar, tiravam-no à força, me batiam de sobra. Desistimos. Azar da barriga. Pedir, a gente não pedia, que mamãe morria de vergonha. Quanto a mim, qual o problema, se as tripas não fazem cerimônia para denunciar o oco no estômago? A ameaça de uma surra de largar a pele me continha. Então era ficar esperando, com a tristeza na cara, a oportunidade de alguém perguntar se a gente tinha comido e, ante o nosso silêncio, nos dar qualquer coisa.

O que não era tão comum. As pessoas têm os seus problemas. Para que se ocupar com os dos outros? Ainda mais naqueles tempos. Às vezes, não se ousava nem mesmo um bom-dia, como diz o poeta.

Costumava sair a zanzar com a meninada. Vez ou outra, em jogos e divertimentos, ganhava deles um naco de pão, um biscoito, um pedaço de doce, cuja metade levava para mamãe enganar a boca com um copo d'água.

A companhia de outras crianças me distraía fazendo esquecer muitas mazelas, inclusive a fome. Brincar me trazia a ilusão, ainda que momentânea, da felicidade. A melhor das brincadeiras consistia em nos embrenharmos pelas capoeiras, bem longe dos olhos de adultos e de meninas boateiras e, todos nus, nos abandonarmos aos toques e carícias, nada a ocupar-nos os pensamentos.

Num dia desses, conhecemos Maria Dulce.

Não se sabe como nos descobriu. Certo era que tínhamos candidato à admissão no grupo. Ser aceito ali implicava passar por uma variedade de testes com o fim de provar não ter o bucho furado, a língua solta. A organização era metódica, com regras rígidas. Sempre variar de lugar. Nunca sair em bando, mas um após outro, discretamente, até estar todo mundo reunido. Um adulto nos encontrasse, e acabava o sal.

Lá estava ela, os olhos enormes de ameixas secas, envolvendo a cena em surpresa e arrebatamento. Os trajés não nos traziam uma menina das nossas. Não era do bairro. Nem da cidade, nem da região, talvez nem do país. Foi o que nos revelou seu jeito de falar. Em tudo contrastava



*O dia em que comemos Maria Dulce*

conosco, a maneira de ver o mundo, a condição social.

Diferentemente do que aconteceria se diante de nós estivesse outra pessoa ou mesmo animal, sua presença não nos incomodou em absoluto. Continuamos a agir como se sozinhos. Melhor: ao adotar a atitude de presumi-la invisível, mais tomava gosto o que fazíamos.

Dia seguinte, foi nos encontrar no lugar e horário que combinamos aos cochichos, longe dela. Agimos de modo idêntico ao dia anterior. Mas por pouco tempo. Até o instante em que ela, rindo, me estendeu uma fatia de torta de maçã com recheio de passas. Trazia consigo uma cestinha e igualmente distribuiu para cada um de nós doces, pastéis, bombons, chocolates, pãezinhos de coco, biscoitos.

Fui o primeiro amigo que conquistou, já que a mim tinha distinguido em primeiro plano. Além disso, ao descobrir que eu comera só a metade da torta levando a outra para minha mãe, passou a trazer a minha parte em dobro. Aquilo me enterneceu a ponto de dar um nó na garganta e queimar os olhos.

Maria Dulce dizia-se filha de um homem muito rico, dono de uma rede de pastelarias e indústrias de doces, com filiais até no estrangeiro. Que estava aqui desde a véspera com o fim de dar expansão aos seus negócios.

A partir daquele dia, os atos tomaram outro rumo. Nossa sociedade secreta passou a reunir-se ali para esperar

Antônio Mariano

Maria Dulce. Ela chegava na hora certa e nos maravilhava a todos com diferentes iguarias. Os prazeres da carne, maravilhas do estômago. Nenhuma diferença. Ao comermos as coisas de Maria Dulce, algo de sobre-humano, deliciosamente estranho, nos envolvia.

Apenas no primeiro dia, presos à mecânica dos corpos, nós cumprimos o ritual. Sem cerimônia, ela própria tomou a iniciativa de participar da comunhão. Tirou pela cabeça o vestidinho e vimos dois pequenos sonhos que cresciam no lugar dos peitos. Entre as pernas, duas irmanadas fatias de pé de moleque levemente cozidos. Integrou-se ao grupo, imitando os gestos que via, nos tocando, nos beijando. Reagíamos pateticamente às suas intervenções, sem achar bom ou ruim. Como visse que algumas meninas se deitavam para os meninos caírem sobre elas, fez o mesmo. Mas ninguém quis ir nela. Estávamos decididamente convencidos de que ela era feita de outra matéria, muito diferente de nós.

Uma vez fiquei sozinho com Maria Dulce após os outros irem embora. Sentados num velho toco, mão na mão, olho no olho, sorrindo sem jeito, eu era o seu escolhido, agora me dou conta disso. Eu falava muito; ela, quase nada. Sua atenção me encantava. Eu dizia de minha mãe e de mim, de nossa condição, da crise na cidade. E um açude me fugia pelos olhos. Ela também chorava, vendo

a minha comoção. Prometeu trazer uma cesta só para a gente, algumas roupas, outros gêneros alimentícios. Cada promessa, uma porta de luz que se abria. Parecia que o paraíso viria se instalar ali. E a paz celestial habitou por um instante a minha boca de dentes estragados.

Era assim. Ia e vinha quando nossos olhos relaxavam. Não precisava combinar. A gente nunca a via chegando, tampouco indo embora. A ponto de quando não a tínhamos mais conosco duvidarmos de termos partilhado de sua presença. Nosso sentido dormia nela, contudo, a contar de sua desapareição.

Nunca estivemos tão famintos como naquele dia. Os meninos comeram mal, pensando no encontro. Outros, ocupados em alguns afazeres, saíram de barriga seca para que não se atrasassem no compromisso. Eu também jejuava, com a diferença de não ter pretexto algum. Esperávamos ansiosamente pela chegada da novata. Talvez por isso ela demorasse tanto.

Havíamos decidido voltar para casa, capiongos como cães sem dono, quando demos com ela parada à nossa frente. Estava séria e triste. Os olhos diminuídos, uvinhas passas. A mancha que os contornava dizia ter chorado bastante. Mas o que nos desapontou excessivamente foi a constatação dela não ter trazido a cestinha com nosso lanche.



Maria Dulce logo nos esclareceu. A sentinela da família tinha sido mais zelosa. Como desde o início, porém, encontrara uma oportunidade de escapular. Aquela seria, todavia, a última vez. O pai desencantara-se com a cidade. O lugar estava fadado à destruição, amaldiçoado por Deus, dissera ele. Nem o Diabo se interessaria em manter negócio aqui. Partiriam à noite para um lugar distante.

Reagimos como diante de uma catástrofe, quando não resta senão conformar-se. Saíram todos, a cara pesada, seguindo o roteiro das formigas.

Até que ficamos a sós. Fomo-nos retardando acolá, pressa alguma para despedida. Sede de olhar, órfãos de palavras. Desabamos a chorar. Desafinados, em dueto. Eu me consumia, principalmente, por causa da fome e porque deixara minha mãezinha de cama. Maria Dulce falou não chore, e não conseguia convencer a si mesma. Um cheiro bom como um clarão lhe saiu da boca. Tocou-me em seguida os cabelos. Levei a palma de minha mão a um canto de seu olho e retirei parte da água que escorria. Ela fez o mesmo comigo. E revezamos o gesto, como num jogo. Até que inventei de conduzir à boca a mão que tinha ido ao olho dela. Doce e pegajosa, parecia saída de uma jarra de garapa.

Podia sentir o mormaço do corpo dela, tão próximos nós estávamos. O cheiro emanando dele, o hálito, que era

*O dia em que comemos Maria Dulce*

como o bafo de um bolo assando, uma porção de caramelo saindo pelas bordas do tacho, um pudim fumegante, um doce de leite dando o ponto.

Ela me tocava agora o rosto, não chore, Jailson, dizia, logo me esquece, vai ver, nunca, repliquei, fitando a mão dela que chegava à altura de minha boca. Beijei-a. Satisfeita com a carfícia, ela a deteve ali. Beijei-a uma, duas vezes, e a lambi, com sofreguidão.

Minha boca encheu-se d'água. Sua mão derreteu um pouco na minha língua. Açúcar de bolo de casamento. Segurei com as duas mãos a dela, tapando a minha boca como se quisesse sufocar o meu sonoro prazer. Não me contive e mordi-a, com força. Ela soltou um gritinho doce. E olhou a mão, aterrorizada. Faltava um pedaço, que eu chupava, a boca cheia, deliciosamente. De imediato, começou a sair do lugar um líquido rosado, em profusão, que logo identifiquei como creme de morango.

Súbito, as crianças foram retornando sabe Deus de onde, como se, escondidas, aguardassem apenas um sinal para entrar em ação. Que eu tinha dado. Eram muitas. Além dos meus amiguinhos, havia outras, em maior número, meninos e meninas que eu nunca vira antes. E até gente grande concentrava-se no local. Vários ciganos de um acampamento próximo, alguns mendigos que moravam debaixo da ponte. O susto dela era maior do que a

constatação da parte mutilada. Olhou-me, Cristo a Judas, oh, tu me traíste.

Num átimo, eu estava de lado, violentamente jogado fora do círculo formado em torno dela. Via, desesperado, tudo acontecer. Tentava abrir passagem, em vão, sabendo que era impossível salvá-la. Tudo se consumaria em instantes.

Vi quando Cosme de dona Antônia saiu aos pulos, lambendo a outra mãozinha dela e o braço, despregados do tronco. Os irmãos Aninha e Joca mal podiam com a perninha, cujo tronco, pingando o creme vermelho, atraía uma procissão de formigas. A doida Serafina os acompanhava, devorando com grandes dentadas o outro membro inferior, até aparecer o branco açúcar do fêmur.

Vi, oh, meu Deus, seu Afonso Pernetá passar por mim, a cabecinha de Maria Dulce pendurada pelos cabelinhos de papel celofane, as ameixas dos olhos grudadas em mim, a tristeza nas faces, nas bochechas de panetone. Ainda tentei tomá-la dele, mas o aleijado parecia pular sete léguas a cada passo da muleta.

Ao voltar-me para a roda de gente, tremi. Meus olhos eram virgens de cena mais horrível. Um cigano rasgava com as mãos, assim, como se abre uma jaca madura, a barriguinha de Maria Dulce. Mal se dava à vista o intestino, a meninada enfiava as mãos no espaço aberto,



O dia em que comemos Maria Dulce

trazendo punhados de bombons de vários tipos e sabores, menta, amendoim, banana, mel em tirinhas, pirulitos, zorros, jujubas, algodão-doce, cocada, caramelos, cerejas de conserva, brigadeiros, chocolate branco, chicletes, cupcakes, sonhos de valsa. Lambiam com gula os dedos lambuzados de gelatina, pavê, *chantilly*, musse em calda de groselha, pudins e flãs.

O que sobrou de Maria Dulce, os últimos meninos disputavam puxando para frente e para trás. Era o pão seda da pele da barriga, cujos pedacinhos, que iam largando-se na refrega, eles levavam à boca automaticamente e voltavam a segurar outra ponta, a procurar no chão um possível resíduo.

E desapareceram como tinham chegado. Pesava sobre meus ombros toda a solidão dos tempos. Vultos breves passavam por mim, rindo a alegria dos saciados. Nem se lembravam, como hoje nenhum deles se dá conta, que Maria Dulce um dia existira. Passavam, nem falavam comigo, e seguiam em direção às suas casas, ou em busca de outro entretenimento. Então, eu chorei. Alto, ecoando, naquele deserto, o berro dos condenados, dos solitários, dos desesperados que se abandonam ainda mais por não ter quem lhes ouça o pranto. Chorei. A doce namorada que eu tinha generosamente entregue à sanha dos famintos. Chorei mais. Não tinha matado a minha fome. Chorei

Antônio Mariano

muito mais. Não tinha conseguido salvar um só pedacinho dela para mamãe. Chorei. Até a garganta arrebentar.

Ao chegar em casa, as faces feridas pelo vidro das lágrimas, o fogo dos olhos flagelados, o coração quebrando o peito, já não era mais capaz de chorar. Mamãe, estirada em seu catre, era arrastada pela fome.



## Olhos no chão

*Minha mulher pendurou os beijos e desatou no pranto. Eu, calado, abracei-a, tentando confortá-la. Mas tudo que consegui foi soltar um rugido.*  
Dôra Limeira<sup>4</sup>

O sol, como uma laranja imensa, quer nascer para todos. Conseguirá? Indiferente a tudo, porém, ele vai se elevando aos poucos, puxado por trás da parede do tempo.

Os olhos albinos nada veem da sede de vida cá embaixo, das coisas que se arrastam, daquela meia-água, casinha de vão único num bairro esquecido. Mais longe, um galo sola o seu canto simples, zurra um jumento, escarra um ancião. A fruta de fogo despertando a cidade com seu grito de luz e calor. Surpresa alguma. A aurora cai, de vez e já apodrecida, no colo magro da manhã que nasce.

Jailson! Acorda, homem.

O corpo mole do marido. Dália o sacode e ele parece vergar-se em todas as direções.

Acorda, cristão.

Nenhum movimento. A mulher respira fundo. A mão vai à cabeça e retorna com chumaços de fios sem

trato. O filho assa em febre, chiado no peito, cansaço, tosse rouca. É preciso levá-lo já à casa de saúde pública mais próxima, distância a ser vencida com dois ônibus, duas horas, no mínimo, para chegar lá.

Não enche, diz ele. Hoje, não me levanto nem pro rei. Mas, e o menino? ela, atalhando: E o expediente no armazém? Jorge é ruim das pernas. Não pode andar sozinho. Como vou ter forças para carregá-lo com a barriga desse tamanho? Vamos, Jailson. Ou não vai dar tempo de chegar na hora ao trabalho, e aí cortam teu ponto. As coisas não andam fáceis, você sabe.

Pra merda – torna o corpo indisposto. Nada me faz sair daqui.

Homem de Deus, que é que tu tem?

An? Eu, nada.

Então, filho? Vai, levanta.

Jailson torce a cara. Uma das coisas que mais o irritam é quando o tratam assim. Ou senão no diminutivo.

Levanta, Jailsinho.

Resposta dele: contrair inferiormente um dos cantos da boca como forçando um sorriso; olhá-la de viés; atrair o lençol para a cabeça.

Aiaiai, Jesus. Vê se isso é hora pra brincar.

O corpo se encolhe sob o cobertor. Ressonância que ora soa real, ora arremedo.

Impotente, Dália ocupa com as nádegas o espaço deixado pelos pés do marido ao final da cama. Os quadris não ocupam lá grande coisa. Esguia, relativamente alta para a média de estatura da região, tem o aspecto de um ofídio recém-alimentado.

O filho estremece na rede, movimento que não escapa aos olhos dela, acompanhado de lamúrias e suspiros. Um minúsculo fio de voz chamando mãaae, mãaae... Deste lado, grunhidos, gemidos que escorrem pelas narinas em forma de coriza.

O ventre tinha acordado nervoso como nunca. Um latejar acelerado. Peixe agonizando no anzol. Camarão vivo, ainda, na boca do gato.

*Mãae*, chia a boca do menino, música de ralo. Dália engole o pranto, vai responder, abre uma boca enorme e termina, do mesmo modo... chorando.

E soluçam. Uníssonos.

Nenhum parente nas proximidades, todos perdidos nos confins do Estado. Situação melhor que a dela não deve ser a deles, torrando-se a terra, as plantações, a vida, enfim. Pelo menos, até não aparentar gravidez, ela ia recebendo o minguado salário como recepcionista numa casa de material de construção. Um sacrifício vez ou outra, e mandava alguma coisa para a mãe. Claro, Jailson não se sentia bem vendo a mulher trabalhar, deixando o menino aos cuidados da vizinha. Mas, que fazer?



As lágrimas deslizam. As bochechas. As faces. O queixo afilado. Por não mais poder ajudar o marido. O filho doente. A indiferença do pai. E a barriga inquieta? Diacho, que bagunça.

O digital no pulso começa a piar as seis horas que ela costuma marcar para despertar.

Na rede, o pequeno chora e se engasga. Tosse, tosse, tosse e vomita. Ela o assiste, o mais ligeira que pode. Examina-o. A roupinha clara cheia de uma baba encarnada.

Ai, minha Nossa Senhora. Meu filho lançou sangue. Deflagrada a última guerra mundial. Contagem regressiva da bomba Z. O próprio inocente se espanta, copiando agora o desespero materno.

Um impulso, e Jailson está sentado.

Que é que há, hein? Que agouro é esse de vocês? Que latomia é essa, porra?

Os olhos dela ficam dançando, identificando os detalhes do rosto injustamente zangado. Uma calma que dá raiva.

Não adianta tentar adivinhar o que se passa comigo. Cigana você não é.

Os lábios não se mexem. Continua a mirá-lo com uma expressão de neutralidade.

Quer saber de uma coisa?

É ele que não aguenta mais.

Uma mancha de temor vai se espalhando pelo rosto dela, espora no coração aos coices, mula braba. Sensação reincidente quando da aproximação do indesejável.

Não vou trabalhar porque me botaram pra fora e por justa causa, acredita? Motivo? Furto. Você me conhece. Sou incapaz de pegar um alfinete que não seja meu. Mas o filho da mãe do encarregado, de marcação comigo, surgiu de repente com essa. Esperteza da empresa pra trocar de empregado e evitar a indenização. Registraram até queixa. O processo cresce, depoimento desse, testemunho daquele. Nunca vão me deixar em paz. É melhor você ir falando logo tudo, senão a coisa engrossa ainda mais pro seu lado, disseram. Eu disse pro encarregado eu sou inocente, seu Tomé, não roubei nada, ninguém tem prova nenhuma. E ele: isso é o que você pensa. Está me ouvindo, Dália? Acabe mal ou acabe bem, um dia aquele miserável me paga o que me deve.

E estuda os próprios pés. Onde a saída?

O silêncio doendo nos ouvidos.

Durante todo o tempo a mulher não lhe tira os olhos, compassiva. Que vontade de abraçar a cabeça parada à altura dos seios, alisar os cabelos crespos, o rosto enrugado de sofrimento, morrendo aos poucos.

De novo a rede tosse. Tosse uma outra vez e se engasga. O barulho e a agitação denunciam sufocação por vômito. O sobressalto. A colisão dos quatro olhos.

*O dia em que comemos Maria Dulce*

Me ajuda, ela geme, as mãos na barriga, perdendo a cor.  
A vida lá fora insiste em se arrastar. Crianças que levam gritos e são surradas. Casais trocando ofensas e sopapos. O pregão à toa dos prestamistas. Os rasgos do sol já alto nas vagas abertas a pedradas... E cá dentro? Um mormaço dos infernos, mareta nos olhos, tudo tremendo, a boca ressecada, até onde os sentidos alcançam o princípio das coisas?

Não, não! ela grita. Deixa, deixa, Jailson. Eu me arranho sozinha. Cuida do menino.

**DÔRA LIMEIRA****A MULHER, OS MENINOS E A DITADURA MILITAR.  
CARTA A GREGÓRIO**

Meu querido Gregório,

Aproveito que no momento estou mais sossegada e todos dormem, para escrever esta carta contando-lhe nossas novidades.

Hoje levei os meninos para renovar as vacinas. Toninho e Nenen não queriam ir. Levei-os à força. Dina e Arturo não deram trabalho. Tomaram banho, trocaram de roupa, escovaram os dentes. E se alimentaram. Toninho e Nenen foram do jeito que estavam. Não se banharam nem escovaram os dentes. Somente trocaram a roupa e calçaram os sapatos. Não quiseram nem tomar o leite. Como sempre, foi difícil apanhar um táxi. Você sabe. Os motoristas não gostam de transportar crianças muito pequenas. Fazem xixi nos bancos, vomitam e, se estiverem com diarreia, sujam tudo, coisa difícil de limpar depois, o cheiro fica impregnado. Depois de muito esperar, consegui que um táxi parasse. O motorista fez mil recomendações. Cuidado para não cuspir nos bancos. Olha, tem alguém querendo fazer xixi? Os meninos sentiam-se intimidados, agarrados comigo. Deixa disso, menino. Me solta, que calor. Eu reclamava com eles. O motorista continuava recomendando. Olha, não pode comer nada dentro do táxi. Eu me impacientava, enervada. Vamos embora, motorista. A



viagem esbaforida terminou no posto de saúde. Ufa! Não preciso lhe falar sobre as cenas da vacinação, você já conhece, não tenho muito o que dizer. Correrias, choros, impropérios, vômitos, aquelas coisas. Mas, graças a Deus, tudo terminou bem, todos vacinados. À tarde iriam para a escola. Outro sufoco. Você sabe.

Gregório, o dinheiro que você mandou para que eu pagasse a prestação da casa, atrasada, eu usei para pagar a mercearia. Coloquei em dia a cadernetinha do fiado. O dono da mercearia tinha ameaçado de não fornecer mais nada enquanto eu não saldasse o débito. Você sabe que a prestação da casa pode esperar, mas a alimentação e o material de limpeza não podem esperar. Estava faltando tudo. Graças a Deus que a partir de amanhã, já posso começar a pegar as coisas, sabonete, sabão, pasta de dente, arroz, feijão, doces, biscoitos. Principalmente leite em pó. Os meninos não passam sem leite. Ah, ia me esquecendo: a semana passada precisei vender a aliança. Estava devendo à costureira que fez as fardas das crianças, as fardas da escola. Mandei fazer duas fardas para cada criança, para não haver problemas no inverno. Se uma farda estiver úmida, a outra estará enxuta. Paguei tudo, graças a Deus. Não tem nada, não tem nada. Vão-se os anéis, ficam os dedos, como dizia minha avó. Sobraram uns trocadilhos que vão servir para cobrir algumas despesas até sair o meu próximo salário.

Mudando de assunto, aquele seu amigo, o Ivo ao clarinete, sofreu um infarto. Não sei se devia estar lhe dando esta notícia. Só estou lhe contando, porque sei que vocês são muito amigos. Felizmente que foi socorrido a tempo, já não corre mais perigo de vida. Mas foi sufoco. Ele estava ensaiando com a orquestra naquela casa perto do Hospital Geral, os colegas levaram-no e ele chegou ao hospital ainda com vida, com alguma condição de sobreviver. Havia lá um médico que era



amigo da família do seu amigo, o que facilitou e agilizou as coisas. Mas, apesar de estar fora de perigo, permanece na UTI, sob observação. Quem me contou tudo foi aquela violinista dentucinha, Roseana, lembra? Você sabe. Quando você chegar, eu conto mais detalhes. Está tudo bem com ele, graças a Deus.

Espero que você venha passar o Natal aqui, não precisa se preocupar em trazer presentes caros, basta trazer uma lembrancinha simbólica para cada menino e pronto. Para mim, não precisa trazer nada, sei das dificuldades, compreendo. O importante é estarmos juntos. Estou cevando um peru para a ceia de Natal. Aquele mesmo peru que minha mãe me deu no meu aniversário, você deve estar lembrado. Coisa simples, a ceia. Basta que tenha um peru assado na travessa, arroz branco, farofinha e muitas passas para os meninos, eles gostam muito de passas. Você sabe. Aproveitaremos a árvore de Natal do ano passado, o pisca-pisca está perfeito ainda. As bolinhas também. O Toninho quer fazer um presépio. Quer aproveitar algumas coisinhas dos brinquedos velhos, um peniquinho, uma panela de barro, o porquinho que dei para ele juntar moedas dentro, alguns bichinhos de plástico para fazer de conta que são o boi, a vaca, a ovelha. As bonecas de pano das meninas vão ser José, Maria e as esposas dos pastores. Aquele bonequinho de plástico que está todo amassado e que tem o dedo na boca, bem pequenininho, você lembra dele? Vai ser Jesus recém nascido.

Os meninos estão bem na escola. Toninho é o mais levado. Ele, como sempre, não tem interesse nas atividades escolares. Não gosta de estudar. O negócio dele é ficar o tempo todo vendo Perdidos no Espaço, filmes de Batmann e desenhos na televisão. Que menino danado. Também pudera, a escola é tão desmotivadora, tão ultrapassada. Infelizmente, não temos

tido condição de manter as crianças em escolas melhores, são mais caras. Você sabe. Ainda bem que Nenen, Arturo e Dina gostam da escola, participam bem das atividades e acompanham com certa facilidade os programas.

Faz uns dias que estive adoentada, com fortes dores de estômago. Pensei inclusive que a velha úlcera do duodeno estivesse dando sinais. Fui ao médico da Clínica de Saúde Pública, o mesmo que vem me acompanhando, lembra? Fiz os exames, deu tudo certo. O médico falou que eu me preocupo demais. Ele disse que excesso de preocupação não é bom para minha saúde. Falou que eu não ligasse com limpeza de casa, que eu fizesse as coisas devagar e aos poucos, que a casa não se abala com minhas apreensões, mas minha saúde sim. Falou também que eu não me preocupasse excessivamente com dívidas, que dívidas não devem matar, que eu deixasse rolar as dívidas. Essas coisas. Você sabe. Eu fiquei pensando como não vou me preocupar se as prestações da casa atrasarem demais e confiscarem nossa casa, como não vou me preocupar se o salário não chega até o fim do mês. Como, se os meninos estudam em escola de terceira, os meninos das minhas amigas vizinhas estudam em colégios maristas. Como não vou me preocupar se você vive tão distante, fazendo trabalhos que ora aparecem ora desaparecem, o dinheiro ora vem ora não vem. Ah, o médico e a medicina nada podem fazer. O médico apenas prescreveu os medicamentos de sempre, notei que ele vacilou na prescrição de um medicamento, indeciso entre Nobrium, Librium ou Valium, finalmente optou por Librium, uma caixa.

Querido Gregório, não sei se você vai ler esta carta. Por aqui correm muitos boatos. Dizem que estão violando correspondências, que muitas cartas e telegramas não chegam aos destinatários. Essas coisas. Um horror. Você sabe. Espero que não interpretem minhas palavras como palavras subversivas. E que esta carta chegue até você, sã e salva.

Sem mais novidades no momento, acrescento que os meninos perguntam sempre quando você vem. Eu respondo sempre que você vem no Natal. Tomara que sim. Estou com saudades, os meninos também. Você sabe.

Sua esposa Rafaela.

Recife, setembro de 1969.



## EU, BRASILEIRO, VIUVO, SETENTA E CINCO ANOS

O tempo foi passando e eu ficando velho. Minha companheira de muitos anos já se foi. Meus filhos se casaram. Hoje moram noutras cidades, alguns até moram noutra país.

Antigamente, eu tinha muitos amigos, grandes amigos. Eu poderia fazer uma lista enorme, enumerando todos. Hoje poucos fazem parte dessa minha lista. De vez em quando, eu ainda avisto dois ou três desses poucos. Mas não vejo a maioria deles há mais de dez anos. Amigos cotidianos e sistemáticos, desses que se vêem todos os dias, não os tenho mais. Alguns não hei de encontrar nunca mais, em lugar algum. Deixei algumas amizades escaparem da minha vida, joguei tantos amigos fora. Da minha lista, hoje só tenho amigos esporádicos.

Em tempos passados, eu tinha sonhos, muitos sonhos. Idealizava ser feliz. Sonhava ter família numerosa, bom emprego, boa remuneração. Sonhava que um dia eu teria segurança e estabilidade num trabalho. Sonhei envelhecer tranqüilo, aposentar-me dignamente. Nada disso eu consegui. Alguns desses sonhos até desisti de sonhar. Tão impossíveis, tão irrealizáveis.

Tive tantos amores. A todos jurei eternidade. Eu tinha um amor em cada rua, em cada bairro, em cada cidade. Minha companheira e esposa era o amor que eu tinha em casa, amor

que me compreendia. Hoje minha esposa não mais está comigo. O tempo foi passando. Todos os amores desbotando ou esvaindo-se entre meus dedos. Poucos eu guardo na lembrança.

Olho-me no espelho, perscruto a minha sombra. E não me reconheço. Olho na foto. Não, este não sou eu. Não estou mais me reconhecendo. Os cabelos loiros, lisos, escorrendo na testa. Os olhos tão vivos. Eu possuía a eternidade, e não sabia. Hoje, o que possuo? Meus poucos cabelos grisalhos, meus olhos embaçados nesta foto. Com certeza, custa-me acreditar que sou eu.

Percorro com os olhos as estradas por onde andei. Vejo ainda tantos mistérios que não consegui deslindar. Eu pouco entendi da minha vida. Quantos mistérios, meu Deus, quantos mistérios. Quantas coisas absurdas se passavam ao meu redor, quanto absurdo se passava comigo, que até hoje não puderam me explicar.

Eu tinha defeitos desde minha infância. Cheguei à adolescência carregado de falhas. Atravesso a vida adulta batalhando contra manias, vícios e compulsões. Hoje vejo que os defeitos que mais combati eram as coisas melhores que havia em mim. Eu não sabia.

Quantas mentiras inventei ao longo da minha vida. Algumas inventei para sobreviver. Algumas outras inventei por vaidade. Quantas vezes me passei por outra pessoa que não era eu. Uma pessoa mais decente, mais brilhante, mais talentosa. Eu não queria ser esse traste que sempre fui. Ah, quantas mentiras forjei. Eu, que sempre condenei a mentira em outras pessoas, não percebi que eu era a pessoa mais mentirosa do meu convívio.

No tempo que eu podia cantar, no tempo que tinha voz, era tenor comprovado, eu me calava. Eu não cantava, eu não falava. Hoje eu quero cantar. Eu preciso cantar, eu preciso falar. Mas não consigo. Tudo que alcanço ainda é assobiar, porque

o som da música saindo dos meus lábios é a minha sobrevivência.

Minha vida era misteriosa. Eu me comprazia em mistérios. Eu tinha tantos segredos. Segredos existenciais, profissionais, sexuais. Segredos, segredos, segredos. Hoje, minha vida é boba. Meus mistérios e segredos são tolos, abobalhados. Ninguém quer saber da minha vida, do que penso, como vivo, que segredos guardo.

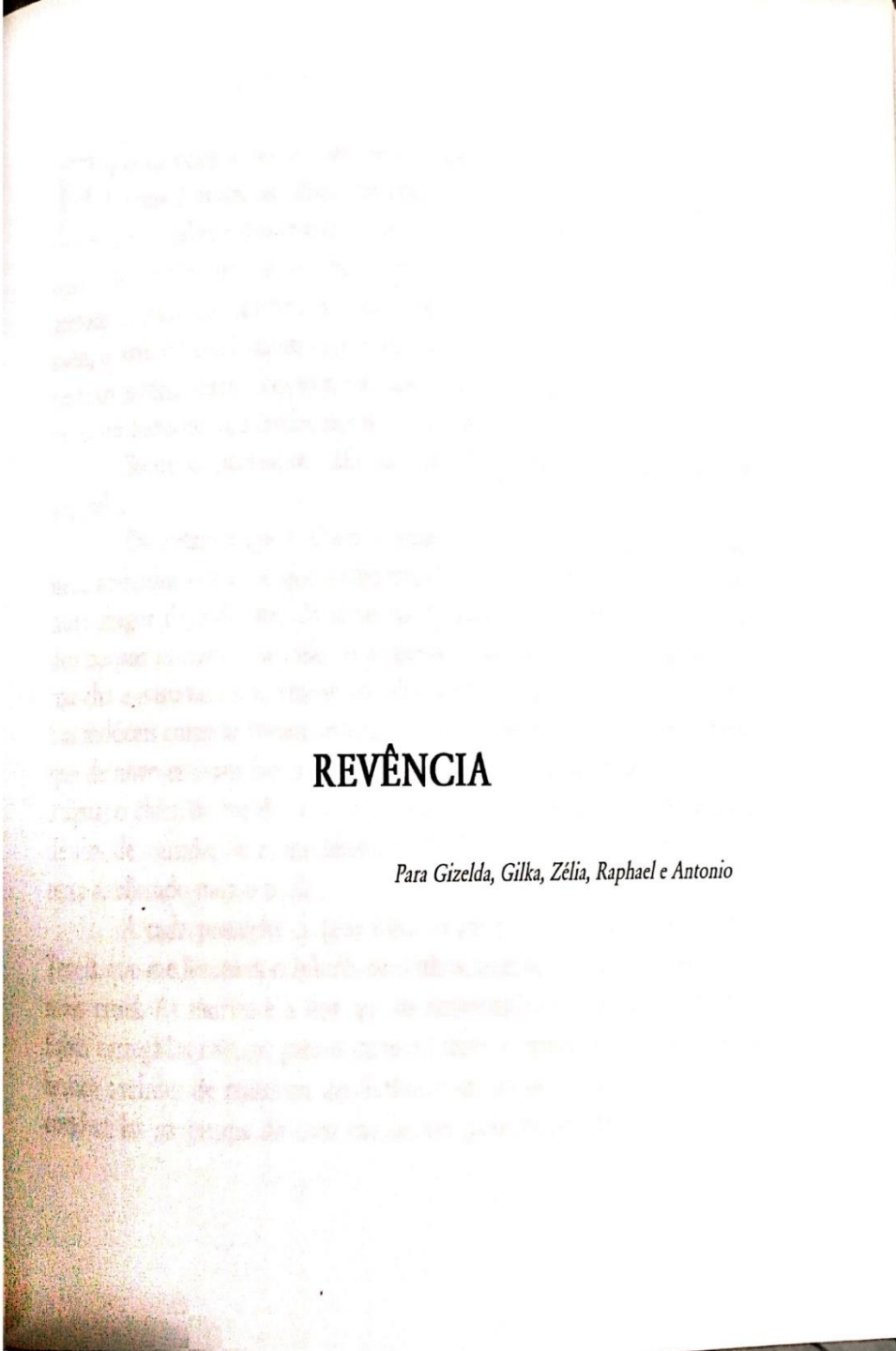
Quantas pessoas eu amei. Ah, quanto eu vivi.

Apesar de tudo, eu fui feliz.

Meu Deus, eu, agora estou morrendo.

*(Texto inspirado em "A lista", poema musicado de Oswaldo Montenegro).*

MARÍLIA ARNAUD



REVÊNCIA

Para Gizelda, Gilka, Zélia, Raphael e Antonio



**E**stou de volta. Pintaram de um rosa bem claro o teto do meu quarto. A cama é outra, de casal, mas posso sentir ainda o cheiro antigo dos outros móveis. Colocaram cortinas novas na janela, por onde avisto, com a mesma nitidez, a mancha branca, tal uma lua cheia, na encosta do serrote. Novamente me vem a impressão de que as coisas, aqui, não terminam, o azul do céu limitando-se com o verde das serras e, mais embaixo, a casa, os jardins circundando a varanda, as trepadeiras de jasmims, as roseiras e, no meio delas, a lembrança de uma avó com nome de estrela.

Sobre o penteador não há mais o bibelô dos elefantinhos se amando.

Os elefantes que vinham se amar em minha noite não eram azuis nem delicados como os que enfeitavam meus dias. Chegavam em tropel, num fragor de mil patas de chumbo devastando o silêncio, o assombro dos corpos imensos abatendo os arbustos. Aos poucos, iam afrouxando a marcha e passavam a acercar-se uns dos outros, muitos, rabeando as trombas indóceis como se fossem espadas, a lava acendendo os olhos, e eu sabia que de novo estavam iniciando o balé esquisito de cascos martelando o ar, a água, o chão, de rugidos e roncos rajando o segredo da noite, uma noite de fim de mundo, de montanhas desabando e o mar tragando a terra e a terra se abrindo para o nada.

A cada pesadelo, dava-se uma morte na família. E eu me calava. Temia que me levassem o bibelô, os sonhos, as mortes. Ficar sem eles seria mais cruel. As mortes e a dor que as acompanhava não me assustavam. Sabia carregá-las comigo para o meio do mato e brincar com elas como se brinca sozinho de construir açudinhos com seixos e barro úmido. Sabia conduzi-las na garupa do meu cavalo, em passeios por manhãs eternas, a



morte e a dor agarradas a minha cintura, no silêncio verde quebrado apenas pelos sons ritmados dos cascos nas pedras.

Até que se foram e, quando já os esquecera, os elefantes, eles retornaram sem aviso e eu me disse, na manhã seguinte, tolamente, que não era mais uma criança e que um sonho ruim não podia significar nada além de um sonho.

Estou de volta. Era uma vez uma menina e seu mundo de lajedos e passarinhos, de águas, trovões e coaxar de sapos, de candeeiros iluminando as noites, de estórias de almas e bichos por trás das serras, de geléia e pão caseiro, de homens suados pisando forte e rindo alto.

O presente sou eu, com a percepção, mais aguda do que nunca, do meu próprio corpo. Um corpo ainda rijo mas já adulterado, as contrações no estômago, o medo da dor física. Vou sofrer muito, doutor?

O futuro é esse gosto de vazio na boca.

- É a primeira vez que vem aqui, senhora?

Posso mentir sem culpa. Não tenho mais nenhum pecado. Sinto-me pura como a terra regada pelas horas primeiras, livre como a vaca mastigando o tempo. Posso tudo agora que tenho um tempo só meu, diferente do tempo da mocinha que me guia pelos cômodos da casa, examinando-me com desconfiança, tecendo comentários discretos sobre a beleza do lugar, seus antigos moradores, os raros hóspedes.

Pouca coisa mudou. Acrescentaram algumas peças ao mobiliário, abriram portas para o terraço, puseram mais cor nas janelas. Mas, na cozinha, não encontro o cheiro de goiabas maduras e ao pé do fogão não encontro ninguém no apuro do doce de leite.

- A senhora está vindo de onde?

Posso falar que venho daqui mesmo, de onde nunca saí, e a moça, tão jovem e atenta ao cotidiano de pessoas que chegam e que partem, pessoas a quem ela só precisa tratar e servir com gentileza, nada mais, não vai compreender se eu lhe perguntar como pode um lugar arrancar de alguém um pedaço de carne, um naco de coração, e guardá-lo quente por tantos anos. Não vai compreender se eu lhe contar da grande falta, desse bocado apartado de mim, da aflição de ter a vida conduzida por uma ausência, num mundo em que se tenta, o tempo inteiro, encaixar-se, jogando como todo mundo, assim meio tangida pelas pedras, é verdade, mas tentando, a meu modo.

Conto-lhe de um apartamento na capital, um marido sempre muito ocupado, um filho adolescente passando férias com amigos, o trabalho, o fastio.

- Pretende ficar quantos dias?

O médico não me falara em dias, mas em meses. No máximo, seis. Bastava calcular. Tempo medido. O médico manso, os olhos baixos para o resultado do exame, cansado talvez de nunca estar preparado para falar do fim e lamentá-lo. A lógica da morte não está na velhice, doutor? Não. Bastava viver. Ah! Então, não há mais como driblar a consciência. Posso ir-me agora, embora o dia esteja claro e faça calor e nas árvores as folhas dancem banhadas em luz. Nada vai deixar de ser quando eu me for. Os dias vão continuar nascendo para os que ficam e a noite não será uma condenação porque além das estrelas há as próximas horas.

Os dias. As horas. Vermelhas e negras. Meu avesso é escuro, abissal. Quero apalpar minhas entranhas, enxergá-las latejantes em minhas mãos, confortá-las. Quero viver e meu corpo me diz não. É injusto, logo agora que descobri a contingência de tantas coisas, o amor se sublimando



no ódio, a liberdade por trás de prisões que nós mesmos cuidamos de construir, o real e o imaginário separados por um fio muito tênue. É tão injusto, agora que sei de Deus pulando comigo da cama, bebendo do meu café, blasfemando por minha boca, vivendo minha vida obscena e deliciosa. Por que eu, se a única verdade sou eu mesma, a minha existência?

- A senhora gostou deste quarto?

É meu este quarto e vocês trocaram as cortinas sem me consultar, tenho vontade de gritar-lhe bem na cara. A moça espera que eu lhe diga algo, sempre solícita com seus dentes brancos e rosto limpo, inocente de quantos dias lhe restam, tantos se é jovem e saudável, se não pensa, não sente medo, não sabe. Também não teve elefantes amantes em seus sonhos de infância nem nunca os desprezou quando eles voltaram anunciando a morte.

Teria eu que preparar a mim e a minha família, dissera o médico olhando por cima da minha cabeça. E há preparação para isso, doutor? Os vivos se acostumam com a morte dos que ainda não morreram? Sim. Havia um primeiro impacto, mas depois a vida retomava seu eixo. Vivia-se e morria-se sozinho.

Ao pressentirem a morte, os elefantes refugiam-se num lugar secreto para aí esperá-la o tempo que for necessário. Deixei um bilhete para meu marido e meu filho lhes falando disso. Pedi também que me perdoassem por não desejar estar junto deles quando chegasse o momento.

Por certo não me perdoarão. É da natureza humana mesmo não conseguir perdoar e fingir que sim. Mas me esquecerão e também aí está o dedo torto do criador. Por alguns dias, meu filho sofrerá minha irremediável ausência. Meu marido continuará sem entender, de uma certa forma aliviado por não ter mais que conviver com as minhas dificuldades no

amor, com a banalidade de nossa vida a dois, com o que não podia ser consertado. Só eu sei que não sobrou nada de nós e que também ele está meio morto. Há muitos anos, tentei salvar-nos, mas ele não quis ouvir-me. Um amor não podia caber em toda a miséria de que se cumpre um casamento.

Pus algumas roupas na bolsa e fui caminhar pelas ruas até a hora de embarcar. A dor, eu sabia, estava nas pessoas, e elas passavam por mim indiferentes, e eu não lhes via a dor porque não havia tempo para olhá-las nos olhos e tocar-lhes o ombro e murmurar: estou aqui, pode chorar, eu também sou inocente e sofro como você. Apressadas demais as pessoas. Isoladas em sua pressa, a pressa da vida, a boba ilusão. Quis gritar. Quis mugir como uma vaca, urrar como meus elefantes noturnos, ganir como uma cadela espancada. Quis atravessar-me em frente a algum automóvel e espatifar-me no asfalto, a morte antecipada. Não. Havia ainda um lugar secreto, um tempo para ser revisto, um pedaço a ser reencontrado. Morreria inteira.

- Está se sentindo mal, senhora?

Esquecera, há muito, a liquidez boa das lágrimas, as marcas que elas nos deixam em torno dos olhos. Chorei quando estava vindo, no ônibus. Chorei no escuro, ouvindo com espanto meus próprios soluços, sentindo meu corpo cada vez menor e mais intenso, como se encolhesse para nele mesmo amparar a verdade, uma verdade que eu buscara em vão fora de mim.

Estou de volta. Agarro-me a isto e sei que é muito. É mais que um copo de vinho no frio, mais que olhar o mundo do alto de uma montanha, mais que ancorar num porto depois da vastidão tempestuosa do mar. Aqui, tenho de novo carneiros pastando, borboletas piruetando ao redor



das flores, cachos de acácia pendendo amarelos sobre o telhado. Tudo simples e cálido. Suficiente e último.

Aqui, posso beber, em caneca de ágata, o leite espumado do peito da vaca. Posso adormecer com o zumbido das abelhas na festa do mel e acordar com a melodia de um carro de boi. Posso não acordar e mesmo assim as coisas do mundo seguirão em seu lamento.

Tudo é de fato o que é. Nada precisa ser feito. Basta esperar. Aqui, a morte se ordena por si mesma, fazendo-se quase uma alegria, um sentimento desmedido.

# O FILHO ESPÚRIO

Então, esta é a sua cidade de pedra, sua casa fincada em lajedos, sua mulher marmórea, sua vida rajada de calor e sal.

Estou aqui. Invadi sua cidade, assaltei sua casa e deitei olhos sobre sua mulher. Agora, é tarde e não consigo dormir. Uma porta bate em algum lugar, um cachorro ladra, ouço risos, passos de alguém que não vai a lugar nenhum, que não chegará nunca. E tudo isso me penetra com força, os ruídos de sua noite que roubei pra mim.

Hoje é meu primeiro dia, aqui. E tenho, todo tempo, a sensação de que estou despencando de uma altura infinita para dentro de mim mesmo, estou nascendo, é isso, para essa vida que me aflige e quase me estrangula. Mas, não tenho mais medo. Estou aqui. Vim para sua vida e para sua morte.

Há muitos anos carrego sua morte comigo. Ainda criança, desejava que ela o apanhasse logo, para que sua vida, enfim, parasse de rugir dentro de mim. Você possuía muitos rostos e muitos olhos e muitas vozes. E todos cresciam e se adensavam e depois se esvaziavam, sem que houvesse uma única fotografia sua para pôr fim a minha agonia. Você existia. Em algum lugar, este em que me encontro neste exato momento, você vivia, numa casa com jardim, mulher, crianças e cães. Mas eu não tinha nenhuma lembrança disso, e lembranças significam muito quando se perdeu algo que se queria conservar.

Estou aqui. Deitado numa cama que não é minha, num quarto estranho, eu, Paulo Juliano, 40 anos, filho de minha mãe, prisioneiro de minha nascença, e espero o embranquecer das horas para fazer alguma coisa ou simplesmente não fazer nada. Posso retornar para o meu passado, agora que toquei em suas cotidianas coisas e respirei o ar que lhe bastava. E



posso ir assistir a sua lenta morte para que ela também se vá de mim, deixando seu rastro de chuva em meus olhos.

Queria saber rezar. Qualquer coisa que me desse, por minutos, a sensação doce e eterna da infância. Acho mesmo que nunca a tive, senão poderia ainda me aquecer com o que dela restasse. Não sei se renunciei a ela ou se me foi negada. Desde cedo, o mais difícil me foi exigido, a compreensão de sua ausência e do seu silêncio.

Fecho os olhos e ainda sou o mesmo menino quieto, cheio de orgulho e piedade por mim mesmo, guardado nas noturnas horas em que podia pronunciar o impronunciável, pai, oh! pai, por que me abandonaste?

As palavras da minha mãe, ao invés de me trazerem consolo, esmagavam-me, enquanto a infância ia se indo sem nunca ter-me chegado. Eu só cuidava em envelhecer logo. Achava que assim conseguiria ordenar tudo dentro de mim. E andava cheio de baús interiores e desarrumados, aguardando o tempo em que sua sombra se acomodasse bem limpa e passada, cheirando à naftalina, no fundo de um deles.

Não me adiantaram os cabelos grisalhos, as rugas, as experiências. Enganei-me. Sua sombra foi se agigantando até não caber mais dentro de mim, até me apanhar e me sacudir inteiro em minha impotência. E vejo que está tudo aqui, ainda, tal o sangue quente e caudaloso que corre em minhas veias, embora, como a infância definitivamente perdida, não se possa mais realizar.

Perdido está o tempo em que poderíamos magoar-nos, como só o sabem fazer bem aqueles que se amam. Também se foi o tempo do perdão. Sim, tudo isso nos é devido, inclusive a compreensão dos fatos que se interpuseram entre nós dois. E muito mais.



No quarto ao lado, alguém resmunga alguma coisa. Suponho que seja sua branca e antiga mulher, tão branca e antiga como minha mãe me contou, sonhando com um tempo em que as dores costumavam parar de doer e nos olhos não subsistia nenhum vestígio de mágoa. Tenho que lhe dizer que estranhei ela haver me acolhido sem hostilidade ou espanto, como se esperasse há muito, muito tempo, o momento de abraçar o filho espúrio do seu amado marido.

Não queria lamentar nem julgar nada. As coisas são o que são, nem límpidas nem suaves nem óbvias o bastante para que me sinta apaziguado, mas estão aí, e eu não posso esquivar-me delas. Eu as constato. O certo é que nada pode ser mudado, mesmo passado quase meio século do dia em que você e minha mãe se deitaram para o amor.

Talvez eu seja mesmo imprestável para a vida. Avancei por ela à margem da realidade, sempre. Além de você, outras pessoas existiam, mas eu nunca consegui enxergá-las como mereciam. Minhas relações com todas elas desafinavam antes mesmo de se sedimentarem, e à força de tentar compreender o que ocorria, acabava me entediando e me afastando do mundo dos outros. Apenas o meu mundo, com o longo caminho que me conduziria até você, importava-me. Desconhecido e distante, você se entranhava em minha vida com força, tal um vício que, de tão secreto e difícil, vai-se fazendo mais profundo, até se ter a impressão de que somente ele pode salvar.

Talvez tenha havido um erro, é isso. Um erro mais grave do que a minha própria existência. Algo anterior a mim, a você e a minha mãe juntos, maior e mais ininteligível do que toda miséria humana. Dessa forma, seríamos todos inocentes e eu não me envergonharia de, muitas vezes,

desejar tanto ser apenas um ruminante de carne branda e força bruta, passando sem raiva, sem culpa, sem esperança, sem nada.

Sua morte é certa, agora que você está minguando num quarto de hospital qualquer, mas suspeito que nem nela eu possa mais me amparar, pois bem sei que, aqui e além, nada há a não ser o meu próprio abandono e o seu, pai.

## **Termos de consentimento e assentimento**

### **TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“A LITERATURA PARAIBANA NA SALA DE AULA: CAMINHOS E DESCOBERTAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA”** que tem como objetivo principal formular estratégias de ensino e analisar a recepção da literatura paraibana numa turma do Ensino Fundamental, contribuindo para a formação de leitores literários, bem como, terá dentre os objetivos específicos: Abordar contos de autores paraibanos nas aulas de literatura, com foco na leitura efetiva destes textos, mediante uma sequência de leitura planejada levando-se em conta os textos selecionados e o contexto da sala de aula; Identificar os aspectos que interferem no processo de interpretação e reflexão do texto literário; Analisar como se constitui a identificação texto-leitor, através da seleção de contos de autores paraibanos; Analisar como ocorre a recepção dos textos na sala de aula, considerando os dois últimos objetivos; Refletir sobre a mediação realizada pela professora-pesquisadora, mediante os resultados e, sobretudo, o processo de leitura desenvolvido no experimento em sala de aula.

Neste estudo adotaremos os seguintes procedimentos: Aplicação de questionários semiestruturados, observação direta da participação e posicionamentos acerca das temáticas e textos lidos em sala de aula, o registro de fotografias, vídeos e áudios e a utilização de diários de bordo para anotações sobre suas opiniões e reflexões sobre a aula e temáticas sobre a exclusão e invisibilidade social. Salientamos que durante todo o processo de coleta de dados, o voluntário terá assistência/acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Os riscos serão mínimos, podendo haver constrangimentos e/ou indisposição do/a participante nas atividades propostas, porém, o/a voluntário/a poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo. Todavia, os riscos serão minimizados pela conduta do pesquisador, pois serão mantidos os compromissos de esclarecer previamente a pesquisa, de não identificar os nomes reais dos indivíduos envolvidos nesse processo, de assegurar o caráter confidencial das informações relacionadas com a privacidade dos sujeitos da pesquisa. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização, no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada, sendo que seu nome ou o material que indique sua participação será mantido em sigilo, podendo as informações coletadas serem utilizadas apenas para a pesquisa e/ou serem divulgadas em eventos e publicações científicas.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador

responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Este termo foi elaborado em conformidade com o Art. 228 da Constituição Federal de 1988; Arts. 2º e 104 do Estatuto da Criança e do Adolescente; e Art. 27 do Código Penal Brasileiro; sem prejuízo dos Arts. 3º, 4º e 5º do Código Civil Brasileiro.

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações junto ao pesquisador responsável **Jeniffer Ferreira dos Santos, telefone (83) 98779-2759** ou ainda com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento – CEP/CESED, telefone (83) 2101-8857**. Estou ciente que o meu responsável poderá modificar a decisão da minha participação na pesquisa, se assim desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Assinatura do(a) menor ou impressão dactiloscópica.**

*Jeniffer Ferreira dos Santos*

**Assinatura da pesquisadora responsável**

**IMPORTANTE: IMPRIMIR O TERMO EM DUAS VEZES, uma via fica em posse do (a) menor e a outra com o pesquisador responsável. Como há mais de uma folha, todas as vias devem ser rubricadas.**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado,

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: **A LITERATURA PARAIBANA NA SALA DE AULA: CAMINHOS E DESCOBERTAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**, sob a responsabilidade de: **JENIFFER FERREIRA DOS SANTOS** e do orientador **MARCELO MEDEIROS DA SILVA**, de forma totalmente voluntária.

Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem.

Esta pesquisa busca contribuir para a divulgação do cenário literário paraibano, ainda pouco estudado no meio acadêmico, incentivando também a leitura de autores paraibanos nas escolas. Propomos também fornecer estratégias que possam ajudar a melhorar a relação de nossos alunos com o texto literário através de um caderno de orientações que contará com sugestões e estratégias para a abordagem de autores paraibanos em sala de aula, visando auxiliar os demais docentes que buscam trabalhar por um ensino de literatura que priorize o texto em todas as suas esferas. Assim, esperamos colaborar para a construção de leitores proficientes capazes de se posicionar e refletir sobre as diversas temáticas sociais abordadas nos contos selecionados, observando, nesse processo, também a linguagem que enquadra e constrói os universos narrados.

O pesquisador irá coletar os dados através da observação participante, além dos questionários aplicados com os docentes e discentes, diário de bordo para registro das impressões a respeito dos conteúdos discutidos durante as intervenções e registros fotográficos. Dessa forma, os/as alunos/as poderão se expressar acerca do processo realizado, apontando os pontos positivos, negativos, fazendo comentários, sugerindo formas de aperfeiçoamento e falando das possíveis contribuições a respeito da vivência, da experiência com a literatura paraibana.

Os instrumentos de análise serão aplicados e orientados pelo professor e após a conclusão da aplicação serão recolhidas para aferição acerca dos conhecimentos e da aprendizagem sobre os conteúdos ministrados. Farão parte dessa etapa a revisão bibliográfica, elaboração e aplicação dos questionários, aplicação da sequência de leitura, leitura dos diários de bordos, análises das fotografias retiradas durante as intervenções.

Esta pesquisa se adéqua aos princípios científicos e éticos por prevalecer os critérios do respeito e preservação da dignidade dos atores envolvidos no estudo. Tal pesquisa acarretará risco mínimo para os seus colaboradores já que não envolve nenhum tipo de abordagem individual e os nomes reais dos indivíduos envolvidos não serão expostos, visando assegurar o caráter confidencial das informações relacionadas com a privacidade dos sujeitos da pesquisa. As atividades serão planejadas para aplicação coletiva e os resultados são analisados por meio de amostragem aleatória.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, **poderá revelar os resultados ao indivíduo e/ou familiares**, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O voluntário poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo.

O participante terá assistência e acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa de acordo com Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto e será garantida a privacidade dos participantes, antes, durante e após a finalização do estudo. Será garantido que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico, ficando todo e qualquer encargo financeiro a cargo da pesquisadora responsável. Portanto não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário, no entanto, se o/a participante obtiver algum prejuízo financeiro, em virtude da participação em qualquer momento da pesquisa, terá o direito de ressarcimento, previsto na resolução - Res. 466/12 IV.3 g.

Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas. (Res. 466/2012, IV. 3. g. e. h.)

**Em metodologia experimental: Vide Resolução 466/2012, IV 4.**

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com Jeniffer Ferreira dos Santos, através do telefone (83) 98779-2759 ou através dos e-mails: *jenifferfdsantos@gmail.com*. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, Telefone 3315 3373, e-mail: *cep@uepb.edu.br* e da CONEP (quando pertinente). e da CONEP (quando pertinente).

### CONSENTIMENTO

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa “**A LITERATURA PARAIBANA NA SALA DE AULA: CAMINHOS E DESCOBERTAS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**” e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu \_\_\_\_\_ autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Campina Grande, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do Participante

*Jeniffer Ferreira dos Santos*

---

Assinatura do Pesquisador

## Parecer consubstanciado do CEP



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

## FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: A Literatura Paraibana na sala de aula: caminhos e descobertas para a formação de leitores literários nas aulas de Língua Portuguesa			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 90			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas, Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
<b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>			
5. Nome: JENIFFER FERREIRA DOS SANTOS			
6. CPF: 100.467.694-80		7. Endereço (Rua, n.º): MANOEL LEONARDO GOMES 1166 JARDIM PAULISTANO CAMPINA GRANDE PARAIBA 58415320	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 83987792759	11. Email: jenifferdsantos@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>06 / 05 / 2020</u>		_____	
Assinatura			
<b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>			
12. Nome: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
15. Telefone: (83) 3315-6058		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Fábio Marques De Souza</u>		CPF: _____	
Cargo/Função: <u>Coord. PP6FP</u>		UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  Prof. Dr. Fábio Marques de Souza Mat. 6.25046-3	
Data: <u>06 / 05 / 2020</u>		_____	
Assinatura			
<b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>			
Não se aplica.			